

EpubR.Club

tradução de Isolino Caramalho



Almas  
Mortas  
Nikolai  
Gogol

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Nikolai Gogol

# AS ALMAS MORTAS

Título original: *Myortvyjye Dushi* (1842)

Tradução: Isolino Caramalho (1889-1943)

2014 © Centaur Editions

[centaur.editions@gmail.com](mailto:centaur.editions@gmail.com)

# Índice

## **PRIMEIRA PARTE**

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

## **SEGUNDA PARTE**

1

2

3

4

# **PRIMEIRA PARTE**

# 1

De par em par, abriu-se o portão de uma hospedaria de capital de distrito, para dar passagem a uma caleche de molas, um desses cochezinhos usados por solteirões, comandantes e capitães de reserva, fazendeiros, donos de uma centena de servos, em suma, todos os chamados «nobres da classe média». Na caleche vinha um cavalheiro, nem feio nem bonito, nem gordo nem magro, nem velho nem novo. A sua chegada à cidade passou completamente despercebida: apenas dois homens do povo, que estavam à porta de uma taberna, defronte da hospedaria, trocaram entre si olhares significativos, mais referentes ao veículo que ao viajante.

— Repara nessa roda — disse um deles. — Em caso de necessidade, chegaria a Moscovo?

— Acho que sim — respondeu o outro.

— Mas até Kazan é que não aguentava...

— Isso é mais que certo — foi a resposta.

A conversa ficou por aqui. Próximo do hotel, a traquitana passou por um mancebo, de calças de bombazina branca, estreitas e curtas, com um fraque a arremedar a moda e uma gravata presa por um alfinete de bronze de Tulá em forma de pistola. Voltou-se o rapaz, contemplou o veículo, segurou o chapéu que ameaçava voar, e seguiu o seu caminho.

Quando o cavalheiro chegou ao pátio, foi recebido por um criado tão expedito, tão mexido, que dificilmente podiam distinguir-se-lhe as feições. Correu com uma toalha na mão, encafudado num largo sobretudo de fustão que o cobria até acima da nuca, sacudiu a

gola de peles e conduziu o cavalheiro ao primeiro andar, pela escada exterior, de madeira, para indicar o alojamento que a Providência lhe destinava. O tal alojamento era vulgaríssimo, como a própria hospedaria, semelhante a todas as hospedarias de capital de distrito, nas quais, a dois rublos por dia, desfrutam os viajantes um quarto sossegado, e onde, por todos os cantos, aparecem carochas gordas como ameixas; com uma porta sempre embargada por uma cómoda que se abre para o compartimento contíguo, ocupado por outro hóspede, ávido de conhecer tudo o que se passa no aposento do vizinho. A fachada do hotel correspondia ao interior e estava dividida em dois andares. O primeiro, pintado de amarelo, conforme o imutável costume; o rés do chão, não rebocado, exhibia ladrilhos cuja primitiva sujidade fora aumentando com as intempéries. Ocupavam-no tendas de correeiros, cordoeiros e padeiros. A da esquina, ou melhor, uma das janelas, dava asilo a um vendedor de hidromel, possuidor de um samovar de cobre vermelho e de uma cabeça tão rubicunda que, se não fosse a sua barba de azeviche, tomar-se-ia, de longe, por outro samovar.

Enquanto o viajante examinava a casa, chegou a bagagem: primeiro, uma maleta de pele branca, algo estragada, cuja viagem inicial não era aquela, certamente; trouxeram-na o cocheiro Selifan, homenzito com uma samarra de carneiro, e o lacaio Petrushka, moço de trinta anos, metido numa avantajada sobrecasaca herdada de seu amo, de aspeto um tanto feroz, de nariz muito grande e beiços grossos. Depois, transportaram uma caixa de acaju, de tamanho mediano, artisticamente embutida de ébano de Carélia, em forma de bota e, por fim, um frango assado, embrulhado em papel azul. A seguir ao que, o cocheiro Selifan foi cuidar dos cavalos à

estrebaria, enquanto o laçao Petrushka se instalava na exígua antecâmara, recinto escuro onde tinha deixado já a sua capa, assim como um cheiro muito peculiar. Levou para aí um saco contendo os objetos de seu uso particular, impregnado também do referido odor. Nesse cubículo armou, ao longo da parede, uma estreita jazida de três pernas, sobre a qual estendeu qualquer coisa que, de longe, se parecia com um enxergão, amassado e chato como uma omelete, e que, à força de súplicas, tinha conseguido obter do dono da hospedaria.

Enquanto os criados se arranjavam, o amo dirigia-se à sala de visitas, familiar a todos os viajantes. As mesmas paredes pintadas a óleo, enegrecidas pelo fumo na parte superior, sujas na inferior pelas costas dos fregueses e, sobretudo, pelos negociantes da região que, em grupos de seis ou sete, ali iam tomar chá nos dias de feira; o mesmo teto defumado; a mesma aranha mofosa cujos compactos bordados tremem de cada vez que o criado entra na sala, balanceando uma bandeja, na qual os copos se encostam uns aos outros como gaivotas na praia; os mesmos quadros a óleo, ocupando todo o comprimento da parede. Em suma: o que se vê por toda a parte. A única particularidade era uma ninfa, com o peito de uma tão inverosímil opulência, que o bom leitor jamais terá encontrado coisa assim. Este capricho da natureza encontra-se, por vezes, em certos quadros históricos trazidos para a Rússia, não se sabe quando nem por quem; decerto pelos nossos ricos amantes da arte, que os terão comprado na Itália, talvez por indicação dos seus guias.

O cavalheiro tirou o gorro e aliviou o pescoço da manta de lã multicolor que o envolvia, um desses agasalhos que as mulheres



fazem para os maridos, com sábias recomendações acerca do modo como devem trazê-las. Não as tendo nunca usado, ignoro em absoluto quem toma esse cuidado em relação aos solteiros. Depois, o cavalheiro pediu de comer. Colocaram-lhe em frente a lista habitual das hospedarias: sopa de couves acompanhada de uma torta de massa folhada, conservada, à cautela, desde há várias semanas; miolos guisados; salchichas; um frango assado; salada de pepino; e o sempiterno pastel de marmelada, bom para todas as emergências. Enquanto lhe serviam estes manjares, frios ou requentados, o cavalheiro interrogou o criado sobre toda a espécie de futilidades. Quanto rendia a pousada? A quem pertencia dantes? Era um grande velhaco o atual dono? Esta última pergunta confirmou-a o moço com a resposta da praxe:

— Oh, sim, senhor, é um pássaro de alto lá com ele!

Decididamente, na Rússia, como aliás em toda a Europa, pululam em nossos dias pessoas muito respeitáveis que não podem desjejuar na hospedaria sem entabular conversa e gracejar com o criado. Além de que, o hóspede não perguntava senão coisas ociosas. Inteirou-se com meticulosidade a respeito dos nomes do governador, do presidente do tribunal, do procurador, de todos os altos funcionários. Pediu pormenores ainda mais concretos sobre os proprietários rurais dos arredores; quantos servos tinham, a que distância moravam da cidade, se vinham a ela com frequência e qual era o seu feitio. Informou-se cuidadosamente do estado da comarca; não teria sofrido alguma epidemia, febre infecciosa, varíola ou outra doença do mesmo género? Todos os dados eram pedidos com tanta insistência, que revelaram alguma coisa mais que simples curiosidade. Este cavalheiro tinha uns modos desembaraçados;

notava-se-lhe a particularidade de assoar-se com um ruído extraordinário; não sei como arranjava isso, mas o certo é que o seu nariz ressoava como uma trombeta. Este pormenor, muito inofensivo certamente, valeu-lhe a decidida consideração do moço que, a cada nova nota, sacudia a gola de peles, adotava uma atitude mais respeitosa e, inclinada a cabeça com ar aristocrático, perguntava:

— O senhor deseja...?

Depois de comer, o viajante pediu uma xícara de café e afundou-se no sofá, com as costas apoiadas num almofadão, cheio, em lugar de crinas, de uma substância que dava a ideia de ladrilhos ou pedras, como é costume nas pousadas russas. Depressa começou a bocejar e fez-se conduzir ao seu quarto, onde repousou umas boas duas horas. Depois de ter descansado, escreveu num bocado de papel, a pedido do criado, o seu nome, apelido, grau, solícito em comunicá-los a quem de direito. Enquanto descia a escada, o moço leu: *Pavel Ivanovitch Tchichikov, proprietário rural, viajando para assuntos do seu interesse.*

Não tinha ainda acabado de decifrar o bilhete e já Pavel Ivanovitch Tchichikov em pessoa percorria a cidade, de que pareceu gostar, pois não a achou inferior a outras capitais de distrito. A cor amarela das casas de pedra surpreendia a vista, em contraste com a modesta cor cinzenta das casas de madeira. As construções consistiam num rés do chão, coroado às vezes por um andar e até por uma sobreloja, a eterna *mazzanine*, tanto do gosto dos nossos arquitetos de província. Em certos sítios, estas casas pareciam perdidas entre uma rua larga como um campo e intermináveis estacadas; por vezes, apertavam-se umas contra as outras e notava-se então mais movimento, mais animação. Viam-se aqui e ali, meio

apagadas pela chuva, tabuletas representando rosquinhas, botas...; uma calças azuis indicavam o estabelecimento de certo *Alfaiate de Arsóvia*; gorros e chapéus o armazém de *Vassili Fedorov, estrangeiro*. Mais ao longe, um bilhar em torno do qual dois jogadores, envergando ambos fraques semelhantes aos dos convidados no quinto ato das nossas peças, apontavam, com os ombros ligeiramente recuados, enquanto as pernas, afastadas, acabavam de dar uma cabriola. Na tabuleta liam-se estas palavras: *Aqui está o estabelecimento*. Noutros sítios, mesas armadas em plena rua exibiam nozes, sabonetes, bolos de mel parecidos com pastilhas de sabão; noutros, um garfo, cravado no lombo de um enorme peixe, anunciava uma taberna. Sobretudo, encontravam-se águias bicéfalas, enegrecidas, ornamento substituído hoje em dia pela concisa inscrição: *Casa de bebidas*. O empedrado era mau por toda a parte. O viajante lançou uma vista de olhos para o parque público, meia dúzia de árvores raquíticas, amparadas por estacas pintadas de verde, de forma triangular. Estes arbustos tinham pouco mais que a altura das canas; não obstante, os jornais descreveram nestes termos a solene inauguração da praçazinha: «A solicitude do presidente do nosso município acaba de dotar a cidade com um jardim, rico em árvores copadas e frondosas, cuja sombra e frescura nos permitirão ver como palpitam de reconhecimento os corações dos nossos cidadãos e como brotam de seus olhos torrentes de lágrimas, em sinal de gratidão para com o senhor Gradonachalnik».

Depois de ter sido informado, por um guarda, sobre o caminho mais curto para a igreja, o tribunal e a casa do governador, o viajante foi contemplando o rio que corria através da cidade. Pelo caminho arrancou um anúncio pregado a uma coluna, e guardou-o,

para ler depois em casa, com todo o vagar. A sua atenção foi despertada por uma senhora bonitinha que seguia pelo passeio de madeira, acompanhada de um pequeno laçao com uniforme militar e um embrulho na mão. Depois de uma última olhadela para tudo aquilo, a fim de recordar bem a disposição dos lugares, regressou diretamente ao seu quarto e trepou pela escada com a ajuda do moço. Tomou chá, sentou-se logo à mesa, pediu uma vela, tirou o anúncio do bolso, aproximou-se da luz e começou a lê-lo, com o olho direito meio fechado. O tal anúncio nada tinha de interessante: falava de um drama do senhor Kotzbu, em que o senhor Popliovin desempenhava o papel de Roll, e a senhora Ziablov o de Cora. Os restantes atores eram ainda menos conhecidos. Apesar disso, leu todos os nomes, chegou ao preço das poltronas da plateia e até notou que o anúncio provinha da Imprensa Oficial; depois, virou-o e examinou-o pelo lado de trás, mas, não descobrindo aí nada, esfregou os olhos, dobrou o papel e guardou-o no cofrezinho em que costumava arrecadar tudo o que lhe vinha às mãos. Pelo visto, dava por terminado o seu dia, comendo uma ração de vitela, regada com uma garrafa de molho fermentado, e dali a bocado dormia trovejando com o nariz, como se diz em certos pontos do vasto império russo.

A manhã seguinte foi inteiramente consagrada a visitas. O viajante cumprimentou todas as autoridades municipais. Primeiro, apresentou os seus respetos ao governador que, como Tchichikov, nem era magro nem gordo; ostentava o colar da cruz de Santa Ana, e até se dizia que estava proposto para o grande cordão com estrelas. Além disso, era um bom homem que, no seu tempo, não desdenhava bordar em tule.

Depois, foi a casa do vice-governador, do procurador, do presidente do tribunal, do chefe da polícia, do arrendatário da aguardente, do diretor das manufaturas do Estado, etc. Infelizmente, é muito difícil lembrarmos de todos os poderosos deste mundo. Basta dizer que Tchichikov desenvolveu uma atividade inusitada pelo que respeita a visitas, até o ponto de apresentar as suas homenagens ao inspetor dos serviços de saúde e ao arquiteto municipal. Terminadas elas, permaneceu algum tempo no seu coche, pensativo, procurando em vão descobrir outro funcionário na cidade. Ao conversar com cada um destes detentores do poder, soube-os adular com refinada habilidade. Deu a entender ao governador que entrar na sua província era penetrar no paraíso; os caminhos eram suaves como terciopelo e os ministros que nomeavam tais funcionários mereciam os maiores elogios. Ao chefe da polícia insinuou algumas lisonjeiras palavras acerca da boa apresentação dos guardas. Enganou-se propositadamente, dando duas vezes Excelência ao vice-governador e ao presidente do tribunal. Estes simples conselheiros de Estado mostravam-se extremamente confundidos. O governador convidou-o para um sarau familiar e os demais funcionários fizeram convite idêntico, uns para comer, outros para uma partida de *boston*, outros para tomar chá.

O viajante só com extrema modéstia falava de si-próprio, empregando lugares comuns e dando às suas frases um tom livresco. «Um insignificante gusano da terra, como ele, não merecia ocupar a sua atenção. Durante a sua existência, submetera-se a muitas provas: empregado público, a sua retidão havia-lhe granjeado muitos inimigos, alguns dos quais tinham até chegado a atentar contra a sua vida. Atualmente, procurava um retiro

sossegado e, ao passar por aquela cidade, impusera-se-lhe o dever de apresentar as suas homenagens às mais altas autoridades».

Isto foi tudo quanto se soube do recém-chegado, o qual, para principiar desde logo, não deixou de assistir ao sarau do governador. Preparou-se para ele durante duas horas, pouco mais ou menos, procurando, no seu arranjo, um esmero pouco vulgar. Após uma breve sesta, pediu com que lavar-se, e friccionou largo tempo as faces, inflando-as com a ajuda da língua para melhor as poder ensaboar. Pegou, em seguida, na toalha que estava sobre um dos ombros do moço e, depois de lhe ter soprado duas vezes em pleno rosto, enxugou cuidadosamente, a partir das orelhas, a refrescada cara.

Em seguida, ajeitou a gravata diante do espelho, arrancou dois pelos que lhe saíam do nariz e vestiu uma sobrecasaca de cor violeta-mosqueada.

Uma vez instalado na caleche, fê-la seguir pelas compridas ruas que pareciam não ter fim, alumiadas, de longe em longe, pela débil claridade que se escapava de alguma janela. Em compensação, o palácio do governador estava iluminado como para um baile: coches com faróis acesos; dois vadios diante da porta, gritos de cocheiros ao longe; nada faltava na festa. Ao entrar na grande sala inundada de luz, Tchichikov teve de fechar os olhos, por instantes, deslumbrado pelo ofuscante brilho das velas, das lâmpadas e dos vestidos. Os fraques negros revolteavam aqui e ali, como moscas sobre o torrão de açúcar, que, num quente dia de julho, uma velha despenseira parte em bocadinhos, no peitoril de uma janela aberta. Os meninos que a rodeiam, gulosos, acompanham os movimentos do nodoso braço que levanta o martelo, enquanto um enxame de

moscas, ora dispersas, ora em grupos compactos, voam ligeiras no ar, lançando-se, atrevidas, sobre os bocados do açúcar, de cumplicidade com o sol que cega a velha, de vista debilitada. Empanturradas pelo saboroso manjar que lhes prodigaliza a cada passo o opulento estio, pensam menos em comer que em manifestar-se, passando por cima do açúcar, friccionando as patas umas contra as outras, coçam-se debaixo das asas, prendem a cabeça com as patas dianteiras estendidas e voam, por fim, para voltar ao mesmo ponto, em novos e importantes esquadrões.

Tchichikov nem teve tempo de reparar que já o governador lhe tomava o braço e o apresentava naquele momento a sua esposa. Uma vez mais o viajante deu provas de boa educação: fez um cumprimento muito apropriado às circunstâncias, tal como se podia esperar de um homem de certa idade e da classe média. Quando começou o baile e toda a gente teve de alinhar-se ao longo da parede para ceder espaço aos que dançavam, Tchichikov, com os braços cruzados atrás das costas, observou dois largos minutos os pares que passavam diante dele. Muitas senhoras estavam elegantemente vestidas, mas havia outras enfarpeladas à moda provinciana. Os homens, como em toda a parte, dividiam-se em duas categorias. Os magros cortejavam o belo sexo. Alguns lembravam, ao ponto de se confundirem com eles, os enfatuados de S. Petersburgo: como eles, usavam suíças penteadas com arte ou mostravam o rosto recentemente barbeado; como eles, afetavam com as damas modos desenvoltos e conversavam com elas em francês até fazê-las, por vezes, ruborizar. Os da outra categoria, ou seja os gordos ou os que, como Tchichikov, nem eram gordos nem magros, preocupavam-se pouco com galantarias e espreitavam a

todo o momento a chegada do criado encarregado de preparar as mesas do *whist*, forradas de pano verde. Estes senhores apresentavam caras cheias, de feições arredondadas, com marcas de verrugas ou picadas de bexigas. Não exibiam penteados de poupa nem cabelos encaracolados, mas cortados à escovinha ou colados às fontes. Eram os mais respeitáveis funcionários da cidade. Nesta sociedade média — ai! — os gordos arranjam-se melhor que os magros quando se trata dos seus interesses. Frequentemente, estes são supranumerários e apenas lhes entregam funções sem responsabilidade; agitam-se de um lado para o outro; a sua existência é inconsistente e precária. Os gordos, pelo contrário, pavoneiam-se em empregos confortáveis; o lugar é bom e agarram-se a ele; dobram talvez, com o seu peso; mas não o largam. Nada sacrificam pela aparência; se a sobrecasaca não é de corte tão elegante como a dos magros, o seu gorro está melhor guarnecido. Ao cabo de três anos, o magro apenas tem um servo a quem mandar, e mesmo esse empenhado até às orelhas; durante este tempo, o gordo, sem se preocupar com nada, compra regaladamente, em nome da sua mulher, uma casa no extremo da cidade; a seguir, outra no extremo oposto; depois, uma aldeia e, por fim, uma povoação vizinha, com todas as suas casas. Realizado isto, o gordo, depois de ter servido bem a Deus e ao Imperador, recolhe às suas terras, onde tem mesa posta e leva a esplêndida vida de senhor da povoação, de um típico varão russo. Mas depressa os seus magros herdeiros — caso corrente na Rússia — cogitam na maneira de desbaratar o património.

Declaremos que, pouco mais ou menos, eram estes os raciocínios de Tchichikov ao contemplar a assembleia; e acabou por



juntar-se aos gordos. Entre eles encontrou caras conhecidas: o procurador, sério, taciturno, de espessas sobrancelhas negras, cujo olho esquerdo, piscando ligeiramente, parecia insinuar «passemos à sala próxima; tenho uma palavra a dizer-te, amiguinho»; o diretor do Correio, atarracado, homenzinho espirituoso e filósofo; o presidente do tribunal, muito judicioso e amável. Todos acolheram Tchichikov, como um velho amigo; este correspondia aos cumprimentos com uma saudação não desprovida de graça. Então, apresentaram-lhe os gentis-homens camponeses; o muito cortês e muito afável Manilov e o alentado Sobakevich que, logo no primeiro momento, lhe pisou um pé, dizendo: «Perdão!»

Em seguida, convidaram-no para uma partida de *whist*, entregando-lhe com uma vénia, a primeira carta, que ele aceitou com igual cortesia. Os cavalheiros instalaram-se diante das mesas verdes e já não arredaram dali até a hora de cear. Todas as conversas tinham acabado, como sucede quando uma pessoa se dedica a uma ocupação importante. Se bem que muito loquaz, o diretor dos Correios, uma vez com as cartas na mão, adotou um semblante pensativo, mordiscou os lábios e conservou esta atitude até o fim da partida. Quando jogava uma figura, atirava um soco valente na mesa, dizendo, se era uma dama: «Para a frente, velha sacerdotisa!» Se era um rei: «Eh, *mujik* de Tambov!», ao que o presidente do tribunal replicava: «Pois já lhe parto os narizes». Às vezes, ao tirar nervosamente as cartas, os jogadores exclamavam: «Adivinhe quem puder, eu cá atiro-me de cabeça para baixo!» ou anunciavam simplesmente as cores, sob as denominações usadas na sociedade.

Terminada a partida, sobreveio, como de costume, uma viva discussão. O nosso viajante tomou parte nela; mas com um tato e uma urbanidade que saltavam à vista. Ele não dizia: «O senhor jogou tal ou tal carta...», mas «O senhor dignou-se jogar... Eu tive a honra de cortar o seu duque», etc. Com o fim de tornar as suas palavras mais persuasivas, oferecia aos seus opositores a tabaqueira de prata esmaltada que duas violetas perfumavam. Os proprietários Manilov e Sobakevich cativaram, entre todos, a sua atenção. Chamando de parte o diretor dos Correios, teve com este funcionário uma rápida conversa a respeito deles. A linha com que procedia denotava um espírito curioso e um juízo sólido. Não se interessou pelos nomes e apelidos dos proprietários senão depois de se ter informado do número de pessoas que tinham ao seu serviço e da sua situação financeira. Depois, rapidamente conquistou a simpatia dos dois fidalgos. Manilov, homem ainda não envelhecido de todo, cujos olhos, doces como açúcar, piscavam de cada vez que se ria, afeiçoou-se ao viajante até perder o siso. Apertou-lhe a mão com força e suplicou-lhe que o honrasse com uma visita à sua propriedade, a uma distância de quinze *verstas*, pouco mais ou menos. Tchichikov agradeceu, inclinando-se cortesmente e correspondendo com um cordial aperto de mão, e afirmou-lhe que considerava como o dever mais sagrado aceitar aquele convite. Sobakevich, por sua vez, disse-lhe com uns modos lacônicos: «Venha também ver-me, o senhor!» fazendo ranger as suas botas de gigante que, sem dúvida, nenhum outro poderia ter calçado, dado que vai desaparecendo na Rússia a raça dos Hércules.

No dia seguinte, Tchichikov foi almoçar e passar a tarde a casa do chefe da polícia, onde se jogou o *whist* sem interrupção, depois

da sobremesa, desde as três da tarde até às duas da madrugada. Ali encontrou outro proprietário chamado Nozdriov, um bom homem de uma trintena de anos, que, depois de duas ou três frases, começou a tratá-lo por «tu». Nozdriov tratava também por «tu» o chefe da polícia e o procurador, com quem parecia estar nas melhores relações; porém, quando começou a jogar-se forte, aqueles senhores observavam atentamente as suas paradas, examinando quase todas as cartas que saíam do baralho. Ao outro, dia, Tchichikov passou a tarde em casa do presidente do tribunal, que recebeu os seus convidados, entre eles duas senhoras, com um traje caseiro de duvidosa limpeza. Depois foi convidado para um serão em casa do vice-governador, para um jantar na do arrendatário das aguardentes, para um lanche — que valia por uma refeição — em casa do procurador; para uma sobremesa na do administrador municipal.

Em resumo: não permanecia uma hora no quarto e só regressava ao hotel para dormir. Além de que, revelou-se um homem da sociedade, sabendo sempre e em qualquer parte sustentar uma conversa. Tratava-se de manadas de éguas? Pois falava de éguas. Falava-se de cães? Pois emitia algumas judiciosas considerações. Tratava-se de um inquérito feito pelo Tribunal Pleno? Ele mostrava-se ao corrente dos pecados de dona Justiça. Discutia-se sobre o bilhar ou sobre o *punch*? Ele demonstrava conhecer o bilhar e o *punch*. Se da virtude, discorria com as lágrimas nos olhos; se de alfândegas, tratava do caso como pessoa versada em assuntos aduaneiros. Coisa notável! Falava sempre com uma certa gravidade e empregava sempre o tom adequado. Numa palavra: em toda a parte era o seu lugar; a sua chegada encheu de alegria todos os

funcionários. O governador chamou-lhe «homem bem intencionado»; o procurador «um homem capaz»; o coronel dos gendarmes «homem sábio»; o presidente do tribunal «um homem instruído e respeitável»; o chefe da polícia «um homem digno e amável»; a mulher deste «o mais amável e o mais cortês dos homens». O próprio Sobakevich — que raramente emitia juízos favoráveis — ao regressar, já muito tarde, da cidade, disse, quando se deitou junto da sua extenuada esposa:

— Sabes, coração meu: jantei em casa do chefe da polícia, passei o serão em casa do governador e lá conheci um tal Pavel Ivanovitch Tchichikov, conselheiro de ministério. Que rapaz encantador!

Ao que respondeu a esposa:

— Hum! — E empurrou-o com um pé.

Esta opinião, em extremo lisonjeira para o recém-chegado, manteve-se até ao dia em que um raro capricho do viajante e uma aventura ou lance que o leitor conhecerá em breve lançaram a estupefação em quase toda a cidade.

## 2

Há mais de uma semana residia o viajante na cidade, tomando parte em jantares e serões e passando uma vida regalada. Resolveu-se, por fim, a estender até aos arredores o raio das suas visitas e a cumprir a promessa feita aos proprietários Manilov e Sobakevich. Talvez obedecesse a um móbil mais sério; talvez tivesse em perspectiva um assunto mais importante, mais conforme à sua intenção. Isto é o que o leitor irá sabendo a seu tempo, pouco a pouco, se tiver a paciência de ler até o fim esta comprida história, destinada a adquirir tanto maior amplitude quanto mais se for aproximando do desenlace; o fim, como se sabe, coroa a obra.

O cocheiro Selifan recebeu ordem de engatar os cavalos, de manhãzinha, à famosa caleche. Petrushka devia ficar na hospedaria para cuidar do quarto e da maleta. Não perderá nada o leitor vindo ao conhecimento destes dois servos do nosso herói. Digamos desde já que são personagens de segundo ou talvez terceiro plano; os fundamentos da novela não se apoiam neles; porém, o leitor gosta da precisão em todas as coisas e, embora seja russo, deseja mostrar-se, a este respeito, metuculoso como um alemão. Além de que, isto exigirá tão pouco tempo como espaço, pois que, aos pormenores já conhecidos do leitor, bastará acrescentar que Petrushka usava um redingote velho do seu amo, cor de canela, talvez um bocadinho largo demais, e tinha os beiços e o nariz carnudos, como a maior parte da gente da sua condição. De caráter taciturno, sentia um nobre ardor pelo estudo, quer dizer, pela leitura dos livros, cujo texto não o interessava: aventuras de amor,

abecedário, devocionário, tudo devorava com igual frenesi. Tivessem-lhe posto nas mãos um compêndio de química e não o teria recusado. Gozava menos com o que lia que com o mecanismo da leitura, com esta operação que permite formar com letras palavras de sentido por vezes incompreensível. Onde mais frequentemente se entregava a este passatempo era na antecâmara, enterrado na enxerga, que esta contínua pressão amassara como uma bolacha. Além do entusiasmo pela leitura, tinha ainda dois costumes característicos: dormia vestido e propagava por toda a parte um odor *sui-generis*: uma exalação de presidiário. Bastava instalar o enxergão em qualquer sítio, mesmo que fosse numa sala até então deserta, e transportar para lá o seu capote e as coisas de seu uso, para que imediatamente nos convencêssemos de que já a ocupava há uma dezena de anos. Quando, ao acordar, Tchichikov respirava aquela atmosfera, contentava-se, delicado, com franzir as sobrancelhas e sacudir a cabeça, dizendo: «Como deves suar, meu rapaz! Vai, vai tomar banho, que diacho!» Para evitar responder, Petrushka fingia-se preocupado com algum assunto urgente, aproximava-se, com a escova na mão, da sobrecasaca de seu amo, ou arrumava qualquer objeto. Em que pensava durante esse tempo? Acaso dizia para consigo: «Estás disposto a repetir trinta e seis vezes a mesma coisa!» Por minha fé! Torna-se difícil saber o que pensa um criado quando o amo lhe prega um sermão!

Por agora, é isto o que pode dizer-se de Petrushka. O cocheiro Selifan era um homem completamente diferente. Porém, conhecendo por experiência o pouco interesse que despertam as classes inferiores, o autor sente escrúpulos em chamar a atenção para tão insignificantes personagens. O russo é assim: arde em

desejos de travar relações com qualquer pessoa que lhe seja superior, embora um grau apenas, e prefere ao encanto de uma íntima amizade vagas relações com condes ou com príncipes. O autor chega até a ter receio pelo seu protagonista, um simples coronel. Os tenentes-coronéis desejarão, talvez, conhecê-lo; todavia, os dignitários que tenham a categoria de general lançarão sobre ele, sem dúvida, uns desses olhares de desprezo que o homem, em seu orgulho, deixa cair sobre os que estão num plano inferior ou, o que é pior, não lhe hão de conceder, com grande desespero do autor, qualquer atenção. Por penosas que sejam uma e outra destas eventualidades, é-nos preciso voltar ao nosso herói.

Dadas, pois, as suas ordens na véspera, levantou-se muito cedo, espreguiçou-se, friccionou-se dos pés até à cabeça, como de costume nos dias festivos — estávamos precisamente num domingo — barbeou-se de modo a dar às faces o polido e o brilho da seda, envergou a sua sobrecasaca amaranto-mosqueada e o seu agasalho, uma grande gola de pele de urso.

Desceu as escadas e tomou, por fim, assento na caleche que transpôs o portão com estrépito; um padre que passava saudou-o; alguns garotos, com blusas sujas, estenderam as mãos gritando:

— Meu bom senhor, lembre-se de um pobre órfão!

O cocheiro notou que um deles pretendia trepar para a traseira e fustigou-o com uma chicotada. Depressa rodou a traquitana, dando solavancos pelas ruas. Não sem prazer, Tchichikov divisou ao longe a pintalgada barreira, sinal de que o suplício do empedrado acabaria em breve. Com efeito, depois de alguns saltos que lhe fizeram magoar a cabeça, sentiu o carro deslizar por terra macia. Mal a cidade desapareceu, começou a desenrolar-se diante dos seus

olhos, de ambos os lados do caminho, a monótona paisagem russa: outeiros, pinhais, bosquezinhos de pinheiros raquíticos, tojos, calcinados troncos de árvores e outros ornamentos do estilo.

Passou por aldeias cujas casas pareciam braseiras alinhadas a cordel e cobertas por tetos cinzentos que mostravam seus recortes salientes em forma de toalhas bordadas. Sentados em bancos diante das suas portas, alguns mujiques, com samarra, bocejavam como de costume. Mulheres de cara gorducha, com o vestido apertado debaixo dos seios, assomavam às janelas do primeiro andar; nas das lojas aparecia uma vaca ou a cabeça de um porco. Quadro muito conhecido. Ao passar junto do poste indicativo da décima quinta *versta*, Tchichikov lembrou-se de que, segundo lhe dissera Manilov, o domínio deste não devia estar longe; porém, os nossos viajantes chegaram ao marco seguinte sem divisar nenhuma aldeia. O encontro com dois camponeses tirou-os de apertos, felizmente. Ao perguntar-lhe se a povoação de Zamanilovka ficava ainda longe, os mujiques descobriram-se e o mais desembaraçado, um moço com a barba em ponta, respondeu:

— Manilovka, talvez?...

— Sim, é isso: Manilovka.

— Manilovka! Pois bem, ao fim de uma *versta* volte à direita.

— À direita? — repetia o cocheiro.

— À direita, sim — disse o mujique. — É o caminho direto para Manilovka. Manilovka é que é o verdadeiro nome da povoação; nós cá não conhecemos nenhuma Zamanilovka. Mesmo na tua frente, à altura de um homem, verás uma formosa casa de pedra, de um só andar. Aí é que é Manilovka. Quanto a Zamanilovka, não há por aqui nada com esse nome nem nunca houve.



Os nossos viajantes trataram de procurar Manilovka. Ao cabo de duas *verstas*, meteram por um caminho vicinal e percorreram mais três ou quatro *verstas* sem avistar a casa de pedra de um andar. Quando um amigo nos convida, nestas paragens, e nos diz que teremos de percorrer quinze *verstas*, suponhamos, é conveniente compreender o dobro. Tchichikov lembrou-se desta verdade.

A situação de Manilovka era pouco atraente. A casa senhorial erguia-se solitária sobre um outeiro exposto aos quatro ventos e cobertos por uma relva mimosa, entre a qual, semeados à inglesa, se disseminavam dois ou três maciços de lilases e de acácias com flores amarelas; cinco ou seis álamos, aqui e ali, levantavam para o céu as suas copas raquíticas. Debaixo delas divisava-se um caramanchão de cúpula verde e colunas azuis, com este letreiro: *Templo da Meditação Solitária*. Mais além, estendia-se um lago invadido por ervas, clássico adorno dos jardins ingleses dos nossos fidalgos de meia tigela. Ao pé e no flanco do outeiro via-se uma correnteza de casebres de madeira, cujo número, por motivos desconhecidos, o nosso herói se pôs a contar. Contou mais de duzentos. Nenhum arbusto, nenhuma folhagem, entre esta amálgama de vigas. Só dois camponeses animavam a paisagem; com as fraldas pitorescamente arregaçadas e com a água até os joelhos, arrastavam do lago, com a ajuda de dois paus, uma rede desgarrada em que se descortinavam dois caranguejos e onde brilhava um góbio. Pareciam ralhar, trocar invetivas. A certa distância, a massa escura de um pinhal punha uma desagradável mancha azulada. Até o céu, de um cinzento empanado que recordava a cor dos velhos uniformes militares, aumentava a tristeza

do lugar. Um galo, anunciador do tempo, completava o quadro; embora a sua cabeça tivesse sido martirizada até os miolos pelo bico dos seus rivais em galantarias, nem por isso cacarejava menos, batendo, de quando em quando, as suas asas já desfiadas como esteiras velhas. Ao entrar no pátio, Tchichikov divisou na escada, com um gabão de malha verde, o dono da casa em pessoa, que protegia os olhos com as mãos, a fim de distinguir melhor os que chegavam. À medida que a caleche se aproximava, iluminava-se-lhe o olhar e acentuava-se-lhe o sorriso.

— Pavel Ivanovitch! — exclamou, por fim, quando Tchichikov saltou do coche. — O senhor digna-se lembrar-se de nós!

Os dois amigos abraçaram-se e Manilov conduziu o hóspede. Embora a sua passagem pelo vestíbulo, pela antecâmara e pela sala de jantar exija pouco tempo, devemos aproveitá-lo para dizer algumas palavras acerca do dono da casa. O autor tem de confessar a dificuldade desta empresa. É muito mais fácil pintar caracteres de alto voo: basta, para isso, usar as cores às mãos-cheias sobre a tela: olhos ardentes, sobrancelhas espessas, testa cruzada por uma ruga, pele escura ou vermelho-fogo... Já está o retrato pronto. Porém, todas estas pessoas que, à primeira vista, se parecem entre si e que observadas mais de perto revelam incoercíveis particularidades não são fáceis de pintar. Para chegar a distinguir miúdos pormenores quase impercetíveis é preciso empregar todos os recursos da atenção e aguçar mais o olhar, já exercitado na arte da observação.

Decididamente, só Deus poderia definir o carácter de Manilov.

Certos indivíduos não são, como se diz, *nem carne nem peixe*, e Manilov, com certeza, pertencia a esta irmandade. Às suas feições não faltava graça, mas era uma graça demasiado enjoativa. «Que

homem tão simpático e encantador!» dizia-se ao entabular conversa com ele; porém, um momento depois, já não se dizia nada, e breve se murmurava: «Que diabo de homem!» fugindo dele o mais depressa possível, sob pena de morrer de tédio. Jamais deixava escapar uma dessas palavras incisivas ou até violentas que qualquer pessoa emprega quando se lhe depara um tema favorito. Cada qual tem a sua mania: um crê-se predestinado para a música; outro para bem comer; o terceiro pretende desempenhar um papel superior, ainda que não seja senão o de pulga, àquele que lhe está apropriado; o quarto, mais modesto em aspirações, sonha com pavonear-se em companhia de um general, ante os deslumbrados olhos de amigos ou desconhecidos; a mão do quinto experimenta um desejo irresistível de fazer as pazes entre dois desavindos, ao passo que a do sexto arde por manter a ordem, nem que tenha de esbofetear este ou aquele. Em resumo: cada um tem a sua «queda»; porém Manilov não tinha nenhuma.

Em sua casa quase não falava, permanecendo a maior parte do tempo entregue a reflexões que só Deus conhecia. Cuidava muito pouco das suas terras e nunca as percorria para lhes conhecer as necessidades. As coisas caminhavam por si sós. Quando o feitor lhe dizia: «Seria bom fazer isto ou aquilo...», «Efetivamente, não seria mau», replicava ele ordinariamente, lançando para o ar contínuas baforadas de fumo do seu cachimbo, costume apanhado no regimento, onde passava por ser o oficial mais modesto, mais delicado e mais instruído. «Sim, não está mal» repetia quando um mujique lhe suplicava, coçando a nuca, licença para ganhar com que pagar a sua contribuição: «Entendido!» dizia, fumando o seu cachimbo, e nem sequer lhe passava a ideia de que o patife só

queria emborrachar-se. Às vezes, contemplando o lago do alto da escadaria, começava a pensar que seria bom construir um subterrâneo que fosse desde ali até à povoação, ou então construir sobre o lago uma ponte de pedra, flanqueada por tendas onde se vendessem pequenos objetos de uso comum, para os aldeões. Seus olhos tornavam-se então extremamente suaves e o rosto adquiria a mais beatífica expressão.

Todos estes projetos não eram mais que bonitas palavras. No seu escritório, guardava um livro, marcado com um sinal na página 14, cuja leitura durava já há dois anos. Nunca pudera mobilar completamente a sua casa. Um rico pano de seda cobria o mais formoso móvel do salão, exceto dois sofás, nos quais uma simples esteira substituía a seda ausente; e, desde há vários anos, quando recebia convidados, o dono do esplêndido móvel tinha o cuidado de prevenir: «Não se sentem nos sofás, que ainda não estão estofados». Certo compartimento conservava-se vazio, por mais que ele tivesse resolvido desde a lua de mel: «Coração meu: será preciso mobilar este quarto, pelo menos provisoriamente». Ao chegar a noite, punha sobre a mesa um elegante candelabro de bronze representando as Três Graças, com lindos papéis de avelórios e, ao lado, outro, quebrado, de cobre, coxo é torcido, coberto de imundície. Nem amos nem criados olhavam para ele.

Sua mulher!... É inútil insistir: amoldava-se-lhe perfeitamente. Embora, dentro em pouco, fizessem nove anos de casados, davam um ao outro bombons, uma avelã, um gomo de maçã, dizendo, com o amimado jeito que convém ao perfeito amor: «Abre o teu biquinho, coração meu, que te darei bombons». E logo se abria o biquinho mais gracioso do mundo. Nos seus aniversários preparavam

surpresas um ao outro: presenteavam-se, por exemplo, com uma escova de dentes orlada de pérolas falsas. E a cada passo, sentados lado a lado no canapé, ele abandona o seu cachimbo, ela o seu trabalho, para trocar um beijo tão prolongado, tão amoroso que, enquanto o davam, ter-se-ia tempo de fumar um cigarro.

Numa palavra: eram o que se conveio chamar pessoas felizes. Evidentemente, poderia fazer-se-lhes observar que, numa casa, existem muitas outras ocupações, além das surpresas e dos beijos langorosos, e dirigir-lhes perguntas enfadonhas. Por exemplo: Por que deixava a cozinha tanto a desejar? Por que estava tão mal provida a despensa? Por que roubava a governanta? Por que eram porcos e bêbados os trabalhadores? Por que passavam os criados metade do tempo a dormir e a outra metade a roubar? Mas isto são preocupações demasiado triviais para uma pessoa tão bem educada como a senhora Manilov. A boa educação, como se sabe, ministra-se nos colégios; e nos colégios, como ninguém ignora, três matérias resumem todas as virtudes: o francês, indispensável para a felicidade conjugal; o piano, destinado a fazer passar ao marido alguns momentos agradáveis; e, por fim, a casa propriamente dita: bolsas de *crochet* e outras habilidades. Certos aperfeiçoamentos, por outro lado, são o resultado destes métodos, sobretudo no momento atual. Tudo depende da candura e da capacidade das diretoras dos colégios. Aqui, está em primeiro lugar o piano; depois, o francês e, por último, a casa. Ali, a casa, isto é, as bolsas de *crochet*, ocupa o primeiro plano; logo, vem o francês e, no fim, o piano. Como se vê, os métodos variam. Conviria fazer notar que a senhora Manilov... porém, confesso, custa-me muito falar das damas, e tenho pressa de voltar aos nossos heróis, parados durante alguns minutos em

frente da porta do salão, em luta cortês, para saber quem cedia o passo ao outro.

— Por favor, sem cerimónias, passe o senhor primeiro — dizia Tchichikov.

— Não, Pavel Ivanovitch, não; o senhor é meu hóspede — replicava Manilov indicando a porta.

— Sem cerimónias! Sem cerimónias! Passe o senhor primeiro!

— Perdão! Eu sei o que devo a um hóspede tão distinto.

— O senhor quer-se rir. Passe, rogo-lhe!

— Não, não, é ao senhor que pertence essa honra!

— Mas porquê?

— Porquê! — exclama Manilov, com um sorriso amável.

Finalmente, os dois amigos franquearam a porta, de esguelha, não sem chocar um com o outro.

— Permita que lhe apresente a minha esposa — disse Manilov.  
— Coração meu... Pavel Ivanovitch!

Tchichikov encontrou-se em presença de uma dama sentada no sofá, que não tinha podido ver por causa das reverências da porta. Era bastante formosa e trazia um roupão de seda claro-adamascada, que lhe ficava à maravilha. A sua fina mãozinha atirou precipitadamente não sei que objeto para cima da mesa e pôs-se a dobrar um lenço de cambraia com as pontas bordadas. Levantou-se; Tchichikov beijou-lhe a mão com prazer. Ela assegurou-lhe, tartamudeando ligeiramente, que ele era bem-vindo e que estava encantada por ver, enfim, Pavel Ivanovitch, de quem tanto lhe falava todos os dias seu marido.

— Sim — confirmou Manilov. — Com muita frequência me pergunta: «Por que se demora tanto o teu amigo?» «Tem paciência,

minha querida, ele não tardará». Até que finalmente nos honra com a sua visita. Que enorme prazer nos proporciona! Enche-nos verdadeiramente de gozo o coração!

Vendo que se chegava ao gozo do coração, Tchichikov, confuso, respondeu modestamente que o seu obscuro nome e a sua humilde categoria não mereciam tão galante acolhimento.

— Pois merece, sim senhor — interrompeu-o Manilov com um novo sorriso. — O senhor possui tudo quanto é preciso para agradar, e ainda mais.

— Que lhe parece a nossa cidade? — perguntou a senhora Manilov. — Tem-se divertido muito?

— É muito formosa a sua terra, minha senhora — respondeu Tchichikov — e tenho-me divertido a valer. Os seus habitantes são muito sociáveis.

— E que opinião tem do nosso governador? — continuou ela.

— É o mais amável e o mais respeitável dos homens, não é verdade? — acrescentou Manilov.

— Exatissimamente — confirmou Tchichikov. — O mais respeitável dos homens. E como desempenha as suas funções! Que alto conceito forma do seu cargo! De desejar seria que houvesse muitos magistrados como ele.

— Como sabe receber a gente! Que delicadeza de maneiras — encareceu Manilov, fechando voluptuosamente os olhos como um gato ao qual, suavemente, se fazem cócegas atrás das orelhas.

— Um homem encantador — continuou Tchichikov — e muito prendado: borda maravilhosamente; eu não acreditava no que via. Mostrou-me uma das suas obras, uma bolsa que poucas senhoras poderiam igualar.

— E o vice-governador? Que excelente pessoa, não é verdade?  
— continuou Manilov, cerrando novamente os olhos.

— É um homem muito digno — respondeu Tchichikov.

— Dê-me licença. E o chefe da polícia, que lhe parece? Eu acho-o muito amável!

— Muito, muito amável! E que talento! Que cultura! O presidente, o procurador e eu temos jogado o *whist* em casa dele até ao cantar do galo. Um homem muito digno!

— E a mulher do chefe da polícia? — continuou a senhora Manilov. — Que lhe parece? Uma senhora muito agradável, não é?

— Oh, é uma das mulheres mais respeitáveis que tenho conhecido! — assegurou Tchichikov.

Não ficaram no tinteiro o presidente do tribunal nem o diretor dos correios, e passaram também em revista quase todos os funcionários, os quais foram proclamados os homens mais honrados do mundo.

— O senhor tem vivido sempre no campo? — perguntou, por sua vez, Tchichikov.

— A maior parte do tempo — respondeu Manilov. — Damos ligeiras fugidas até a cidade, para convivermos com gente de bom-tom. Viver entre quatro paredes acaba por entorpecer uma pessoa.

— É bem certo, é bem certo! — aprovou Tchichikov.

— Não aconteceria assim — continuou Manilov — se tivéssemos vizinhos com quem pudéssemos praticar as boas fórmulas sociais e dedicar-nos a qualquer estudo que, por assim dizer, permitisse levantar o voo da nossa alma...

Ia a continuar nestes termos; mas reparando que metia os pés pelas mãos, concluiu, num lindo gesto:



— ...e então, sem dúvida, o campo e a solidão seriam muito atraentes... Porém, falta a sociedade e não temos remédio senão folhear de vez em vez *O Filho da Pátria*.

Tchichikov aprovou; levar uma vida retirada, contemplar a natureza, ler um bom livro, há lá coisa mais agradável?

— Não obstante — insinuou Manilov — tudo isto, sem um amigo com quem desabafar...

— Ah! Tem o senhor muita razão! — interrompeu Tchichikov. — Que importam, nesse caso, os tesouros? *Mais vale um amigo verdadeiro do que amontoar dinheiro*, disse um sábio.

— Então, Pavel Ivanovitch — disse Manilov, exagerando a doce expressão do seu rosto como um médico que açucarasse um medicamento, para o tornar mais agradável ao doente — então, por assim dizer, experimenta-se uma alegria espiritual... Como neste momento, por exemplo, em que a sorte nos reserva a dita de estar junto do senhor e de apreciar a sua agradável conversa...

— Por favor! Em que pode a minha conversa ser-lhes agradável? Eu sou demasiado insignificante — objetou Tchichikov.

— Oh! Pavel Ivanovitch! Permita-me que lhe seja franco: daria de boa vontade metade da minha fortuna para possuir somente uma parte dos seus méritos...

— Sou eu quem, pelo contrário, teria o maior...

Não sei até onde chegariam estas mútuas efusões se um criado não tivesse anunciado o almoço.

— Quando quiser! — disse Manilov. — O senhor será amável até o ponto de nos desculpar. Aqui não encontrará o luxo da alta sociedade, a fina qualidade dos manjares das capitais. A nossa mesa

é simples: a boa cozinha russa, mas oferecida de melhor vontade. Quando quiser!

Surgiu uma nova questão. Quem deveria entrar primeiro na sala de jantar? Cansado de discutir, Tchichikov entrou primeiro, de lado. Dois rapazitos já ali se encontravam: os filhos de Manilov, na idade em que os meninos são admitidos à mesa, mas em cadeiras altas. Estava com eles um preceptor, que saudou o hóspede, esboçando um sorriso. A dona da casa sentou-se em frente da terrina, ficando Tchichikov entre ela e o marido, enquanto um criado atava os guardanapos em volta do pescoço dos rapazes.

— Ah! Que lindas crianças! — disse Tchichikov, examinando-as. — Que idade têm?

— O maior anda nos oito anos; o mais pequeno fez ontem seis — respondeu a senhora Manilov.

— Temístocles — disse Manilov, dirigindo-se ao maior, que tratava de desafogar o queixo, apertado pelo guardanapo. Ao ouvir este nome grego a que, não se sabe porquê, Manilov dava uma terminação em *us*, Tchichikov franziu ligeiramente as sobrancelhas, mas esforçou-se por voltar à sua fisionomia habitual. — Temístocles, qual é a capital da França?

O preceptor concentrou a sua atenção em Temístocles; parecia disposto a comê-lo; porém, acalmou-se completamente e até aprovou com a cabeça ao ouvi-lo responder:

— Paris.

— E a principal cidade da Rússia? — tornou a interrogar Manilov.

— Petersburgo — respondeu Temístocles.

— E a segunda?

— Moscovo.

— Bravo, meu amiguinho! — exclamou Tchichikov. — Sabe o senhor que este menino tem grande talento? — continuou, dirigindo-se a Manilov com ar de grande admiração.

— Oh, o senhor não o conhece ainda! É mau como quatro. O segundo, Alcides, tem o raciocínio mais lento; todavia, quando encontra o menor escaravelho, abre os olhos, corre atrás dele, examina-o... Destino-o à carreira diplomática. Alcides, queres ser embaixador?

— Quero, sim! — respondeu Alcides, mastigando o pão e balanceando a cabeça para a direita e para a esquerda.

Neste momento, o criado, situado atrás da cadeira, assoou o nariz ao senhor embaixador, que ia deixar cair um grosso pingo no prato.

Durante o almoço, a conversa incidiu sobre os prazeres da vida privada. A senhora Manilov permitiu-se, de súbito, pedir alguns pormenores acerca do Teatro Municipal e da sua Companhia. O preceptor observava os interlocutores e, quando os via dispostos a rir, abria a boca e soltava grandes gargalhadas. Sem dúvida o bom rapaz procurava agradecer deste modo os olhares que Manilov lhe dirigia. Contudo, teve uma vez um gesto de azedume e deu umas pancadas secas na mesa, com os olhos fixos nos discípulos, sentados à sua frente. Temístocles tinha mordido uma orelha de Alcides, e este, com os olhos fechados e a boca aberta, ia começar a gritar. Compreendendo, porém, que as suas queixas poderiam muito bem privá-lo de um prato, fez com que a boca retomasse a posição normal, e voltou, com as faces reluzentes de gordura, a rilhar, choramingando, uma costeleta de carneiro.

A dona da casa atormentava incessantemente Tchichikov.

— O senhor não come. Não se serviu de nada.

E Tchichikov respondia sempre:

— Muito obrigado, não tenho apetite. Mais me satisfaz uma agradável conversa do que os melhores manjares.

Ao levantar-se da mesa, Manilov, no cúmulo da satisfação, pôs a mão sobre o ombro do convidado, pretendendo levá-lo para o salão, quando, de repente, este declarou, em tom de certa gravidade, que desejava tratar com ele de um assunto urgente.

— Nesse caso, digne-se passar ao meu gabinete — disse Manilov, introduzindo-o numa pequena sala que dava para o pinhal de tons azulados. — Este é o meu cantinho predileto — disse.

O compartimento não oferecia o menor encanto. Paredes de um azul pálido a puxar para o cinzento; quatro cadeiras, um sofá, a mesa sobre a qual repousava o livro com a marca, de que já fizemos menção; algumas folhas de papel manuseado e, sobretudo, muito tabaco: tabaco em pacote, tabaco em caixa, tabaco a granel, sobre a mesa. No peitoril das janelas havia montículos de cinzas, resíduos de cachimbos alinhados com arte; via-se que o senhor se entretinha às vezes com este passatempo.

— Peço-lhe que se sente nesta poltrona — disse Manilov —; aqui estará o senhor mais comodamente.

— Se me dá licença, prefiro uma cadeira.

— Permita-me que o não consinta — disse Manilov, sorrindo. — É a poltrona dos convidados; queira ou não, é preciso que se sente nela.

Tchichikov obedeceu.

— Dê-me licença que lhe ofereça um cachimbo.

— Não, não fumo — respondeu Tchichikov em tom pesaroso.

— Porquê? — perguntou Manilov no mesmo tom.

— Tenho evitado adquirir esse hábito; dizem que o cachimbo esfalfa o peito.

— É um preconceito, permita-me o senhor que lho afirme. Segundo o meu modo de ver, vale mais fumar que tomar rapé. No regimento, tínhamos um tenente sempre com o cachimbo na boca, até à mesa, até noutra parte, com sua licença. Já passou dos quarenta e, graças a Deus, ainda goza a melhor saúde.

Tchichikov não se mostrou em desacordo. Pensava ele que na natureza existem muitas coisas que nem os mais altos espíritos saberiam explicar.

— Mas dê-me licença que lhe pergunte... — continuou ele com voz de falsete; e, sem razão aparente, lançou uma olhadela para trás de si; e, sem saber porquê, Manilov fez outro tanto. — Há muito tempo que remeteu o seu boletim de recenseamento?

— Creio que sim; há muito tempo; mas, a dizer a verdade, não me lembra.

— E, desde então, perdeu muitos servos?

— Caramba! Disso é que eu não sei nada. São coisas lá do feitor. Olá! Que venha aqui alguém! Chamem o feitor!... Devia ter vindo hoje.

O feitor, um homem expedito de uns quarenta anos, apresentou-se. Era um camponês polido que se barbeava e usava sobretudo, devendo levar uma vida regalada: a sua cara gorducha, a pele amarelada, os seus olhitos, demonstravam que conhecia perfeitamente edredões e colchões de penas. Adivinhava-se, também, que tinha seguido a carreira de todos os feitores: em

rapaz, simples criadito, aprendera as primeiras letras; depois, casara-se com uma rapariga da confiança da senhora; em seguida, ascendera a mordomo e, por último, a administrador. Promovido a este emprego, procedera, desde logo, como todos os seus colegas: compadre e amigo dos «gordos» da povoação, vexava os pobres diabos; levantava-se às nove, dirigia-se ao samovar e tomava o chá sem grandes pressas.

— Diz-me, valente: quantos homens perdemos desde o último censo?

— Quantos? Sim, eles morreram muitos — disse o feitor, reprimindo com a mão um arrote.

— É o que eu pensava — confirmou Manilov. — Morreram muitos. Sim, sim, muitos — acrescentou, dirigindo-se a Tchichikov. — Bem, mas quantos? — insistiu.

— Quantos? Como hei de sabê-lo? Ninguém os contou.

— Justamente — disse Manilov, voltando-se para Tchichikov — é o que eu supunha. Os mortos são muito numerosos; mas não se conhece o número exato.

— Pois bem, amigo — disse Tchichikov, dirigindo-se ao feitor — faça-me o senhor a fineza de os contar e de me dar uma relação nominal.

— É isso, nominal — confirmou Manilov.

— Às suas ordens, senhor! — disse o feitor, despedindo-se.

— E que quer o senhor fazer dessa relação? — inquiriu então Manilov.

Esta pergunta pareceu atrapalhar o visitante. Corava e esforçava-se por encontrar palavras. Certamente, estava reservado a

Manilov ouvir coisas extraordinárias como jamais tinha escutado qualquer pessoa.

— Quer o senhor saber o que farei com ela? Isto: desejo comprar camponeses... — pronunciou, por fim, Tchichikov, engolindo em seco.

— Permita-me o senhor que lhe pergunte — disse Manilov — como deseja comprá-los. Com terra ou sem terra?

— Não; não se trata precisamente de camponeses — respondeu Tchichikov. — Eu queria comprar mortos...

— Como? Perdoe-me o senhor, que eu sou um pouco duro de ouvido; parece-me ter escutado uma palavra estranha.

— Tenciono comprar mortos que figurem como vivos na lista do recenseamento.

Manilov, deixando cair o cachimbo, permaneceu alguns minutos de boca aberta. Os dois amigos, que tão bem acabavam de raciocinar sobre os encantos da amizade, ficaram imóveis fixando-se atentamente, como esses retratos que se faziam dantes por ambos os lados de um espelho. Por fim, Manilov guardou o seu cachimbo e olhou para Tchichikov, esforçando-se por perceber um sorriso nos lábios do seu hóspede, o qual, sem dúvida, queria gracejar. Porém, ficou surpreendido ao vê-lo mais sério que nunca. Manilov perguntou a si próprio se o outro teria perdido a razão e contemplou-o com espanto. Não descobriu nos seus olhos límpidos o brilho inquieto, extravagante, que se observa nos dementes. Por mais que desse tratos à imaginação para saber que conduta adotar, nada mais lhe ocorreu que lançar ao vento uma delgada espiral de fumo, que lhe tinha ficado na garganta.

— Assim, pois, desejaria saber se o senhor me pode ceder, vender-me, fazer passar para a minha posse, da maneira que melhor lhe pareça, esses mortos de facto, mesmo que vivam ainda legalmente.

Desconcertado, aturdido, Manilov olhou para ele sem dizer palavra.

— O senhor parece intrigado — insinuou Tchichikov.

— Eu? Não; não... precisamente — balbuciou, por fim, Manilov — todavia não chego a compreender... Perdoe-me o senhor... Eu, desde criança, não recebi uma educação tão brilhante como a que demonstra, por assim dizer, cada um dos seus gestos; não possuo a sublime arte da palavra... Será possível que a sua frase encerre um sentido oculto? Talvez se tenha exprimido desse modo por uma questão de beleza de estilo...

— Não, não — insistiu Tchichikov — não falo em sentido figurado: trata-se justamente de almas mortas.

Manilov não se pôde conter mais. Compreendeu que devia fazer alguma coisa, formular alguma pergunta. Mas quê? Só o diabo o poderia saber. Deixou escapar uma nova espiral de fumo, desta vez pelo nariz.

— Portanto, se não encontra nisso qualquer inconveniente, podemos, com a ajuda de Deus, redigir a minuta da escritura de venda — disse Tchichikov.

— Uma escritura de venda... de almas mortas?

— Não — replicou Tchichikov. — Mencioná-las-emos como vivas, tal como figuram na lista do recenseamento. Eu sou sempre um fiel cumpridor da lei, o que já me tem valido muitos desgostos;



mas, desculpe-me o senhor: o dever é para mim coisa sagrada. Inclino-me diante da lei.

Estas últimas palavras agradaram a Manilov, o qual, não obstante, continuava a não compreender o verdadeiro sentido da questão. À maneira de resposta, deitou tão violentas baforadas de fumo que o seu cachimbo se pôs a ressoar como um contrabaixo. Manilov parecia querer extrair dele uma opinião sobre aquela circunstância inaudita; o cachimbo, porém, só sabia ressoar.

— Acaso o senhor tem alguma suspeita?

— Oh, de modo nenhum. Não tenho a menor desconfiança do senhor. Permita-me, no entanto, uma pergunta: este assunto, ou melhor, este negócio, sim, digo bem, este negócio, não será contrário às instituições e subsequentes estatísticas da Rússia?

Aqui, Manilov, erguendo ligeiramente a cabeça, lançou para Tchichikov um olhar expressivo e deu a todas as suas feições, aos seus lábios contraídos, uma tão profunda expressão, que talvez não se haja visto outra semelhante, salvo no rosto de um grande homem de Estado, em face de uma espinhosa questão.

Porém, Tchichikov respondeu simplesmente que semelhante assunto ou negócio não podia ser contrário às instituições e subsequentes estatísticas da Rússia. Ao cabo de um minuto acrescentou que até o fisco lucraria, cobrando o imposto de registo.

— O senhor acha que sim?

— Estou certo.

— Nesse caso, nada tenho a objetar — declarou Manilov, verdadeiramente sossegado.

— Só temos agora que nos entender a respeito do preço.

— Do preço?! — exclamou Manilov; e continuou, depois de uma pausa: — Julgava o senhor que eu lhe ia levar dinheiro por almas que, de certo modo, terminaram a sua existência? Mesmo que (e peço-lhe desculpa) lhe tenha passado pela cabeça essa ideia bizarra, declaro ao senhor que lhas cedo gratuitamente e ainda ficam por minha conta as despesas da escritura.

O historiador destes acontecimentos incorreria em graves censuras, se deixasse de consignar o prazer que estas palavras causaram ao viajante. Grave e sério como era, pouco faltou para dar uma cabriola, sinal, como é sabido, do mais vivo entusiasmo. Ao agitar-se violentamente na sua poltrona, fez um lindo rasgão no pano de lã que estofava o espaldar. A gratidão inspirou-lhe uma tão grande torrente de palavras de reconhecimento que Manilov, que a princípio o considerara com certa inquietação, perturbou-se, esboçou um sorriso, mexeu a cabeça, e explicou, por fim, que tudo aquilo era uma bagatela e que desejava poder dar-lhe uma prova mais eficaz da sua simpatia. Falou do magnetismo das almas, das influências do coração... Quanto às almas de certo modo já defuntas, em resumo, valiam menos que nada.

— Muito pelo contrário! — disse Tchichikov, estreitando-lhe a mão. Deixou escapar um profundo suspiro. Parecia disposto a entrar em confidências, por isso que, ao cabo de um momento, proferiu em tom comovido: — Se o senhor soubesse o favor que acaba de prestar a um pobre deserdado, só, no mundo! O que não terei eu sofrido na minha vida, frágil esquife ao sabor de encolerizadas ondas? Conheci todas as amarguras, todos os vexames, todas as perseguições, e isto por ser escravo da justiça, por ser um homem honrado, por ter estendido a mão à viúva, dado abrigo ao órfão.

Neste ponto, Pavel Ivanovitch enxugou uma lágrima. Os dois amigos permaneceram largo tempo de mãos dadas, olhos nos olhos. As lágrimas coalhavam-se-lhes nas pálpebras. Manilov, cuja comoção atingia o paroxismo, não largava a mão do nosso herói, que logrou, por fim, desprendê-la com suavidade. O contrato, declarou Tchichikov, devia ser assinado o mais depressa possível, e para isso faria bem Manilov em ir pessoalmente à sede do distrito. Após o que, pegou no seu chapéu e fez menção de despedir-se.

— Como? O senhor já se retira? — exclamou, quase espantado, Manilov, como se acordasse de um sonho.

Neste momento, entrou a esposa.

— Vê lá tu, Lisa! — disse com ar consternado. — Pavel Ivanovitch quer deixar-nos!

— É porque se aborrece em nossa casa — respondeu a senhora Manilov.

— Minha senhora — exclamou Tchichikov, pondo a mão sobre o coração. — Aqui, sim, aqui é que ficará gravada a recordação das horas mais agradáveis passadas nesta casa. Não poderia conceber felicidade mais completa que viver com os senhores, senão debaixo do mesmo teto, ao menos na mais próxima vizinhança.

— Realmente, Pavel Ivanovitch — disse Manilov, comovido com esta ideia — como seria delicioso viver debaixo do mesmo teto e filosofar à sombra de um olmo!

— Oh, seria o paraíso! — confirmou com um suspiro Tchichikov. — Adeus, minha senhora — continuou, beijando-lhe a mão. — Adeus, meu respeitável amigo. Não esqueça a minha súplica!

— Esteja tranquilo! — respondeu Manilov. — Dentro de dois dias tornaremos a encontrar-nos.

Passou à sala de jantar.

— Adeus, amiguinhos! — disse Tchichikov, ao ver Alcides e Temístocles entretidos a brincar com um soldado de madeira que já tinha ficado sem um braço e sem o nariz. — Adeus, pequenos; não vos trouxe nada por ignorar a vossa existência. Na próxima visita remediarei essa falta. Tu hás de ter um sabre. Queres um sabre?

— Sim, sim! — respondeu Temístocles.

— E tu, um tambor. Estás de acordo, não? Um tambor — continuou, inclinando-se para Alcides.

— Dam... pum! — murmurou Alcides, baixando a cabeça.

— Perfeitamente. hei de trazer-te um tambor, e que tambor! Plan, plan, rataplan!... Adeus, querido, até à vista!

Beijou-o na testa e dirigiu a Manilov e à esposa o risinho que indica aos pais a inocência dos filhos.

— Seria melhor ficar, Pavel Ivanovitch! — suplicou Manilov quando ele já estava na escada. — Veja que nuvens...

— Isto não é nada.

— Mas o senhor conhece o caminho para casa de Sobakevich?

— Ia perguntá-lo ao senhor.

— Dê-me licença que o indique ao seu cocheiro.

Sempre amável, Manilov explicou a Selifan — a quem a sua delicadeza o fez tratar por você — que tinha de atravessar dois caminhos e meter por um terceiro.

— Compreendido, senhor! — disse o cocheiro.

E Tchichikov partiu, enquanto os seus anfitriões se erguiam na ponta dos pés, agitando os lenços e gritando palavras de despedida.

Manilov seguiu com a vista a caleche que se afastava e, quando esta desapareceu, permaneceu durante muito tempo na escadaria, fumando. Entrou, por fim, sentou-se numa cadeira e saboreou a satisfação de ter prestado ao seu convidado um ligeiro serviço. Depois, insensivelmente, os seus pensamentos transitaram para outras coisas, para se perderem, alfim, Deus sabe aonde. Primeiro, evocou os encantos da amizade, a felicidade da vida em comum, à margem de um rio. Logo, construiu uma ponte sobre a água, edificou uma casa com um alto mirante, de onde, se avistaria Moscovo, e no qual se tomaria chá, à tarde, entre agradáveis conversas. Viu-se na companhia de Tchichikov, chegando com grande pompa a uma sociedade em que as suas finas maneiras encantariam a multidão. Pensou que a mais alta autoridade do país, posta ao corrente da sua rara amizade, os nomearia generais. Todavia, o estranho pedido de Tchichikov veio de pronto interromper as suas divagações. Não podia acostumar-se àquela ideia. Quanto mais a debatia na sua cabeça, menos a compreendia; e até a hora de ceiar lhe esteve dando voltas, fumando o seu cachimbo sem cessar.

### 3

Entretanto, Tchichikov, com excelente disposição de espírito, há muito tempo já seguia pela estrada. Conhecendo, desde o capítulo anterior, a sua paixão dominante, não nos surpreenderá que a ela se dedicasse imediatamente de corpo e alma. Os planos, cálculos e combinações que se refletiam no seu rosto deviam ser muito agradáveis, a julgar pelo sorriso que provocavam a cada instante. Abismado em seus pensamentos, não ouvia o cocheiro, satisfeito pelo acolhimento que lhe tinham dispensado em casa de Manilov, dirigir observações judiciosas ao cavalo picaço, atrelado ao varal da direita. Este velhaco fingia puxar, enquanto o do meio, um baio, e o da esquerda, um alazão claro apodado de *Assessor*, porque pertencera a um desses honoráveis, puxavam com todas as suas forças. Lia-se-lhes nos olhos o prazer que experimentavam.

— Faz-te esperto quanto quiseres, que a mim não se me dá — dizia Selifan, levantando-se e fustigando o preguiçoso. — Aprende o teu ofício, bandalho! O *Baio* é um cavalo honrado; cumpre a sua obrigação conscienciosamente; e de boa vontade lhe darei um quarto de ração a mais. O *Assessor* também é um bom animal... Bem, bem, para que estás a afitar a orelha? Ouve o que te digo, imbecil! Vejam os senhores este malcriado a quem, contudo, só se dão bons conselhos! Eh! Para onde é que tu vais?

Aqui, Selifan fez estalar de novo o chicote.

— Ah, pedaço de selvagem! — E logo, dirigindo-se a todos, lançou um: — Olá, queridos! — acompanhado de uma chicotada geral, agora em sinal de satisfação.

Tendo proporcionado este prazer aos seus animais, voltou a implicar com o *Picaço*:

— Pensas que não te conheço as manhas? Não, querido; porta-te bem, se queres que te respeitem. Toma para exemplo o senhor de cuja casa vivemos. Que boas pessoas, aquelas! Eu sempre tenho prazer em falar com um bom homem; depressa ficamos amigos. Quer se trate de tomar chá, quer de comer qualquer coisa, eu nada saberia recusar-lhe. As pessoas de bem gozam da estima geral. O nosso amo, por exemplo; todo o mundo o venera porque serviu o Estado. Ouves? Por isso o vês coronel.

Estes raciocínios arrastaram Selifan para abstratas considerações. Se Tchichikov se houvesse dignado prestar atenção, ficaria edificado com o juízo do camponês a seu respeito. Porém, chegou um violento trovão para arrancá-lo às suas meditações e fazê-lo olhar em redor. Amontoavam-se as nuvens no céu, gotas de chuva caíam no poeirento caminho. Um segundo trovão retumbou mais violento ainda, e ainda mais perto; a chuva, repentinamente, era torrencial. Primeiro bateu obliquamente na caixa da traquitana, mas depois, tomando a direção vertical, tamborilou com força na capota. Atingido no rosto pelas salpicadelas, Tchichikov correu as cortinas de couro, onde duas ou três aberturas permitiam contemplar a paisagem, e ordenou a Selifan que estugasse o passo dos cavalos. Interrompido no melhor do seu discurso, o cocheiro compreendeu que não se tratava já de entreter-se. Tirando da sua caixa um cabeção de impermeável cinzento, abrigou-se com ele, tomou as rédeas e estimulou as alimárias, às quais a prática do bom rapaz parecia ter submergido numa doce modorra; pelo menos, andavam a passos contados. O cocheiro, porém, já não se lembrava

se tinha cruzado dois ou três caminhos. Após uns instantes de reflexão, deu conta de ter passado muitos. Como o russo, nos momentos críticos, toma sempre uma resolução sem se dar ao trabalho de refletir, Selifan excitou os cavalos com um: «Olá, bons amigos!» e conduziu-os pelo primeiro caminho transversal, sem saber para onde ia.

Não obstante, o aguaceiro ameaçava durar. Os campos em breve ficariam encharcados; de minuto a minuto, a tarefa dos cavalos tornava-se mais penosa.

Surpreendido por não estar ainda em casa da Sobakevich, Tchichikov começou a ficar inquieto; quis inspecionar os arredores, mas não divisou senão terras.

— Selifan! — disse, por fim, deitando a cabeça fora da caleche.

— Que há, senhor?

— Não se vê nenhuma aldeia?

— Não, senhor; não se vê nada.

E Selifan, agitando o chicote, entoou uma canção, ou melhor, uma litania, uma cantilena que não tinha fim. Nela fez entrar todos os gritos de alento que, de um extremo ao outro da Rússia, é costume prodigalizar aos cavalos. Insultou-os com todos os adjetivos que se agrupavam na ponta da língua e até acabou por lhes chamar «secretários».

Tchichikov, entretanto, sacudido pelos solavancos do coche, percebeu que seguiam calcando terras de sementeira. Selifan parecia suspeitá-lo; todavia, não disse palavra.

— Eh, desavergonhado! Para onde é que tu nos levas?

— Que hei de fazer, senhor, com este tempo? Nem sequer vejo o meu chicote.



O coche inclinou-se tanto, que Tchichikov teve de segurar-se com ambas as mãos. Só então deu conta da embriaguez do cocheiro.

— Tem cuidado, animal, senão o carro tomba! — exclamou.

— Tombar? Não, senhor! — opinou Selifan. — É muito mau tombar, não adiantaria nada com isso. Esteja descansado.

Dizendo isto, quis dar nova direção ao coche, e tão bem o fez, que o tombou de lado. Tchichikov caiu no meio da lama. Selifan conseguiu parar os cavalos que, aliás, teriam parado de qualquer maneira, pois estavam cansadíssimos. Este inesperado acontecimento deixou-o estupefacto. Enquanto o seu amo tratava de desatolar-se, saltou do assento, pôs as mãos atrás das costas, diante da caleche, e disse, após alguns momentos de reflexão:

— Não é possível! Tombou!

— Estás bêbado como um cacho! — disse Tchichikov.

— Bêbado, eu? O senhor graceja. Não é bom a gente embebedar-se. Eu conversei com um amigo, isso é verdade; nenhum mal há nisso... até bebemos uma pinga, juntos; entre pessoas de bem, estas coisas são permitidas, suponho eu.

— E que te disse eu, da última vez que te embebedaste? Já te esqueceste?

— Desculpe-me Vossa Senhoria. Como poderia esquecer? Conheço as minhas obrigações. É muito feio um homem embebedar-se, bem sei; mas pelo que respeita a conversar com pessoas de bem...

— Espera um pouco, que te ensinarei a conversar com pessoas de bem. Com certeza queres que te aqueça as costas?

— Como for da sua vontade, senhor — respondeu o plácido Selifan. — O amo é o amo e o chicote tem alguma coisa de bom. Quando o vilão faz das suas, é preciso chamá-lo à ordem.

Este arrazoado desarmou Tchichikov, além de que a sorte parecia ter piedade dele. Ouviu-se um ladrar, ao longe. Reconfortado com isto, o nosso herói deu ordem de estimular os cavalos. O cocheiro russo possui um excelente olfato. Quando a vista não alcança, deita os cavalos a galope desabalado e acaba sempre por chegar a alguma parte. Selifan, não vendo um palmo adiante do nariz, orientou-se tão bem na direção da aldeia, que não parou senão no momento em que os varais do coche, indo contra uma estacada, tornaram impossível o avanço. Através da água da chuva, Tchichikov supôs ver um telhado. Mandou Selifan em busca da entrada. Esta diligência teria demorado ainda algum tempo, se os furiosos cães não tivessem na Rússia o ofício de porteiros. A chegada do viajante foi tão ruidosamente anunciada, que teve de tapar os ouvidos. Um pálido raio de luz veio de uma janela até a paliçada, mostrando aos nossos viajantes o portão, onde Selifan bateu repetidas pancadas. Abriu-se de repente o postigo e apareceu o busto de uma mulher, abrigada por uma espécie de gabão, que perguntou em alta voz:

— Quem está aí? Para quê, tanto barulho?

— Viajantes, boa mulher, que pedem asilo para esta noite.

— Não há dúvida de que escolhem bem a hora para chegar! — disse a velha. — Isto não é pousada, mas a casa da nossa ama.

— Sim, a hora é má; já é noite fechada — aprovou Selifan.

— Cala-te, patife! — disse Tchichikov.

— Mas quem são vocês?

— Um gentil-homem, boa mulher.

A palavra gentil-homem produziu impressão na velha.

— Esperem: vou avisar a senhora — disse.

Afastou-se, para voltar dois minutos depois, com uma lanterna na mão. Abriu-se o portão, iluminou-se outra janela. A caleche, penetrou no pátio; deteve-se ante uma pequena casa, difícil de distinguir na escuridão; a luz que vinha das janelas e dava em cheio na cortina de água pouco deixava ver. Tamborilava a chuva no teto de madeira da casa, caindo a jorros dentro de uma cuba. Entretanto, os cães executavam um concerto vocal em honra dos recém-chegados. Um deles, com a cabeça virada para trás, dava tão prolongados latidos, que dir-se-ia ser remunerado para exercer este mister; outro uivava incessantemente; uma cadelita, infatigável soprano, misturava a este coro assobios de cascavel; um velho e robusto cão, a julgar pelos roncões da sua voz, interpretava o baixo. Assim acontece, quando, no mais forte do concerto, os tenores se erguem na ponta dos pés para dar uma nota aguda, e um impulso unânime arrebatava os executantes, enquanto o baixo, enterrando na gravata o queixo mal barbeado e inclinando-se quase até o chão, emite uma nota que faz estremecer as vidraças.

Executantes tão consumados deixavam augurar claramente a importância do dono da casa; porém, o nosso herói, encharcado, gelado, transido, só pensava em dormir. Mal a caleche parou, saltou para a escada; titubeou; era preciso agir. Uma mulher, mais nova, que se parecia com a precedente, esperava-o no umbral e introduziu-o no primeiro compartimento.

Tchichikov lançou em torno um olhar distraído: velhos papéis às riscas; gravuras representando pássaros; um relógio com flores

pintadas no mostrador; espelhos antigos, enquadrados em caixilhos escuros, em forma de folhas retorcidas, de entre os quais assomava um papel, uma carta de jogar... Não pôde ver mais nada; colavam-se-lhe as pálpebras como se as tivesse untado com mel.

Não tardou a apresentar-se a dona da casa, senhora já de certa idade, com coifa de dormir e um pedaço de flanela enrolado ao pescoço, uma dessas boas senhoras que, com a cabeça inclinada, denunciam sempre miséria e, sem embargo, vão, a pouco a pouco, enchendo os saquitos de riscado, escondidos nas gavetas das cómodas. Um contém rublos; outro, moedas de cinquenta *copeques*; o terceiro, as de vinte e cinco. No entanto, a cómoda não parece ter mais que roupa branca, camisas, meadas de linho, um roupão descosido — para substituir no momento oportuno a roupa usada ou queimada na véspera de uma festa — galhetas ou bacias. Porém, esta é uma eventualidade muito duvidosa: a velha cuida dos seus bens e o roupão permanecerá largo tempo descosido, para acabar, por fim, em testamento, com outras peças, nas mãos de qualquer neta afastada.

Tchichikov pediu desculpa da sua chegada inoportuna e do transtorno que causava.

— Não, não — disse a boa senhora — não me incomoda nada. Mas que tempo o traz por cá. Deus meu! Vento, chuva, trovões. O senhor, sem dúvida, precisa de reconfortar-se; todavia, a estas horas, é impossível arranjar qualquer coisa...

Um espantoso assobio interrompeu o seu discurso. Receando uma invasão de serpentes, Tchichikov levantou a cabeça; logo, porém, se tranquilizou, adivinhando que o relógio ia dar horas. Um estertor seguiu o assobio e, por fim, numa suprema tensão, ouviu-se

o cuco duas vezes, semelhante a duas pauladas descarregadas numa panela partida. Imediatamente, o pêndulo retomou o seu plácido tique-taque.

Tchichikov agradeceu à senhora, afirmando-lhe que apenas desejava uma cama. Não obstante, quis saber em que lugar se encontrava. Eram longe, as terras do senhor Sobakevich? A velha respondeu que não conhecia nenhum proprietário com tal nome, nem, certamente, existia.

— Mas conhece, pelo menos, Manilov?

— Manilov? Quem é?

— Um proprietário, boa senhora.

— Não; não conheço; nenhum dos nossos proprietários tem esse nome.

— Não? Então, como se chamam?

— Bobrov, Svinin, Kanapatiev, Jarpakin, Trapakin, Plieshakov...

— São ricos?

— Oh, não! Não possuem mais de vinte a trinta almas; nenhum chega à centena.

Tchichikov compreendeu que se tinha perdido numa região desconhecida.

— Estamos longe da capital de distrito?

— A umas sessenta *verstas*. Quanto sinto não poder oferecer-lhe de cear. Quer o senhor, ao menos, chá?

— Obrigado, minha boa senhora. Só preciso de uma cama.

— Compreende-se, depois de uma tão longa caminhada. Sente-se aqui no sofá, meu bom senhor. Fetínia! Traz roupas, um colchão de penas, uma almofada... Que tempo, Senhor! Como tropeja! Toda a tarde tive uma vela acesa diante das imagens... Mas

que é isso, compadre? Tem os ombros e as costas cheias de barro, como as de um porco? Onde pôde sujar-se desse modo?

— E ainda andei com sorte em ficar só enlameado! Dou graças a Deus por não ter quebrado as costelas!

— Santos do Paraíso, que horror! Quer que lhe friccione os ombros?

— Obrigado, obrigado! Não se incomode tanto por minha causa. Peça apenas à sua criada que me seque as roupas.

— Ouves, Fetínia — ordenou a senhora, dirigindo-se à mulher que, depois de se ter apresentado no umbral com uma vela na mão, tinha tido tempo de trazer um colchão e, tapando-o com ambas as mãos, semear penas pela sala. — Ouves, Fetínia: pega no agasalho deste senhor e nas suas roupas interiores e põe-nas a secar ao lume, como nos tempos do meu pobre defunto. Depois terás o cuidado de as limpar.

— Está bem, senhora — disse Fetínia, atarefada, preparando os lençóis e o almofadão.

— Já tem pronta a sua cama. Boas noites — disse a dona da casa. — Não precisa de nada? Não quererá friccionar as plantas dos pés antes de dormir? Meu defunto marido fazia sempre isso.

Em face de uma nova negativa, a velha senhora retirou-se. Tchichikov despiu-se logo e entregou as suas roupas molhadas a Fetínia, que as levou, dando-lhe as boas noites. Ficou só. Examinou, não sem prazer, a sua cama, que quase chegava ao teto: Fetínia tinha habilidade para tornar fofos os colchões. Com a ajuda de uma cadeira, trepou para aquele andaime, que cedeu sob o seu peso, fazendo voar algumas penas por todos os cantos da sala. Apagou a

luz, aconchegou-se debaixo da manta sarapintada e dormiu como um justo.

No dia seguinte, acordou bastante tarde. Através da janela, o sol lançava um dos seus raios direito aos olhos de Tchichikov, e as moscas, que tinham ficado desde a véspera nas paredes e no teto, assaltavam-no agora, raivosas. Tinha uma nos lábios; outra, numa orelha; mais uma, num olho; outra cometeu a imprudência de aventurar-se pelo nariz, provocando assim um espirro que despertou o dorminhoco. Inspeccionando o compartimento, observou que os quadros não representavam somente pássaros. Entre eles havia também um retrato de Kutuzov e, pintado a óleo, um velho com uniforme de bandas vermelhas, como se usava nos tempos do imperador Paulo. O relógio assobiou as dez horas. Então, na porta entreaberta, apareceu um rosto feminino que se retirou precipitadamente, pois Tchichikov, para dormir mais à vontade, tinha-se despido de todo. Aquela cara não lhe pareceu desconhecida; associando as suas recordações, reconheceu-a como a da dona da casa. Vestiu a camisa; as suas roupas enxutas e engomadas esperavam-no. Depois de vestido, aproximou-se de um espelho e espirrou de novo, tão fortemente, que um peru, que se encontrava naquele momento junto da janela muito baixa, lhe respondeu no seu idioma especial com algumas rápidas palavras que, sem dúvida, queriam dizer: *Deus o salve!*

Tchichikov chamou-lhe imbecil e contemplou o quadro que se lhe oferecia à vista. A janela dava com certeza para o galinheiro; pelo menos o pátio que havia por debaixo dela estava cheio de aveia. Galinhas e perus andavam por aí, em grande quantidade; um galo pavoneava-se, agitando a crista e inclinando a cabeça, como

para escutar. Uma bácora passava com a sua cria; fossando num montão de varreduras, devorou um pintainho e, sem dar importância ao caso, continuou a mastigar cascas de melancia. Este pátio terminava por uma estacada, a seguir à qual se estendia uma vasta plantação de couves, cebolas, batatas, cenouras e legumes diversos. Algumas macieiras e outras árvores frutíferas espalhavam-se por ali; redes protegiam-nas das pegas e dos pardais que, em bandos, revolteavam de um lado para o outro. Com o mesmo objetivo tinham-se armado alguns espantalhos, de braços em cruz; uma touca de criada cobria um deles. Depois da horta, os casebres estendiam-se desgarradamente. Tchichikov, não obstante, observou que o seu bom estado de conservação denunciava a comodidade de quem neles vivia: todos os telhados estavam reparados; não havia nenhuma porta desconjuntada e, debaixo dos cobertos, via-se uma ou duas carroças quase novas.

— Mas isto é uma bela propriedade! — disse para si o nosso herói, que imediatamente decidiu travar mais amplo conhecimento com a dona de tudo aquilo. Meteu, por sua vez, a cabeça pela abertura da porta e, vendo-a disposta a tomar chá, foi direito a ela com ar afável e risonho.

— Bons dias, compadre. Dormiu bem? — perguntou a senhora, levantando-se. Estava melhor vestida que na véspera, com traje escuro e sem touca; porém, ainda trazia a garganta entapada.

— Muito bem, muito bem — respondeu Tchichikov, sentando-se numa poltrona. — E a senhora?

— Mal, meu caro senhor.

— Porquê?



— Padeço de insónias; tenho lumbago e pontadas no tornozelo.

— Isso passa, minha senhora; não faça caso.

— Deus o queira. Fricciono-me com manteiga de porco e com terebentina. Vamos a saber: toma chá? Aqui há uma garrafa de licor.

— Perfeitamente, boa senhora.

O leitor — assim o espero — terá observado que, apesar do seu ar afável, Tchichikov não a tomava a sério e exprimia-se diante dela como muito mais liberdade do que quando falava com Manilov. É preciso dizer que, na Rússia, se, em certos casos, nos encontramos atrasados em relação aos estrangeiros, estamos mais adiantados que eles na arte das fórmulas de tratamento. Seria impossível enumerar os matizes, as variantes da nossa conversação. Nem o francês nem o alemão compreenderão jamais todas estas distinções e particularidades; ainda que estes, no fundo da alma, se curvem diante do milionário, falam-lhe no mesmo tom que ao estrangeiro. Não sucede assim entre nós. Ante um senhor de duzentos servos, o nosso realejo toca uma antífona diferente daquela que tocaria ante um de trezentos; com este não se emprega a mesma linguagem que com o possuidor de quinhentos, e varia ainda de entonação ante o dono de oitocentos. Chegados ao milhar, ainda hão de variar os matizes. Suponhamos que existe uma fábrica, não aqui, mas no cabo do mundo. Tomemos para modelo o seu gerente: vejamo-lo a dar ordens no meio dos seus subordinados; o medo faz-nos emudecer. A sua cara respira nobreza, orgulho. Deus sabe o que mais! Poder-se-ia compará-lo com um Prometeu! Que majestosa apresentação! Que andar imponente! Parece uma águia. Mas, apenas saído daquele meio para subir ao gabinete do diretor,

com uns papéis debaixo do braço, a águia torna-se perdiz. Na sociedade, se as pessoas presentes lhe são inferiores em grau, Prometeu continua sendo Prometeu. Mas que tropece com alguém de um plano ligeiramente superior, e Prometeu sofre uma metamorfose que o próprio Ovídio nunca teria inventado; converte-se em mosca, menos que em mosca, em grão de areia. «Este não é Ivan Petrovitch» direis ao fixá-lo. «Ivan Petrovitch não se ri nunca, tem um aspeto imponente e fala grosso; enquanto este alfenim sorri sem cessar e pia como um passarinho». Aproximai-vos e reconheceréis Ivan Petrovitch. «Ah, não parecia ele!», pensareis.

Mas voltemos às nossas personagens. Tchichikov, já o tínhamos verificado, resolveu-se a atacar sem mais preâmbulos. Pegou na sua xícara, deitou-lhe um cálice de licor e declarou à queima-roupa:

— A senhora tem uma excelente propriedade. Quantos servos?

— Quase oitenta — disse a senhora. — Desgraçadamente, os tempos correm maus; o ano passado foi péssimo. Deus nos livre de outro semelhante!

— Apesar disso, os seus camponeses devem ter bom aspeto; as suas casas são boas. Quer a senhora dizer-me o seu nome? Cheguei tão tarde, que não tive cabeça para nada.

— O meu nome é Koroboshka, *secretária* de ministério.

— Agradecido. E os seus apelidos?

— Nastásia Petrovna.

— Nastásia Petrovna! Lindo nome! Precisamente, uma tia minha, irmã de minha mãe, chamava-se assim.

— E o senhor, como se chama? É com certeza assessor.

— Não, boa senhora! — respondeu Tchichikov, sorrindo. — Viajo para tratar dos meus negócios.

— Ah! É negociante? Que pena! Vendi por uma ridicularia aos contratadores o mel que tinha! O senhor, por certo, mo compraria.

— Mel? Não, esse artigo não me interessa.

— Então, quê? Cânhamo, talvez? Já tenho muito pouco. Duas dezenas de libras, não mais.

— Não, senhora, não. Trata-se de outra mercadoria. Diga-me: morreram-lhe muitos servos?

— Ai, meu querido senhor! Dezoito! — suspirou a velha. — E todos saudáveis e bons trabalhadores. É claro que nasceram outros; mas que posso eu fazer com essa ralé? Apesar disso, o fisco aplicou-me o imposto como se todos estivessem ainda vivos. Na última semana queimou-se o meu ferreiro, um hábil artista, também muito entendido em serralharia.

— Teve algum incêndio?

— Deus me livre! Isso teria sido pior. Era um borrachão e foi só ele que ardeu; as suas entranhas inflamaram-se; saía-lhe da boca uma chama azul e consumiu-se-lhe o corpo, negro como um carvão. Excelente ferreiro! E agora aqui me tem o senhor, presa de pés e mãos, sem ter quem me ferre os cavalos.

— Tudo se há de arranjar, senhora! — suspirou Tchichikov. — Não blasfememos contra a Providência. Pois bem: ceda-mos, Nastásia Petrovna.

— Quem, meu bom senhor?

— Quem há de ser? Esses mortos.

— Como é que pode ser isso?

— Sendo. Ou, se o prefere, venda-mos. Pagá-los-ei.

— Não compreendo bem... Queria desenterrá-los?

Em face deste despropósito, Tchichikov julgou necessários alguns esclarecimentos. Em poucas palavras, explicou à boa senhora que a transferência, ou compra, só se efetuaria no papel. Inscrever-se-iam aquelas almas como se fossem vivas.

— Mas que fará delas? — perguntou a velha abrindo muito os olhos.

— Isso é comigo.

— Todavia, se estão mortos...

— E quem pretende o contrário? Precisamente por isso é que estão a prejudicá-la. A senhora tem de pagar a contribuição como se eles estivessem vivos. Eu livro-a de todos esses gastos e trabalhos e ainda por cima lhe dou quinze rublos. Convém-lhe?

— Não sei que lhe diga — proferiu a velha, após um curto silêncio. — Eu nunca vendi almas mortas.

— Caramba! Pois o verdadeiro milagre seria que as tivesse já vendido! Acredita que se possa tirar partido disso?

— Creio que não! Que lucro se poderia tirar? O que me faz confusão é o facto de estarem mortas.

«A velha tem a cabeça dura», disse para consigo Tchichikov.

— Pense um pouco, minha boa senhora — continuou ele em alta voz. — A senhora arruína-se pagando pelo morto tanto como pelo vivo...

— Oh, nem me fale nisso! — interrompeu a velha. — Há quinze dias tive de pagar mais de cento e cinquenta rublos e foi porque untei as mãos ao assessor!

— Vê a senhora? Pois bem, de agora em diante não terá necessidade de lhe untar as mãos. Sou eu que pago e não a

senhora. Tomo à minha conta todos os impostos e até faremos o contrato pagando eu as despesas. Compreende?

A velha refletia. Se bem que o contrato lhe parecesse vantajoso, sua novidade assustava-a. Aquele comprador, chegado sabe Deus de onde, tarde da noite, não quereria enganá-la?

— Aceita, não? — perguntou Tchichikov.

— Francamente, senhor, eu nunca tive ocasião de vender mortos. Se se tratasse de vivos, já era outra coisa. Há dois anos cedi, a cem rublos por cabeça, duas raparigas a Protopopov, que muito mas agradeceu. Famosas trabalhadoras que sabiam tecer toalhas!

— Deixemos os vivos em paz. Que o bom Deus os abençoe! Eu falo à senhora de mortos.

— Verdadeiramente, receio ser prejudicada no primeiro negócio deste género. Não me enganará? Não valerão mais que essa quantia?

— Como? Que podem valer? Não são mais que pó, compreende a senhora? Pó! Pegue num objeto qualquer, um trapo velho, por exemplo. Sempre tem algum valor. Pode vendê-lo a um fabricante de papel. Porém isto, a quem? Vejamos: diga a senhora...

— A ninguém, isso é verdade. O que me faz hesitar é serem mortos.

«E ela a dar-lhe!», disse à parte Tchichikov, que começava a perder a paciência. «Quem quer se arranjar com ela, e a mim esta maldita velha tem-me feito suar!»

Tirou o lenço da algibeira e enxugou a testa. Não tinha razão para enfadar-se. Pessoas muito respeitáveis, homens de Estado, procedem do mesmo modo que a senhora Koroboshka. Se se lhes

mete qualquer coisa na cabeça, é impossível arrancá-la de lá. Por mais que se acumulem argumentos, claros como a luz do dia, opõem a obstinada resistência de uma parede que repele uma bola de borracha. Depois de se ter arreliado, Tchichikov tentou amansar a velha por outro processo.

— Minha querida senhora — disse — ou não quer entender as minhas palavras ou fala dessa maneira unicamente para dizer alguma coisa. Ofereço-lhe quinze rublos-papel. Compreende? É importante. Não andam para aí aos pontapés. Vamos lá falar com fraqueza; por quanto vendeu o seu mel?

— A doze rublos *o pud*.

— É pecado mentir, boa senhora. Não o vendeu a esse preço.

— Palavra de honra!

— Bem, mas era mel. A sua colheita exigiu-lhe, talvez, um ano de cuidados, de preocupações, de canseiras. Teve de alimentar as suas abelhas na adega durante o inverno. Enquanto as almas mortas não são obra deste baixo mundo. Com elas não gastou nada a senhora. Deus é que lhes tirou a existência, causando-lhe um dissabor. Por um lado, o trabalho da senhora, o seu zelo, valeram-lhe doze rublos; por outro lado, arranjará quinze em formosas notas azuis...

Depois de uma argumentação tão sólida, Tchichikov convenceu-se de que tinha ganho a sua causa.

— Realmente — respondeu a senhora — eu não sou mais que uma pobre viúva sem experiência. Prefiro esperar algum tempo. É natural que apareçam por aí outros compradores e confrontarei preços.

— Olha, olha! Pobre criatura! Parece mentira que a senhora diga semelhante coisa! Reflita um pouco. Quem quererá fazer um embarque de mortos? Para que lhe podem servir?

— Quem sabe? Para os trabalhos do campo, talvez... — objetou a velha que, sem terminar a frase, ficou de boca aberta, olhando para Tchichikov, à espera do que este lhe responderia.

— Com que então pensa a senhora em empregá-los a espantar, pela noite, os pardais da sua horta!...

— Deus nos acuda! Sempre diz cada horror! — exclamou a velha, benzendo-se.

— Então que pretende a senhora fazer com eles? Por outro lado: ossadas e tumbas, tudo ficará com a senhora; a transferência só se fará no papel. Quer assim? Estamos de acordo? Vamos, responda!

A velha tornou a refletir.

— Que pensa a senhora, Nastásia Petrovna?

— Por hoje, não resolvo nada. Será melhor que o senhor me compre o cânhamo.

— Cânhamo! Peço-lhe outra coisa e a senhora quer impingir-me o cânhamo. Deixemos isso, por hoje; falaremos dele noutra ocasião. Que diz, Nastásia Petrovna?

— Não, não. É uma mercadoria especial e eu confesso que a não conheço bem.

Aqui, Tchichikov, já no limite da sua paciência, agarrou numa cadeira e bateu violentamente com ela no chão, mandando a velha para o diabo.

Isto de diabo assustou muito a proprietária.

— Em nome do céu, não pronuncie o nome *dele!* — exclamou, tornando-se pálida. — Anteontem vi em sonhos o maldito durante toda a noite. Veio-me à ideia deitar as cartas antes de rezar e, sem dúvida para castigar-me, Deus enviou-mo. Era horrível, com uns chifres mais compridos que os de um touro!

— O que me surpreende é que os não veja às dezenas! Eu estava animado de pura caridade cristã, quando dizia: «Eis uma pobre viúva que se mata a trabalhar». Pois bem! Agora já pode rebentar para aí, a senhora e todos os seus!

— Que palavrões! — disse a velha lançando-lhe uma olhadela de medo.

— E que palavras hei de empregar consigo? A senhora há de perdoar, mas parece-se com um rafeiro deitado no feno; não o quer comer nem consente que os outros o comam. Não obstante, eu já tencionava comprar-lhe diversos produtos agrícolas, pois também abasteço vários mercados da Coroa.

Este inofensivo embuste, sem intenção premeditada, obteve um inesperado êxito. Os mercados da Coroa produziram um grande efeito em Nastásia Petrovna que, já com voz suplicante, declarou:

— Para que está a enfadar-se? Se eu soubesse que era tão colérico, não o teria contrariado.

— Enfadar-me? Merece bem a pena! Todo o negócio não vale as quatro patas de um cão.

— Está feito o negócio! Cedo-lhos por quinze rublos-papel, mas o compadre não se há de esquecer de mim para os seus fornecimentos. Se precisa de farinha de centeio ou de milho, farinha de flor de trigo, ou carne da matança, peço-lhe que se lembre da minha casa.



— Certamente, boa senhora, certamente. — E dizendo isto, enxugou com a mão o suor que, em três fios, lhe corria pela cara.

Em seguida, perguntou à velha se não tinha na cidade algum correspondente a quem outorgasse poderes para assinar o contrato e tudo o mais.

— Como? — disse a senhora Koroboshka. — Tenho o filho do padre Cirilo, o arcipreste, que está empregado no arquivo.

Tchichikov pediu-lhe que escrevesse a autorização e, para evitar-lhe maçadas, ofereceu-se para ditar-lha.

Entretanto, a senhora Koroboshka pensava: «Se me comprasse para a Coroa a minha farinha e o meu gado, que bom negócio fazia! É preciso amansá-lo. Ainda ficou torta de ontem à noite. Vou dizer a Fetínia que nos faça umas tortas de frigideira e também uma de ovos. Ela prepara-as maravilhosamente e isto não leva muito tempo a fazer».

Enquanto a boa da proprietária ia pôr em ação o seu projeto e congeminava outras obras-primas de culinária, Tchichikov entrou no salão em que tinha pernoitado, a fim de tirar da sua maleta os papéis necessários. O compartimento estava arrumado, já sem o mole colchão, e via-se uma mesa em frente do sofá. Colocou sobre ela a maleta, e julgou oportuno descansar um momento, pois, desde a camisa até os coturnos, não tinha um fio enxuto.

— Em que estado me pôs a velha bruxa! — proferiu, depois de uns instantes de repouso. Abriu, então, a mala.

O autor está convencido de que encontrará leitores bastante curiosos que desejarão conhecer a distribuição interior deste estojo. Por que não fazer-lhes a vontade? No meio, uma caixa de sabão; por detrás, cinco ou seis bolsinhas para navalhas de barba; duas caixas

quadrangulares para o tinteiro e o arrieiro, separadas por um grande compartimento destinado às penas, paus de lacre e outros objetos oblongos; a seguir, toda a espécie de caixinhas com tampa ou sem ela, reservadas para objetos mais pequenos: cartões de visita, cartões de convite, bilhetes de teatro, dobrados e conservados como recordações. Toda esta parte se levantava e deixava ver um espaço cheio de folhas de papel. Havia, além disso, numa das paredes da maleta, uma algibeira secreta para o dinheiro. Abria-se e fechava-se tão rapidamente que não se podia saber ao certo a soma que continha.

Tchichikov limpou o bico da sua pena e lançou mãos à obra.

Nisto, apareceu a dona da casa.

— Tem uma mala muito bonita, compadre. Com certeza comprou-a em Moscovo.

— Em Moscovo — respondeu Tchichikov, sem deixar de escrever.

— Logo vi: aí fazem-se mais que formosos trabalhos. Há dois anos, a minha irmã trouxe de lá botas de agasalho para os meninos e ainda não se romperam. Ai, meu Deus! Tem papel selado? — acrescentou, depois de reparar no escritório ambulante, onde havia, com efeito, uma boa provisão. — Podia ceder-me uma folha? Quando tenho de fazer algum requerimento, não sei em que papel redigi-lo.

Tchichikov explicou-lhe que aquele papel, destinado a contratos, não servia para requerimentos; não obstante, para a sossegar, deu-lhe uma folha de um rublo. Redigida e assinada a procuração, pediu-lhe uma lista dos defuntos. A velha não possuía nenhuma nem tinha qualquer registo; mas sabia de cor todos os

nomes. Ele ordenou que lhos ditasse. Alguns deles surpreenderam-no e, mais ainda, certas alcunhas. Vacilava sempre antes de os escrever. Um certo Piotr Saveliev *Mete-os-pés-no-prato* despertou-lhe particularmente a atenção.

— Isto é um nunca acabar! — não pôde deixar de dizer.

Outro tinha por sobrenome *Ladrilho-de-vaca*; outro chamava-se simplesmente Ivan *a Roda*. Ao terminar o seu trabalho, aspirou o ar várias vezes e reconheceu o olor excitante da manteiga derretida.

— Dá-me o prazer de almoçar? — disse a senhora.

Tchichikov voltou-se e surpreendeu sobre a mesa um copioso repasto: cogumelos, torradas, ovos quentes, filhós, tortas, queijadinhas e toda a espécie de petiscos: cebolinhas em conserva, queijo branco, mariscos.

— Uma torta de ovos! — anunciou a senhora.

Tchichikov aproximou-se da torta e, depois de se ter servido de mais de metade, dignou-se achá-la muito a seu gosto. De facto a torta, já de si excelente, parecia ainda melhor depois de tanto trabalho.

— Umas tortinhas? — disse a amável velha.

Como única resposta, Tchichikov serviu-se de três, comeu-as bem remolhadas em manteiga derretida e limpou os beiços com os dedos.

Depois de ter repetido três vezes tal operação, pediu à senhora que mandasse preparar a caleche. Nastásia Petrovna transmitiu imediatamente esta ordem a Fetínia, recomendando-lhe que trouxesse ainda mais tortas, bem quentes.

— São deliciosas — declarou Tchichikov, atirando-se ao novo prato.

— Sim, não as fazemos mal; infelizmente, a farinha não é este ano o que deveria ser. Mas, que pressa tem o senhor? — continuou, vendo Tchichikov com o gorro já nas mãos. — O coche ainda não está pronto.

— Depressa estará. O meu cocheiro não é nada peço.

— Então, não se esquecerá de mim, nos seus fornecimentos?

— Fique descansada; fique descansada — disse Tchichikov, já quase na antessala.

— E o senhor não compraria também manteiga de porco fresca?

— Por que não? Mas isso depois.

— Tê-la-ei pelo Natal.

— Está bem. hei de comprar-lhe tudo, e manteiga também, na mesma ocasião.

— Pode ser que precise também de plumas? Tenho-as pela altura do Advento.

— Perfeitamente, perfeitamente.

— Vê, compadre? Ainda cá não está o seu coche — disse a proprietária, quando chegaram às escadas.

— Não deve tardar. Indique-me a senhora, enquanto esperamos, como hei de chegar à estrada.

— Não é fácil de explicar, há muitas travessas. Será melhor que o acompanhe uma rapariga. Há lugar para ela na boleia?

— Há.

— Então vou mandar uma que conhece o caminho. Mas não ma roube. Uns negociantes levaram-me já uma.

Tchichikov tranquilizou a senhora Koroboshka. Esta pôs-se a examinar o curral. Deitou um olhar para a governanta que trazia da

despensa uma tigela cheia de mel; dirigiu outro para um camponês que acabava de aparecer ao portão e, pouco a pouco, deixou-se absorver pelos pormenores da vida doméstica.

Mas para quê prendermo-nos tanto com uma Koroboshka? Senhora Koroboshka, senhora Manilov, vida doméstica, vida frívola. Deixemo-nos disso! Não é o mais impressionante que há no mundo. Muito tempo observados, os espetáculos mais alegres tornam-se tristes, e Deus sabe, então, as quimeras que passam pela nossa cabeça. Talvez até digais: «Vejam: é tão baixo o plano que esta Koroboshka ocupa na escala social? É tão profundo o abismo que a separa da sua irmã, inacessível dentro do seu palácio aristocrático, de sumptuosa escadaria de ferro forjado e onde predominam os bronzes, os tapetes e os móveis de acaju? A nobre dama boceja sobre um livro que nunca mais acaba de ler, esperando um visitante da boa sociedade, diante do qual poderá o seu espírito manifestar-se livremente e exprimir ideias já feitas. E estas ideias, na moda durante oito dias, não se referem aos seus negócios, comprometidos, aliás, por uma completa ignorância das realidades, mas ao golpe de Estado em França ou às últimas tendências do catolicismo do grande mundo». Mas deixemos isso! Deixemos isso!... Estas considerações a que vêm? E por que será que, em momentos de delicioso abandono, entra em nossa alma a tristeza? O riso gela-se em nossos lábios; enruga-se-nos a testa, e eis-nos, de súbito, diferentes dos nossos companheiros...

— Aí vem o coche! Aí vem o coche! — exclamou Tchichikov, vendo, por fim, chegar a caleche. — Onde diabo te meteste, bargante? Ainda não pudeste fermentar o teu vinho, com certeza.

Selifan não respondeu.

— Adeus, boa senhora! E essa rapariga?

— Eh, Pelágia! — disse a proprietária a uma rapariga de uns onze anos, que estava de pé junto da escadaria, com um vestido de pano grosseiro e exibindo as pernas nuas, cheias de lama, que, de longe, podiam dar a ideia de umas botas. — Pelágia, ensina o caminho ao senhor.

Selifan ajudou a rapariga a trepar, esta pôs um pé no estribo, mascarrando-o de lama; depois, encarrapitou-se na boleia e sentou-se ao lado do cocheiro. Logo a seguir, Tchichikov apoiou-se no estribo, fazendo inclinar a traquitana para a direita, pois era obeso, e refestelou-se, por fim, no carro, dizendo:

— Pronto, pronto, já está! Adeus, boa senhora!

Os cavalos lançaram-se a galope.

Durante todo o caminho, Selifan mostrou-se trombudo, mas muito atento às suas obrigações, como era costume, depois das tratantadas e borracheiras. Os cavalos estavam admiravelmente arreados. Uma das cabeçadas, até então sempre torcida e cujo coiro deixava assomar a estopa, tinha sido habilmente reparada. Desta vez, Selifan mantinha-se em silêncio e contentava-se com fazer estalar o chicote, sem dirigir aos cavalos qualquer admoestação. Não obstante, o *Picaço* teria de boa vontade dado ouvidos às suas costumadas observações, no decurso das quais as rédeas bamboavam nas mãos do eloquente boleeiro e o chicote só por cortesia lhe acariciava a garupa. Porém, desta vez, os taciturnos lábios de Selifan só deixavam escapar tristes exclamações monótonas. «Olha, olha! Eu ensino-te a bocejar!» Até o *Baio* e o Assessor se mostravam descontentes, não ouvindo os habituais: «Meus queridos! Meus meninos!» O *Picaço* sentia desagradáveis

mordeduras nas suas partes carnosas. «Que te aconteceu hoje?», murmurou para consigo, afitando as orelhas. «O bruto escolhe os sítios; não chicoteia os lombos, bate nas orelhas ou fustiga a barriga.»

— À direita? — perguntou secamente Selifan à rapariguita, indicando com o chicote um caminho varrido pela chuva, que ia perder-se entre os prados de um verde brilhante.

— Não, não, eu ensino-te — respondeu a pequena.

— Então, por onde? — replicou Selifan quando chegaram ao cruzamento.

— Por aqui — disse a rapariga estendendo o braço.

— Pois este é que é o lado direito — grunhiu Selifan. — Esta grande parva não sabe distinguir a direita da esquerda.

Embora o dia estivesse lindo, o chão encontrava-se de tal modo encharcado, que as rodas em breve foram guarnecidas de uma crosta de lama que emperrava o coche. Além disso, a terra era argilosa, em extremo aderente. Por ambas estas razões, os nossos viajantes não puderam deixar o caminho vicinal antes do meio dia. Sem a rapariga, não teriam saído nunca daquele andamento: os caminhos espalhavam-se por todos os lados, como os caranguejos ao sair do viveiro. Selifan esteve quase a perder-se novamente, sem que fosse, desta vez, por sua culpa. Por fim, a pequena, indicando com o braço uma obra distante, disse:

— Ali é que é a estrada.

— E aquele edifício que é?

— Uma taberna — disse ela.

— Bem, apeia-te agora. Já chegaremos, sozinhos, à estrada.

Refreou os cavalos e ajudou a rapariga a descer, murmurando entre dentes: «Olhem para a franginha!»

Tchichikov deu um oitavo à pequena, que, a correr, voltou ao redil, satisfeita por ter ido de coche.



## 4

Quando chegaram à taberna, Tchichikov mandou parar, por duas razões: os cavalos tinham necessidade de repouso e ele queria também reconfortar-se. O autor deve declarar que inveja muito o apetite e o estômago de tais pessoas. Não têm conta as personagens petersburguesas ou moscovitas que empregam o seu tempo elaborando a lista do que hão de comer dois dias mais tarde, e nada lhes agrada mais que a absorção de uma pílula antes de comer ostras, caranguejos e outros monstros, tendo depois de ir tomar águas de Carlsbad ou do Cáucaso. Não; estes senhores jamais excitam a inveja do autor. Mas a gente da nobreza média, que em primeiro lugar se serve de presunto; em segundo, de um leitão; em terceiro, de uma posta de esturjão ou de paio com alho, para depois, como se nada fora, se sentar à mesa a qualquer hora e devorar com ruidoso e contagioso apetite uma caldeirada de esturjão com lota e ovas, acompanhada de um pastelão de massa, essa gente é verdadeiramente digna de inveja e é favorecida pelo céu. Mais de uma personagem sacrificaria sem hesitar metade dos seus campónios, metade das suas terras, hipotecadas ou não, com todos os melhoramentos, ao russo ou ao estrangeiro, para possuir o estômago do senhor de mediana nobreza. Desgraçadamente, alguns capitais e algumas terras — com aperfeiçoamento ou sem ele — não tornariam possível esta aquisição.

A locanda, construída com troncos enegrecidos, acolheu Tchichikov debaixo do seu estreito e hospitaleiro pátio, sustentado por colunazinhas torcidas, semelhantes a antigos candelabros de

igreja. Era esta a habitual cabana russa, embora de maiores dimensões. Em volta das janelas, e debaixo dos beirais, cornijas de madeira branca, lavrada, destacavam-se no meio da negrura das paredes; tetos com flores davam uma nota de colorido às vidraças.

Tchichikov trepou pela estreita escada; chegou a um largo patamar, aparecendo-lhe em frente da porta, que se abriu chiando, uma velha comadre gorda, vestida de aparatoso percal.

— Por aqui, se faz favor! — disse a boa mulher.

Encontrou no compartimento a decoração do costume, nas modestas pousadas das estradas russas: um samovar desmaiado; paredes de tábuas acepilhadas; um aparador adornado com copos e bules; ovos de porcelana dourada pendentos de fitas azuis e vermelhas, diante das imagens; uma gata e sua recente cria; um espelho que refletia quatro olhos em vez de dois, e uma torta em lugar de uma cara. Enfim, colocados atrás das imagens, ramos de cravos e de ervas aromáticas, de tal maneira secos que se podiam cheirar sem dar um espirro.

— Terá, por acaso, leitão? — perguntou Tchichikov à comadre, especada diante dele.

— Tenho.

— Com rábanos e com nata?

— Com rábanos e com nata.

— Traga-mo.

Fungando, retirou-se a velha, mas voltou com um prato, uma toalha tão rija que se mantinha de pé como uma cortiça seca, uma pequena faca com um cabo de osso amarelado, um garfo de dois dentes e um saleiro que não se segurava a prumo.

O nosso herói, segundo o seu costume, entabulou conversa em seguida e dirigiu diversas perguntas à taberneira. Era dona ou arrendatária da pousada? Que rendimento dava ela? Vivia com os filhos? O mais velho era já casado? A mulher tinha levado bom dote? O sogro estava satisfeito? Não se aborrecera por ter recebido poucos presentes de noivado? Numa palavra, de nada se esqueceu. Perguntou, depois, pelos fidalgotes dos arredores; soube que se chamavam Blokin, Poshitaiev, Muilnoi, o coronel Sheprakov e Sobakevich.

— Ah! Tu conheces Sobakevich? — disse, tendo ficado a saber que a velha conhecia não só Sobakevich mas também Manilov, e que Manilov era muito mais enfatuado que Sobakevich: aquele entrava na pousada e pedia, de uma só vez, um frango, vitela, fígado de carneiro, se o havia; numa palavra, comia de tudo, entretanto que Sobakevich nunca pedia mais que um prato e ainda exigia, pelo mesmo preço, uma porção suplementar.

Enquanto assim conversava, devorando o leitão, que estava quase no fim, o ruído de um coche atravessou a janela. Uma caleche ligeira, de três cavalos, parava diante da escadaria. Dela desceram dois cavalheiros: um, alto, louro, com dólman azul-escuro; outro baixo, moreno, com uma simples capa às riscas. Ao longe, via-se uma carripa vazia, arrastada por quatro sendeiros peludos, com tirantes de corda e arreios desirmanados. O louro subiu imediatamente a escada, ao mesmo tempo que o moreno apalpava qualquer coisa no coche, falando com o criado e fazendo sinais ao cocheiro da carripa. Pareceu a Tchichikov reconhecer aquela voz. Enquanto o observava, o louro teve tempo de chegar até a porta e de a abrir. Era um sujeito de elevada estatura, de rosto magro ou,

melhor, chupado, com bigode vermelhusco, cuja cor chamuscada testemunhava o fumo do tabaco, se não o uso do rapé. Dirigiu um respeitoso cumprimento a Tchichikov, a que este imediatamente correspondeu.

Sem dúvida, teriam entabulado uma grande conversa, pois as cerimónias estavam postas de parte; os dois felicitavam-se ao mesmo tempo, porque a chuva, abatendo o pó dos caminhos, tornara agradável viajar pela fresca. Nesse momento, porém, o moreno entrou na sala e, atirando com o gorro ao chão, alisou com a mão a sua espessa cabeleira preta. Era um moço de mediana estatura, solidamente constituído, com as bochechas encarnadas, os dentes brancos como a neve e as patilhas negras como azeviche. A cara, de um tom branco-rosado, respirava saúde.

— Caramba! — exclamou, levantando os braços, ao ver Tchichikov. — Que feliz acaso!

Tchichikov reconheceu Nozdriov, o janota que tinha jantado com ele em casa do governador e que se pusera logo a tratá-lo por «tu», sem que houvesse o menor pretexto para tal familiaridade.

— De onde vens? — perguntou Nozdriov, que, sem esperar a resposta, continuou: — Eu, meu caro, venho da feira, onde perdi tudo ao jogo. Felicita-me: até hoje, nunca me tinha deixado depenar até esse ponto. Tive que alugar os cavalos de um camponês, para poder regressar. Olha pela janela. — E ele próprio fez inclinar tão bruscamente a cabeça de Tchichikov que, por pouco, dava com ela contra a umbreira. — Vê que lazarentos! Como tem custado aos malditos chegar até aqui! Vi-me obrigado a tomar o coche deste. — E indicou com o dedo o companheiro. — Não se conhecem? Meu cunhado Mijuiev. Temos vindo a falar de ti toda a manhã. «Verás,

dizia-lhe eu, como vamos encontrar Tchichikov». Ai, irmão, que prejuízo! Estou teso: os meus quatro trotadores, tudo o que levava comigo incluindo a minha corrente e o meu relógio...

Tchichikov, com uma olhadela, certificou-se de que Nozdriov não trazia, com efeito, nem corrente nem relógio; até uma das suas suíças lhe pareceu menos tufada que a outra.

— Com vinte rublos que me ficassem na algibeira, sim, vinte rublos, não era preciso mais, teria recuperado tudo e metido, dou-te a minha palavra de honra, trinta mil na carteira.

— Dizias o mesmo quando te emprestei cinquenta rublos — interrompeu o louro — e, afinal, perdeste-os todos.

— Porque fiz uma tremenda asneira; se eu, depois de falar, não jogo naquele maldito sete, teria levado a banca à glória.

— E, apesar disso, não a levaste — disse o louro.

— Não, porque marquei a carta um pouco tarde. Podes crer que o teu chefe não joga melhor que eu.

— Bem ou mal, o certo é que ele te depenou.

— Olha o milagre! — replicou Nozdriov. — Eu também o poderia depenar; mas que tente uma desforra e então veremos o batoteiro que ele é. Em compensação, querido Tchichikov, que grande animação nos primeiros dias! É preciso dizer que a feira esteve esplêndida; os próprios mercadores afirmam que nunca se tinha visto semelhante afluência. Tudo quanto trouxe de minha casa o vendi ao melhor preço. Ai, irmão, que entusiasmo! Ainda agora mesmo, quando penso... diabos me levem!... que pena tu não teres lá estado! Imagina que, a três *verstas* da cidade, acampava um regimento de dragões. Acreditas que todos os oficiais (uns quarenta, pelo menos) nos fizeram companhia? E entre eles estava um

camaradão, o capitão Potselniev, com uns bigodes assim, meu caro!... Sabes como ele chama ao vinho de Bordéus? Água-pé! «Olá, moço: traz-nos água-pé!» E o alferes Kuvshnikov, que lindo rapaz! Um pândego às direitas! Éramos inseparáveis. Que vinho nos serviu Ponomariov! Havemos de confessar que é um gatuno e que, ordinariamente, nada se pode comprar na sua tenda. Deita no vinho toda a espécie de drogas: madeira de sândalo, cortiça queimada e até baga de sabugueiro; porém, quando vai buscar à adega (o gabinete particular, como ele lhe chama) uma boa garrafa velha, então, querido, uma pessoa pode supor-se no empíreo. Tirou-nos de lá uma de champanhe, junto do qual o da vila não é mais que *kvass*, um certo *Cliquot martradoure*, como quem diz *Cliquot doble*. Depois, uma garrafa de vinho de França, chamado *bombom*. Que aroma, meu caro! Cheirava a reseda e a tudo o que possas imaginar. Aquilo é que foi uma paródia! Um príncipe, que chegou depois de nós, pediu champanhe... Não havia nem uma garrafa! Os oficiais tinham-nas emborcado todas. Acreditas que só eu, durante a ceia, bebi dezassete?

- Dezassete! Eras lá capaz disso! — observou o senhor louro.
- Palavra de honra! — insistiu Nozdriov.
- Digas o que disseres, desafio-te a que bebas só dez.
- Manténs a aposta?
- Para quê?
- Aposta a espingarda que compraste na cidade.
- Não quero.
- Aposta!
- Nunca.

— Fazes bem, pois podes estar certo de que ficarias sem a espingarda como sem o chapéu. Ai, Tchichikov, quanto eu lamento não teres estado connosco! Kuvshnikov e tu ficariam inseparáveis; ter-te-ias entendido muito bem com ele. É fresco também, como o procurador e todos esses farroupilhas da vila que vivem de expedientes. Este joga tudo o que tu queiras: banca, faraó, etc. Que te custava vir comigo, Tchichikov? Abandonas os teus amigos; pareces uma senhora. Beija-me, coração... Olha, Mijuiev: a sorte nos juntou. Que ele é meu? Que eu sou seu?... Ele chega, Deus sabe de onde; eu vivo aqui... Ai, que de carruagens havia na feira! E todas magníficas! Joguei na lotaria e ganhei dez potes de pomada, uma xícara de porcelana, uma guitarra; mas na segunda rodada perdi tudo, e seis rublos ainda por cima... Se soubesses que moço encantador é o tal Kuvshnikov! Percorri com ele quase todos os bailes. Havia uma senhora pomposamente vestida, com muitos enfeites, vidrilhos e outras coisas mais!... Eu pensava comigo: «Diabos me levem!» Mas o animal do Kuvshnikov sentou-se ao pé dela e pôs-se a dirigir-lhe em francês um lindo madrigal. Acredita-me, se quiseres! Não lhe causa nojo nem uma mulher do povo. A isso chama ele «colher o morango»... E que variedade de peixes, lombos de esturjão... verdadeiras maravilhas! Eu trouxe um; felizmente, tive a boa ideia de o comprar... antes de me terem depenado... Mas onde vais tu?

— A casa de alguém.

— Que vá para o diabo esse alguém! Vem para minha casa!

— Impossível, impossível; tenho de tratar de um assunto.

— Que assunto? És um pantomineiro!

— A sério, é um assunto e, por sinal, urgente.

— Aposto que mentes! Vejamos: vais a casa de quem?

— A casa de Sobakevich.

Ao ouvir estas palavras, apossou-se de Nozdriov um desses ataques de riso, cujo segredo é apenas conhecido dos rapazes alegres que se dobram desarticulando as queixadas e mostrando todos os dentes brancos como a neve, enquanto, a dois passos dali, no quarto próximo, o vizinho desperta sobressaltado e exclama, com os olhos fora das órbitas: «Que diabo de barulho é este?»

— Não vejo nisso motivo de risota — disse Tchichikov, aborrecido com aquelas gargalhadas.

Mas Nozdriov continuava a contorcer-se, enquanto murmurava:

— Por piedade! Por piedade, que eu rebento a rir!

— Nada encontro nisso que faça rir; prometi que iria vê-lo — continuou Tchichikov.

— Mas quando chegares a casa desse imbecil perderás a alegria de viver! Eu conheço o teu carácter; estás enganado se pensas lá encontrar jogo forte e boas garrafas. Vamos, meu caro: manda para o diabo Sobakevich! Vem comigo. Verás o meu peixe. Aquele velhaco de Ponomariov assegurou-me com muitos salamaleques: «Reservei-o para o senhor; pode correr toda a feira que não encontrará outro igual». Mas ele é um rematado patife. Disse-lho na cara: «Ouve: o arrendatário de aguardente e tu sois os maiores bandidos que eu conheço». O canalha limitou-se a rir, cofiando a barba. Kuvshinikov e eu almoçámos todos os dias em casa dele. Ah! Já me esquecia! Tenho uma coisa para te mostrar; mas previno-te que não ta darei nem por dez mil rublos. Olá, Porfírio! — gritou pela janela ao seu criado, que tinha uma faca numa das mãos e na outra uma posta de esturjão, que conseguira



furtar, rebuscando no carro. — Olá, Porfírio! Traz o animal! Vais ver que formosura de cão — prosseguiu Nozdriov, voltando-se para Tchichikov. — Não o comprei: roubei-o. O dono não queria desfazer-se dele por coisa nenhuma deste mundo. Ainda cheguei a oferecer-lhe a égua alazã que, como deves recordar-te, troquei com Jvostiriov.

Tchichikov não se lembrava nem de Jvostiriov nem da égua alazã.

— O senhor não deseja nada? — perguntou neste momento a velha, aproximando-se.

— Nada... Ah! Roubámo-lo, meu caro!... Sim, sim; bebo um copo... Que há para beber?

— Anisete — respondeu a velha.

— Pois venha lá o anisete!

— Traz-me também um copo! — disse o louro.

— No teatro, a estúpida de uma atriz cantava como um canário. «Eh, dizia Kuvshnikov, sentado ao pé de mim, é uma boa altura para a colheita dos morangos!...» Havia, calculo eu, mais de cinquenta barracas... Fenardi andou por lá a rondar quatro horas.

Neste momento Nozdriov dignou-se pegar no copinho das mãos da velha, que lhe agradeceu fazendo uma vénia.

— Ah, trá-lo; põe-no aí no chão! — exclamou, ao ver chegar Porfírio com o cachorro. Como o seu amo, o criado estava encafuado numa espécie de cafetão, apenas muito mais sujo. Pousou no chão o animal que, distendendo as quatro pernas, se pôs a cheirar o soalho.

— Vê que lindo cachorrinho! — disse Nozdriov, levantando pelo cachaço o animalejo, que soltou um ganido de dor. — Mas tu não

fizeste o que te disse! — acrescentou, dirigindo-se a Porfírio e observando a barriga do cão. — Não o penteaste.

— Sim, senhor, penteei.

— Então de onde vêm estas pulgas?

— Não sei. Do carro, certamente.

— Mentas! Mentas! Nem sequer pensaste em penteá-lo. E o pior ainda é que lhe pegaste as tuas, sem dúvida. Olha, Tchichikov, olha para estas orelhas; apalpa-as, faz favor.

— Para quê? Já estou a ver que é de boa raça — redarguiu Tchichikov.

— Não, não; apalpa-lhe as orelhas.

Para lhe fazer a vontade, Tchichikov apalpou as orelhas do cão e declarou:

— De facto, é um lindo animal.

— E que nariz mais fino! Toca-lhe e verás!

Para o não ofender, Tchichikov obedeceu.

— Um olfato soberbo!

— É um autêntico perdigueiro. Há já muito tempo que eu cobiçava um. Toma, Porfírio, leva-o!

Porfírio segurou o cão por baixo da barriga e levou-o para o carro.

— Ouve, Tchichikov — continuou Nozdriov — é preciso que venhas comigo. Moro a cinco *verstas* daqui. Estaremos em casa num abrir e fechar de olhos. Depois, se te apetecer, podes ir a casa de Sobakevich.

«Ao fim e ao cabo — pensou Tchichikov — não vejo inconveniente em ir para casa de Nozdriov. Tão bom é ele como os

outros e, além disso, está a perder ao jogo. Parece-me disposto a tudo, e alguma coisa aproveitaria da sua situação.»

— Está dito! — acedeu. — Porém, com uma condição: não me demorarás; o meu tempo é precioso.

— Ora até que enfim! Deixa que te beije, coração. — Nozdriov e Tchichikov beijaram-se. — Vamo-nos regalar; vamos fazer os três a viagem juntos.

— Não! — disse o louro. — Quanto a mim, despeço-me. Tenho pressa de regressar.

— Não sejas parvo, cunhado.

— Afianço-te; minha mulher ficaria aborrecida. Pede um lugar a este senhor no seu carro.

— Nunca! Não te deixo ir.

O louro pertencia à classe dos pseudo-autoritários. Apenas abrem a boca, as pessoas desta espécie estão dispostas a discutir. Nunca se acreditará que possam admitir uma ideia contrária à deles; tratar por idiota um homem de talento; impedir a passagem seja a quem for; porém, finalmente, admitem o que rejeitaram; julgam um néscio como homem de talento; obstam à passagem do primeiro que chega. Numa palavra: cortam bem, mas cosem mal.

— Tá, tá, tá! — continuou Nozdriov, atalhando secamente qualquer novo intento de objeção. Pegou no gorro do louro, enterrou-o na cabeça e arrastou-o atrás de si.

— E o anisete, senhor? — disse a velha.

— Ah, perfeitamente, perfeitamente, boa mulher! Queres pagar, cunhado? Não tenho nem um *copeque* na algibeira.

— Quanto devemos? — indagou o cunhado.

— Uma ridicularia, senhor; oitenta *copeques*, ao todo.

— Realmente! Dá-lhe cinquenta e chega muito bem.

— É muito pouco, senhor! — disse a velha, que, não obstante, aceitou o dinheiro com alegria e até correu a abrir-lhes a porta. Não perdia nada, porque pedia quatro vezes o preço da aguardente.

Os viajantes subiram para o carro. A caleche de Tchichikov ia ao lado da que ocupavam Nozdriov e o seu cunhado; deste modo, os três podiam conversar durante o trajeto. A traquitana de Nozdriov, puxada pelos sendeiros, seguia-os a distância. Nela viajavam Porfírio e o cão.

A conversa destas personagens oferecia escasso interesse. Mas não será mau dizer algumas palavras a respeito de Nozdriov, que talvez não desempenhe o último papel nesta novela.

O leitor já conhece decerto Nozdriov, pelo menos de vista. Semelhantes tipos não são raros. São os chamados bons rapazes e passam, na sua infância, por belos camaradas, o que, a cada passo, não os impede de serem espancados. O seu rosto exprime sempre a retidão e a coragem. Precipitam a amizade, tratam logo os outros por tu, parecem oferecer-nos toda a sua dedicação; sucede, porém, frequentemente que, à noite, implicam connosco no decorrer de uma ceia amigável. São charlatães, intriguistas, presunçosos e brigões. Aos trinta e cinco anos, Nozdriov continuava a ser o mesmo dos dezoito ou vinte: um não-te-rales. O casamento não o transformara, tanto mais que sua mulher depressa se fora deste para o outro mundo, deixando-lhe dois filhinhos com os quais ele não se preocupava. Uma rabugenta criada olhava por eles. Nozdriov não podia passar mais que um dia em casa. O seu faro adivinhava a dezenas de *verstas* as feiras, os bailes, as reuniões, e a eles se atirava, discutia, berrava em torno do pano verde, pois, como todos

os da sua laia, adorava as cartas. O seu jogo não era muito correto: já o vimos no primeiro capítulo: gostava de corrigir os azares da sorte e conhecia várias trapaças. Com frequência a partida acabava por uma desordem; agrediam-no a pontapés; esbofeteavam-no; puxavam-lhe pelas espessas suíças e ele voltava para casa apenas com uma, num estado lastimoso. Porém, era tal o vigor das suas robustas faces, que as suíças logo renasciam mais cerradas que dantes. E o mais estranho, o que só é possível na Rússia, é que, em seguida, como se nada tivesse acontecido, tornava a reunir-se aos amigos que o haviam esmurrado.

Nozdriov era, de certo modo, uma personagem histórica: onde quer que se encontrasse, acontecia-lhe sempre qualquer coisa: ou o expulsavam os guardas ou, com bons modos, os seus amigos o punham fora da porta. À parte estes lances extremos, conhecia aventuras que não sucediam com outras pessoas; emborrachava-se até não fazer mais do que rir; alardeava tantas fanfarronadas, que ele próprio acabava por se envergonhar. Mentia sem necessidade alguma; sem qualquer motivo, pretendia ter um cavalo cor de rosa ou azul celeste e soltava tantas parlapatices, que os seus ouvintes se afastavam murmurando: «Este conta-as boas!» Certas pessoas sentem necessidade de pregar partidas ao seu próximo, a cada passo, sem razão alguma. Um cavalheiro altamente colocado, dos mais representativos, com uma condecoração ao peito, aperta-nos a mão e mantém elevadas discussões, para imediatamente nos dirigir uma grosseria, mais digna de um pobre escrevente que de uma personagem que ostenta condecorações e sustenta conversas substanciosas. Ficais atónitos e acabais por encolher os ombros. Quanto mais sois amigos deles, mais partidas vos pregam. Urdem a

respeito de vós as mais grosseiras intrigas; escangalham-vos um casamento, um negócio, sem se julgarem por isto vossos inimigos. Pelo contrário: se vos encontram em seguida apressam-se a dizer: «Ah, velhaco! Por que não tens aparecido»!

Nozdriov era um verdadeiro factótum. Propunha-vos a ir a qualquer parte, ainda que fosse ao cabo do mundo; a lançar-vos em qualquer empreendimento; a trocar fosse o que fosse pelo que desejásseis. Espingarda, cachorro, cavalo, tudo representava objeto de troca, sem a menor ideia de lucro. A sua versatilidade era infatigável. Se tinha a sorte de cair numa feira sobre um ingénuo qualquer, depenava-o ao jogo, gastava até o último *copeque* dos lucros nas tendas, comprando quanto via. Arneses, pastilhas, chales para ama, um garanhão, uvas passas de Corinto, uma bacia de prata, tecidos da Holanda, flor de farinha, botas, louça de porcelana... Raras vezes levava para casa o que comprava: com frequência tornava a perdê-lo no mesmo dia com outro jogador mais afortunado, e ainda por cima dava a sua tabaqueira e o seu cachimbo e, no dia seguinte, os seus quatro trotadores, mais o carro e o cocheiro. Então, ficando apenas com um simples cafetão curto, corria em busca de um amigo que lhe desse um lugar na sua carruagem.

Assim era Nozdriov. O leitor talvez ache muito estranho este carácter, e dirá que não existe ninguém parecido com ele. Pois engana-se redondamente. Os Nozdriov não desaparecerão tão depressa. Existem muitos deles, entre nós, mas, como certamente trocaram a vestimenta, os espíritos superficiais não os conhecem.

Entretanto, os três veículos chegavam em frente da escada de Nozdriov. A casa não manifestava quaisquer preparativos de receção.

Empoleirados num andaime, no meio de um corredor, dois operários caiavam as paredes, cantarolando uma interminável canção. O chão estava salpicado de cal. Nozdriov mandou logo os estucadores e o seu andaime para outra parte, e passou ao compartimento imediato, a fim de dar as suas ordens. Os convidados ouviram-no indicar os petiscos ao cozinheiro. Tchichikov, que sentia apetite, compreendeu imediatamente que se não sentariam à mesa antes das cinco. Nozdriov, voltando em seguida, levou os seus hóspedes a dar uma volta pela propriedade. Ao fim de duas horas já não havia mais nada que mostrar-lhes.

Primeiro, pararam nas cavalariças, onde viram dois jumentos arruçados e um alazão, assim como um garanhão baio, de lastimosa aparência, que Nozdriov pretendia ter comprado por dez mil rublos.

— Dez mil rublos! — objetou o cunhado. — Palavra de honra que não vale nem mil!

— Pois juro-te que paguei por ele dez mil rublos — insistiu Nozdriov.

— Podes jurar pelo que quiseres — tornou o cunhado.

— Queres apostar alguma coisa? — propôs Nozdriov.

O cunhado recusou-se.

Depois, Nozdriov mostrou-lhes cocheiras vazias que, segundo ele, tinham abrigado formosos cavalos. Viram também um bode, animal que uma velha crendice popular julga indispensável onde há criação. Em boas relações com os cavalos, passava-lhes por baixo da barriga e sentia-se ali como em sua casa. Em seguida, Nozdriov levou-os a ver um lobacho preso a uma corrente.

— Isto é um lobacho! — disse. — É exclusivamente sustentado a carne crua; quero fazer dele uma verdadeira fera.

Foram ver o lago. No dizer de Nozdriov, continha peixes tão grandes, que a dois homens era difícil levantar um, facto de que o cunhado se permitiu duvidar.

— Ouve, Tchichikov — disse Nozdriov — vou mostrar-te uma parilha de cães; têm o focinho afilado como uma agulha e a força das suas pernas é, na verdade, surpreendente.

Levou-os até uma encantadora casota, rodeada por um grande pátio cercado por todos os lados. Naquele recinto viram lebréus de todas as pelagens, compridas, curtas, avermelhadas, manchadas de prêto, castanhas, vermelhas, tejobo, borra de vinho, negro com manchas amareladas — e que tinham os mais diversos nomes: *Espadachim, Alvorocero, Salteador, Arrogante, Brilhante, Relâmpago, Encarnicado, Sem Vergonha, Endiabrado, Malandro, Impetuoso, Andorinha...* Nozdriov parecia, entre eles, um pai no meio dos filhos. Todos eles erguendo a cauda — o *lâtego*, como dizem os nossos entusiastas de cães — vieram ao encontro dos visitantes. Uma dezena deles puseram as patas nos ombros de Nozdriov. *Alvorocero* deu a mesma prova de amizade a Tchichikov: levantando-se imediatamente nas patas traseiras, lambeu-lhe a boca, obrigando-o a cuspir. Foram examinando os cães notáveis pela potência das suas patas; eram, com efeito, formosos animais. Depois, observaram uma cadela da Crimeia, já cega e que, segundo Nozdriov, em breve rebentaria, se bem que ainda há dois anos fosse um lindo animal. Examinaram-na: efetivamente estava cega.

Foram então até o moinho, a que faltava a peça que segura a mó superior, a mó que rapidamente gira — revoluteia, dizem com muita propriedade os nossos mujiques — em volta do tronco.

— Vamos agora até a forja — disse Nozdriov.



Pouco depois, com efeito, deparou-se-lhes a forja e igualmente a visitaram.

— Nesse campo — disse Nozdriov, designando um trato de terreno — há tantas lebres que mal se pode ver o chão. Uma vez, agarrei uma pelas patas traseiras.

— Nunca apanhaste uma lebre à mão! — objetou o cunhado.

— Isso é que apanhei — respondeu Nozdriov. — E agora — acrescentou, dirigindo-se a Tchichikov — vou mostrar-te o limite das minhas terras.

Nozdriov levou os convidados através de um terreno muito irregular, por onde se tinha que abrir passagem entre as lavouras e os alqueives. Tchichikov começou a sentir-se fatigado. Em muitos sítios, a água brotava debaixo dos pés dos caminantes, tão fundo era o nível do solo. Precaveram-se, avançando cautelosamente, mas, vendo que isto de nada lhes servia, continuaram para a frente, sem se preocupar com o terreno encharcado. Depois de uma caminhada bastante longa, chegaram, com efeito, ao termo da propriedade: um marco de madeira e uma estreita vala.

— Eis a minha fronteira! — disse Nozdriov. — Tudo o que vês deste lado é pertença minha e, ainda para além do marco, aquele bosque azulado lá ao longe, e tudo o que fica por detrás dele, também é meu.

— Desde quando é que o bosque é teu? — perguntou o cunhado. — Tê-lo-ias comprado recentemente?

— Sim — respondeu Nozdriov.

— Quando?

— Anteontem; por sinal, que o paguei bem caro.

— Mas tu estavas na feira...

— E que tem uma coisa com a outra? Não se pode estar na feira e ao mesmo tempo comprar-se um terreno? Sim, eu estava na feira e na, mesma ocasião, o meu feitor comprava por mim.

— Ah, se foi o teu feitor... — admitiu o cunhado, abanando a cabeça com ar de dúvida.

Os caminhantes regressaram pelo mesmo caminho. Nozdriov levou-os ao seu escritório, vazio de todas as coisas próprias destes compartimentos. Não se viam nem livros nem papel, mas unicamente sabres e duas espingardas; uma de trezentos, outra de oitocentos rublos. Depois de um exame, o cunhado limitou-se a mover a cabeça. Em seguida, Nozdriov exibiu dois punhais turcos, um dos quais tinha esculpido, por engano: *Senhor Caveli Serebriakov*. Chamou a atenção para uma pequena caixa de música de Barbaria, cuja manivela foi posta a girar em sua honra. A partitura era bastante agradável; porém, o mecanismo parecia escangalhado. «Mambro vai para a guerra» acabava numa mazurca, ao passo que uma valsa muito conhecida acabava o «Mambro vai para a guerra». Havia já muito tempo que Nozdriov deixara de tocar e continuava ainda a ressoar certo infatigável tubo. O som prolongou-se durante alguns minutos. Então, Nozdriov apresentou-lhe os seus cachimbos de madeira, de barro, de mármore; outros novos ou consertados, com estojos de camurça ou sem eles. Um grande, turco, com boquilha de âmbar, que ele ganhara recentemente a jogar as cartas; uma tabaqueira bordada por certa condessa que se havia enamorado dele numa tavolagem e que possuía, segundo ele afirmava, duas mãos do mais esquisito *superflu*, palavra que, sem dúvida, exprimia em seu entender o cúmulo da perfeição.

Depois de terem comido uns bocados de esturjão, às cinco sentaram-se à mesa.

A boa mesa não parecia ter para Nozdriov uma grande importância; certos pitéus estavam queimados; outros meios crus. Via-se que o cozinheiro obedecia em tudo à sua inspiração e lançava à panela o que lhe vinha às mãos: pimenta, couves, leite, presunto, ervilhas; o essencial era que estivesse quente: o sabor não tinha para ele grande interesse. Em compensação, Nozdriov manifestava um cuidado especial com os vinhos. Ainda não se havia servido o cozido e já oferecia aos seus convidados um grande copo de Porto e outro do Alto-Sauternes. O vinho de consumo é desconhecido nas nossas províncias. Fez servir uma garrafa de Madeira «como nunca o bebera marechal algum». O Madeira queimava a goela. Conhecendo as predileções dos nossos fidalgotes, os comerciantes têm o cuidado de misturar este vinho com rum e, às vezes, até com aguardente, convencidos que os estômagos russos tudo aguentam. Depois, pediu uma garrafa de um vinho especial a que deu o nome de «bourguignon-champagnon», beberagem que, segundo ele, tinha o aroma dos dois vinhos. Serviu os seus convidados com prodigalidade; ele, porém, bebeu-o com parcimónia. Tchichikov ficou logo desconfiado. Deixando que Nozdriov discutisse com o cunhado e o obsequiasse, aproveitava a ocasião para despejar no seu prato o conteúdo do copo. Em breve, serviram aguardente de sorvas que lembrava o sabor da cereja a ponto de se confundir com ele; mas que, com profundo assombro dos convidados, se revelou um forte laxante. Provou-se a seguir um «bálsamo», de nome tanto mais difícil de se reter, quanto é certo o anfitrião lhe atribuir vários.

A refeição tinha acabado, as garrafas estavam vazias; mas os comensais não se resolviam a levantar-se da mesa. Por nada do mundo Tchichikov abordaria na presença do cunhado de Nozdriov o negócio que trazia na cabeça. Este assunto exigia segredo e intimidade. Além disso, a boa criatura estava incapaz de perceber fosse o que fosse: embriagado conscienciosamente, permanecia enterrado na sua cadeira, balançando a cabeça. Percebendo, afinal, o seu lastimoso estado, começou a apresentar as suas despedidas, com uma voz meiga, pastosa. Segundo a expressão russa, parecia servir-se de pinças para pôr o cabresto a um cavalo.

— Não te deixo ir! — declarou Nozdriov.

— Não, não, meu amigo: consente que me despeça — insistiu o cunhado — não tens o direito de mo impedir.

— Basta de cantigas! Vamos jogar uma partidita.

— Joga-a tu só, irmão; minha mulher espera-me. Quero dar-lhe notícias da feira; uma vez por outra, é preciso agradecer-lhe. Não me detenhas.

— Manda-a à...! Que coisa importante tens a tratar com ela?

— Não, meus irmãos, não, é uma fiel e respeitável companheira. Presta-me tais serviços que, acreditem, enchem-se-me os olhos de lágrimas, só de o pensar. Não, deixem-me ir embora; à fé de homem que vou para junto dela.

— Deixa-o ir! — cochichou Tchichikov a Nozdriov. — Que poderíamos conseguir dele?

— Dizes bem! — aprovou Nozdriov. — Embirro com estes maridos sempre agarrados às saias das mulheres. Vai, e que te leve o diabo! Vai segurar as tranças da mulher, palerma!

— Não, irmão, não me chames palerma! — replicou Mijuiév. — Devo-lhe a vida. É uma mulher tão boa, tão meiga, tão carinhosa! Comove-me até me fazer chorar. Perguntar-me-á o que eu vi na feira e será preciso contar-lhe. É tão agradável!

— Bem, bem; vai-lhe contar tudo! Aqui tens o teu gorro.

— Não, irmão; não debes falar-me assim; ofendes-me, bem sabes... É tão agradável!...

— Então, vai ter com ela depressa!

— Já vou, irmão; perdoa, mas não posso ficar; bem queria estar mais tempo contigo, mas é impossível.

O cunhado continuou durante algum tempo a falar, sem notar que já estava no carro e não tinha diante dele senão a imensidade dos campos. Naquele dia, sua mulher soube poucos pormenores da feira.

— Que pateta alegre! — declarou Nozdriov, olhando pela janela o carro, já a afastar-se a trote largo. — A caleche não é má: há tempo que ando com o olho nela; mas é impossível fazer contratos com aquele parvo...

Entretanto, Porfírio trouxe velas e Tchichikov viu nas mãos do seu anfitrião um baralho de cartas.

— Vamos, querido — disse Nozdriov —; para passar um bocado de tempo, faço uma banca de trezentos rublos.

As cartas, cujas extremidades apertava com os dedos, dobraram-se e uma delas saltou do baralho.

Porém, Tchichikov fingiu não ter ouvido, e disse, como se de repente lhe ocorresse uma ideia:

— Ah, sim! É verdade: quero pedir-te um favor.

— Que é?

— Jura primeiro que mo farás.  
— Mas de que se trata?  
— Jura, primeiro.  
— Seja!  
— Palavra de honra?  
— Palavra de honra.  
— Pois bem. Parece-me que muitos camponeses já mortos constam ainda das tuas listas de recenseamento.  
— Sim; e depois?  
— Cede-mos.  
— E para que os queres?  
— Preciso deles.  
— Para quê?  
— Isso é cá comigo. Digo-te só que preciso deles.  
— Estás a tramar alguma. Confessa.  
— Nada. Que proveito posso tirar de semelhantes ridicularias?  
— Mas, nesse caso, para que os pretendes?  
— Vejam o curioso! Quer saber tudo e em tudo quer meter o nariz.  
— Ah! Fazes caixinha? Pois fica sabendo que nada farei, enquanto não me explicares os teus projetos.  
— Não adiantarás muito quando o souberes! É um capricho meu. E tu não procedes honradamente; dás-me a tua palavra de honra para a retirares em seguida.  
— Será tudo o que quiseres; mas nada resolverei enquanto não me falares com franqueza.  
«Que poderei dizer-lhe?», pensou Tchichikov. Porém, depois de refletir um momento, declarou que precisava de almas mortas para

alcançar importância na sociedade. Como não possuía grandes herdades, essas almas constituiriam a sua fortuna até que viessem melhores tempos.

— Mentos, mentos! — interrompeu Nozdriov.

Tchichikov confessou que, realmente, o pretexto alegado era pouco convincente.

— Bem — continuou — vou dizer-te a verdade, mas, por favor, não vás dar com a língua nos dentes. Meteu-se-me na cabeça casar; porém, os pais de minha noiva têm grandes pretensões. Que poderia eu fazer em tal emergência? Exigem que o noivo tenha trezentas almas e, como me falta mais de metade...

— Mentos, mentos! — exclamou de novo Nozdriov.

— Nem tanto como isto! — afirmou Tchichikov, designando com o polegar a ponta do dedo mendinho.

— Aposto a minha cabeça como estás a mentir!

— Isto já é insuportável! Por quem me tomas tu? Pelos vistos, não faço mais que mentir.

— É que já te conheço, meu pau de laranjeira! És um grande farsante, permite que to diga amigavelmente. Se eu fosse teu chefe, pendurava-te na primeira árvore que encontrasse.

Tchichikov sentiu-se ofendido. Qualquer expressão um tanto grosseira ou malsonante lhe desagradava. Era avesso a intimidades; só as aceitava dos grandes senhores. Estava sinceramente vexado.

— Palavra de honra que te pendurava! — repetiu Nozdriov. — Não leves a mal. Falo-te com toda a franqueza, como amigo.

— Olha que tudo tem limites — declarou Tchichikov, com muita dignidade. — Se queres pavonear-te com semelhantes dichotes, vai

frequentar o corpo da guarda. Se não queres oferecer-me as tuas almas mortas, vende-mas — acrescentou, depois de uma pausa.

— Vendê-las, a ti! Mas eu conheço-te, canalha; não me darias por elas grande coisa.

— Isso agora já é outro falar. Julgas que valem ouro em pó?

— Pronto! Já cá se sabia!

— Não tens vergonha de parecer um judeu? Com franqueza, devias oferecer-mas.

— Ouve, vou provar-te que não sou um avarento. Compra-me o ganhão em vez das almas.

— E que queres que eu faça do ganhão? — exclamou Tchichikov, desorientado com semelhante proposta.

— Paguei por ele dez mil rublos e dou-to por quatro mil.

— E depois? Como sabes, não tenho éguas.

— Ora, espera. Não me darás agora senão três mil rublos e depois dás o resto.

— Mas se eu te digo que não preciso dele para nada...

— Então compra-me a jumenta alazã.

— Para quê?

— Pela jumenta e pelo cavalo picaço que te mostrei, só te peço dois mil rublos.

— Mas se eu não tenho necessidade alguma de cavalos!

— Vende-los na primeira feira e dar-te-ão o triplo.

— Se assim é, vende-os tu. Terás desse modo um lucro certo.

— Bem sei, mas queria que tu aproveitasses.

Tchichikov agradeceu ao seu hospedeiro os bons desejos de lhe ser prestável; recusou, porém, categoricamente o cavalo e a jumenta alazã.



— Então compra-me cães. Cedo-te um par que te há de saber a galinha: barbas compridas, pelo erigado; uma inverosímil curvatura de lombo, patas recolhidas que pisam o chão sem deixar pegadas.

— E que faria eu com os teus cães? Não sou caçador.

— Queria que passasses a ser o dono de alguns. Mas, já que não queres, compra-me a caixa de música.

— Para que a quero eu? Não sou nenhum desses alemães que vão mendigando pelos caminhos, dando voltas à manivela.

— A minha caixa de música não se parece com as dos mendigos alemães; é toda de acaju; espera: quero mostrar-ta outra vez. Examina-a bem!

Nozdriov tomou Tchichikov pelo braço e obrigou-o, apesar dos seus protestos, a ouvir uma vez mais «Mambro foi para a guerra».

— Se não a queres comprar — acrescentou — ouve bem a minha proposta: cedo-ta com todas as minhas almas mortas em troca da tua sege; mas dar-me-ás de volta trezentos rublos.

— Não me faltava mais nada! E como havia de ir embora?

— Dar-te-ei outro carro. Vem ao telheiro que eu mostro-to. Depois de pintado, ficará uma beleza.

«Decididamente, tem o mafarrico no corpo!», pensou Tchichikov, disposto a recusar todos os carros, todas as caixas de música e também todos os cães, apesar das suas patas recolhidas e da curvatura das suas costelas.

— Está o negócio fechado. Cedo-te o carro, a caixa de música e as almas mortas.

— Não quero — declarou Tchichikov.

— Mas porquê?

— Porque não os quero, pronto!

— Como és esquisito! Tu, decididamente, ignoras o procedimento em uso entre bons camaradas. Agora vejo que não és sincero.

— Tomas-me por um imbecil? Não obstante, querias que eu comprasse um objeto perfeitamente inútil para mim.

— Não digas mais; agora já te conheço. És um patifório. Ouve lá, vamos jogar. Arrisco os meus defuntos e, além disso, a caixa de música.

— Não quero arriscar coisa nenhuma — disse Tchichikov olhando para as cartas que Nozdriov tinha na mão, as quais lhe pareceram mais que suspeitas.

— Que é que arriskas? Com sorte, podes ganhar centenas e milhares de rublos. Olha! Aí tens! Estás com sorte! — disse, começando a talhar para entusiasmar o parceiro. — E que sorte! Eis o maldito nove que me deixou *teso*. Estava a ver que me falhava; porém, com os olhos fechados, pus-lhe o dinheiro em cima dizendo para mim próprio: «Com mil diabos! Vende-me, atraíçoa-me, maldito!»

Durante este discurso, Porfírio trouxe uma garrafa; mas Tchichikov negou-se a beber como se negara a jogar.

— Bem; mas por que não queres jogar? — disse Nozdriov.

— Porque não tenho vontade. Além disso, falando francamente, não sou apaixonado pelo jogo.

— Mas porquê?

— Porque... — E calou-se, encolhendo os ombros.

— És uma besta!

— Que queres? Nasci assim!

— Bandalho! Pantomineiro. Supunha-te um homem correto, mas não sabes onde tens a cara. É impossível tratar-te como amigo: falta-te a franqueza; não tens impulsos generosos. És um tipo consumado de gatuno; um outro Sobakevich...

— Para que estás a injuriar-me? Tenho culpa de não saber jogar? Vende-me só as almas, já que tanta importância ligas a esse tesouro.

— Espera lá por elas! Pensava em dar-tas; mas agora mudei de ideias! Podes oferecer-me três reinos, que não tas cederei. És um pedante, um bandido. Contigo não quero negócios. Porfírio, vai dizer ao rapaz da cavalaria que não dê aveia aos cavalos deste senhor; que se contentem com palha.

Estas palavras desconcertaram Tchichikov.

— Bem melhor fora que nunca me tivesses aparecido! — terminou Nozdriov.

Apesar desta alteração, os dois homens cearam juntos; mas durante o repasto não se serviu qualquer bebida de nomes complicados. Na mesa só havia uma garrafa de água-pé, pomposamente batizada «vinho de *Chipre*». Depois de cear, Nozdriov levou Tchichikov a um gabinete onde se tinha armado uma cama.

— Este é o teu quarto — disse — mas não quero dar-te as boas noites.

Quando o seu hospedeiro se afastou, Tchichikov sentiu-se mal humorado. Lamentava o mau emprego do seu tempo. Talvez não devesse ter aceitado o convite de Nozdriov e ainda menos ter-lhe falado das almas mortas. Procedera com a irreflexão de uma criança, como um parvo, ao confiar a um homem como aquele um assunto

tão delicado. Um patife assim era capaz de mexericar, de espalhar, de avolumar qualquer intriga. «Imbecil, imbecil», injuriava-se Tchichikov. Dormiu mal durante toda a noite. Uns insetos agressivos morderam-no cruelmente. Coçava a parte dorida, resmungando: «Que vos leve o diabo, a vós e ao vosso Nozdriov»!

Acordando muito cedo, calçou as botas e envergou o roupão. Em seguida, dirigiu-se ao pátio e ordenou a Selifan que imediatamente engatasse os cavalos. Ao voltar-se, encontrou Nozdriov, de roupão e com o cachimbo entre os dentes, o qual amistosamente lhe deu os bons dias.

— Dormiste bem? — informou-se.

— Assim, assim — respondeu secamente Tchichikov.

— Pois eu, velho irmão, depois da bebedeira de ontem, fiquei magoado até as pontas dos cabelos. Toda a noite batalhei com um pesadelo tão infame que até me dá raiva contá-lo. Calcula que me estavam a espancar! E quem julgas tu? Não adivinhas. O capitão Potselaniev e Kuvshnikov!

«É pena que não fosse verdade!», disse Tchichikov consigo.

— Palavra de honra! E batiam a valer! Ao despertar, senti umas picadas... As malditas pulgas com certeza! Mas anda, veste-te depressa. Virei já ter contigo; é só o tempo de encontrar o canalha do meu feitor.

Feita a *toilette*, Tchichikov dirigiu-se para a sala de jantar. Já estava servido o chá, acompanhado de uma garrafa de licor. A sala ainda conservava vestígios da festa do dia antecedente. Nenhuma vassoura tinha varrido o soalho, coberto de migalhas. A toalha da mesa estava cheia de cinza. Não tardou que se apresentasse o dono da casa, deixando ver, debaixo do roupão, o peito peludo. De

cachimbo na mão e a xícara nos lábios, teria sido o encanto desses pintores que detestam as pessoas muito penteadas e delambidas, como manequins de cabeleireiro.

— Bem — disse Nozdriov, depois de alguns instantes — ainda não queres jogar as almas?

— Já te disse, meu caro, que não jogo; mas quero comprá-las.

— E eu não tas quero vender. Isso não se faz entre amigos.

Vamos arranjar uma banca.

— Já te disse que não.

— Então, uma troca.

— Também não.

— Joguemos uma partida de damas. Se ganhares, as almas pertencem-te. Tenho uma porção delas para encher as folhas do recenseamento. Porfírio, traz o tabuleiro!

— É escusado; não jogo.

— Mas aqui não se trata de jogo de azar! Nas damas não há sorte nem habilidade que valham; é um jogo de cálculo. E, por sinal, que mal as sei jogar. Tens que dar-me algumas pedras de partido.

«Bah!», pensou Tchichikov. «Porque não hei de aceitar? Em tempos joguei bem as damas, e neste jogo não se pode fazer batota.»

— Seja, para te fazer a vontade; aceito uma partida de damas.

— Valeu, as almas contra cem rublos?

— Cem rublos? Cinquenta chegam bem.

— Cinquenta não é nada! Prefiro acrescentar às almas um cão de mediana qualidade ou um medalhão de ouro, para tudo valer o que disse.

— Seja! — aceitou Tchichikov.

— Quantas pedras levo de partido? — perguntou Nozdriov.

— Nenhuma! Não faltava mais nada!

— Dá-me, ao menos, o avanço de duas, para começar.

— Nunca! Eu jogo mal.

— Já sei que jogas mal! — disse Nozdriov adiantando uma pedra.

— Há anos que não jogo isto! — continuou Tchichikov, fazendo o mesmo.

— Vou já ver se jogas mal! — repetiu Nozdriov, adiantando uma terceira enquanto empurrava outra com a manga do casaco.

— Há muito tempo que nem as vejo... Eh, amigo! De onde vem essa pedra?

— Que pedra?

— Esta — disse Tchichikov, vendo, junto do seu nariz, outra pedra prestes a converter-se em dama. — Deus sabe de onde teria saído! Não! — continuou. — É impossível jogar-se contigo! Avanças com três pedras de cada vez.

— Três pedras? Como estás enganado! Mudei esta por distração, mas ponho-a outra vez no seu lugar.

— E esta, como se encontra aqui?

— Qual?

— Esta, que vai a dama.

— Como? Então não te lembras?

— Sim, meu caro, lembro-me muito bem; contei as jogadas. Esta pedra acabas tu de a mudar; o seu verdadeiro lugar é este.

— Como, o seu verdadeiro lugar? — exclamou Nozdriov fazendo-se encarnado. — Pelo que vejo, tens umas fantasias muito engraçadas.

— Fala por ti, meu caro.

— Julgas-me trapaceiro?

— Não te julgo nada; mas doravante não jogarei mais contigo.

— A partida está começada — disse Nozdriov — e temos que terminá-la. Não tens direito de recusar.

— Tenho, sim, senhor, uma vez que não jogas como um homem correto.

— Que te atreves a dizer, mentiroso?

— Mentiroso és tu!

— Não fiz batota e, portanto, não te podes negar a acabar a partida.

— Não poderás obrigar-me a isso — declarou firmemente Tchichikov, misturando as pedras.

Nozdriov, furioso, aproximou-se tanto de seu contendor que este retrocedeu dois passos.

— Obrigar-te-ei a jogar! Pouco importa que tenhas misturado as pedras. Recordo-me perfeitamente das jogadas. Tornaremos a colocar as pedras nos seus lugares.

— Não, meu caro, é inútil. Não jogarei mais contigo.

— Não queres jogar mais?

— Tu mesmo compreendes que não se pode jogar contigo.

— Fala claro! Não queres jogar mais? — acrescentou Nozdriov, chegando-se cada vez mais a Tchichikov.

— Não, não quero! — decidiu este, protegendo o rosto instintivamente, pois a discussão acalorava-se. Esta precaução não era desnecessária: o braço de Nozdriov, descrevendo um grande arco, podia muito bem ter marcado uma das faces do nosso herói

com uma inapagável mancha. Mas Tchichikov, aparando o golpe, agarrou o braço agressivo.

— Porfírio! Pavlanshka! — ululou Nozdriov, louco de raiva, procurando soltar-se.

Ao ouvir estas palavras, Tchichikov, não desejando que os criados fossem testemunhas de uma cena escandalosa e compreendendo a inutilidade de subjugar Nozdriov, largou-o. No mesmo instante acudiu Porfírio, seguido de Pavlanshka, robusto mocetão com quem não seria prudente medir forças.

— Decididamente, não queres terminar a partida? — perguntou Nozdriov. — Responde com franqueza!

— É impossível — disse Tchichikov, olhando pela janela. Viu o seu carro atrelado, só esperando Selifan um gesto para se aproximar da escada; mas os dois corpulentos lacaios barravam a saída.

— Pela última vez, não queres acabar a partida? — repetiu Nozdriov, congestionado.

— Se tu jogasses corretamente... Mas assim, não posso.

— Ah, não podes, bandido! Vês-te perdido e agora não queres jogar! Deem-lhe para baixo! — gritou o energúmeno, pegando numa pesada moca de cerejeira brava em forma de cachimbo.

Tchichikov, pálido como a cera, quis falar; mas seus lábios mexiam-se, sem emitir qualquer som.

— Deem-lhe para baixo — gritava Nozdriov, avançando, de cachimbo em punho, vermelho, coberto de suor, como se se propusesse assaltar uma fortaleza. — Carreguem-lhe forte! — urrava com a voz impetuosa de um tenente cuja bravura devesse ser sempre moderada por uma ordem regimental, no momento de gritar ao seu pelotão: «Para a frente»! tratando-se de um ataque decisivo.



Louco de raiva, o nosso tenente perdeu a cabeça. Supunha-se um Sovorov, abrasado em desejos de realizar um feito heroico. «Avante, rapazes!», urrou impetuosamente, sem se lembrar de que prejudicava o plano geral do ataque, que milhares de espingardas apontavam pelas ameias de inacessíveis muralhas, que o seu débil pelotão seria esmagado, que uma bala fatal poria termo aos seus gritos belicosos.

Se Nozdriov desempenhava com galhardia o seu papel de tenente em delírio, o bastião que ele atacava, longe de parecer inexpugnável, tremia simplesmente de medo. A cadeira com que pretendia resguardar-se fora-lhe arrebatada pelo atacante. Já mais morto que vivo, estava disposto a receber as carícias do cachimbo. Deus sabe o que teria acontecido ao nosso herói se o acaso não se tivesse dignado salvar-lhe as costas, os ombros, todas as suas partes mais nobres. Um débil tilintar de guizos pareceu, repentinamente, vir dos céus: um barulho de rodas chegou até junto da escada; o pesado resfolegar de três cavalos, quase sem forças, ouviu-se na sala. Instintivamente, todos se voltaram para a janela. Uma personagem de bigodes enormes, com uma túnica de militar, saltou de um coche e, depois de lançar uma vista de olhos pelo átrio, entrou na sala no momento em que Tchichikov, mal refeito do espanto, se encontrava na angustiosa situação por que jamais passara algum mortal.

— É o senhor Nozdriov? — perguntou o desconhecido, surpreendido por ver na sua frente Nozdriov, que brandia o cachimbo, e Tchichikov, que dificilmente se refazia da comoção.

— Antes de mais nada, com quem tenho a honra de falar? — replicou Nozdriov, avançando para o recém-chegado.

— Com o capitão da polícia.

— E que deseja o senhor?

— Por ordem superior, venho pedir-lhe que se ponha à disposição da justiça até que se pronuncie a sentença num processo que lhe foi instaurado.

— Que processo?

— O senhor está implicado na questão Maximov. Este proprietário acusa-o de ter exercido violência contra ele durante uma orgia. Queixa-se de que o senhor o fez espancar com vergastadas.

— O senhor mente! Desconheço completamente o proprietário Maximov.

— Senhor, permita-me dizer-lhe que sou um oficial. Se lhe aprouver, fale nesse tom aos seus criados; eu não estou disposto a consentir-lhe tais atrevimentos.

Sem esperar a resposta de Nozdriov, Tchichikov pegou no seu chapéu e, escondendo-se atrás do capitão, correu para o vestíbulo o mais depressa que pôde. Uma vez no coche, ordenou a Selifan que lançasse os cavalos a toda a brida.

## 5

Decididamente o nosso herói era portador de um medo formosíssimo. A sege corria a toda a velocidade; as terras de Nozdriov tinham desaparecido havia tempo, entre os campos e as colinas; mas Tchichikov continuava a lançar angustiosos olhares para trás de si. Supunha-se perseguido, respirava dificilmente e, quando levava a mão ao peito, sentia que lhe saltava o coração como uma codorniz na gaiola. «Mau bocado me fez passar aquele bruto!» E, nesta altura, mil imprecações e outras tantas pragas caíram sobre Nozdriov. Que querem os senhores? Tchichikov era russo e estava encolerizado. Além disso, não se tratava de uma brincadeira qualquer.

— Se não fosse o capitão — dizia — talvez tivesse ido desta para melhor. Teria desaparecido sem deixar mais rasto que uma bolha de sabão à superfície da água, sem legar a meus futuros filhos nem património nem boa reputação.

O nosso herói preocupava-se muito com seus descendentes.

«Indecente criatura!», pensava, por sua vez, Selifan. «Nunca vi coisa assim. De bom agrado lhe cuspiria na cara. Mais vale recusar alimento a uma pessoa que privar os cavalos do que lhes pertence. O cavalo gosta de aveia: é o seu petisco predileto.»

Também os cavalos pareciam ter Nozdriov em minguada estima. O *Baio*, o *Assessor* e o próprio *Picaço*, estavam de muito mau humor. Este recebia sempre a pior aveia, e Selifan não a deitava no seu saco, sem, antes, lhe chamar malandro; não obstante, era aveia e não feno, e ele triturava-a com prazer e com

frequência, sobretudo na ausência de Selifan, metendo o grosso e comprido beijo no saco dos seus companheiros, para lhes roubar os quinhões. Mas feno, nada mais! Que horror! Todos estavam descontentes.

Porém, dentro em pouco, os descontentes viram-se de súbito arrancados às suas congeminações. Todos, incluindo o cocheiro, só voltaram a si quando se viram alcançados por uma carruagem de seis cavalos, e ao ouvir, quase ao de cima das suas cabeças, os gritos das senhoras que a ocupavam e as invetivas do outro cocheiro.

— Parvajola! Não te gritei que metesses pela direita? Estarás bêbado, porventura?

Selifan sentiu-se culpado; mas, como bom russo, não quis dar o flanco e respondeu, em tom de dignidade:

— E por que vais a galope? Deixaste os olhos como prenda na taberna?

Só então se dignou fazer recuar o seu carro; porém, não logrou desprendê-lo, enredados como estavam os tirantes. O *Picaço* cheirava com curiosidade os colegas que lhe oprimiam as costelas. Entretanto, as duas ocupantes da carruagem contemplavam a cena, espantadas. Uma delas era de idade prolecta; a outra, muito nova, dos seus dezasseis anos; cabelos dourados e maravilhosamente penteados, coroavam-lhe a pequena cabeça. O belo oval do seu rosto apresentava a forma e a cândida transparência de um ovo fresco, quando, olhado por uma rapariga de mãos polidas, se deixa atravessar pelos raios do sol. Suas orelhas diáfanas avermelharam-se debaixo da cálida luz que nelas penetrava; o susto mantinha entreabertos os seus lábios e as lágrimas coalhavam-se-lhe nos

olhos. Tudo isto constituía um espetáculo tão encantador, que o nosso herói contemplou-o durante alguns instantes, sem prestar atenção alguma à miscelânea de cavalos e cocheiros.

— Recuas ou não, feio corvo? — gritava o cocheiro da carruagem. Selifan puxou as rédeas para si; o outro imitou-o; os cavalos recuaram um pouco, para tornar em seguida a aproximar-se ainda mais, encostando-se aos tirantes. Satisfeito com o novo colega que a sorte lhe deparava, o *Picaço* não queria, de maneira nenhuma, separar-se dele. Com a cabeça apoiada no cachaço do camarada, murmurava-lhe palavras, sem dúvida muito banais, por isso que o outro sacudia continuamente as orelhas.

O tumulto atraiu, por fim, os camponeses de uma aldeia providencialmente vizinha. Semelhantes espetáculos são, para os nossos mujiques, verdadeiros achados. Correm para eles como os estrangeiros para o clube ou para as gazetas. A aglomeração foi, portanto, em breve considerável, não tendo ficado na aldeia senão as velhas e as crianças de mama. Afrouxaram-se os tirantes; alguns socos no focinho do *Picaço* fizeram-no recuar; finalmente as duas guarnições foram apartadas.

Mas, ou fosse o despeito por os separarem dos seus novos colegas, ou simples capricho, os cavalos das viajantes, indiferentes às chicotadas do cocheiro, negavam-se a andar. Chegou ao cúmulo a solicitude dos camponeses. Cada um deles queria dar o seu alvitre.

— Eh, Andriushka!... Segura pelo focinho o cavalo da vara, o da direita! Pai Mitiai, cavalga sobre o do centro. Vamos, salta, pai Mitiai!

Mitiai, um camponês muito alto, calvo, de barba ruiva, cavalgou o do meio; parecia-se, ali, com o campanário da aldeia ou,

melhor, com a esguia cegonha que serve para tirar água, nos campos. Embora o cocheiro açoitasse os cavalos, o pai Mitiai nada conseguiu.

— Espera, espera! — gritavam os mujiques. — Pai Mitiai, deixa que vá para aí o Miniai e passa-te para o do lado.

Não se fazendo rogado, o pai Miniai, colosso com barbas de ébano, barrigudo como um samovar monstruoso em que ferve o hidromel de todo um mercado, saltou para cima do do lado, que se dobrou debaixo do seu peso.

— Agora já vai bem! — disseram os mujiques. — Dá-lhe com força! No malhado, que não se mexe do sítio!

Verificando que nada conseguia, o pai Miniai puxou para a garupa o pai Mitiai, enquanto Andriushka cavalgava o da sela. Por fim, o cocheiro, aborrecido, dispensou os serviços dos dois compadres, procedendo com muita inteligência. Os cavalos suavam como se tivessem subido uma grande calçada, sem parar. Deixou-os respirar um minuto, após o que eles se separaram por si próprios.

Durante todo este incidente, Tchichikov contemplava atentamente a jovem desconhecida. Várias vezes quis dirigir-lhe a palavra, mas não se proporcionou ocasião. As senhoras afastaram-se e a linda cabecinha de delicadas feições desvaneceu-se como uma visão; apenas ficaram a estrada o coche, os três cavalos já conhecidos do leitor, Selifan, Tchichikov e a vasta nudez dos campos.

Em qualquer outra parte deste desgraçado mundo, entre as classes inferiores que vegetam na imundície; na alta sociedade, cristalizada num tédio misantropo e correto, cada homem tem, pelo menos uma vez na vida, um encontro que lhe desperta sentimentos até então não experimentados. Entre as penas com que é tecida a

nossa existência, refulge sempre, em dado momento, um motivo de alegria. Assim, às vezes, uma brilhante equipagem, de arneses dourados e cavalos fogosos, atravessa a galope uma miserável aldeia perdida. E largo tempo, muito tempo, os camponeses, que não conheciam até então mais que sua humilde carroça, ficam de boca aberta e chapéu derrubado, não reparando que a carruagem esplendorosa já desapareceu. Também a jovem loura constituiu para a nossa novela uma rápida e inesperada aparição. Substituí Tchichikov por um cadete hussardo, estudante ou simples seminarista: que transporte, santo Deus, que alvorada na sua alma! Largo tempo permaneceria imóvel, com o olhar longínquo, sem pensar na caminhada que terá de percorrer, nas reprimendas que receberá, descuidando-se das suas obrigações, esquecendo todo o mundo, a começar em si próprio.

O nosso herói já não era criança, não perdia a cabeça com facilidade. Frio e circunspecto, pôs-se também a refletir; porém os seus pensamentos seguiram um curso mais delimitado, mais positivo. «Adorável criatura!» disse consigo, tomando uma pitada da sua tabaqueira. «Mas falando com franqueza, por que é tão encantadora? Porque, saída ontem do colégio, não tem ainda nenhum dos defeitos da mulher; nenhuma afetação, nada de artifícios. De uma simplicidade infantil, diz tudo quanto lhe vem à cabeça, rindo-se quanto tem vontade. Pode-se, ainda, fazer dela o que se quiser. Será um amor ou uma presumida: uma presumida, mais facilmente. Deixemos em ação as tias e as mães! Num ano apenas, pô-la-ão de maneira que a não conhecerá seu pobre pai. O orgulho e a afetação virão não se sabe de onde. Presa das lições aprendidas de memória, fará esforços por saber a quem, em que

tom, quanto tempo pode falar e que opinião deve formar acerca das pessoas. Receará constantemente não dizer só o conveniente, ficará estonteada consigo própria e acabará por mentir toda a sua vida, por converter-se sabe Deus em quê!

Depois de uma pausa, continuou:

— Tinha curiosidade em saber quem é o seu pai. Um rico proprietário de caráter austero? Um digno funcionário retirado do serviço com a sua aposentação? Esta pequena e duzentos mil rublos de dote, esta fatiazinha de melancia, como se costuma dizer, fará a felicidade de um homem de bem.

Os duzentos mil rublos de dote formaram na sua imaginação um tão lindo quadro, que ficou arrependido de não ter perguntado ao postilhão ou ao cocheiro, durante o abalroamento, o nome das viajantes. Todavia, depressa descortinou a propriedade de Sobakevich. As ideias de Tchichikov retomaram imediatamente o seu curso normal.

O domínio afigurou-se-lhe de pequena importância e dois bosques — um de álamos, outro de pinheiros — flanqueavam com duas alas, uma clara e a outra escura, a casa de madeira com sobreloja, teto encarnado e paredes pintadas de cinzento sujo, uma construção para colonos alemães ou militares. Via-se que, ao construí-la, o arquiteto, pedante escravo da simetria, estivera em contradição com os gostos do proprietário. Este, que prezava as suas comodidades, condenara todas as janelas de um lado, substituindo-as por uma estreita claraboia que dava, sem dúvida, para uma despensa escura. O frontão não ocupava o meio da fachada; os esforços do arquiteto tinham chocado com a teimosia do dono. Fora suprimida uma coluna; não existiam senão três. Uma



grade de enormes barrotes de madeira cercava o pátio. Dir-se-ia que o proprietário, antes de mais nada, procurava o isolamento. As cavalariças, os cobertos e as casas dos criados eram feitas, com vigas maciças que desafiavam os séculos.

As habitações dos camponeses chamavam a atenção: bonitos casebres de madeira sem adornos de cal ou outros floreados, mas admiravelmente construídos. As guardas dos poços eram talhadas num tronco de carvalho em forma de moinho ou de navio. Numa palavra: tudo que Tchichikov viu era bem feito, pesado, rijo e maciço. Ao aproximar-se da escada, entreviu, quase ao mesmo tempo, duas cabeças a uma janela: um rosto de mulher, com um gorro estreito e comprido como um pepino; uma cara de homem, redonda, bochechuda como uma cabaça da Moldávia; uma dessas cabaças com que na Rússia se fazem as balaikas (guitarras russas), leves instrumentos de duas cordas, alegria e orgulho dos conquistadores de vinte anos, que as dedilham suavemente, com profusão de olhares e de assobios, em honra das formosas raparigas de colos brancos, pressurosas em escutá-los. No mesmo instante, as duas caras afastavam-se. Um criado com jaqueta azul e gola azul-celeste introduziu Tchichikov na antessala, onde o esperava o dono da casa. Este acolheu-o com um «Faça favor!» seco, conduzindo-o para o interior da casa.

Tchichikov olhou para Sobakevich que, desta feita, lhe fez lembrar exatamente um urso de tamanho regular. Para completar a aparência, o nosso homem vestia umas calças largas e um jaleco escuro, de amplas mangas. Andava aos ziguezagues, com passadas lentas e, na maioria dos casos, a pisar os pés alheios. As faces avermelhadas tinham a tonalidade das moedas de cobre. Sabe-se

que existem muitos desses rostos que a natureza não quis acepillar. Pondo de parte limas, berbequins e outros instrumentos de precisão, talha-os a golpes de enxó: de uma vez, o nariz; de outra, os lábios; depois, os olhos, feitos com um trado. Não se preocupa em poli-los, e lança-os ao mundo, dizendo: «Vão bem assim!». Sobakevich possuía um desses rostos atamancados à pressa. Tinha-o geralmente inclinado, sem nunca mover o pescoço. Em virtude dessa rigidez, raras vezes fitava cara a cara o seu interlocutor: olhava sempre para a chaminé ou para a porta.

Enquanto atravessavam a sala de jantar, Tchichikov examinou-o mais uma vez: um urso, tal e qual! Estranha coincidência: chamava-se Mijail Semionovich. Conhecendo as maneiras de seu hospedeiro, a sua mania de pisar os pés das outras pessoas, o visitante avançava com precaução e deixava-o tomar a dianteira. Sobakevich, consciente de sua estupidez, perguntou-lhe imediatamente:

— Não o incomodei, ao senhor?

Tchichikov agradeceu e afirmou-lhe que não tinha acontecido nada de desagradável.

Uma vez no salão, Sobakevich, com um novo «Faça favor!» indicou uma poltrona e Tchichikov, que nela se sentou, examinando com um olhar os quadros que pendiam das paredes. Representavam heróis gregos, de óculos, túnica e calças vermelhas. Tinham todos o corpo inteiro: Miaulis, Canaris, Maurocordato, com músculos tão fortes e os bigodes tão compridos, que, só de olhá-los, faziam a gente estarrecer. Entre estes colossos figurava, não se sabe por quê, num pequenino quadro, Bragation, débil, magro, com minúsculas bandeiras e canhões a seus pés. Depois, via-se uma heroína grega, Bobelina, que tinha uma perna mais volumosa do que a outra; de tal

forma, que só esse membro ocupava mais espaço que o corpo inteiro desses petimetres que pululam hoje pelos salões. Talhado para Hércules, o dono da casa gostava, sem dúvida, de rodear-se de robustos mocetões como ele. A seguir a Bobelina, uma gaiola, pendurada junto da janela, prendia um melro pintalgado de branco, que também se parecia muito com Sobakevich.

Hospedeiro e visitante estavam calados havia apenas dois minutos, quando se abriu a porta do salão para dar passagem à dona da casa, senhora de elevada estatura, que usava uma touca com fitas tingidas por processos caseiros. Entrou com passo grave e a cabeça erguida como uma palmeira.

— A minha Theodulia Ivanovna — disse Sobakevich.

Aproximou-se Tchichikov para lhe beijar a mão. Theodulia Ivanovna estendeu-lhe quase até o nariz uma sapuda dextra, perfumada com essência de pepino.

— Minha boa amiga — continuou Sobakevich — apresento-te Pavel Ivanovitch Tchichikov. Tive a honra de o conhecer em casa do governador e do diretor dos Correios.

Theodulia Ivanovna convidou Tchichikov a sentar-se, deixando também ela deslizar um «Faça favor!» com um movimento de cabeça habitual às atrizes que representam o papel de rainhas. Em seguida, sentou-se no sofá, envolvendo-se no seu chale de merino, e toda ela, até as sobancelhas, permaneceu imóvel.

Tchichikov passeou de novo o seu olhar pelas paredes, tornou a ver Canaris, com os seus rijos músculos e os seus compridos bigodes, Bobelina e o melro na gaiola.

Cinco minutos decorreram em silêncio. Unicamente se ouvia o melro a debicar na madeira da sua prisão. Pela terceira vez,

Tchichikov examinou todo o compartimento. Tudo o que ele continha, sólido, pesado, tosco, tinha uma estranha semelhança com o dono da casa. A um canto, uma secretária de noqueira com uns pés estrambóticos recordava um urso de carne e osso; a mesa, os sofás, as cadeiras, tudo era monstruoso e incómodo a mais não poder ser. Numa palavra, cada um dos objetos parecia dizer: «Pareço-me muito com Sobakevich» ou «Também sou um Sobakevich a meu modo»!

— Na passada quinta-feira, falámos do senhor em casa de Ivan Grigorievich, o presidente do Tribunal — disse, por fim, Tchichikov, vendo que seus hospedeiros estavam pouco dispostos a iniciar a conversa. — Passámos um bocado muito agradável.

— Sim? Eu não pude ir nesse dia a casa do presidente — respondeu Sobakevich.

— Que excelente pessoa, não é verdade?

— Quem? — perguntou Sobakevich, com os olhos na chaminé.

— O presidente.

— Isso diz o senhor! Apesar de franco-maçã, é o mais perfeito imbecil que a roda do sol cobre.

Este juízo, emitido em tom perentório, desconcertou um pouco Tchichikov; refez-se, no entanto, e continuou:

— Também digo que sim; cada qual tem os seus defeitos. Em compensação, que boa criatura, o governador!

— O governador, boa criatura?

— Sim; não é verdade?

— É o primeiro bandido do mundo!

— Bandido, o governador? — exclamou Tchichikov, incapaz de compreender como aquele alto funcionário se tornou assim, de

repente, chefe de uma quadrilha. — Quase não posso acreditar, sinceramente. As suas maneiras denotam antes distinção. Permita-me o senhor que lhas faça observar.

Em apoio do seu acerto, Tchichikov apontou a tendência do governador para os bordados e salientou a expressão bondosa do seu rosto.

— Que cabeça de bandido! — concretizou Sobakevich. — Dê-lhe o senhor uma faca, ponha-o na estrada, e degolará uma pessoa por um *copeque*. O subgovernador e ele são como Gog e Magog!

«Decididamente, está zangado com eles!», pensou Tchichikov. «Vou falar-lhe do chefe da polícia, que, segundo creio, é seu amigo.»

— Eu — continuou — tenho verdadeiro fraco pelo chefe da polícia. É um caráter aberto; sua cara respira ingenuidade.

— Outro patife! — disse friamente Sobakevich. — Engana-o, atraí-o e come com o senhor como se nada se tivesse passado. Já conheço esses almas de Judas: a cidade está cheia deles e são todos cada qual o mais vigarista. Só há entre eles um homem de bem; mas, falando com franqueza, é um verdadeiro suíno.

Depois destas lisonjeiras, ainda que breves biografias, Tchichikov julgou prudente deixar em paz os restantes funcionários; lembrou-se de que Sobakevich não emitia nunca juízos favoráveis.

— Que dizes, coração, vamos comer? — perguntou Sobakevich à senhora sua esposa.

— Como queiras! — respondeu esta.

Aproximando-se de um aparador sobre o qual estavam espalhados os aperitivos, hospedeiro e convidado, segundo a tradição, beberam um copo de aguardente acompanhado de

conservas diversas e de outros aperitivos, como é costume na nossa imensa Rússia, tanto na cidade como no campo. Em seguida, dirigiram-se à sala de jantar. A dona da casa ia adiante deles, bamboleando-se como um ganso. Quatro lugares estavam preparados à mesa, aliás muito pequena. O quarto assento em breve foi ocupado por uma personagem difícil de definir: senhora ou menina, parente ou aderente, sem touca, mas envergando um traje vistoso. Certas pessoas só existem à maneira de manchas ou de cotão, que se agarram aos objetos. Estão sempre no mesmo lugar; nunca movem a cabeça; quase se confundem com os móveis; poder-se-ia jurar que jamais disseram uma palavra; porém, surpreendamo-los na cozinha ou na despensa. Então, oh, oh, oh!

— O cozido está hoje maravilhoso, querida — disse Sobakevich, servindo-se de um enorme pedaço de *niania*, manjar que ordinariamente acompanha o cozido russo, e que consiste numa tripa de carneiro atafalhada de trigo mourisco, miolos e mão de vitela. — Assim não o comerá o senhor na cidade — continuou Sobakevich, dirigindo-se a Tchichikov. — Só Deus sabe o que lá lhe servirão!

— Não obstante — disse este — em casa do governador come-se bem.

— Se soubesse como preparam as refeições nessa casa, não as provaria!

— Nada posso dizer acerca do preparo; mas tenho achado excelentes o peixe e as costeletas de porco.

— O senhor, com certeza, nem reparou no que come. Mas eu sei o que compram no mercado para lhe dar. O birbante do

cozinheiro, que não é impunemente discípulo de um francês, esfola um gato e apresenta-o como lebre.

— Uf! Que horror! — disse a senhora Sobakevich.

— Que queres, minha amiga, as coisas são assim! A mim não me engana ele. Tudo o que nosso Akulka deita, com licença, no caixote do lixo vai para a panela em casa dele; sim, sim, e depois chamam-lhe cozido.

— Sempre falas quando estamos à mesa nesse assunto nojento — resmungou de novo a senhora Sobakevich.

— Mas, minha boa amiga, não é por culpa minha! Digo-to sem rodeios: nunca me farão tragar porcarias. Envolvam-me em açúcar uma rã, que eu nem lhe tocarei; e o mesmo digo das ostras, que bem sei o que me fazem recordar. Prove o senhor esta coxa de carneiro com trigo — continuou, dirigindo-se a Tchichikov. — Isto é diferente dos petiscos que se cozinham em casa dos seus grandes senhores com as sobras do mercado. Excelente invenção dos médicos alemães e franceses! Se estivesse na minha mão, metê-los-ia na cadeia! Inventaram a dieta, a cura pela fome. Esses imbecis cuidam que podem fazer liquidação dos estômagos russos; porém, não o conseguirão, afirmo-lho eu. Não, não; tudo isto não são mais que maluqueiras, que...

Sobakevich meneou a cabeça, furioso.

— Fala-se em progressos; mas (sabe o senhor?) eu rio-me do progresso. Empregaria outra palavra, de que me abstenho, em atenção à mesa. Tenho outros hábitos. Em minha casa, quando se apresenta um pato, um carneiro ou um porco, apresentam-se inteiros. Prefiro não servir-me de mais que dois pratos, mas fartar-me até lhe chegar com o dedo.

Sobakevich confirmou as suas ideias, puxando para o prato metade de uma perna de carneiro, que devorou, rilhou, sugou até o último osso.

«Sim», pensava Tchichikov, «este patife é como uma friteira!»

— Sim — acrescentou Sobakevich, enxugando as mãos com o guardanapo — eu encaro a vida de um modo muito melhor que o senhor Pliushkin, por exemplo: aí tem o senhor um barine (fidalgo) que possui oitocentas almas e come pior que um guardador de gado.

— Quem é esse Pliushkin? — inquiriu Tchichikov.

— Um crápula! — respondeu Sobakevich. — Um ladrão como não há outro. Os presos da cadeia vivem melhor que ele. Deixa a sua gente morrer de fome.

— É lá possível! — insistiu Tchichikov, interessado. — Diz o senhor que mata muita gente?

— Como moscas!

— Sinceramente, como moscas?... E, permita-me que lhe pergunte: mora longe daqui?

— A cinco *verstas*.

— A cinco *verstas*! — exclamou Tchichikov, cujo coração palpitou com mais força. — Saindo daqui, que direção devo tomar: à direita ou à esquerda?

— Mais lhe vale ignorar o caminho que conduz à casa de um rafeiro como esse. Melhor seria ir a qualquer lugar suspeito que a casa dele.

— Fiz esta pergunta porque... simplesmente porque me interessa pela topografia.



À perna de carneiro seguiram-se uns pastéis de queijo, cada um dos quais era maior que um prato; depois, um peru gordo como um bezerro, recheado de ovos, arroz, fígado e outras coisas saborosas, que caíam bem no estômago. E assim acabou a refeição; porém, ao levantar-se da mesa, Tchichikov sentia-se mais pesado que chumbo. Voltaram ao salão, onde um esplêndida sobremesa, peras, ameixas e outras frutas — quem diria! — esperava os comensais, que não lhes tocaram. A dona da casa foi à procura de outros doces. Aproveitando a sua ausência, Tchichikov voltou-se para Sobakevich, que, espapaçado num sofá, não fazia senão gemer em seguida a uma refeição tão copiosa, emitindo grunhidos inarticulados e fazendo cruces com a mão, que levava à boca sem cessar.

— Desejaria falar-lhe sobre um negócio — começou.

— Aqui têm uma compota — disse a dona da casa, voltando com um prato. — Nabos com mel.

— Bem, bem — disse Sobakevich — retira-te para os teus aposentos; entretanto, Pavel Ivanovitch e eu desapertaremos as roupas e dormiremos uma soneca.

A boa senhora quis mandar buscar travesseiros e almofadas, mas Sobakevich garantiu-lhe que bastavam os sofás, após o que ela se retirou.

Sobakevich, com a cabeça ligeiramente inclinada, prestou atenção.

Tchichikov entrou logo no assunto: falou do império russo em geral, exaltou a sua enorme extensão, que ultrapassa em muito a da antiga monarquia romana e que era para os estrangeiros objeto de justificada admiração.

Sobakevich, de cabeça baixa, continuava a escutar.

Acrescentou que, segundo as leis imperiais em vigor, as almas recenseadas que tinham terminado a sua carreira neste mundo continuavam a figurar até a revisão seguinte nas listas do censo, para não causar à Administração um excesso de trabalho e não adicionar uma nova peça ao mecanismo governamental, já de si bastante complicado...

Sobakevich, de cabeça baixa, continuava a escutar.

Sem embargo, esta medida, ainda que justa, era bastante onerosa para muitos proprietários, obrigados a pagar contribuição, não só pelos mortos como também pelos vivos. Assim, pois, em atenção para com o seu hospedeiro, estava disposto a tomar conta de uma parte desta pesada carga. Quanto ao objeto principal, Tchichikov exprimiu-se com grande circunspeção: não falou das almas mortas, mas unicamente de almas *inexistentes*.

Sobakevich, de cabeça baixa, continuava a escutar. A sua cara não traduzia a menor impressão; o corpo, impassível, parecia desprovido de alma ou, se a possuía, não se encontrava ali; melhor dizendo, teria ido a algum lugar para além dos montes, como a do Esqueleto Imortal. Revestido de uma couraça tão forte, tudo quanto se passava no fundo não provocava crispação alguma à superfície.

— Então? — disse Tchichikov, esperando, não sem sobressalto, uma resposta.

— O senhor precisa de almas mortas? — perguntou Sobakevich simplesmente, sem a menor surpresa, como se se tratasse da venda de trigo.

— Sim; ou melhor, inexistentes — respondeu Tchichikov, parecendo-lhe conveniente dulcificar de novo a frase.

— Isso arranja-se, com certeza — disse Sobakevich.

— Nesse caso, ceder-me-ia alguma de boa mente?

— Pois sim; estou disposto a vendê-las — disse Sobakevich que, desta feita, levantou ligeiramente a cabeça e pressentiu que o comprador devia tirar algum proveito da operação.

«Diabo! Este fala em vender antes que eu lhe diga uma palavra a tal respeito!», pensou Tchichikov; e acrescentou, em voz alta:

— Mas, qual o preço? Para falar com franqueza, trata-se de um artigo acerca do qual a questão de preço é, até certo ponto, estranha...

— Dir-lhe-ei já a minha última palavra: cem rublos por cabeça.

— Cem rublos? — exclamou Tchichikov.

E ficou com a boca aberta, olhando para o seu interlocutor, como se tivesse ouvido mal ou como se a língua entaramelada deixasse escapar uma palavra por outra.

— Acha muito caro? — proferiu Sobakevich que, depois de um momento, acrescentou: — E por quanto lhe convêm?

— Quanto! Há entre nós uma grande confusão. Não esqueçamos de que artigo se trata. Com o coração nas mãos, não julgo que se possa dar mais de oitenta *copeques* por cada uma.

— Que me diz o senhor? Oitenta *copeques*?

— Em meu entender, não valem mais.

— Mas não é de sandálias que estou a tratar.

— Nem de homens, confesse.

— Então pensa encontrar um imbecil que lhe venda por oitenta *copeques* uma alma recenseada?

— Dê-me licença: por que lhes chama recenseadas? Estão mortas, há muito tempo; não são mais que nomes. Por conseguinte,

e para terminar, ofereço-lhe rublo e meio. É impossível dar mais.

— Não tem vergonha de regatear desse modo? Vamos: ofereça uma quantia razoável.

— Não posso, Mijail Semionovich; em consciência, não posso. O que é impossível, é impossível — concluiu Tchichikov que, apesar disso, ofereceu mais cinquenta *copeques*.

— Porque regateia? Bem vê que não lhe peço muito. Outro que não fosse eu enganava-o e, em vez de almas, apresentar-lhe-ia uma potreira qualquer, ao passo que eu vendo-lhe mercadoria da boa: só gente nova e, entre ela, que artistas! Por exemplo, o carpinteiro Mijeiev: só faz carruagens de molas. E acredite que não trabalha à moda de Moscovo, obra de tem-te-não-caias, fancaria. Não; o que sai das suas mãos é sólido! Ele próprio estofa e enverniza.

Tchichikov abriu a boca para lhe fazer sentir que Mijeiev não era já deste mundo; porém, Sobakevich, no auge da eloquência, parecia ter adquirido o dom da palavra e não acabava de falar.

— E Estêvão Batoque, o carroceiro! Apostaria a minha cabeça como não encontrará nada de semelhante! Um verdadeiro Hércules! Se tivesse entrado para a Guarda, que carreira teria feito! Seis pés e oito polegadas, senhor!

Tchichikov quis objetar que o Batoque não existia já, mas Sobakevich, decididamente, sentia-se inspirado. Ante aqueles fogachos de oratória, não lhe restava senão calar-se.

— Miluskhin, o oleiro! Sabe construir uma chaminé, em qualquer casa. Máximo Teliatnikov, o sapateiro, de uma tira de sola faz um par de botas; e que botas! E nunca a biqueira se deforma! E Jeremias Sorokopliokin? Sozinho, este homenzarrão vale tanto como todos os outros reunidos. Foi negociar para Moscovo, e uns anos

pelos outros mandava-me cinquenta rublos de ganho. Não serão mocetões deste quilate os que lhe venderá Pliushkin.

— Dê-me licença — pôde dizer, enfim, Tchichikov, estupefacto ante aquela catadupa de palavras, que parecia não acabar. — Dê-me licença: a que propósito vem todas as suas qualidades? Uma vez que estão mortos, não se pode aproveitar deles. Lembre-se do ditado: *um morto nem ao menos saberia escorar uma paliçada*.

— É verdade que estão mortos — disse Sobakevich, que pareceu lembrar-se, subitamente, desta circunstância. Porém, acrescentou logo: — Se é assim, que havemos de chamar aos que figuram ainda como vivos? Homens? Não; melhor, moscas.

— De todas as maneiras, esses existem, enquanto aqueles não são mais que uma fantasmagoria.

— Nem tanto; fantasmagoria, não! Pessoas como Mijeiev, não as encontrará o senhor, permita que lho digo! Um brutamontes que não poderia entrar nesta casa, com uns ombros mais fortes que um cavalo. Queria eu saber onde encontraria o senhor essa tal fantasmagoria!

Estas últimas palavras dirigiu-as aos retratos de Bragation e de Colocotronis. Assim, às vezes, um dos interlocutores se volta sem motivo para um recém-chegado, não o conhecendo sequer, embora saiba que não deve esperar dele nem contestação nem aprovação. Apesar disso, apela para essa pessoa como que invocando o seu testemunho, e o recém-chegado fica às aranhas, sem saber se deve meter-se num assunto cuja origem ignora, ou retirar-se após ter cumprimentado os presentes.

— Não, realmente, eu não lhe poderia dar mais de dois rublos — disse Tchichikov.

— Para lhe fazer favor e para que não me possa atirar à cara que o explorei demais, cedo-lhas a setenta e cinco rublos por cabeça; em notas, bem entendido. Isto, em atenção às nossas relações.

«Estará ele a fazer de mim parvo?», perguntou a si próprio Tchichikov, continuando em voz alta:

— Com franqueza, não percebo nada. Estamos a representar uma comédia? E, todavia, o senhor parece-me inteligente e bastante instruído. Trata-se de um caso muito simples, de um artigo sem valor comercial.

— Dê-me licença. Mas o senhor compra-o; prova de que necessita dele.

Tchichikov mordeu os lábios e não soube dar resposta. Quis alegar certas particularidades de família; porém, Sobakevich objetou com a maior simplicidade:

— Isso não me interessa! Não intervenho em negócios familiares. Precisa de almas e eu vendo-as; se não as compra, arrepender-se-á.

— Dois rublos — disse Tchichikov.

— Francamente, o senhor é como a pega do ditado: só sabe dizer uma palavra e repete-a a todo o instante. Fixou-se nos dois rublos e não há quem o faça arredar pé. Vamos, chegue-se à razão.

«Que grande podengo!», pensou Tchichikov. «Deitemos-lhe um osso para ele roer!»

— Seja! — continuou. — Dou-lhes mais cinquenta *copeques*.

— Pois também lhe vou dizer a minha última palavra: cinquenta rublos. Palavra de honra que fico a perder. Não comprará, seja onde for, homens tão prestáveis por uma ridicularia destas.

«Desprezível avarento!», disse, para si, Tchichikov. E, erguendo a voz, em tom de desprezo:

— Efetivamente, qualquer pessoa diria que se trata de um negócio a valer. O senhor julga que tenciono comprá-las noutra sítio? Toda a gente me fará presente delas, considerando-se feliz por as impingir. Quem será tão doido que as conserve só para ter o prazer de pagar um imposto excessivo?

— O senhor sabe que esta espécie de negócio (e digo-o em tom amigável) nem sempre é legal e que se eu, ou outro qualquer, divulgasse o caso, a pessoa que nele se metesse não inspiraria mais confiança a ninguém.

«Ora aqui está onde o bandido queria chegar!», pensou Tchichikov. Mas logo a seguir arriscou, com o maior sangue-frio:

— Faça como entender. Se compro não é, como o senhor pretende, porque necessite delas, mas única e exclusivamente para satisfazer um capricho. Dois rublos e cinquenta: é pegar ou largar.

«Não se deixa comer!», pensou Sobakevich.

— Vamos, dê cá trinta rublos por cabeça e são suas.

— Não. Não as quer vender, já vejo. Passe muito bem.

— Dê-me licença! Dê-me licença! — disse Sobakevich, segurando-o pelo braço e pisando-lhe os pés.

O nosso herói, que se esquecera de pôr-se a distância, soltou um gemido e começou a dar saltos.

— Peço-lhe perdão; lastimo tê-lo magoado. Sente-se, peço-lhe. Faça favor.

Atirou-se para o sofá com a perfeição de um urso bem amestrado, que faz momices e executa vários exercícios quando lhe dizem: «Vamos lá a saber, Mitcha, vamos lá a saber como fazem as

boas mulheres quando suam nas estufas» ou: «Como fazem os garotos quando roubam ervilhas?»

— Parece-me que perco o meu tempo e estou com pressa.

— Espere um bocado; vou dizer-lhe duas palavras que serão muito do seu agrado.

Sentou-se muito próximo dele e murmurou-lhe como em segredo, ao ouvido:

— Quer dar vinte e cinco rublos?

— Não; não lhe dou nem mais um *copeque*.

Sobakevich nem respirava. Tchichikov também não.

Durante dois longos minutos, estabeleceu-se um penoso silêncio. Bragation, com o seu nariz aquilino, contemplava atentamente o cambalacho.

— Mas, afinal, qual é a sua última palavra? — disse, por fim, Sobakevich.

— Dois rublos e cinquenta.

— Uma alma humana tem, para si, tanto valor como um nabo. Ao menos, ofereça três rublos.

— É impossível.

— Está bem. Seja como o senhor quer. Perco nelas, por causa do meu carácter fraco, mas não posso deixar de comprazer com o próximo. Para que tudo fique em ordem, devemos, sem dúvida, firmar um contrato.

— E sem perda de tempo.

— Também o entendo. Teremos de ir à cidade.

Assim concluído o negócio, concordaram em encontrar-se na cidade no dia seguinte, para assinar a escritura. Tchichikov pediu uma lista dos camponeses. Sobakevich aceitou; repoltreou-se à



secretária e por seu próprio punho fez uma relação nominal, com indicação dos merecimentos e qualidades de cada um.

Entretanto, Tchichikov, que não tinha mais nada a fazer, pôs-se a contemplar o enorme arcabouço do seu hospedeiro. Vendo aqueles ombros largos como a garupa dos cavaleiros de Viatka, aquelas pernas robustas como os pilares de ferro fundido que se espetam ao longo de certas ruas, disse para consigo: «Deus foi artista quando formou este animal — palavra! É o que se chama talhar mal e coser bem! Tu, sem dúvida, és urso por nascimento, a menos que a vida neste buraco, os trabalhos do campo e as discussões com os teus camponeses não te tenham ursificado, não tenham feito de ti um avarento, um unhas de fome como é costume dizer-se. Não; creio que tu serias exatamente o mesmo, se houvesse recebido uma educação moderna, se te tivessem aperfeiçoado e vivesses agora em São Petersburgo. Simplesmente, em lugar de devorar meio quarto de carneiro com trigo, acompanhado de um pastel do tamanho de um prato, apreciarias costeletas trufadas. Seria só essa a diferença. Contudo, há ainda outra: é que, do mesmo modo que vives aqui nas melhores condições com os teus camponeses e não os sujeitas a maus tratamentos, lá explorá-los-ias e defraudarias o Estado. Quem fechou uma vez a mão, não se ajeita mais a abri-la. E, se consente em afrouxar um dedo ou dois, ainda é pior. Que uma destas pessoas adquira o verniz de uma ciência qualquer; se, em seguida, lhe dão um lugar vago, vereis como trata os que verdadeiramente estão de posse dessa ciência. E, além disso, quererá salientar-se e publicará uma assisada ordem que fará sofrer a mais de quatro. Ah, se todos estes exploradores...»

— Aqui está a relação — disse Sobakevich, voltando-se.

— Mostre-ma.

Leu-a com o olhar e admirou a sua clareza e a sua precisão. A idade, o ofício, a condição, a situação da família de cada qual estavam indicados com toda a espécie de pormenores; e à margem registavam-se observações sobre o comportamento, sobriedade, etc. Dava gosto olhar para ela.

— E agora quer dar-me o sinal? — disse Sobakevich.

— Para quê? Receberá tudo junto na cidade.

— É costume — insistiu Sobakevich.

— Não trago dinheiro em condições. Tome lá dez rublos, se quer.

— Dez rublos! Ao menos, cinquenta!

Embora Tchichikov alegasse que não tinha dinheiro, Sobakevich falou-lhe com tanta energia que acabou por aparecer uma nova nota.

— Pegue lá mais quinze rublos: ao todo, são vinte e cinco. Porém, há de passar-me um recibo.

— Um recibo para quê?

— É conveniente. Há viver e morrer.

— Bem, passe para cá o dinheiro.

— O dinheiro está na minha mão. Quando tiver o recibo assinado, tê-lo-á em seu poder.

— Mas para entregar o recibo, é preciso ter recebido o dinheiro.

Tchichikov passou as notas para as mãos de Sobakevich, que, pondo-as na secretária, as escondeu com a mão direita e, num bocado de papel, declarou ter recebido vinte e cinco rublos. A seguir, examinou as notas com atenção.

— Esta é muito velha e está bastante safada — disse, examinando uma delas contra a luz — mas é o mesmo; entre amigos não se cortam as unhas tão rentes.

«Avarento!», disse consigo Tchichikov, «e gatuno consumado, de mais a mais.»

— Diga-me: não lhe interessa o sexo feminino?

— Não; agradecido.

— Vendê-lo-ia barato. Como somos amigos, um rublo por cabeça.

— Não; não preciso disso para nada.

— Então, já aqui não está quem falou. Cada um come do que gosta. «Há-os que amam o pope e há-os que amam a mulher do pope», diz o adágio.

— Ainda uma palavra: agradava-me que esta transação ficasse entre nós dois — insistiu Tchichikov, ao despedir-se.

— Isso está bem de ver. Não há necessidade de se confiar a um terceiro o segredo do negócio; dois bons amigos assim devem proceder. Adeus! Obrigado pela sua visita; não se esqueça de mim; quando tiver uns momentos livres, venha jantar comigo. É possível que ainda possamos prestar um ao outro algum pequeno favor.

— Espera por isso! — murmurou à parte Tchichikov, instalando-se na caleche. — Surripiou-me dois rublos e meio por cada alma morta, o cão danado!

O procedimento de Sobakevich indignara-o. Apesar de tudo, eram conhecidos; tinham-se encontrado em casa do governador e do chefe da polícia, e recebera-o como se fosse um estranho, cobrando-lhe dinheiro por uma futilidade. Quando o carro deixou o

pátio, viu, ao voltar-se, Sobakevich ainda na escada, aparentemente interessado em saber que direção ia tomar.

— E não sai dali, o animal — murmurou entre dentes Tchichikov, dando, em seguida, ordem ao cocheiro para que metesse por detrás das cabanas dos camponeses, de modo que não fosse visto da casa senhorial.

Desejava ir a casa de Pliushkin onde, na expressão de Sobakevich, morriam os homens como moscas; porém, não queria que este o soubesse. Quando a sege chegou ao fim da povoação, chamou o primeiro camponês que se lhe deparou, o qual, como infatigável formiga, levava ao ombro uma pesada tábuca encontrada na estrada.

— Diz-me, avozinho: que caminho devo tomar para ir a casa de Pliushkin, sem passar por diante da do teu amo?

— Não sabes?

— Com franqueza, não, senhor.

— É lá possível! Já te branqueiam os cabelos e ainda não conheces Pliushkin, o avarento, que tão mal alimenta a sua gente? Ah, o miserável! — exclamou o homem, acrescentando à palavra «miserável» um substantivo muito eloquente, embora não usado entre pessoas de bem que, por isso, não reproduzimos. A palavra devia ser bem engraçada, pois Tchichikov, muito tempo depois de ter perdido de vista o mujique, sorria ainda, dentro do carro.

O povo russo tem palavras mordazes. Aplica uma alcunha a qualquer; este deixá-la-á aos seus descendentes, que a arrastarão ao longo de sua existência, em São Petersburgo, no cabo do mundo. Por mais que afirme descender de um fidalgo, por mais que pague aos genealogistas para que lhe atribuam uma ascendência

principesca — é trabalho baldado; o remoque, como um corvo obstinado, crocitará com toda a força das suas goelas e revelará a procedência do plebeu.

Tal como uma sentença escrita, uma palavra bem aplicada não pode apagar-se. E que finura, que força não se adivinha em tudo quanto surge dos confins da Rússia, ali onde a raça se nos revela isenta de toda a promiscuidade alemã, finlandesa, ou outra; onde predomina o espírito russo, vivo, ousado, ligeiro, este espírito que não nos prende a língua no bolso, que não choca as palavras como a galinha os ovos; mas que as aplica de uma vez como um passaporte para toda a vida! É inútil acrescentar depois o jeito do vosso nariz ou dos vossos lábios! Um só traço retrata-vos dos pés à cabeça.

Uma inumerável quantidade de igrejas e de mosteiros, com cúpulas, zimbórios, cruzeiros, espalha-se pela santa, piedosa Rússia; uma multidão sem conta de raças, de povos, de nações, se acotovela e se agita à superfície da terra. Cada raça apresenta uma característica de força, possui faculdades criadoras que lhe são peculiares, particularidades bem definidas e ainda outras prendas do céu; mas distingue-se, sobretudo, pelo seu verbo, que se manifesta na primeira ocasião como um rasgo do caráter nacional. A língua do inglês reflete um profundo conhecimento do coração e da vida; a do francês brilha com ligeiras cintilações, alegres, efémeras; o alemão medita largo tempo numa frase adocicada, cujo sentido escapa a muitas pessoas; porém, nenhuma palavra surge tão espontaneamente do coração, borbota, estremece com tão viva intensidade como uma palavra russa bem sentida.



## 6

Antigamente, nos tempos distantes da minha mocidade e nos da minha infância, desaparecida para sempre, todo me regozijava ao chegar pela primeira vez a um sítio desconhecido, aldeia, vila ou cidade — pobre sede de algum distrito; os meus olhos infantis encontravam por toda a parte onde satisfazer a sua curiosidade. Cada edifício, cada objeto, desde que oferecesse uma particularidade qualquer — tudo deslumbrava, tudo cativava o meu olhar. Ou fosse um edifício público de pedra e cal, de arquitetura corriqueira, com a fachada guarnecida, em mais de metade, de janelas fingidas, dominando, sozinho, um grupo de humildes casebres de madeira; ou fosse uma cúpula regular, coberta de folhas de ferro fundido, no cimo de uma igreja nova, com alvorescências de neve: ou fosse um mercador ou um janota de aldeia que tivesse ido pavonear-se até a cidade — nada escapava à subtileza da minha observação juvenil. Metendo o nariz por uma porta, admirava o corte desconhecido de um gabão, os caixotes com cravos, os frascos com bombons moscovitas, bolorentos, descortinados no interior de uma loja. Interessava-me de igual maneira o oficial da guarnição, chegado sabe-se lá de onde, a morrer de pasmo numa terreola de província, e o negociante de capote curto, que deslocava a leve carroça. E imaginava, então, a sua vida miserável. Passava por um funcionário, e imediatamente perguntava a mim próprio: «Irá passar a noite a casa de algum colega ou regressará à sua, para aí esperar meia hora, encostado à porta, e cear rapidamente ao cair da noite, em companhia de sua velha mãe, da sua cunhada e de toda a

restante família? Que ocupação será a sua, quando, depois da refeição, uma criada com colar de vidrilhos ou um moço com jaqueta grosseira lhe for levar uma vela, metida num velho castiçal?»

Nas cercanias de um domínio rural, a minha curiosidade despertava à vista de um alto campanário de madeira ou de uma velha igreja escura e acaçapada. Através da ramaria, divisava o telhado vermelho e as brancas chaminés da casa solarenga; esperava, impaciente, que ela surgisse de entre o pequeno bosque e toda se apresentasse aos meus olhos, olhos que — ai de mim! — bem cedo começaram a estragar-se. Diante dele, esforçava-me por adivinhar o caráter do seu dono. Tinha filhos ou antes meia dúzia de filhas de olhos negros, risos cristalinos e alegres entusiasmos, a mais nova das quais não seria a menos bela? Era gordo e prazenteiro ou taciturno como os fins de setembro? Consultava incessantemente o bordo de água? Aborreceria a mocidade com eternas perlangas acerca do centeio e do trigo?

Agora, aproximo-me com igual indiferença de todas as propriedades desconhecidas. Contemplo com tristeza a sua desconcertante vulgaridade. Nada me excita; tudo quanto antigamente haveria provocado em mim um gesto, uma explosão de riso, uma catadupa de palavras, tudo desliza antes os meus olhos, entretanto que os lábios mantêm um silêncio impassível. Oh, a minha mocidade! Oh, a minha candura!...

Enquanto Tchichikov ria intimamente, magicando na troça com que os aldeões acolheram o nome de Pliushkin, a traquitana entrava numa grande povoação. Só deu conta disso quando sentiu um forte solavanco provocado por um calcetamento de toros, ao pé do qual o empedrado das cidades era uma autêntica delícia. Aqueles troncos



levantavam-se e baixavam-se como as teclas de um piano; e o desprevenido viajante recebeu um tremendo choque na testa, um arranhão na nuca, e mordeu a ponta da língua, que ficou a sangrar.

O aspeto miserável da povoação surpreendeu Tchichikov. Todas as casas apresentavam sinais de decadência. As vigas dos casebres estavam defumadas e carcomidas. Em muitos tetos, havia a transparência de um crivo; alguns deles só tinham a escora mestra do cavalete e um esqueleto de travessas; as traves e barrotes dir-se-iam ter sido arrancadas pelos próprios habitantes raciocinando, e muito bem, que em tempo chuvoso aquele telhado não podia servir-lhes de abrigo e que durante o bom tempo não havia motivo para reçar a chuva. Por outro lado, para que demorem-se em casa, tendo entrada franca na taberna da estrada ou onde mais lhes apetecesse. Nenhum vidro nas janelas, tapadas, muitas vezes, com remendos ou andrajos. Disformes, enegrecidas, as cornijas das balaustradas, que enfeitam, não se sabe porquê, a fachada de alguns casebres, eram apenas ruínas, sem nada de pitoresco. Detrás dos casebres, alinhavam-se medas enormes de trigo, esquecidas há muito tempo; a sua cor recordava a de velhos tijolos mal cozidos; plantas bravas lhes cresciam no topo e arbustos aos lados. Evidentemente, o trigo pertencia ao senhor dos domínios. À direita e à esquerda, seguindo as sinuosidades do caminho, sobre as pilhas e os tetos arruinados, viam-se as duas igrejas da povoação, frente a frente: uma, de madeira, já abandonada; a outra, de pedra, com as paredes amareladas, sujas, e exibindo muitas fendas. A casa senhorial ia-se adivinhando pouco a pouco. Surgiu, por fim, completamente, quando à extensa fila de casebres sucedeu uma sementeira ou campo de couves, rodeado por uma baixa sebe,

derruída em parte. A estranha casa senhorial, com a sua enorme extensão fazia-nos lembrar um inválido. Em alguns pontos era de planta acaçapada, mas ascendia noutros a um andar; sobre o telhado enegrecido, que dificilmente protegia a sua velhice, erguiam-se dois miradouros em ruínas, com a pintura estragada, um em frente do outro. As paredes, que, por vezes, deixavam ver o travejamento, tinham sofrido as inclemências do tempo, da chuva e das borrascas do outono. Estava fechada a parte de madeira da maioria das janelas e algumas delas estavam pregadas com tábuas; só duas, tortas por sinal, se encontravam abertas: uma delas mostrava um remendo triangular de papelão, de cor azul ferrete.

O velho parque abandonado, que se estendia por detrás de casa, entestava com a povoação e perdia-se no campo, sendo a única nota da frescura pitoresca naquele imenso e lúgubre domínio. As ramagens mescladas das árvores desenvolviam-se caprichosamente e tapavam o horizonte com nuvens esverdeadas, com irregulares cúpulas trementes. O alvo tronco de um álamo gigantesco atirava-se para o ar como uma coluna de mármore cintilante, por cima daquele oceano de verdura. A sua pontiaguda copa, truncada pela tempestade ou pelo raio, coroava aquela nívea brancura: a árvore parecia usar chapéu ou ter pousado em seus pináculos alguma negra passarola. O lúpulo, trepando pelos tufos de salgueiros, sorveiros e aveleiras, revestira todo o cercado e acabara por tomar de assalto o truncado álamo. Chegado a meio do tronco, caía, passando a agarrar-se à copa de outras árvores, ou ficava suspenso no ar, enroscando as suas finas gavinhas, que balouçavam suavemente. O maciço verde, inundado de sol, debruçava-se às vezes sobre um abismo gigantesco, escondido na sombra. Naquela

profunda escuridão, adivinhava-se um fugitivo carreirinho, uma balastrada derruída, um pavilhão mal seguro, o carcomido tronco de um velho salgueiro, do qual saía o inextrincável tufo de um pé de ervilheira, um enredado de folhas e de galhos secos e, por fim, um mimoso ramo de ácer, que estendia obliquamente as verdes folhas, em forma de palma. Um raio de sol deslizava, sabe Deus como, por cima de uma delas, transformando-a num objeto transparente, ígneo, maravilhosamente radiante no meio daquelas espessas trevas. Separados, no extremo do parque, alguns álamos robustos, mais altos que os outros, escondiam nas suas enormes ramagens ninhos de corvos. Alguns deixavam sair seus ramos de folhas secas, meio desgarrados dos troncos. Um quadro tão perfeito exige esforços continuados da natureza e da arte. Para o conseguir, é necessário que à obra, por vezes muito complicada do homem, dê o seu último retoque o cinzel da natureza, que acepilhe os grosseiros flocos, que atenua o excesso de simetria, afofando a rígida nudez dos planos, transmitindo o grato calor às frias criações da medida e do bom-tom.

Após uma ou duas voltas e contravoltas, o nosso herói encontrou-se, ao cabo, em frente da casa senhorial que, de perto, lhe pareceu ainda mais lúgubre. O musgo cobria o portão e os taipais. Numerosas dependências, cobertos e armazéns — de aparência arruinada — ocupavam o curral. À direita e à esquerda, umas cancelas davam acesso para outros pátios. Todos estes sinais de uma vida intensa denunciavam tristeza. Nada contribuía para animar aquele quadro: nenhuma porta se abria, não se via ninguém; nenhum trabalho, nenhuma faina doméstica. Só o portão principal estava aberto de par em par, unicamente para dar passagem a uma

carroça abrigada por um toldo, conduzida por um mujique, posto ali de propósito para dar uma aparência de vida àquele reino da morte. Em qualquer outra ocasião, tê-la-íamos encontrado hermeticamente fechada, a avaliar pelas gigantescas cadeias pendentes de um gancho de ferro. Junto de uma destas dependências, Tchichikov não tardou a lorigar um ser estranho, a discutir com o homem da carroça. Largo tempo esteve a dar tratos à mioleira para descobrir a que sexo ele pertencia. Envergava um traje incaracterístico, semelhante a um vestido de senhora e, na cabeça, tinha uma coifa, ornamento habitual das criadas. Todavia, para ser de mulher, a voz pareceu a Tchichikov demasiado grave. «É uma mulher» pensou, para se decidir prontamente. «Não!» «Sim» concluiu, por fim, examinando com mais atenção a enigmática criatura, que, por seu lado, fazia o mesmo. Sem dúvida, a chegada de um hóspede lhe parecia extraordinária, por isso que, depois de o contemplar, transferiu para Selifan as suas investigações e a seguir para os cavalos, que observou da cabeça até os cascos. A julgar pelo molho de chaves dependuradas da cintura e pelas insolências com que repreendia o camponês, Tchichikov concluiu ter na sua frente uma governanta.

— Diga-me, santinha — disse, apeando-se do coche — o patrão...

— Não está aqui — interrompeu a serviçal, sem esperar pelo resto da frase. — Que lhe queria o senhor? — acrescentou um minuto depois.

— Trata-se de um negócio.

— Entre! — disse a boa mulher, voltando-lhe as costas. As vestes enfarinhadas mostravam uma grande brecha na parte inferior.

Tchichikov passou para um espaçoso e escuro vestíbulo, de onde vinha frio como de uma cova; depois para um compartimento igualmente escuro, iluminado apenas pela claridade que se escapava de uma grande fenda por debaixo da porta. Escancarada esta, viu por fim claro, e ficou surpreso com a desordem que se apresentou aos seus olhos. Dir-se-ia que provisoriamente ali tinham amontado todo o mobiliário, enquanto se esfregava o soalho. Em cima de uma mesa, estava uma cadeira furada, ao lado da qual havia um relógio com o pêndulo parado, onde uma aranha tecera a sua teia. Logo a seguir, com as traseiras encostadas à parede, um aparador continha garrações, prata antiga, porcelanas da China. Numa secretária, cujo mosaico de nácar se descascava em certos pontos, mostrando caixas amarelas cheias de cola, via-se uma infinidade de objetos variados: um montão de papelada escrita em letra miudinha, debaixo de um pisa-papéis de mármore esverdeado coroado por um ovo, e um velho volume de folhas vermelhas, encadernado em couro; um limão já mirrado, reduzido às proporções de uma avelã; o braço de um poltrona; um copo de pé, coberto com uma carta, e contendo um líquido onde nadavam três moscas; um bocado de cera; um farrapo; duas penas sujas de tinta, secas como um tísico; uma escova de dentes, amarelada, da qual, talvez, o dono se servia desde a invasão dos franceses ou antes disso.

Nas paredes, misturavam-se alguns quadros, apertando-se uns contra os outros. Uma enorme gravura amarela, representando uma batalha, grandes tambores, soldados com tricórnio, que vociferavam, cavalos que se afogavam, tudo estava encerrado numa moldura de acaju sem vidro, mas cercada por finas chapas de bronze e com

rosetas nos ângulos. Ao lado, ocupando metade da parede, um imenso quadro enegrecido, representando flores e frutas, fatias de melancia, uma cabeça de javali, um pato com a cabeça a abanar. Do meio do teto pendia uma lâmpada dentro de um invólucro cheio de pó, parecendo um casulo com a sua crisálida. A um canto acumulavam-se os objetos que, sendo mais grosseiros, não mereciam estar em cima das mesas. Era difícil determinar a natureza daquela pilha de coisas: o pó cobria-as até o ponto de deixar luvas nas mãos que lhes tocavam. Mais claramente, distinguia-se ali um fragmento de pá de madeira e uma sola velha. Poderia acreditar-se que aquele compartimento estava desabitado, se um velho barrete de dormir que jazia sobre uma mesa não denunciava a presença de um ser humano.

Enquanto Tchichikov examinava um tal covil, de uma porta lateral saiu a governanta que tinha encontrado no pátio. Então, convenceu-se de que era antes um feitor. Uma mulher não se barbeia, e aquele ser híbrido tinha recorrido à navalha, mas só muito raramente, por isso que o seu queixo parecia uma almofada. Com ar interrogador, Tchichikov esperava impaciente o que lhe ia dizer o mordomo. Este, por seu lado, esperava que Tchichikov lhe falasse. Finalmente, o nosso herói, diante daquela perplexidade, resolveu-se a perguntar;

— O seu patrão está ou não está em casa?

— Está aqui — disse o mordomo.

— Onde?

— O senhor está cego? O patrão sou eu!

Naquele momento Tchichikov recuou, surpreendido, fixando o olhar no seu interlocutor. Tivera ocasião de ver toda a espécie de

criaturas, até algumas que nem o leitor amigo nem eu jamais chegaremos a ver; porém, até então nunca se lhe deparara uma personagem assim. O rosto daquele bonifrate, semelhante ao de muitos velhos achacadiços, nada oferecia de particular. Só a ponta do queixo sobressaía desmesuradamente, até o ponto de ser preciso cobri-la com o lenço para o cuspo não lhe cair. Seus olhos, pequeninos, ainda que vivos, mexiam-se sob a alta coroa das sobancelhas, como as ratazanas quando chegam à entrada das suas escuras tocas, com o focinho pontiagudo, as orelhitas afitadas, inquietos bigodes, farejando o ar com desconfiança, não vá o gato ou qualquer animalejo agressivo estar oculto nas proximidades... A indumentária era ainda mais estapafúrdia. A matéria prima do seu capote desafiava qualquer análise: as mangas e as abas estavam tão enebadas, tão reluzentes, que pareciam de couro; por detrás, volitavam quatro asas, de onde saía o algodão aos tufos. Ao pescoço, trazia um objeto indeterminável, acaso uma peúga, talvez um chale ou um *plastron*, porém, com toda a certeza, uma gravata. Resumindo: se Tchichikov o visse com aquela indumentária no pórtico de uma igreja, ter-lhe-ia dado, sem dúvida, uns cobres, pois o nosso herói, seja dito em seu abono, era caritativo e não podia privar-se de dar esmolas. Porém, diante dele não estava um mendigo, mas um gentil-homem. E este gentil-homem possuía mais de mil almas; os seus celeiros abarrotavam de trigo, de grão e de farinha; os seus cobertos, a sua eira e a sua despensa estavam repletos de teias de toda a espécie de panos, de peles de carneiro curtidas ou em bruto, de peixe defumado, de legumes, de cogumelos, de salgados de toda a qualidade, como dificilmente se poderia encontrar em qualquer outra parte. Quem visitasse os seus

armazéns, cheios dos mais diversos artigos, aliás nunca usados, julgar-se-ia num mercado de Moscovo, onde as rotundas matronas, seguidas das suas cozinheiras, vão todos os dias fazer as compras; naquele mercado, onde se empilham madeira lavrada, torneada, aparelhada, entrançada, tonéis, cubas, odres, prensas, jarros, cântaros, canastras em que os aldeões guardam a sua estopa e os seus variados apetrechos caseiros, caixas de álamo e muitos outros utensílios, tanto de uso na Rússia pobre como na Rússia opulenta.

Que utilidade podia ter para Pliushkin tal quantidade de semelhantes objetos? Durante toda a sua vida não se poderia ter utilizado deles, ainda que possuísse duas propriedades como a sua. Todavia, aquilo não lhe bastava. Todos os dias percorria os caminhos da aldeia, olhava por debaixo das pontes e dos passadiços e tudo quanto lhe caía nas mãos — solas velhas, remendos, pregos, bocados de louça — levava para casa, para o amontoado que Tchichikov vira a um canto. «Lá vai o ferro-velho dar a sua volta!» diziam os camponeses ao vê-lo sair de casa. Com efeito, nada havia em sua casa para deitar ao lixo. Se um oficial ao passar perdia a sua espora, a espora ia aumentar a pilha em questão; se uma camponesa esquecia a sua bilha junto de um poço, ele tomava conta da bilha. Se se dava o caso de um mujique vigilante o apanhar com a boca na botija, restituía sem discussão o corpo de delito; porém, se este já tinha sido atirado para a pilha, era assunto arrumado. Então, jurava que era seu e muito seu, comprado na época tal a fulano ou herdado de seu avô. No seu quarto recolhia tudo quanto via no chão: penas, bocados de papel, pingos de cera, e punha-os sobre a escrivaninha ou no peitoril da janela. Contudo, noutros tempos, este homem não era mais que chefe de família, económico,



a cuja casa iam comer os vizinhos para aprender as regras da boa administração. Tudo nela denunciava atividade e se fazia de um modo regular; os moinhos e as noras moviam-se; trabalhava-se nas fábricas de tecidos, oficinas de carpinteiro e depósitos de panos. Por toda a parte se adivinhava o vigilante olhar do patrão, que, como laboriosa aranha a inspecionar a sua teia, circulava, atarefado, por toda a extensão do domínio. Aquele rosto não revelava sentimentos violentos; mas lia-se a inteligência nos seus olhos. A sua conversação mostrava conhecimento e experiência da vida; era um gosto ouvi-lo. A dona da casa era apontada pela sua hospitalidade; duas lindas filhas, jovens, louras, frescas como rosas, acolhiam os visitantes, assim como o filho do casal, um lindo rapaz que beijava todas as pessoas sem cuidar se isto lhes agradava ou não. Nenhuma janela estava entaipada. No rés do chão habitava o preceptor francês, sempre barbeado e grande conversador: quase sempre levava para comer galos e patos bravos, ou somente ovos de pardal, com os quais fazia uma pequena torta que só ele apreciava. Uma professora, sua compatriota, instalara-se também no rés do chão. O dono da casa, à mesa, envergava uma sobrecasaca um pouco usada, mas decente, sem cerzidos nem remendos.

Por fim, a boa dona da casa morreu. Uma parte das chaves e, simultaneamente, dos pequenos cuidados do lar, passaram para Pliushkin, cujo caráter se tornou azedo. Como todos os viúvos, fez-se mais desconfiado e mais avaro. Não podia confiar inteiramente na filha mais velha, Alexandra Stepanovna, e com razão, diga-se de passagem, pois a rapariga logo a seguir fugia de casa com um capitão de cavalaria — sabe-se lá de que regimento — casando com ele, numa igreja miserável, sabendo que seu pai odiava os militares,

nos quais um estranho preconceito o fazia ver jogadores e dissipadores de dinheiro. O pai, no seu íntimo, amaldiçoou-a; mas não quis persegui-la. A casa ficou vazia. O dono dava evidentes sinais da maior avareza. Quanto mais brancos se lhe tornavam os cabelos, mais se entregava a essa paixão, tão certo é que a velhice e a avareza formam uma boa parilha. A professora foi despedida por suspeita de cumplicidade na fuga de Alexandra Stepanovna. O preceptor também foi dispensado; o filho já atingira a idade de escolher uma carreira. Dirigido por seu pai ao tribunal da sede do distrito para iniciar-se no exercício de uma profissão decente, preferiu alistar-se como soldado, pedindo uma farda a Pliushkin, que muito habilmente se recusou a dar-lha.

Por fim, tendo-lhe morrido a última filha, o velho ficou senhor e guarda único das suas riquezas. A vida solitária proporcionava copioso alimento à sua avareza. É sabido que esta paixão provoca um apetite de lobo; quanto mais devora, menos saciado está. Os sentimentos humanos, já nele muito desvanecidos, iam diminuindo gradualmente. Aquela ruína ambulante desmoronava-se dia a dia. Como que dando razão ao conceito que fazia dos senhores militares, o filho perdeu ao jogo de cartas uma avultada quantia. Enviou-lhe a sua cordial maldição, e não mais se interessou pela existência do rapaz. Pouco a pouco, foi sacrificando todas as janelas da casa, à exceção de duas e, mesmo assim, uma delas apresentava, como dissemos, um remendo de papel.

De ano para ano, foi-se desinteressando dos principais ramos da sua atividade, para dedicar uma estranha atenção às plumas e ao ferro-velho, que colecionava no seu quarto. Dia a dia, tornava-se mais intratável para os compradores dos produtos das suas

propriedades. Fartos daquele miserável regatear, os negociantes abandonaram-no como se fosse um demônio com figura de homem. O feno e o trigo apodreciam, e as medas, transformadas em estrume, poderiam ser um bom adubo para a cultura das couves. Nos silos, a farinha, empedernida, dir-se-ia esperar o machado; receava-se tocar no bragal, nos panos e outros tecidos caseiros; não eram mais que pó. Pliushkin, esquecendo as suas riquezas, lembrava-se de que em tal recanto do aparador existia uma vasilha contendo um resto de aguardente, na qual pusera uma marca para impedir que a sua gente a enxugasse sub-repticiamente. Sabia também o sítio exato de todas as suas plumas e de todos os seus cotos de cera. Todavia, as rendas eram pagas regularmente; os camponeses satisfaziam a mesma importância, as mulheres entregavam-lhe o mesmo dízimo de nozes e as tecedeiras a mesma quantidade de teia. Tudo isso era arrumado nos armazéns, empilhava-se, transformava-se em podridão e em trapos. O próprio Pliushkin era agora um andrajo com figura de homem.

Alexandra Stepanovna foi lá uma ou duas vezes com seu filho, a ver se obtinha alguma coisa. A vida de guarnição não lhe oferecia já, com certeza, o mesmo atrativo que antes do casamento. Pliushkin dignou-se perdoar-lhe e até consentiu que o neto brincasse com um botão encontrado em cima da mesa, mas não lhe deu um *copeque*. Alexandra Stepanovna voltou mais tarde, levando, desta vez, duas crianças, uma torta e um guarda-pó, pois o que o pai trazia já a envergonhava. Pliushkin acarinhou os dois netos, sentou-os nos joelhos, andou com eles às cavaleiras, aceitou a torta e a bata, mas não puxou pelos cordões à bolsa. Alexandra Stepanovna foi-se como tinha entrado.

Tal era a personagem que estava frente a frente a Tchichikov. Fenómenos destes, havemos de confessar que se encontram raras vezes na Rússia, onde todas as coisas tendem a dilatar-se e não a contrair-se. E isto é tanto mais para admirar quanto, a seu lado, pode encontrar-se um cavalheiro que leva uma vida de dissipação, tanto de acordo com a nossa amplitude de espírito, e que queima a sua vela, como é costume dizer-se, pelas duas pontas. Ao ver a morada deste pródigo, o viajante, estupefacto, pergunta a si mesmo que príncipe reinante teve o capricho de construir o seu palácio entre aqueles fidalgos de meia tigela. Uma multidão de chaminés, de grimpas, de mirantes, coroa um elegante corpo de edifício de pedra branca, flanqueado por alas e numerosos pavilhões para convidados. Bailes alternam-se com espetáculos; durante a noite inteira, ouvem-se as músicas no jardim, iluminado por focos e archotes. Alegre e descuidada, metade de uma província passeia por baixo dos túneis de verdura, não reparando no que há de sinistro em toda aquela brutal iluminação que, descorando aqui e ali algum ramo, o projeta, numa atitude teatral, para fora dos tufos de verdura, enquanto o céu noturno se torna mais obscurecido, mais ameaçador, e as gigantescas árvores, cujas copas tremendas parecem diluir-se mais ao longe, nas trevas impenetráveis, exasperam em face daquele brilho artificial, que dir-se-ia atingir as próprias raízes.

Durante alguns momentos, Tchichikov ficou perplexo em frente de Pliushkin, silencioso. Desconcertado pelo aspeto heteróclito da casa e do seu dono, permaneceu incapaz de encetar a conversação, não sabendo em que termos explicar o motivo da sua visita. Ia a dizer a Pliushkin que a fama das suas virtudes o havia incitado a pagar-lhe pessoalmente o merecido tributo de sua homenagem;

porém, uma subsequente vista de olhos por aquele antro persuadiu-o de que a palavra virtude seria vantajosamente substituída pela palavra *economia* e pela palavra *ordem*. Depressa voltou a si, declarando que, por ouvir exaltar-lhe o espírito de economia e uma especial competência na administração dos seus bens, julgara oportuno vir, em pessoa, certificar-se daquela afirmativa. Poderia, sem dúvida, invocar melhor pretexto, mas, de momento, não o soube encontrar.

Em resposta, Pliushkin murmurou, não direi que entre dentes, pois já não os tinha, mas entre lábios, alguns sons ininteligíveis que, certamente, queriam dizer: «Diabos te levem mais aos teus respeitos!» Porém, as leis da hospitalidade estão em nós tão arreigadas, que a elas nem um avarento podia fugir. De um modo mais perceptível, acrescentou:

— Peço-lhe que se sente. Há muito que não recebo visitas e confesso que não lhes reconheço utilidade. Maldito costume! É preciso deixar cada um as suas ocupações e, ainda por cima, dar feno aos cavalos desses senhores! Comi há um instante; a minha cozinha é pequena, o forno está a cair aos bocados e, se o faço acender, arrisco-me a pegar fogo à casa.

«Bonito!», pensou Tchichikov. «Andei bem engolindo em casa de Sobakevich um pastelão e um pedaço de carneiro!»

— E calcule o senhor que não me ficou nem um punhado de feno — continuou Pliushkin. — Além disso, como poderia ser de outra maneira? Não tenho mais que um insignificante pedaço de terra; os meus camponeses cruzam os braços e não cuidam senão de beber... há de ver o senhor como nos meus últimos dias me deixarão abandonado.

— Não obstante — insinuou Tchichikov — disseram-me que o senhor possuía mais de mil almas.

— Quem lhe disse tal? Algum trapaceiro! Devia cuspir-lhe na cara, por ter zombado de si. Mil almas! Vá o senhor contá-las e verá o que delas me ficou! De há três anos para cá, a maldita febre maligna fez-lhes uma razia.

— Se assim é! — exclamou Tchichikov, com acentuada comiseração.

— Sim, senhor; é a pura verdade.

— E quantas, mais ou menos, se me permite a pergunta?

— Oitenta!

— É lá possível!

— Não tenho o costume de mentir, senhor.

— Outra pergunta: essas almas, suponho que as terá contado depois do último recenseamento?

— Isso de nada serviria! Se nos reportarmos a essa data, o mínimo que teríamos de contar seria cento e vinte!

— Cento e vinte, disse o senhor? É possível? — exclamou Tchichikov, de tal modo estupefacto, que ficou com a boca aberta.

— Sou demasiado velho para me divertir mentindo, senhor; já vou com oitenta anos — continuou Pliushkin, mostrando-se ofendido por aquela exclamação quase de alegria.

Tchichikov percebeu a inconveniência de manifestar tão pouco interesse pela desgraça alheia. Em seguida, deixando escapar um suspiro, assegurou a Pliushkin a sua compaixão.

— Que adianto eu com a sua compaixão? — disse o fantoche. — Ela não poderia compensar-me. Tenho por vizinho um capitão (só Deus sabe de onde saiu!) que pretende ser meu parente. «Tio! Tio!»

grita, beijando a minha mão. Enquanto se põe a lastimar-me, uiva a ponto de quase me romper os tímpanos. Um grande amador de álcool, a avaliar pelo seu nariz encarnado. Com certeza deu cabo do dinheiro levando uma vida faustosa, a não ser que se tenha deixado explorar por uma mulher de teatro. Por isso, entende que será conveniente manifestar-me a sua compaixão.

Tchichikov esforçou-se por explicar que o seu pesar não se parecia com o do capitão e pretendeu demonstrá-lo praticamente. Por exemplo: oferecia-se para lhe pagar a contribuição relativa a todos aqueles camponeses que, desgraçadamente, tinham morrido.

A proposta pareceu interessar Pliushkin. Abrindo os olhos, examinou longamente Tchichikov, acabando por lhe perguntar:

— Diga-me, meu bom senhor: não foi já da tropa?

— Não — respondeu com velhacaria Tchichikov. — Fui funcionário do Estado.

— Funcionário do Estado? — repetiu Pliushkin, mordendo os lábios. — Então, não ignorará que com isto será prejudicado...

— Para lhe ser agradável, sacrifico-me de boa vontade.

— Ai, querido senhor! Ai, meu benfeitor! — exclamou Pliushkin, sem dar conta de que, com a alegria, o rapé lhe pingava do nariz como o café pelo coador, nem que as abas do seu capote se escancaravam, deixando ver um fato bem pouco apresentável.

— Que alegria traz o senhor à minha velhice! Ai, senhor! Ai, santos do céu!

Pliushkin não pôde continuar. Porém, ao fim de um instante, a alegria que subitamente animara o seu rosto de pau deu lugar a uma preocupação igualmente repentina. Limpou-se a um lenço, amarfanhou-o e coçou o lábio superior.

— Permita-me uma pergunta: tenciona pagar o imposto todos os anos? Remeter-me-á a importância respetiva ou entregá-la-á na repartição competente?

— É fácil: assinaremos um contrato de venda como se estivessem ainda vivos e o senhor passa-os para o meu nome.

— Sim, realmente é um contrato de venda — repetiu Pliushkin, voltando a mordiscar os lábios. — Mas isto acarretará despesas... Os nossos burocratas têm os dentes grandes. Dantes, arranjavam-se as coisas com uns tantos cêntimos e um saco de farinha; porém, agora é preciso uma carga de flor de trigo escolhido e uma nota de cem. São de muito alimento! Ainda não descobri a razão por que não há ninguém que ponha termo a esses abusos e lhes dirija uma circular sobre o assunto. Quem poderá resistir a uma circular bem sentida?

«Resistirias tu muito bem, palhaço!», pensou Tchichikov, que se prontificou, em atenção a ele, a correr com as despesas da escritura.

Ao ouvir isto, Pliushkin certificou-se da estupidez do visitante. Debalde queria fazer-se passar por funcionário do Estado; mas não era, afinal, senão um oficial, um conquistador de atrizes. Incapaz de esconder a sua alegria, desejou todas as felicidades possíveis a Tchichikov e a seus filhos, sem tratar de saber se os tinha ou não. Aproximou-se da janela, bateu nos vidros e chamou:

— Proshka!

Ao fim de um minuto, ouviu-se na antessala um prolongado ruído. Por fim, abriu-se a porta, dando passagem a Proshka, rapaz de treze anos, com umas botas tão avantajadas que, ao andar, ameaçavam fugir-lhe dos pés. Causará surpresa vê-lo calçado de tal maneira: digamos desde já por quê. Os criados de Pliushkin



dispunham unicamente de um par de botas para todos, as quais estavam sempre na antessala. Quando um deles percebia que o chamavam, atravessava o pátio, descalço, a correr, e encafuava as botas antes de entrar na sala. Ao sair, tornava a pô-las no seu lugar e retirava-se outra vez descalço. Quem olhasse pela janela, numa manhã de outono, na altura das primeiras nevadas, poderia ver todos os criados a dar cambalhotas a que, certamente, não levaria a palma, no tablado, o mais famoso dos nossos bailarinos.

— Olhe para este focinho, meu bom senhor — disse Pliushkin indicando Proshka. — É burro como só ele; mas deixe-o andar no meio de alguma coisa e verá como logo lhe deita a unha. Que vieste aqui fazer, imbecil?

Manteve o amo um breve silêncio, a que Proshka respondeu com outro.

— Arranja o samovar, ouviste? Dá esta chave a Mavra; diz-lhe que vá à despensa; lá encontrará um bocado de bolo, que trouxe Alexandra Stepanovna; que o sirva com chá. Mas espera, estúpido! Onde vais a correr dessa maneira? Terás o diabo no corpo? Escuta primeiro o que te digo. O bolo está com um pouco de bolor; diz-lhe que o raspe com uma faca e, sobretudo, que não deite fora as migalhas: que as leve ao galinheiro. E tu, livra-te de entrar na despensa; aliás, sabes para que é o vergalho. Já tens bom apetite e isto abrir-to-á ainda mais. Experimenta, experimenta entrar na despensa; eu te vigiarei da janela... É impossível confiar neles — continuou, dirigindo-se a Tchichikov quando Proshka mais as suas botas desapareceram. Mas logo voltou a desconfiança relativamente ao hóspede; aquela liberalidade pareceu-lhe inverosímil.

«Ao fim e ao cabo», pensou, «talvez não passe de um charlatão, como todos os pródigos. Para que lhes ofereçam uma xícara de chá, prometem mundos e fundos e depois... se te vi, não me lembro! Por isso, como medida de precaução e desejoso de experimentá-lo, insinuou que seria preferível fazer escritura sem mais demoras, tanto mais que nunca um homem está seguro do dia de amanhã.»

Tchichikov mostrou-se disposto a firmar o contrato naquele momento; exigia uma relação exata dos camponeses.

Estas palavras tranquilizaram Pliushkin. Pareceu lembrar-se de qualquer coisa; pegou nas chaves, abriu a porta de um aparador, mexeu longo tempo nos copos e nas taças, e disse por fim:

— Mas eu tinha uma excelente ratafia. Dar-se-á o caso de a terem bebido esses malditos? Não há meio de dar com ela... Alto, não será isto?

Tchichikov tinha nas mãos um garrafão carregado de pó.

— Isto ainda é do tempo da minha falecida mulher. Aquela velhaca da governanta não tinha emenda. Nem sequer arrolhava o garrafão. Afogavam-se aqui toda a espécie de animaizinhos; mas já os tirei e agora está limpinho. Vou servir-lhe um cálice.

Com poucos desejos de provar aquele néctar, Tchichikov desculpou-se: já comera e bebera o suficiente.

— Já comeu e bebeu? — disse Pliushkin. — Via-se logo que era um homem de boa sociedade: não tinha necessidade de comer para ficar satisfeito; pelo contrário, a certos patifes nada há que os farte. Aí está, por exemplo, o capitão: «Tio», diz ele, quando me vem ver, «mande que me sirvam alguma coisa!» E tanto sou eu tio dele como ele é meu avô. Como não tem em sua casa nada para meter à boca,

torna-se hóspede dos outros... Mas, perdão: quer uma lista de todos esses bandidos? Muito bem! Por acaso, tenho uma que elaborei para dar baixa no próximo recenseamento.

Pliushkin pôs os óculos, remexeu entre os seus papéis, desfez um montão de embrulhos. O pó que levantava fazia espirrar o hóspede. Destacou, afinal, uma folha cheia de caracteres escritos. Os nomes dos camponeses apertavam-se uns contra os outros como gafanhotos. Havia-os de toda a casta: Paramonov, Pimionov, Panteleimonov, e até um certo Gregório *Chega-que-não-chegarás*; ao todo, mais de cento e vinte. Em presença daquela quantidade, Tchichikov sorriu e guardou a folha na algibeira. Então comunicou a Pliushkin que teria de ir à cidade para redigir o contrato.

— À cidade? Julga-o necessário?... Como abandonar a minha casa? Todos os que me rodeiam ou são ladrões ou velhacos; bastava um para a esvaziar de tal forma que não me ficaria um prego onde pendurar o meu cafetão.

— No entanto, o senhor deve ter alguém conhecido.

— Não; todos os meus conhecimentos morreram ou os perdi de vista... Ah, sim, sim! Perdão, senhor. Onde tinha eu a cabeça? — exclamou de súbito. — Ainda tenho um, o próprio presidente; dantes, vinha ver-me a cada passo. Somos companheiros de infância. Noutros tempos, saltávamos juntos os muros. Isto é o que se chama um conhecimento! Acha que devo escrever-lhe?

— Excelente ideia!

— Sim; é um velho conhecido. A nossa amizade vem dos tempos da escola.

Naquela face de pau incidiu, de repente, um raio de calor, um pálido reflexo de sentimento. Acontece, às vezes, que um afogado

aparece à superfície da água, arrancando um grito de alegria à multidão que se acotovela nas margens. Porém, debalde lançam um cabo, na esperança de que reapareça um ombro, ou um braço do infeliz, extenuado pela luta. Nada se move já, e o mar volta a ficar silencioso, tornando-se ainda mais impenetrável e mais deserto. Assim, após aquele instante de animação, o rosto de Pliushkin tornou-se mais calmo e mais insensível.

— Tinha na minha secretária uma folha de papel branco; só Deus sabe o que fizeram dela! Por aqui, já vê o senhor se posso confiar nesta gente reles.

Passeou os olhos pela escrivaninha, depois revolveu tudo por baixo, e gritou, por fim:

— Mavra!... Ó Mavra!

A este berro acudiu uma mulher, com um prato onde trazia o célebre pedaço de bolo. E estabeleceu-se o diálogo seguinte:

— Tiraste daqui o meu papel, ladra?

— Que papel, senhor? Palavra de honra que não vi outro, além daquele pedaço com que o senhor cobre o copo.

— E eu vejo nos teus olhos que mo roubaste.

— Para quê? Não sei ler nem escrever...

— Mentas. Levaste-o ao filho do sacristão, que está sempre a fazer garatujas.

— Se ele precisa de papel, sabe muito bem onde encontrá-lo e zomba dos restos do senhor.

— Espera algum tempo. No dia do Juízo te haverás com os tridentes dos demónios. Verás como eles te queimam!

— Porquê, meu Deus, se estou inocente? Não mexi no seu papel. Posso ter as minhas fraquezas, mas nunca me atribuíram o

mais insignificante roubo.

— Verás como te hão de atizar: «Toma, velhaca», te dirão, «que enganavas o teu amo! Deem-lhe para baixo!» E os tridentes hão de entrar em atividade.

— Mas eu lhes gritarei: «Porquê, meu Deus, porquê? Eu não peguei em nada!...» Mas olhe, senhor, ali está o seu papel, na secretária. Sempre há de implicar com todo o mundo sem razão!

Pliushkin reconheceu, efetivamente, o seu papel. Mordeu os lábios e acabou por dizer:

— Vamos embora! A galinha não acaba de cacarejar! Digo-lhe uma palavra e ela responde com dez! Espera um bocado; se, em vez de cacarejar, me trouxesses um pouco de lume para eu lacrar esta carta... Ouve: com certeza vais trazer-me uma vela, sem reparar que o sebo se consome inutilmente. Não; será melhor que me tragas uma brasa.

Quando Mavra se retirou, Pliushkin sentou-se numa poltrona, pegou numa pena e virou por todos os lados a folha de papel. Por fim, certo de que não podia poupar o menor bocado, molhou a pena num tinteiro que continha um líquido tresandando a mofo, com inúmeras moscas no fundo, e começou a escrever umas letras semelhantes a notas de música. A cada momento refreava a mão como para a dominar, encostava parcimoniosamente uma linha à outra, lamentando os espaços em branco que, mau grado seu, não podia aproveitar.

É possível que um homem possa degradar-se a tal ponto e se torne assim tão miserável, tão ruim, tão avaro? Tudo é verosímil; a natureza humana é capaz de tudo. O jovem impetuoso de hoje estremece de horror diante do velho que terá de ser amanhã.

Quando, ao deixar os anos encantadores da nossa mocidade, nos lançarmos no árduo caminho da idade madura, levemos como farnel os nossos primeiros impulsos de humanidade. De outra maneira, já não os encontraremos. A velhice ameaça-nos, essa implacável velhice que não permite reaver nada daquilo que uma vez se abandonou. O túmulo é mais clemente; nele pode ler-se: «Aqui jaz um homem», enquanto nos sombrios e glaciais atos da desumana velhice nada se pode entrever.

— Por acaso, terá o senhor algum amigo — disse Pliushkin — que necessite de almas fugidas?

— Tem alguma? — perguntou Tchichikov, arrancado às suas reflexões.

— Ai, sim! O meu genro procedeu a uma revisão delas; diz que já se lhe perdeu o rasto; mas esse militar sabe melhor fazer tilintar esporas do que apresentar um requerimento à justiça.

— Quantas serão, ao todo?

— Umas setenta.

— É impossível!

— Palavra de honra! Estes mandriões não fazem senão beber, enquanto eu morro de fome. Assim, todos os anos, alguns desses gulosos resolvem fugir... Aceitaria por eles o que me dessem. Aconselhe o seu amigo a que mos compre. Ainda que somente achasse uma dúzia, faria um esplêndido negócio. Cada alma recenseada vale quinhentos rublos!

«Não deixaremos transpirar nada deste negócio!», pensou Tchichikov. Imediatamente declarou que nenhum amigo seu queria comprar semelhante mercadoria; as despesas seriam elevadíssimas e, de preferência a perseguir os fugitivos, mais valia abandoná-los

ao seu próprio destino. No entanto, uma vez que Pliushkin estava tão aborrecido, ele, Tchichikov, por compaixão, estava disposto a comprar-lhe os fugitivos: mas só podia oferecer por eles uma ridícula.

— Mas quanto? — interrogou Pliushkin, metamorfoseado em autêntico judeu: as suas mãos tremiam como varas verdes.

— Vinte e cinco *copeques* por cada alma.

— Dinheiro sonante? Simplesmente, meu bom senhor, tenha piedade da minha miséria; ao menos, dê-me quarenta *copeques*.

— Venerável ancião: não só lhe daria de bom grado quarenta *copeques* como quinhentos rublos, tão condoído estou por ver um homem vítima do seu bom coração.

— É verdade! É verdade! — aprovou Pliushkin, abanando a cabeça, compungido.

— Já vê o senhor. Compreendi rapidamente o seu caráter. Dizia, pois, que de bom grado lhe daria quinhentos rublos por cada alma; porém, desgraçadamente... a minha fortuna não o permite. Todavia, dou-lhe mais cinco *copeques*, isto é, trinta por cada alma.

— Ah, meu bom senhor! Pelo menos, mais dois!

— Já que tanto me pede, seja. Quantos são os fugitivos? Creio que dizia setenta...

— Setenta e oito, ao todo...

— Setenta e oito, a trinta e dois *copeques* são... — Depois de refletir durante um segundo, o nosso herói, forte em aritmética, acrescentou: — São vinte e quatro rublos e noventa e seis *copeques*.

Fez com que Pliushkin passasse um recibo e, em seguida, entregou-lhe o dinheiro, que o outro agarrou com as duas mãos e

foi guardar na escrivaninha com tanto cuidado como se transportasse um líquido precioso, receando derramá-lo a todo o instante. Uma vez junto da escrivaninha, recontou as notas e meteu-as num dos caixotes destinados a servir-lhes de túmulo até ao dia em que o padre Carpo e o padre Policarpo, os dois sacerdotes da paróquia, o enterrassem a ele, Pliushkin, com indizível satisfação do seu genro, da sua filha e, possivelmente, do capitão que se inculcava seu parente. Aferrolhado o dinheiro, Pliushkin caiu de novo na poltrona, e dir-se-ia não encontrar mais assunto para continuar a conversa.

— Já se quer ir embora? — disse, por fim, observando um gesto esboçado por Tchichikov para tirar o lenço.

Esta pergunta fez lembrar ao nosso herói que, efetivamente, não havia razão para se demorar mais.

— Sim, tenho necessidade de me retirar — disse, pegando no chapéu.

— Mas o chá?

— Se me dá licença, fica para outro dia.

— E eu que mandei arranjar o samovar! Para me exprimir com franqueza, tomo poucas vezes chá: é uma bebida cara e o açúcar tornou-se inacessível. Proshka, já não é preciso o samovar! Leva o pedaço do bolo a Mavra; diz-lhe que o ponha outra vez no seu lugar; ou melhor, trá-lo, entrega-mo. Eu próprio o guardarei. Adeus, meu bom amigo, que Deus o proteja! Não se esqueça da carta para o presidente; é um antigo conhecimento; fomos condiscípulos!

Em seguida, aquele espantalho, engelhado, acompanhou o hóspede até o portão, que se fechou cuidadosamente. Depois, inspecionou os armazéns, certificando-se de que os guardas — que



davam sinal de si batendo num tonel vazio, em lugar de baterem arcos de ferro fundido — estavam nos postos; lançou uma vista de olhos pela cozinha, onde, com pretexto de provar a comida do pessoal, comeu sopa de couves e trigo. Por fim, depois de ter acoimado toda a gente de madraços e ladrões, retirou-se para os seus aposentos. Só, pôs-se a imaginar um processo de obsequiar o seu hóspede, com uma magnanimidade verdadeiramente inaudita.

— Oferecer-lhe-ei o meu relógio, que é de boa prata e não de latão ou de aço. É certo que não regula muito bem; todavia, que o mande consertar. Ele ainda é novo e, com certeza, precisa de um relógio para agradar à noiva. Mas, não — acrescentou, após alguns instantes de reflexão — é melhor que lho deixe em testamento, para que, depois da minha morte, conserve de mim uma boa recordação...

O nosso herói não precisava de relógio para dar provas da mais excelente disposição de espírito. Uma aquisição tão inesperada superava o mais belo dos presentes: entre mortos e fugitivos, a soma ultrapassava duzentas almas. Com efeito, logo que chegou a casa de Pliushkin farejou um bom negócio; mas nunca esperara semelhante pechincha. Por isso, durante todo o caminho, manifestou a sua louca alegria; assobiou, imitou a cometa, soprando com a mão, trauteou uma cantiga de tal modo insólita que Selifan, depois de ter prestado atenção durante muito tempo, terminou por abanar a cabeça, dizendo:

— Caramba, o patrão hoje está alegre!

Ao lusco-fusco chegaram aos subúrbios da cidade. A luz confundia-se com a sombra, como os objetos se confundiam entre si. A grossa travessa pintada a duas cores que serve de barreira

tinha adquirido uns tons indeterminados. Não se lobrigava o nariz da sentinela; os seus bigodes pareciam colados à testa, muito acima dos olhos. Ruidosos solavancos anunciaram a chegada do coche à rua empedrada. Os candeeiros não estavam acesos. Só nalgumas janelas começava a aparecer luz, enquanto as travessas e os becos serviam de teatro a cenas e a conversas próprias de tais horas, em todas as cidades onde pululam soldados, cocheiros, operários, e em que as raparigas que usam chales encarnados e sapatos sem meias volitam pelas esquinas como morcegos. Tchichikov não prestou a isso a menor atenção, nem aos numerosos funcionários efeminados que, de bengala na mão, regressavam de um passeio pelo campo. Em certos momentos, ouvia recriminações, provavelmente femininas: «Mentes, borrachão, nunca te permiti nada disso!» ou: «Não me toques, indecente. Vem à esquadra, que eu farei ver se tenho ou não razão!» Numa palavra, as expressões indecorosas que impressionam o sonhador de vinte anos, quando, ao regressar do teatro, recorda uma noite espanhola, uma deliciosa rapariga com guitarra e cabelos frisados. Preso de um celeste feitiço, evola-se até os céus, conversa com Schiller, quando, subitamente, aquelas desconcertantes palavras soam aos seus ouvidos como um trovão: então, ele volta a encontrar-se na terra e até na praça do Feno, junto de uma alfurja, no meio do bulício de todos os dias.

Afinal, depois de um último solavanco, a carripiana afundou-se, como num alçapão, dentro do portal da hospedaria, onde Petrushka recebeu Tchichikov, oferecendo-lhe a mão para o ajudar a descer do carro, enquanto segurava as abas do seu albornoz, que ele não gostava de ver flutuar. O moço da hospedaria apareceu também, de lampião em punho e guardanapo ao ombro. Se o regresso do amo o

regozijava, tal não o manifestou Petrushka; apesar disso, trocando um olhar com Selifan, pareceu que se lhe desanuviava a carregada fisionomia.

— O senhor fez boa viagem? — perguntou o moço, alumiando a escada.

— Sim — disse Tchichikov, ao chegar ao patamar.

— E tu, como vais?

— Graças a Deus, vou bem, senhor! — respondeu o moço, inclinando-se. — Ontem, chegou um oficial, um tenente. Foi para o dezasseis.

— Um tenente?

— Não saberei dizer ao senhor o que é; mas chega de Riazan e tem uns formosos cavalos baios.

— Perfeitamente! Continua a portar-te bem — disse Tchichikov já no seu quarto. Ao atravessar a antessala, torceu o nariz e disse a Petrushka: — Bem podias ter as janelas abertas!

— Mas eu abria-as — replicou impudentemente Petrushka.

O amo, embora soubesse que o pulhastro mentia, não insistiu. A viagem deixara-o exausto. Ceou um leitão, despiu-se, meteu-se debaixo do cobertor e depressa adormeceu profundamente, com o maravilhoso sono, apanágio dos ditosos mortais que desconhecem o que são as pulgas, as hemorroidais e o excesso de inteligência.

## 7

Feliz o viajante que, depois de longas caminhadas, apanhando vento, chuva e lama, farto do tilintar dos guizos, das reparações no meio da estrada, da contínua e azeda troca de palavras com a canalha dos caminhos — postilhões, ferradores, donos de pousadas meio adormecidas, e *tutti quanti* — volta, por fim, a ver o seu teto e conhece o conforto de um caloroso acolhimento: alegres gritos de pessoas que acodem, lanternas na mão, ao seu encontro; turbulentos vaivéns de crianças; palavras de carinho misturadas com afetuosos abraços que varrem da memória os trabalhos sofridos! Feliz o pai de família! Mas ai do celibatário!

Feliz o escritor que foge dos triviais caracteres cuja excessiva banalidade real repugna e aborrece, para se dedicar à pintura das almas nobres, orgulho da humanidade; que, no torvelinho das imagens continuamente substituídas, escolhe algumas raras exceções; que jamais falseia a elevada gama da sua lira, não se inclina até os humildes mortais e se evola para longe da terra, para as regiões do sublime. Duplamente invejável se nos apresenta a sorte desses seres de eleição e os ecos da sua glória ressoam por todo o universo. Exalta e embriaga os homens, oferecendo-lhes o que é real, não lhes mostrando as taras da humanidade, para que eles somente vejam o que é grande e o que é belo. Todos o aplaudem e acompanham o seu carro triunfal. Proclamam-no grande poeta; afirma-se que o seu génio coloca na penumbra os outros belos espíritos, como a águia todas as outras aves de alto voo. Os

corações juvenis tremem ao ouvir o seu nome; lágrimas de simpatia brilham em todos os olhos. Ninguém o sobreleva em poder!

Sorte muito diversa espera o escritor que se atreve a remexer o lodo das baixezas em que se atola a nossa vida; a descer ao abismo das naturezas frias, mesquinhas e vulgares — que se nos deparam, a cada instante, no decurso da nossa peregrinação terrestre, às vezes tão penosa, tão amarga! — a fim de, com buril impiedoso, revelar à luz do dia aquilo que os nossos olhos indiferentes se negavam a ver. Este não desfrutará o aplauso popular, nem as lágrimas de gratidão, nem os impulsos de um entusiasmo unânime; não despertará nenhuma paixão heroica nos corações de dezasseis anos; não sofrerá a fascinação da sua própria voz; não evitará, por fim, a crítica dos seus hipócritas e insensíveis contemporâneos, que apodarão as suas queridas criações de escritos desprezíveis e extravagantes; que lhe atribuirão os vícios dos seus heróis, negando-lhe coração, alma e a chama divina do talento. Esses contemporâneos negam-se a admitir que as lentes destinadas a examinar os movimentos dos insetos impercetíveis são as mesmas que servem para observar o sol; negam que um grande poder de penetração seja indispensável para iluminar um quadro extraído da vida abjeta e fazer dele uma obra-prima; negam que uma potente gargalhada valha tanto como um belo movimento lírico e que um abismo a separa do riso alvar dos palhaços. Negando tudo isto, os zoilos tornarão irrisórios os méritos do escritor isolado no meio do caminho. Austera é a sua carreira; amarga a sua soledade.

Por mim, já o sei. Um poder superior me obriga a caminhar durante muito tempo ainda ao lado dos meus estranhos heróis, a contemplar, através de um sorriso falso e de lágrimas de que

ninguém suspeita, o infinito desenvolvimento da vida. Ainda está longe o tempo em que a inspiração brotará em torrentes mais caudalosas do meu cérebro, preso do verbo sagrado; em que os homens, trementes de emoção, pressintam o majestoso retumbar de outros discursos.

Adiante! Em marcha! Desenrugemos a frente; integremo-nos na vida, em seu tumulto e suas guizalhadas, e vejamos o que faz Tchichikov.

Tchichikov acordou, espreguiçou-se e sentiu-se com novas energias. Esteve longos minutos de barriga para o ar; mas, recordando-se prontamente de que já era senhor de quatrocentas almas, fez estalar os dedos e tomou um aspeto radiante. Ao saltar da cama, não pensou em ver no espelho o rosto, que muito admirava, especialmente o queixo, cuja perfeição gostava de mostrar aos seus amigos, sobretudo ao barbear-se. «Olha, como tenho redonda a barbela!» dizia, quase sempre, acariciando-o. Porém, desta vez, esquecendo o queixo e até o rosto, calçou rapidamente um par dessas botas de marroquim jaspeado, com que, por virtude da nossa moleza de costumes, a cidade de Torjok faz um negócio considerável. E unicamente com essa indumentária à escocesa, esquecendo o aprumo devido à sua idade e ao seu caráter, executou um par de cambalhotas com muita perfeição. Depois, sem mais tardança, lançou mãos à obra. Sentou-se à secretária com tanta satisfação como, depois de um interrogatório, se instala diante de uma mesa bem arrumada um juiz íntegro, dela tirando os papéis que encerrava. Não querendo deixar que o caso se protelasse, decidiu redigir ele próprio o contrato e ainda copiá-lo, para não ter que pagar ao notário.

Muito familiarizado com o formulário, escreveu ao correr da pena, primeiro em letras graúdas: No ano de mil oitocentos... depois, em miúdas: *Eu, fulano, proprietário...*, e tudo o mais que se segue. Ao fim de duas horas, tinha tudo pronto.

Quando, depois disso, contemplou todas aquelas folhas, aqueles camponeses que ainda há pouco eram seres de carne e osso, labutando, lavrando, carregando, embriagando-se, enganando os senhores — ou, porventura, simples e boas criaturas — apoderou-se dele um estranho sentimento, que ele próprio não saberia definir. Cada uma das relações parecia ter um caráter particular, comunicando-se aos camponeses que a constituíam. Os da senhora Koroboshka estavam quase todos cheios de alcunhas. A concisão distinguia a lista de Pliushkin; nela, com frequência, apareciam os nomes com iniciais seguidas de dois pontos. A de Sobakevich surpreendia pelo grande número de pormenores: indicava todas as qualidades dos mujiques. Certo nome era seguido da referência: «bom carpinteiro»; outro, da de «inteligente e nada bêbado». Não se omitiam os nomes nem a conduta do pai e da mãe de cada um. Apenas a um tal Fedotov se pusera a indicação: «nascido de pai incógnito e da donzela Capitolina, todavia honesto e de bons costumes». Estas minudências davam às listas uma frescura especial; aquelas boas pessoas só pareciam ter morrido no dia anterior. Tchichikov enterneceu-se e exclamou, suspirando:

— Bons amigos: aqui estais reunidos em numerosa companhia! Quais eram, meus bons amigos, os vossos meios de existência? Como conseguistes juntar os dois extremos?

O seu olhar deteve-se involuntariamente num apelido: o do famoso Piotr Saveliev, *Mete-os-pés-no-prato*, antigo servo da

senhora Koroboshka. Desta vez ainda, não pôde deixar de exclamar:

— Que nome tão comprido! Só ele ocupa uma linha inteira! Quem eras tu, valente? Operário ou simples camponês? Estou a ver que morreste na taberna, a menos que as rodas de um carro não te tenham esborrachado quando dormias estendido no meio da estrada... Estêvão Tapon, «carpinteiro armador, de uma sobriedade exemplar». Ah, cá temos Estêvão Tapon, o gigante que estava talhado à maravilha para figurar na guarda! Com certeza, bom rapaz, percorreste todas as províncias com as botas ao ombro e o machado à cintura, sustentando-te com um oitavo de pão e dois de peixe sêco, para trazeses, no regresso das tuas empreitadas, um cento de rublos de prata na algibeira, não falando nas notas que esconderias nas botas ou nas dobras das tuas calças de tecido grosseiro! Onde diabo decorreu a tua vida de nómada? Terás, porventura, para aumentar o teu pecúlio, empreendido a reparação de um campanário e, escorregando num andaime, ter-te-ias estatelado no solo, dando assim ocasião a que um qualquer Zé da Béstia coçasse a cabeça, murmurando: «Que é isso, meu rapaz? Que foi que te aconteceu? e logo subisse com uma corda enrolada à cintura, a exercer o teu lugar?»... Máximo Telianikov, sapateiro. Caramba! «Bêbado como um sapateiro», diz o provérbio russo. Bem te conheço, amigo e, se queres, vou reproduzir a tua história em poucas palavras. Aprendiz com um alemão, que vos sustentava, a ti e aos outros, da mesma escudela, reprimindo a vossa negligência com o tirapé no lombo e proibindo-vos de vaguear pelas ruas. Tu trabalhavas na ponta da unha, e o alemão, falando com a mulher ou com o seu camarada, não se cansava de te fazer elogios. Acabada a aprendizagem, disseste: «Agora vou-me estabelecer; mas, em vez



de puxar, com o avaro do alemão, o diabo pela cauda, depressa ficarei rico». Pagaste imposto ao teu senhor, lançaste mãos à obra e choveu a clientela. Compraste, por uma insignificância, coiros de má qualidade e, em cada par de calçado, ganhaste cem por cento; porém, ao fim de quinze dias, estavam as botas rôtas e os teus fregueses não te procuraram mais. Sem freguesia na loja, afogaste os teus desgostos no álcool. Refocilando-te na lama da rua, murmuraste: «O mundo está mal feito! Os russos não podem ganhar a vida e aqui não há espaço senão para os alemães»... Mas quem é esta Isabel Pardal? Uma mulher? Como é que se encontra aqui? Esse bandido do Sobakevich achou maneira de vigarizar-me.

Tchichikov tinha razão: era mulher e estava metida na relação com uma astúcia inaudita. Tornava-se preciso suprimi-la.

— Gregório *Anda-sempre-e-não-chega-nunca*. Quem diabo serias tu? Um carroceiro, com toda a certeza, que, depois de ter comprado três cavalos e uma carripana indecente, disse adeus para sempre à sua terrinha e passou a transportar mercadorias de feira?... Entregaste a alma ao criador na estrada? Deram cabo de ti os teus amigos, por causa de alguma gorda e rubicunda comadre? As tuas luvas de couro, os teus gordos machos tentaram algum negociante de lenha? Ou, talvez, sonhando com uma boa pescaria, não pudeste resistir ao desejo de te encharcar na taberna, após o que, de cabeça para baixo, te precipitaste no rio, sem seres visto nem ouvido... Como são originais estes nossos russos! Não lhes agrada morrer de morte natural! E vós, meus queridos filhos — continuou, assestando o olhar na folha onde estavam escritos os nomes dos servos de Pliushkin — vós existis ainda, é certo; mas nem por isso valeis mais. Onde vos levará agora a vossa rápida

carreira? Efetivamente, em casa de Pliushkin a vossa existência era assim tão penosa? Ou deixastes-vos atrair pela vida errante e sentis prazer em calcorrear as grandes estradas? Apodreceis numa cadeia ou servis outro senhor, lavrando as suas terras? Jeremias, o Cabeçudo, e Nikita, o Corredor, são filhos de António, o Corredor!... Poucos apelidos, adivinha-se que estes dois sabiam mexer as pernas... Popov, criado. Este, com certeza, sabe ler e escrever. Não faz uso da faca: comete os seus roubos com toda a honestidade. Mas apanharam-te sem passaporte e suportas galhardamente o interrogatório do chefe de polícia. «De quem és?» pergunta este, dirigindo-te uma ou outra palavra *amável*. «De tal ou tal senhor», respondes tu com arrogância. «Que fazes por aqui?» «Estou autorizado a ganhar dinheiro para pagar o meu imposto», respondes sem pestanejar. «E o teu passaporte?» «Entreguei-o ao operário Pimenov, meu patrão.» «Façam entrar Pimenov!» «És Pimenov?» «Sou.» «Diz este homem que te entregou o seu passaporte. É verdade?» «Não é verdade!» «Então... mentiste?», pergunta o polícia, com uma nova *amabilidade*. «Menti», declaras com o maior cinismo, «regressei já muito tarde e entreguei-o a Antipas Prokhrov, o sineiro.» «Tragam o sineiro! Este entregou-te o passaporte?» «Não, senhor!» «Mas, então, mentiste outra vez?», exclama o chefe, acompanhando as suas palavras com um dilúvio de pragas. «Vamos a saber: onde está o teu passaporte?» «Eu tinha um», aldrabas tu, «mas, ao fim e ao cabo, é possível que o tenha perdido no caminho.» «E este capote de soldado», continua o polícia, aplicando-te um novo epíteto *lisonjeiro*, «e esta caixa onde se encontram as economias do padre, por que as roubaste?» «Roubei?», insurges-te sem gaguejar. «Nunca me dediquei a essa

profissão!» «Todavia, o capote foi apreendido em tua casa. De quem é ele?» «Não sei, talvez alguém o levasse para lá.» «Ah, larápio!», diz o chefe, abanando a cabeça e com as mãos nas ilhargas. «Grilhetas aos pés e levem-no para o calabouço!» «Faça de mim o que muito bem quiser», concordas. E, tirando a bolsa do tabaco, ofereces um cigarro aos dois inválidos que te prendem as correntes, informando-te amistosamente da data em que lhes acaba a licença e das campanhas em que tomaram parte. Já estás preso a sete chaves; o processo corre os seus termos. De Tsavero-Kokshaisk mandam-te para outra cidade; de lá para Vesiegonsk ou outro sítio qualquer. Passas, assim, de cadeia em cadeia e comentas, examinando os novos, aposentos: «Não, decididamente estava-se melhor em Vesiegonsk e a malta de lá era mais escolhida».

Abashum Fyrov! Por onde andarás tu, irmão? Terás, acaso, chegado até o Volga e ter-te-ás deixado atrair pela vida livre dos barqueiros?

Tchichikov interrompeu o seu discurso e principiou a sonhar. Pensava na sorte de Abashum Fyrov ou recordava, simplesmente, a dilatada vida sem freio, sonho favorito dos russos de todas as idades, de todas as condições, de todas as classes? Realmente, onde poderia estar Fyrov? Sem dúvida, presta os seus serviços a negociantes e, no meio de alegre barafunda, carrega trigo para o porto. Com flores e fitinhas no chapéu, os companheiros despedem-se alvoroçadamente das mulheres ou das amantes, lindas moças adornadas com laços e colares. Misturam-se cânticos e danças, enquanto, por meio de guinchos, os carregadores atiram para os ombros, entre gritos e pragas, até cento e setenta quilos de ervilhas ou de trigo que lançam ruidosamente para as profundas barcaças.

Fardos de aveia e outros cereais juncam o chão; pirâmides de sacos empilham-se, como cogumelos, até se perderem de vista: formidável arsenal destinado a sumir-se nos fundos flancos das barcaças, que descerão o rio umas atrás das outras. Quando a interminável caravana se puser em marcha, terá chegado a vossa hora, barqueiros. Como há pouco ao prazer, entregar-vos-eis à tarefa de todo o coração, esticando, esticando a corda, ao compasso de um coro monótono e interminável como tu própria, Rússia!

— Mas é já meio dia! — exclamou, por fim, Tchichikov, olhando para o relógio. — E eu estou ainda aqui, a apanhar moscas. Que imbecil!

Ditas estas palavras, trocou o seu traje escocês por um à europeia. Apertou o cinto até mais não poder, pulverizou-se com água de Colónia, pegou no seu canhenho e no seu gorro acolchoado e dirigiu-se, pressuroso, ao tribunal civil, para registar os seus contratos. Não porque receasse chegar muito tarde, pois o seu amigo presidente podia abreviar ou prolongar as audiências a seu belo prazer, como o antigo Zeus de Homero estendia ou encurtava os dias, para permitir aos seus heróis favoritos ganhar um combate ou subitamente acabar com as discussões. O que ele desejava era acabar o mais depressa possível. Enquanto a escritura não fosse registada, não lhe parecia firme o negócio; as almas não eram completamente suas e, em casos destes, vale mais dar o último passo sem perda de tempo. Saiu pensando nestas coisas, sem se esquecer de cobrir os ombros com uma pele de urso forrada de pano cor de canela. Mal tinha posto o nariz fora da porta, deu de cara, na primeira esquina, com um senhor também de gorro acolchoado e uma pele de urso forrada de pano cor de canela. O

tipo soltou um grito e caiu-lhe nos braços: era Manilov. O abraço durou perto de cinco minutos; o beijo foi tão violento, que todo o dia lhe doeu a cara. A alegria fez cegar completamente Manilov. O seu rosto não era mais que nariz e lábios. Durante um quarto de hora, apertou a mão de Tchichikov como se a quisesse quebrar. Nos termos mais esquisitos, contou-lhe que ia precisamente à procura de Pavel Ivanovitch para se lhe lançar ao pescoço, e terminou o seu discurso com uns salamaleques que não ficariam mal a um bailarino, convidando uma jovem para dançar. Tchichikov abriu a boca, não sabendo em que termos agradecer-lhe, quando Manilov tirou da algibeira interior da peliça um rolo de papel atado com uma fita cor de rosa.

— Que é isso?

— Os camponeses.

— Ah!

Tchichikov desfez o rolo e, tendo-o percorrido com o olhar, admirou a perfeição da escrita.

— Belo trabalho! — disse. — Não é necessário copiá-lo. Merecia ser encaixilhado. Quem foi o artista?

— Não mo pergunte — disse Manilov.

— Foi o senhor?

— Não; minha mulher!

— Ai, meu Deus! Sinto-me verdadeiramente envergonhado por lhe ter dado esse incómodo.

— Para Pavel Ivanovitch nunca é demais o trabalho que se tenha.

Tchichikov fez uma vénia. Ao saber que Pavel Ivanovitch se dirigia ao tribunal para registrar os contratos, Manilov ofereceu-se

para o acompanhar. Os dois amigos para lá se dirigiram de braço dado. À menor depressão, ao mais pequeno desnivelamento de terreno, Manilov sustinha, quase erguia Tchichikov, declarando, com amável sorriso, não permitir que Pavel Ivanovitch magoasse os seus pezinhos. Tchichikov, muito comprometido, por saber que era um pouco pesado, desfazia-se em agradecimentos. Depois de uma verdadeira luta de finezas, chegaram, finalmente, à praça onde ficava o tribunal, enorme edifício de pedra, de dois andares, cuja brancura de gesso devia, sem dúvida, simbolizar a candura dos que nele trabalhavam. Este edifício contrastava, pelas suas dimensões, com outros adornos da praça: uma guarita com uma sentinela; duas ou três parelhas de trens; e, por fim, extensos muros enfeitados com os habituais desenhos a carvão ou a giz. Tal era o triste local a que hiperbolicamente se chamava uma formosa praça.

Assomando um instante às janelas do primeiro e do segundo andar, os incorruptíveis sacerdotes de Themis eclipsaram-se rapidamente. O chefe dava, sem dúvida, uma vista de olhos pela repartição. Os nossos amigos subiram ou, melhor, treparam pela escada. Tchichikov apressava o passo, para se livrar das atenções de Manilov que, por sua vez, se atirava para a frente, com o fim de aliviar a fadiga de Pavel Ivanovitch. Assim chegaram, lado a lado, à escura antecâmara. Nem nos corredores nem nos compartimentos se notava limpeza; ainda se não dava importância a estas coisas. O que estava sujo — sujo ficava, e não tomava nenhum aspeto desagradável. Themis recebia confiadamente e sem atavios.

Conviria descrever aqui o compartimento por onde tiveram de passar os nossos amigos; o autor, porém, experimenta, com referência a repartições públicas, uma invencível timidez. Quando

um determinado assunto o leva a uma delas, ainda as mais bem apresentadas — pavimento de madeira encerada, mesas brilhantes — só ali se mantém com os olhos humildemente no chão; por isso ignora a sua magnificência. Os nossos amigos viram muito papel, branco e enegrecido, cabeças inclinadas, largos cachacos, fraques e redingotes à moda da província e, sobressaindo dentre eles, uma singela casaca cinzento-clara. Aquele que a envergava, com a cabeça quase espetada obliquamente no papel, copiava com desembaraço um processo sobre a usurpação de terrenos praticada por um fidalgo qualquer, que, embora processado sempre, não deixava por isso de terminar pacificamente os seus dias — pai e avó veneráveis — sob a égide da senhora Justiça. De vez em quando, uma rouca voz deixava escapar exclamações: «Fedosei Fedoseievich, dê-me o testamento 368. Você perde sempre a tampa do tinteiro!». As vezes, uma voz imperativa, a de um superior, evidentemente, dava uma ordem: «Copia-me isso! Se não, levar-te-ão as botas e permanecerás aqui seis dias inteiros sem comer nem beber!» O deslizar das penas no papel recordava o dos molhos de brejo transportados, em carradas, por um caminho florestal, sobre um tapete de folhas secas.

Tchichikov e Manilov dirigiram-se a dois amanuenses sentados à primeira mesa.

— A secção dos contratos, faz-nos a fineza?

— Que deseja o senhor? — responderam, ao mesmo tempo, os dois copistas.

— Apresentar um requerimento.

— Mas que comprou o senhor?

— Primeiro, diga-me o senhor qual é a secção dos contratos.

— Mas, para lha indicar, é necessário que saibamos o que o senhor comprou e por que preço.

Tchichikov compreendeu que, como todos os empregados novatos, aqueles dois pintalegretes eram curiosos e queriam dar-se ares de importância.

— Escutem, seus franganotes — disse. — Sei muito bem que os contratos, qualquer que seja a sua importância, estão dependentes do mesmo serviço; façam, pois, o favor de no-lo indicar; e, se o ignoram, dirigimo-nos a outra pessoa.

Esta réplica fez embuchar os mangas de alpaca; um deles indicava um canto da sala, onde um velho revolia testamentos. Tchichikov e Manilov, metendo-se por entre as mesas, foram direitos ao fantoche, que parecia absorto pelo seu trabalho.

— Permita-me o senhor que lhe pergunte — disse Tchichikov, inclinando-se. — É aqui que se registam os contratos?

— Aqui não se regista nenhum contrato! — replicou o velho, levantando a cabeça.

— Onde é, então?

— Na secção dos contratos.

— E onde é essa secção?

— Dirija-se a Ivan Antonovich.

— Mas onde está Ivan Antonovich?

O velhote designou o canto da sala do lado oposto. Tchichikov e Manilov dirigiram-se a Ivan Antonovich, que, vendo-os chegar, lhes deitou um olhar de soslaio e recomeçou logo a escrever.

— Perdão! — disse Tchichikov, inclinando-se. — É esta a secção dos contratos?



Ivan Antonovich fez-se surdo e desapareceu por detrás da papelada. Mal hajam estes jovens estorninhos que passam o tempo mexericando! Ivan Antonovich, espírito ponderado, andava à volta dos cinquenta; o seu rosto coroadado por espessos cabelos negros, sobressaía na parte média, formando assim o que vulgarmente se chama um pico de cântaro.

— Desculpe-me o senhor se o interrompo — insistiu Tchichikov.  
— É esta a secção dos contratos?

— É — respondeu Ivan Antonovich, levantando o seu pico, que tornou a afundar entre os papéis.

— Pois ouça lá ao que eu venho: para fins de colonização, comprei camponeses a diversos proprietários deste distrito; estão redigidas as escrituras; só falta legalizá-las.

— Estão presentes os vendedores?

— Alguns, somente; os outros passaram procuração.

— Trouxe requerimento?

— Sim. Tenho pressa... e desejaria... Numa palavra, o assunto poderia arrumar-se hoje mesmo?

— Hoje? É impossível — disse Ivan Antonovich. — Primeiro, é preciso informarmo-nos se há inibições.

— Eu estou bem relacionado com Ivan Grigorievich, o presidente, que com certeza apressará o caso.

— Ivan Grigorievich não é o único a intervir; há outras pessoas — replicou maldosamente Ivan Antonovich.

Compreendendo a alusão, Tchichikov declarou:

— Os outros também não serão esquecidos. Eu fui, como o senhor, funcionário e conheço os costumes.

— Vá o senhor falar com Ivan Grigorievich — disse o outro num tom menos áspero. — Que dê as ordens necessárias; nós aqui não demoraremos muito tempo o assunto.

Tirando uma nota da algibeira, Tchichikov pô-la em cima da mesa de Ivan Antonovich, que se fez desentendido, cobrindo-a com um registo. Tchichikov ia fazê-la notar quando, com um movimento de cabeça, Ivan Antonovich lhe deu a perceber que era inútil.

— Conduza estes senhores à sala da audiência — ordenou Ivan Antonovich a um dos seus subordinados. Este moço tinha servido Themis com tanto zelo que as suas mangas, ponteadas nos cotovelos, deixavam ver o forro, o que lhe permitira granjear o posto de arquivista do ministério. Como noutros tempos Virgílio a Dante, servia este de guia aos nossos dois amigos, introduzindo-os na sala da audiência, onde, atrás de uma mesa que suportava dois grossos livros e *o espelho da Justiça*, se alinhava uma longa fila de garrafas. O presidente reinava ali, unicamente, como o sol. Em face do aspeto do santuário, o novo Virgílio, preso de um sagrado temor, deixou ver, ao caminhar, o ombro de um jaquetão rompido até o forro e enchumagado com penas de galinha.

Ao penetrar na sala, os nossos amigos verificaram que o presidente não estava só. Sobakevich, completamente oculto pelo espelho, fazia-lhe companhia. Uma exclamação os acolheu; as poltronas oficiais afastaram -se ruidosamente. O presidente abriu os seus braços a Tchichikov; ressoou um murmúrio de beijos. Informaram-se reciprocamente das suas saúdes: um e outro padeciam de lumbago, que atribuíam à vida sedentária. O presidente, sem dúvida posto ao corrente por Sobakevich, felicitou o nosso herói pelas suas aquisições. Tchichikov, ligeiramente

perturbado, vendo reunidos os dois vendedores a quem havia recomendado segredo, agradeceu com não menor efusão ao presidente, e perguntou a Sobakevich pela sua saúde.

— Graças a Deus, eu cá não me posso queixar — respondeu este, que, com efeito, não tinha para isso causa alguma: mais facilmente se quebraria o ferro que aquele mancebo feito de pedra e cimento.

— Sim, a sua saúde é proverbial — disse o presidente — e o seu defunto pai era também um homem rijo.

— Ele, só, lutava com um urso! — respondeu Sobakevich.

— Pois também me parece que o senhor o poderia derrubar, se quisesse.

— Não — replicou Sobakevich. — Meu pai era mais forte que eu. Nós não somos já desse tempo. Repare o senhor na triste vida que levo — continuou, dando um suspiro.

— Triste? Como assim? — perguntou o presidente.

— Sim; uma triste vida — insistiu Sobakevich, meneando a cabeça. — Imagine o senhor, Ivan Grigorievich: cheguei aos quarenta sem ter experimentado jamais o menor achaque: nem um tumor, nem um furúnculo, nem umas anginas. Tudo o que o senhor queira; mas é um mau sintoma. Tudo isto eu pagarei um dia.

Sobakevich enublou-se de tristeza.

«Que homem!», pensaram ao mesmo tempo Tchichikov e o presidente. «Por que se queixa ele?»

— Tenho uma carta para o senhor — disse Tchichikov, entregando ao presidente a missiva de Pliushkin.

— De quem é? Ah, de Pliushkin! — exclamou o presidente, depois de a ter aberto. — Mas ele ainda vive? Que destino! Um

homem tão rico há tão pouco tempo ainda, tão inteligente! E que é feito dele?

— Um cão indecente — disse Sobakevich. — Um canalha que deixa morrer à fome toda a sua gente!

— Bem, bem! — disse o presidente, depois de ler a carta. — Concordo em representá-lo. Quando quer o senhor registrar a sua escritura?

— Hoje mesmo, se for possível, pois quero amanhã retirar-me. Trouxe os contratos e o requerimento.

— Bem, bem. Mas, ainda que o senhor o tente, não o deixaremos ir-se embora. As escrituras serão legalizadas hoje, está certo; o senhor, porém, há de passar ainda alguns dias connosco. Espere; vou dar as ordens necessárias — disse, abrindo a porta da repartição cheia de empregados, semelhantes a diligentes abelhas disseminadas pelos seus favos, se é possível comparar os maços de processos a favos de mel. — Está aí Ivan Antonovich?

— Sim — respondeu uma voz.

— Peça-lhe que venha cá.

Ivan Antonovich, por alcunha o *Pico de Cântaro*, já conhecido do leitor, fez a sua aparição na sala de audiência e saudou os presentes com grande cortesia.

— Ivan Antonovich! Encarregue-se dos contratos destes senhores.

— Não se esqueça, Ivan Grigorievich — interrompeu Sobakevich — de que são precisas, pelo menos, duas testemunhas para cada contrato. Mande, portanto, chamar o procurador; nada tem que fazer, pois encarrega de todo o trabalho o seu substituto Zolotuhka, o primeiro finório do mundo. Convoque também o

inspetor dos serviços sanitários, outro mandrião que está em casa com certeza, a não ser que se entretenha a jogar as cartas, em qualquer parte. Além de que, também encontrará outras testemunhas na vizinhança: Trujatchevski e Begushkin, por exemplo, dois seres que fazem estremecer a terra com um peso inútil.

— É muito justo — disse o presidente, que logo enviou um próprio a todos os personagens.

— Ainda tenho que fazer-lhe outro pedido — disse Tchichikov. — Quer intimar o representante de uma senhora com quem legalmente fiz um negócio? É um empregado do senhor, o filho do Padre Cirilo, o arcepreste.

— Sim, sim; vou mandá-lo chamar. Esteja sossegado. Só lhe peço que não dê nem um cêntimo aos empregados; os nossos amigos não pagam nada.

Em seguida a estas palavras, deu a Ivan Antonovich uma ordem que pareceu desagradar-lhe. As escrituras causaram excelente impressão ao presidente, sobretudo quando viu que a soma total das compras atingia quase cem mil rublos. Contemplou Tchichikov durante alguns momentos, com expressão de profundo contentamento, e disse, por fim:

— Com efeito, Pavel Ivanovitch, o senhor comprou tudo isto?

— Está claro que sim!

— Excelente ideia, realmente; excelente ideia!

— Sim, creio que não poderia ter outra melhor. Diz-se que o homem não encontra o seu verdadeiro caminho senão depois de abandonar as quimeras da juventude para seguir com pés firmes sobre terreno seguro.

Depois de muito falar, Tchichikov manifestou-se contra o liberalismo da mocidade. Não obstante, notava-se uma certa hesitação nas suas diatribes. «Estou a ser inconveniente!», parecia dizer a si próprio. Não se atrevia sequer a olhar para Manilov nem para Sobakevich, receando ler nos seus olhos uma expressão trocista. Apreensão inútil: o rosto de Sobakevich permanecia impassível, e Manilov, seduzido pelas belas frases, meneava a cabeça com a beatífica satisfação de um melómano em frente de uma cantora que, sobrepujando o violino, emite uma nota aguda capaz de abafar o trilo de um pássaro.

— Mas por que — disse finalmente Sobakevich — não diz o senhor a Ivan Grigorievich as famosas aquisições que fez? E o senhor, Ivan Grigorievich, por que não lho pergunta? Valentes mocetões! Ouro em pó! Imagine o senhor que eu próprio lhe cedi o meu carpinteiro de carros, Mijeiev!

— Mijeiev! Não é possível! — exclamou o presidente. — O carpinteiro Mijeiev! Um operário tão exímio! Conheço-o; fez a reparação de um coche meu. Mas permita-me uma observação: não me tinha dito o senhor que ele havia morrido?

— Nunca! — replicou Sobakevich sem titubear um momento. — Foi o irmão que morreu; o próprio encontra-se de perfeita saúde. Agora mesmo acaba de construir uma carruagem capaz de exaltar a inveja de todos os carpinteiros de Moscovo. Para falar com franqueza, ele só devia trabalhar para o imperador.

— Sim — disse o presidente. — Mijeiev é um mestre na sua arte. Por isso me admira que se desfaça dele.

— Sim, não tem igual. Mas também lhe cedo Estêvão Tapon, o carpinteiro, Milushkin, o ladrilheiro, Máximo Teliatnikov, o sapateiro...

Desfiz-me de tudo!

E, a uma pergunta do presidente, surpreendido ao ver que se desfazia de tais tesouros: «Que quer o senhor?», respondeu Sobakevich com um gesto vago.

— Foi um capricho meu, que não pude evitar! E, baixando a cabeça, como se lamentasse a sua loucura, acrescentou: — As cãs não deram aprumo à minha cabeça!

— Permita-me uma pergunta, Pavel Ivanovitch — disse então o presidente. — O senhor compra os camponeses sem a terra; decerto os destina à colonização...

— Justamente.

— Ah, muito bem! E onde, se não é indiscrição?

— Onde?... Em Quersoneso.

— Oh! País fértil. Que viçosos pastos! São extensas as suas terras?

— O suficiente para os camponeses que compro.

— Tem rio ou lago?

— Rio e lago.

Depois destas palavras, Tchichikov lançou por descuido um olhar para Sobakevich e pareceu ler-lhe na cara, sempre impassível: «Mentes! Não tens terras nem rio nem lago!»

Nisto começavam a apresentar-se as testemunhas: o gesticulante procurador, o inspetor dos serviços sanitários, Trujatchevsky, Begushkin e outros indivíduos que, segundo Sobakevich, esmagavam a terra com um peso inútil. Tchichikov desconhecia a maior parte deles; alguns copistas completavam e até ultrapassavam o número indispensável. Chegou não somente o filho do Padre Cirilo, mas o próprio arcipreste em pessoa. Cada uma das

testemunhas escrevia os seus nomes, graus e qualidades, com uma letra inclinada, estendida e ainda tombada, caracteres que pareciam, alguns, não pertencer ao alfabeto russo. Ivan Antonovich arranhou as coisas com legalidade; as escrituras foram em seguida registadas, assinadas, catalogadas, e rapidamente liquidado o imposto de 1,5 por cento. Tchichikov só teve que pagar uma ridicularia: por ordem do presidente, foi lançada metade das despesas, por um processo cabalístico, na conta de outro requerente.

Quando tudo estava concluído, disse Ivan Grigorievich:

— Bem; já não falta senão festejar o negócio!

— Quando o senhor queira — assentiu Tchichikov. — Honro-me, oferecendo duas ou três garrafas de vinho espumoso a tão amável companhia.

— Não, não! — replicou o presidente. — O senhor não me entendeu. Somos nós que o obsequiamos. É nosso hóspede e a nós é que compete festejá-lo. Sabem os senhores o que devemos fazer? Irmos daqui para casa do chefe da polícia, esse homem admirável. Só é necessário fazer uma encomenda ao passar pelo depósito de peixe ou pelo armazém de vinhos. Garanto-lhes um verdadeiro festim. E aproveitaremos a ocasião para jogar um *whist*.

Não opuseram a menor objeção. Ao ouvirem a palavra «peixe», as testemunhas sentiram-se com apetite. Cada um pegou logo no seu barrete ou no seu gorro de peles e foi suspensa a sessão.

Ao atravessar a repartição, Tchichikov foi detido por Ivan Antonovich, que o saudou, cochichando.

— Compra o senhor camponeses no valor de cem mil rublos e só despende uma ridicularia...



— Eh! — replicou-lhe, no mesmo tom, Tchichikov. — Semelhante sucata não vale nem metade!

Ivan Antonovich compreendeu que tinha errado o alvo e não insistiu mais.

— E como pagou o senhor as almas a Pliushkin? — murmurou Sobakevich ao outro ouvido de Tchichikov.

— E como figura Pardal na sua lista? — replicou este, aparando o golpe.

— Que Pardal?

— A mulher Isabel Pardal.

— Não, não; da minha lista não consta nenhuma Pardal — grunhiu Sobakevich, reunindo-se apressadamente aos outros.

O grupo chegou, sem precipitação, a casa do chefe da polícia. Quando este homem, verdadeiramente admirável, soube o que se esperava dele, despediu imediatamente a ordenança, expedito moço com botas de montar, a quem segredou duas palavras, seguidas de um «Entendido»? pronunciado em voz alta. E enquanto os convidados jogavam, fizeram a sua aparição no compartimento imediato arenques, esturjões, salmões, caviar, lombos de esturjão, línguas fumadas e queijos diversos. Todas estas boas coisas procediam do depósito de peixe. Por sua vez, da cozinha veio uma torta de marisco adornada com as escamas e as cartilagens de um esturjão de nove arrobas; um pastel de cogumelos, bolos de nata, filhós e compotas.

O chefe da polícia era, de certo modo, o pai e o benfeitor da cidade. Sentindo-se à vontade entre os seus administrados, servia-se, como em sua casa, no mercado e nos estabelecimentos. Cumpria tão admiravelmente os deveres do seu cargo, que não se sabia se

era ele que fora feito para o emprego ou o emprego para ele. Este distinto funcionário, que tirava do emprego o dobro dos seus antecessores, soubera, não obstante, conquistar o afeto de toda a cidade. Os homens de negócio estimavam-no pela sua simplicidade; sentava os seus filhos nos joelhos, tratava-os por compadre e, quando os roubava, fazia-o com modos finos, dando-lhes palmadinhas nos ombros, gracejando com eles, prometendo-lhes jogar as damas e informando-se dos seus pequenos negócios. Quando sabia que uma criança estava doente, acudia espontaneamente a aconselhar medicamentos. Total: um grande homem! Ao inspecionar de carro a cidade, tinha para cada um uma palavra amável. «Bem, Mijeich: apesar disso, teremos que terminar a nossa partida de *gorka*». «Sim, Alexei Ivanovitch», dizia o outro, de gorro na mão, «é preciso terminá-la». «Muito bem, Paramonovich: anda ver o meu cavalo, mas tem o cuidado de engatar o teu; veremos quem ganhará». O comerciante, que tinha a paixão dos cavalos, sorria com evidente prazer e respondia, cofiando a barba: «Já veremos, Alexei Ivanovitch». Os próprios empregados, respeitosa e descobertos, trocavam entre si grossos olhares e pareciam dizer uns para os outros: «Que bom homem é o nosso Alexei Ivanovitch!» Em resumo: tinha conquistado uma larga popularidade e os comerciantes diziam dele: «Alexei Ivanovitch depena a galinha, é certo, mas sem fazê-la cacarejar».

Vendo a mesa servida, o chefe da polícia propôs que se suspendesse a partida até depois do almoço, e todos os convidados passaram à sala de jantar. Os agradáveis olores que dela vinham já faziam cócegas ao seu olfato, e Sobakevich, que, pela porta entreaberta, lançava olhares furtivos, assinalou como seu um

formoso esturjão servido um pouco à parte, numa grande travessa. Os convidados estimulavam o apetite com um copo de aguardente cor de azeitona escura, como as pedras da Sibéria, com as quais se fabricam sinetes na Rússia; após o que, de garfo na mão, se dirigiam para a mesa, onde cada qual demonstrava as suas predileções, atacando, este o caviar, aquele o salmão, aqueloutro o queijo. Desprezando estas futilidades, Sobakevich foi direito ao esturjão e, enquanto os demais bebiam, comiam e conversavam, devorou-o completamente em menos de um quarto de hora. Quando, por fim, o chefe da polícia encaminhou os seus convidados na direção do monstro, dizendo: «Que lhes parece, meus senhores, esta obra-prima da natureza?», não encontrou senão o rabo. Sobakevich, comprometido, fez-se de inocente e foi para o extremo da mesa picar com o seu garfo um minúsculo peixinho defumado. Bem depressa se deixou cair num sofá, ficando numa doce sonolência.

O chefe da polícia demonstrou que não poupava os vinhos. Os brindes foram inumeráveis. Primeiramente, bebeu-se — como talvez adivinhem os leitores — à saúde do novo senhor de Quersoneso; depois, pela prosperidade e pelo auspicioso trespasse dos camponeses; em seguida, à saúde da sua futura e bela esposa, o que fez assomar um agradável sorriso aos lábios do nosso herói. Todos o rodearam e lhe suplicaram que ficasse com eles mais duas semanas.

— Não, Pavel Ivanovitch; uma pessoa não se deve portar assim! Abre a porta de uma «isba» só para que entre o frio! Mal transpôs os umbrais, já nos volta as costas! Não, não! Não o

deixaremos ir. Espere; vamos casá-lo. Não é verdade, Ivan Grigorievich?

— Com certeza! Com certeza! — aprovou o presidente. — Resista o senhor o que quiser, esperneie e gesticule, que nós casá-lo-emos, apesar de tudo. Com os lobos é preciso uivar, e não gostamos de algazaras.

— Para resistir — disse Tchichikov, sorrindo — primeiro era preciso que houvesse uma noiva.

— Já lhe arranharemos uma. Arranharemos tudo o que quiser.

— Nesse caso...

— Bravo! Bravo! Fica! Viva Pavel Ivanovitch! — gritavam todos.

Os convidados quiseram dedicar-lhe brindes; e assim se fez. «Mais, mais!», gritavam os mais impetuosos. Pela segunda, pela terceira vez, tocavam as taças. A alegria prontamente se generalizou. O presidente, cuja embriaguez lhe dava para o sentimento, beijou várias vezes Tchichikov e estreitou-o contra o peito, chamando-lhe: «Meu querido coração» e «meu queridinho». E até, fazendo estalar os dedos, pôs-se a saltar em redor dele, cantarolando o famoso estribilho:

— *Ah! Ah! Um tal, um tal mujique de Kamarinskoe...*

Depois do champanhe, o vinho da Hungria aticou ainda mais a assistência. Esqueceu-se o *whist*; discutiu-se, gritou-se, falou-se de tudo, até de política e arte militar. Alguns emitiram ideias demasiado livres pelas quais, noutra ocasião, teriam dado tarefa nos seus filhos. De um modo perentório, resolveram-se as questões mais complicadas. Tchichikov nunca se sentira tão bem humorado: acreditava possuir realmente terras em Quersoneso, falava de melhoramentos, da drenagem trienal, da felicidade de dois corações

unidos. Até quis recitar a Sobakevich uma epístola em verso, de Werther a «Carlota»; mas o outro, que tinha a digestão laboriosa, cerrou as pálpebras e enterrou-se mais no sofá.

Tchichikov acabou por verificar que cambaleava demasiado, e pediu um coche. O procurador ofereceu-lhe o seu, revelando-se o cocheiro um homem de experiência; guiava com uma das mãos, e com a outra segurava o ébrio. Neste estado regressou Pavel Ivanovitch à estalagem, onde largo tempo divagou ainda, misturando capitais, terras em Quersoneso, um menino louro de face rosada e com uma covinha na bochecha direita. Selifan chegou a receber a ordem de reunir os novos colonos e fazer uma lista nominal de todos eles.

Selifan ouviu em silêncio durante um bom bocado, saindo, por fim, e dizendo a Petrushka:

— Vai despir o senhor.

Petrushka esforçou-se muito tempo por tirar as botas ao amo, mas só o conseguiu após ocorrer-lhe a ótima ideia de o estender no chão. Despido Pavel Ivanovitch, e depois de se ter rebolado na cama, que rangia horripelmente, ficou a dormir, crendo-se, na realidade, proprietário.

Entretanto, Petrushka levou as calças e o fraque amarantomoseado, estendeu-os sobre a mala e pôs-se a alisá-los e a escová-los com tal violência que o corredor rapidamente se encheu de poeira. Preparava-se já para os guardar quando avistou Selifan, lá em baixo, na galeria, a sair da cavaleriça. Trocaram um olhar e instintivamente se compreenderam. O senhor dorme como um justo; é o momento de nos pormos a mexer. Imediatamente, estendidos o fraque e as calças no sítio do costume, desceu Petrushka e ambos

seguiram na melhor camaradagem, conversando e chaliceando, mas sem dizer uma palavra sobre o fim da sua viagem, que, aliás, não foi mais que um passeio. Limitaram-se a atravessar a rua e, chegados que foram à casa situada em frente da hospedaria, abriram uma porta envidraçada, baixa e encardida pelo fumo, e penetraram numa espécie de adega onde se encontravam à mesa homens de toda a catadura, barbados, escanhoados, com samarras, com blusas e até com casacos de castor. Deus sabe o que lá puderam fazer Selifan e Petrushka. Dali saíram ao cabo de uma hora, de braço dado, dedicando um ao outro toda a classe de atenções e velando em silêncio pelo seu mútuo equilíbrio. De mãos agarradas, sem se largarem, levaram um bom quarto de hora a subir a escada. Petrushka ficou duro alguns instantes em frente da cama, refletindo, sem dúvida, acerca do modo mais conveniente de se deitar, e acabou por atirar-se de través, com os pés no chão. Esquecendo-se dos seus aposentos ou, até, da cavalaria, Selifan deixou-se cair na mesma cama, com a cabeça sobre a barriga de Petrushka. Os dois romperam a dormir ao mesmo tempo, enchendo o quarto de uns roncões estertorosos, aos quais, do compartimento imediato, se juntava o silvo nasal de Tchichikov.

Rapidamente todo o ruído em volta se desfez. A estalagem inteira ficou mergulhada num sono profundo. Só um compartimento ainda permanecia iluminado: o do tenente chegado de Riazan, grande amador de botas, pois já tinha experimentado quatro pares e não podia deixar de calçar o quinto. Mais de uma vez se aproximara, em vão, da cama para as tirar; a sua suprema elegância fascinava-o e, com a perna levantada, abismava-se na contemplação do seu talhe.



## 8

Seguiam seus termos os comentários sobre as aquisições de Tchichikov. Discutia-se em todos os tons a ganância que representava a compra de camponeses para a colonização; certas opiniões demonstravam um profundo conhecimento do assunto.

— Sem dúvida — diziam uns — o sul é muito fértil, não pode negar-se. Mas, sem água, que poderão fazer os camponeses de Tchichikov, visto que não há só um rio em toda a região?

— Isso, ao fim e ao cabo, não seria mais que falta de água, Stepan Dmitrievich; porém, arrotear uma terra nova, sem uma «isba», sem uma lareira, isso é o que não farão os nossos expatriados mujiques. Em breve deitarão a fugir, e vão lá ver se eles voltam...

— Dê-me licença, dê-me licença, Alexei Ivanovitch; eu não sou dessa opinião. Os nossos russos afazem-se a tudo, acomodam-se a todos os climas. Mande-os o senhor, se quere, para Kamtshaka, tendo o cuidado de lhes fornecer samarras bem forradas; alegremente hão de ferir as mãos e, às machadadas, num instante, construirão uma «isba».

— Perdão, Ivan Grigorievich; esqueces um ponto importante. Que espécie de camponeses mercou Tchichikov? Não são grande coisa, com certeza. Arrisco a minha cabeça em como todos eles são ladrões, bêbados, mandriões e malucos. Um proprietário esperto não vende nunca os seus bons empregados.

— De acordo; só se desfaz das suas ovelhas ranhosas; contudo principia aqui a moral da aventura; transplantados esses gandulos,



podem converter-se em excelentes pessoas; têm-se visto exemplos desses e até se apontam na história.

— Nunca! Nunca! — replicou o diretor das manufaturas do Estado. — Acredite que é impossível. Os camponeses de Tchichikov terão a pervertê-los elementos poderosos. Em primeiro lugar, a vizinhança das províncias da pequena Rússia, onde, como sabe, a aguardente se vende às escâncaras; quinze dias depois de lá chegarem, todos serão uns borrachos incorrigíveis. Depois, o costume da vida errante, que todo o camponês adquire em consequência desta mudança. Acredite: a empresa não pode ter êxito, a não ser que Tchichikov esteja constantemente de olho aberto com esses birbantes; necessitava de prendê-los curto; castigá-los pela menor patifaria, pôr-lhes, ele próprio, um freio, nos dentes ou na nuca.

— Ele próprio! Pode bem encarregar disso o seu administrador.

— É o que ele primeiramente há de ter dificuldade em arranjar; todos são uns bandidos, pela simples razão de que o amo descara os seus negócios.

— Justamente! — aprovaram alguns. — Um proprietário que entenda de homens e que tenha a menor noção de agricultura sempre encontrará um bom administrador.

O diretor manifestou a opinião de que este pássaro raro pediria cinco mil rublos de ordenado. O presidente objetou que três mil rublos chegariam.

— Onde diabo — replicou o diretor — encontrará um por esse preço? Só um de barro, certamente...

— Não — declarou o presidente, — para isso nem precisa sair do nosso distrito. Piotr Petrovitch Samoilov, por exemplo. Aí tem o

homem de que Tchichikov precisa.

Muitas pessoas tomaram a peito a situação de Tchichikov. A transferência de um tão grande número de colonos assustava-os; até se esboçavam temores sobre uma possível insurreição entre aquelas cabeças acaloradas. O chefe da polícia qualificava esses temores de quimeras; à polícia rural competia conjurar o perigo; e o simples barrete de um capitão ajudante enviado àquelas paragens bastaria para fazer marchar direito os revoltosos até à sua nova residência. Para extirpar o espírito de rebelião entre aquela canalha, propuseram-se, então, diferentes medidas, umas bastante anódinas, outras demasiado severas e de um rigor absolutamente militar. O diretor dos correios fez notar que a Tchichikov cumpria um dever sagrado: tratar os seus camponeses como se fosse um pai; iniciá-los, até, nos benefícios da instrução. E, a propósito, fez a apologia do ensino mútuo, preconizado por Lancaster.

Assuntos desta natureza apaixonavam a cidade.

Várias pessoas levavam a sua solicitude até o ponto de submeter estas sugestões a Tchichikov. Chegaram, até, a propor-lhe uma escolta militar para acompanhar a caravana. Tchichikov declarou que tais conselhos lhe agradavam muito e que os aproveitaria na ocasião própria; mas recusou categoricamente a escolta. Os seus camponeses eram de natureza pacífica; a perspectiva da viagem encantava-os; não estalaria nenhuma revolta entre eles.

Toda esta agitação teve para Tchichikov as mais felizes consequências. Espalhou-se o rumor de que era milionário: nem mais nem menos. Esta circunstância aumentou ainda a estima dos cidadãos por ele. Para dizer a verdade, eram boas pessoas que se

entendiam muito bem e viviam em boa amizade. Uma cordial simplicidade matizava as suas conversas. «Querido amigo Ilia Iliitch!» «Diz-me, irmão Antipater Zajarievich!» «Ivan Gregorievich, estão-no-la pregando, minha mãezinha!» Aos nomes do diretor dos correios, Ivan Andreich, sempre se apegava: «*Sprechen Sie Deutsch, Ivan Andreich?*» Em resumo: era um constante roçar de cotovelos. Alguns deles tinham os seus estudos. O presidente sabia de cor a *Ludmila* de Zhukovsky, então no seu maior apogeu, e declamava maravilhosamente certos passos, em especial «*O bosque dormita, o vale ressona*», em que a palavra *chut* nos apresentava com todo o realismo o vale adormecido. Para maior verosimilhança, ele pronunciava-os cerrando os olhos. O diretor dos correios puxava mais para a filosofia, apaixonando-se pelas *Noites* de Yung, e a *Chave dos Mistérios da Natureza* de Eckartschausen. Noutros tempos, lia muito estas obras, de noite, e até fazia extratos delas, que não mostrava a ninguém. Era ao mesmo tempo um delicado espírito, de linguagem florida. «Gosto de enfeitar os meus discursos», confessava. E adornava-os, com efeito, profusamente, com numerosas expressões de realce, tais como: *meu bom senhor; sabe o senhor; compreende o senhor; calcule o senhor; de certo modo; isso é um modo de falar*. E floreava-os, também, sublinhando com um cáustico piscar de olhos as alusões mais mordazes.

Os outros funcionários eram mais ou menos cultos: um tinha lido Karamzin; outro a *Gazeta de Moscovo*; mas havia-os que nunca tinham lido nada. Este era uma nulidade, a quem só os pontapés obrigavam a fazer alguma coisa; aquele, uma espécie de rato da montanha, insensível até aos pontapés. Por outro lado, bom-parecer não lhes faltava; não se apontava entre eles nenhum candidato a

tuberculoso. Quando chegava a hora das efusões íntimas, as mulheres tratavam-nos sempre por: *meu lindo gorducho; minha cabaça; minha batatinha; meu gordalhufo; meu cocó; minha alheirinha.*

Esta boa gente tinha o culto da hospitalidade. Qualquer pessoa que lhe tivesse provado o cozido ou jogado com eles um *whist* ficava seu amigo íntimo; foi o que se deu, e com maior razão, com Tchichikov, cujas maneiras eram bizarras e que possuía a fundo a arte de agradar. Estimavam-no tanto, que não sabia como livrar-se deles; por toda a parte ouvia dizer: «Fique mais uma semana, Pavel Ivanovitch; só uma semaninha!» Numa palavra: estava como queria.

Isto, quanto aos homens. Relativamente às mulheres, produzia nelas uma impressão simplesmente de assombro. Para explicar, ainda que de um modo sucinto, este fenómeno, teríamos que falar primeiro destas damas, da sociedade em que viviam, descrever a largos traços as suas particularidades morais. O autor, porém, desiste de tão árdua tarefa. Por um lado, sente-se coibido, pelo respeito que se deve às pessoas dos altos dignitários. Por outro... por outro... — Santo Deus! — é sinceramente difícil. As senhoras de N... eram... Não. Impossível. A timidez mo impede. O que havia de mais notável nas senhoras de N... É extraordinário: a pena recusa-se a cumprir os seus deveres; parece de chumbo. Eia! Deixemos a outra mais rica paleta o cuidado de pintar os seus caracteres. Bosquejemos somente o seu aspeto exterior.

Quanto a correção, as senhoras de N... podiam servir de modelo. Sabiam manter e observar rigorosamente o bom-tom, a etiqueta, as conveniências sociais. Sobretudo, seguiam a moda, nos seus mais insignificantes pormenores, sobrepujando, até, nisto, as

suas irmãs de Petersburgo e Moscovo. Vestiam-se com muita distinção, passeavam em caleches elegantes, com cocheiros de libré e galões de ouro e lacaios à retaguarda, segundo a moda do dia. O bilhete de visita, escrito à mão num duque de copas ou num ás de ouros, era para elas coisa sagrada. Duas senhoras, amigas íntimas e até parentas, zangaram-se por causa de uma visita não correspondida. Maridos e pais foram incapazes de as reconciliar; consegue-se tudo neste mundo, menos que duas senhoras, incompatibilizadas por uma questão de etiqueta, façam as pazes; estas permanecem sempre em *delicadeza*, segundo uma expressão corrente na alta sociedade provinciana. As questões de precedência provocaram também cenas violentas, em que os maridos intervinham de modo mais cavalheiresco. Nenhum duelo se seguia a estas altercações; eram todos cavalheiros pertencentes ao elemento civil, que se desafiavam efetuando assaltos de injúrias, sistema às vezes mais desagradável.

De rígidos costumes, as senhoras de N... protestavam com virtuosa indignação contra todos os vícios e todos os escândalos e não perdoavam nenhuma fraqueza. Se uma delas se permitia urdir uma intriga, tudo se passava tão discretamente, com um cuidado tal de guardar as conveniências, que o próprio marido, posto ao facto, respondia com circunspeção, citando o ditado: *Se o compadre e a comadre se encontram, que têm com isso os mirones?*

Tal como as damas de Petersburgo, as de N..., muito corretas nas suas frases, empregavam uma linguagem polida. Não diziam: *Assoei-me, cuspi*, mas: *Consolei o nariz; tive que recorrer ao meu lenço*. Não confessavam nunca que um copo ou um prato cheirava mal; evitando uma alusão demasiado direta, recorriam a perífrases

como esta: *Este copo porta-se mal*. Para enriquecer ainda mais a língua russa, proscreviam metade das palavras, substituindo-as por expressões francesas... aliás muito mais arriscadas.

Eis aqui tudo quanto, sem querer insistir, se pode dizer das senhoras de N... Um mais profundo estudo poria a descoberto outras muitas coisas; mas é um jogo muito complicado o de sondar o coração feminino. Não insistamos, pois, e voltemos ao nosso assunto.

Até essa altura, fazendo justiça à sua perfeita educação, as senhoras de N... tinham reparado muito pouco em Tchichikov; desde que o fizeram milionário, já encontravam nele certas qualidades. Não que fossem interesseiras; mas, posta de parte a questão do dinheiro, a secreta magia da palavra *milionário* atua sobre as pessoas elevadas como sobre as de humilde condição. O milionário tem o privilégio de conhecer a baixeza desinteressada; de a contemplar sem disfarces. Muitos sabem que nada têm a esperar dele e, sem embargo, correm ao seu encontro, saúdam-no, não descansam enquanto não são convidadas a almoçar em sua companhia.

As senhoras de N... experimentavam o doce atrativo da humilhação? Não me atrevera a afirmá-lo; fosse pelo que fosse, começaram a prestar a maior atenção a Tchichikov. «É verdade», diziam «que não é bonito; mas tem precisamente a carne que é necessário ter. Mais gordo, desagradaria». Os magros passaram um mau bocado; pareciam mais palitos que homens — chegou a afirmar-se. As senhoras puseram o maior cuidado na maneira de se apresentar. Nos estabelecimentos, empurravam-se, comprimiam-se; numerosas carruagens esperavam diante deles; este passou a ser o

passeio da moda. Ficaram surpreendidos os negociantes, quando viram desaparecer rapidamente as fazendas trazidas da feira, cujo preço, demasiado caro, tinha, até então, afastado os compradores. Uma senhora foi à missa levando no vestido adornos suficientes para encher toda a igreja. O comissário do bairro, que, por acaso, se encontrava ali, fez recuar a multidão até à porta, a fim de proteger tão rico vestido.

Tchichikov reparou finalmente nas atenções de que era objeto. Um dia, ao regressar a casa, encontrou uma carta sobre a mesa, carta cuja proveniência não pôde descobrir. O criado explicou-lhe que o haviam obrigado a prometer segredo. A carta principiava num tom decidido. «Não pude resistir! É preciso que te escreva!» Depois afirmava que existe uma secreta afinidade de almas; esta verdade estava assinalada com vários pontos que ocupavam quase a metade de uma linha. Seguiam-se alguns aforismos de uma surpreendente exatidão, que nós temos o dever de reproduzir: «Que é a vida? Um vale de amargura. E o mundo? Um montão de seres insensíveis.» Prosseguindo, a sua autora pretendia regar com lágrimas as linhas escritas, por uma terna mãe, falecida há vinte e cinco anos; ela convidava Tchichikov a acompanhá-la até o deserto, a fugir para sempre das cidades, estreitos recintos em que os homens se afogam por falta de ar e de espaço; deixava-se arrastar pelo mais profundo desespero, e terminava por esta quadra:

*Duas rolas te mostrarão  
O meu cadáver gelado;  
Seus arrulhos te dirão  
Que morri por ter chorado.*

Os versos eram coxos, sem dúvida; mas a epístola não deixava de estar escrita ao gosto da época. Não levava direção, nem assinatura, nem data. Um *post-scriptum* acrescentava que o coração do destinatário deveria adivinhar quem lhe escrevia e que, no dia seguinte, assistiria ao baile do governador.

A aventura preocupou Tchichikov; o anonimato fustigava a sua curiosidade. Duas vezes releu a carta e exclamou por fim: «Quisera saber quem a escreveu!» Decididamente, tomava a coisa a sério. Depois de ter pensado naquilo mais de uma hora, terminou por estender o braço e inclinar a cabeça: Eis uma carta bem escrita! Não é preciso dizer que esta, cuidadosamente dobrada, foi reunir-se na caixinha com um programa e uma participação de casamento, que, há sete anos, não tinham mudado de sítio. Um pouco mais tarde, Tchichikov recebeu, com efeito, um convite para o baile do governador, acontecimento vulgaríssimo nas capitais de distrito. Quem diz governador, diz baile; de contrário, não poderia aspirar à estima e ao respeito da nobreza.

Terminados todos os seus negócios, o nosso herói não pensou e, diga-se, com certa razão, senão em preparar-se para o baile. Talvez nunca, desde a criação do mundo, tivesse levado tanto tempo o esmerado arranjo de uma pessoa.

Tchichikov gastou uma hora a olhar para o espelho, dando ao seu rosto toda uma gama de expressões: gravidade, deferência, jovialidade; esboçando reverências acompanhadas de vagos sons bastante parecidos com o francês, embora desconhecesse essa língua. Chegou até a causar a si próprio agradáveis surpresas; franziu as sobancelhas, moveu os lábios, deitou a língua de fora. A



que jogos não se entrega um homem, sozinho, quando está convencido de que é um lindo rapaz e se encontra ao abrigo de olhares indiscretos? Finalmente, acariciou o queixo. «Que outeiro tão gracioso!», disse. Depois, começou a vestir-se, sem perder um momento a sua excelente disposição... Ao pôr os suspensórios, ao dar o nó da gravata, cumprimentava com graciosidade e, se bem que nunca tivesse dançado, esboçou um passo, que fez — consequência bem inocente — tremer a cómoda e cair a escova.

A sua entrada no baile causou sensação. Todo o mundo se precipitou ao seu encontro; este, conservando ainda as cartas na mão; aquele, interrompendo uma conversa que tinha chegado ao ponto culminante:

— O tribunal de primeira instância respondeu a isto...

E deixou suspenso o tribunal para correr a postar-se diante do nosso herói.

— Pavel Ivanovitch! Ah, meu Deus, Pavel Ivanovitch! Queridíssimo Pavel Ivanovitch! Respeitável Pavel Ivanovitch! O senhor aqui, Pavel Ivanovitch! Aqui temos o nosso Pavel Ivanovitch! A meus braços, Pavel Ivanovitch! Deixa-me beijar bem com força este querido Pavel Ivanovitch!

Tchichikov teve que suportar ao mesmo tempo várias beijocas: mal se libertou dos braços do presidente, encontrou-se nos do diretor dos correios; este passou-o ao inspetor dos serviços de saúde; o inspetor ao arrendatário dos licores; o arrendatário ao arquiteto. Quando o avistou, o governador, que se pavoneava no meio de um círculo de damas, tendo numa das mãos um cachorrinho e na outra o papel de embrulhar um caramelo, deixou cair as duas coisas. O fraldiqueiro gemeu.

Em resumo: a chegada de Tchichikov provocou a alegria. Lia-se em todos os rostos a expressão de sincero contentamento ou, pelo menos, o reflexo da satisfação geral. Aquilo parecia uma reunião de funcionários durante a visita de um grande chefe, quando, passada a primeira impressão, o veem satisfeito e o ouvem gracejar, isto é, pronunciar, sorrindo, algumas palavras amáveis. Todos começam logo a rir, de boa vontade, tanto os que estão junto dele como os que, situados a distância, e não ouviram bem; e até, obedecendo às leis imutáveis da imitação, o agente da polícia, de serviço à porta, sujeito que nunca se riu na sua vida e acaba até de ameaçar os mirones com o punho, deixa espalhar pelo semblante uma espécie de sorriso, parecido com o esgar de um tomador de rapé, prestes a largar um espirro.

O nosso herói, sentindo-se inspirado, respondia a todos e a cada um, saudava à direita e à esquerda, com a cabeça, como sempre, ligeiramente inclinada; mas com tal desenvoltura, que deixou encantada toda a gente. As senhoras envolveram-no numa brilhante grinalda de deliciosos eflúvios; uma cheirava a rosa; outra, a primavera e a violetas; a terceira estava impregnada de reseda... Com as narinas dilatadas, Tchichikov aspirava todos aqueles perfumes. Os vestidos denotavam um gosto requintado. As musselinas e as sedas, consoante a moda exigia, eram de cores esbatidas, de um gosto refinado, para as quais seria difícil encontrar um nome que bem se lhes adaptasse. Flores e laços adornavam os vestidos com uma desordem pitoresca, ainda que sobriamente combinada. Ligeiros adornos, seguros como por milagre nos penteados, pareciam dizer: «Adeus! Que pena eu não poder levar esta beldade comigo!» As cinturas, apertadíssimas, pareciam firmes

e torneadas (diga-se de passagem que as senhoras de N... eram gordinhas, mas cingiam-se tão habilmente e mexiam-se com tanta graça, que a sua incipiente obesidade passava despercebida). Elas tinham previsto e calculado tudo. O seu decote não ia além das medidas; mas exibia mais que os encantos julgados suscetíveis de causar a perdição de um homem e, mesmo assim, dissimulados com arte consumada: uma espécie de gravata, de uma leveza etérea, conhecida pelo nome de *beijo*, rodeava-lhes o pescoço; ou, então, umas linguetas chanfradas, de fina batista, postas sobre o vestido e chamadas *modéstias*, pendiam dos ombros. Ainda que velando os encantos julgados incapazes de fazer a desgraça de um homem, estas *modéstias* davam a perceber que a desgraça estava precisamente naquelas paragens. Sem alcançar por completo as mangas, as luvas acetinadas iam até um pouco acima dos cotovelos, deixando a descoberto a parte mais excitante dos braços que, em algumas, eram apetitosamente roliços. Havia-as que, forçando-as a subir mais, tinham rasgado as luvas. Numa palavra: tudo parecia dizer! «Não estamos na província; isto é a capital, é Paris!» Todavia, aqui e ali, um gorro incrível, uma pena de pavão real, denunciavam um gosto pessoal, rebelde a todas as leis da moda. A nota discordante é vulgar na província.

Tchichikov perguntava a si próprio quem, dentre aquelas senhoras, lhe teria escrito; até levantava a cabeça para as examinar melhor, quando o roçava um torvelinho de cotovelos, de mangas, de adornos, de cintas, de vestidos, de blusas perfumadas. Um galope frenético empolgava a mulher do diretor dos correios, o comandante da polícia, uma dama com pluma azul, o príncipe Georgiano

Chinjajilidzev, um funcionário de Petersburgo, outro de Moscovo, o francês Cucu, Perjunovsky, Berebendovsky, e *tutti quanti*.

— Bem! Toda a província se diverte — murmurou Tchichikov, afastando-se; porém, quando as senhoras voltaram para os seus lugares, tornou a observá-las, com a falaz esperança de adivinhar quem fosse a desconhecida, na expressão do olhar ou da fisionomia. Trabalho perdido. Tropeçou com rostos indecifráveis. — Não, decididamente as mulheres... — disse com um gesto de despeito. — Que seres tão complicados! Experimente alguém analisar os mil cambiantes do seu rosto perpetuamente variáveis.

Só os olhos são um vasto império no qual uma pessoa se pode perder. Que palavras empregar para descrever o seu brilho? Olhar de fogo, temo, aveludado, duro, mimoso, languido, provocador — uma flecha no coração. Perder-nos-íamos! É simplesmente a *galante* metade do género humano!

Peço mil desculpas. O meu herói deixou escapar uma palavra em calão. Que querem! Um escritor russo não pode evitar este defeito. Por outro lado, a culpa não é tanto sua como dos leitores, sobretudo os que pertencem à alta sociedade. Com efeito, nunca as pessoas de bom-tom empregam uma frase russa bem sonante, mas disfarçam-na sempre com vocábulos franceses, alemães, ingleses, esmerando escrupulosamente a sua pronúncia. Em francês, nasalam-nos e carregam nos *rr*, enquanto, no inglês, gorjeiam, dando ao seu rosto uma expressão de pássaros que troçam de quem não sabe fazer o mesmo. Nunca se lhes escapa um conceito russo, a não ser que, por patriotismo, construam uma casa de campo em forma de «isba». São assim os leitores da alta sociedade e os que aspiram a pertencer-lhe. E, não obstante, que de pretensões!

Exigem de um escritor o estilo mais puro, o mais nobre, o mais polido. Querem que o idioma russo lhes caia do céu a prumo, acomodado às regras do bom-tom, e que eles não tenham mais que mover a língua. Se as mulheres são grotescas, confessemos que os homens o são ainda mais.

Tchichikov, entretanto, desesperava já de encontrar a sua epistológrafa. Por mais que lhes assestasse os olhos, só distinguia fisionomias capazes de provocar ao mesmo tempo a esperança e a angústia no coração de um infortunado mortal. «Decididamente renuncio a isto!», concluiu por fim, sem perder entanto nada do seu bom humor. Muito graciosamente trocou frases amáveis com várias daquelas damas, dirigindo-se de uma a outra com mesurados passinhos, à maneira dos velhos gaiteiros de tacões altos, que cortejam as belas saltitando-lhes em redor. Depois de algumas voltas para a direita e para a esquerda, saudou-as reverente, descrevendo com o pé uma espécie de rabo ou de vírgula. Isto agradou muito às senhoras, que descobriram nele toda a sorte de qualidades e até certo ar marcial que as entontecia. Pouco faltou para questionarem por sua causa.

Tendo observado que parava com frequência junto da porta, esforçavam-se por ocupar a cadeira próxima da entrada. Porém, quando uma delas se adiantou, a manobra pareceu às restantes o cúmulo da imprudência.

Tchichikov absorvia-se na conversa com aquelas damas que souberam habilmente apropriar-se dele, dirigindo-lhe subtis alegorias, cujo sentido lhe dava muito trabalho a compreender: o suor inundava-lhe a testa. As conveniências exigiam, porém, que apresentasse, em primeiro lugar, os seus respeitosos cumprimentos

à dona da casa. Não se lembrou de cumprir esta obrigação senão quando viu a senhora governadora plantada diante dele, havia já um momento.

— Ah, Pavel Ivanovitch! — disse esta, com voz acariciadora, movendo amavelmente a cabeça. — O senhor é extraordinário!

Não saberia eu reproduzir com exatidão as palavras desta nobre personagem. Exprimindo-se no estilo refinado atribuído às damas e cavalheiros pelos escritores que se prezam de conhecer o mundo, ela disse pouco mais ou menos: «Está a tal ponto conquistado o seu coração, que não existe nele um cantinho para as vítimas do seu esquecimento?» O nosso herói voltou-se no mesmo instante para ela. Sem dúvida, ia disparar-lhe um cumprimento digno de Zvonski, Linski, Gremin e outros engenhosos militares, heróis de novelas modernas; tendo, porém, levantado os olhos, por acaso, ficou mudo de assombro.

A governadora não estava só. Dava o braço a uma loura deliciosa, de dezasseis anos, feições finas e regulares, queixo afilado, puro oval de madona, tipo muito raro na Rússia, onde tudo — tanto as montanhas, selvas e estepes como os rostos, lábios e pés — gosta de ser apresentado em grandes proporções. A loura era a jovem que Tchichikov, fugindo de Nozdriov, encontrara na estrada, quando, por estupidez dos cocheiros ou dos cavalos, os dois tirantes se enredaram, proporcionando ao pai Mitiai e ao pai Miniai ocasião de revelar o seu talento. A turbacão de Tchichikov não lhe permitiu endereçar um cumprimento bem burilado; murmurou uma frase ininteligível, que nunca, certamente, tinham proferido nem os Gremin, nem os Zvonski, nem os Linski.

— O senhor não conhece a minha filha! — disse a governadora.

Pavel Ivanovitch respondeu que uma casualidade lhe tinha proporcionado já tal ventura. Não pôde dizer mais nada. Vendo isto, a dama acrescentou duas ou três frases, á guisa de recibo, e levou a filha para o outro extremo do salão. Tchichikov ficou especado naquele ponto como um passeante que, saindo com a firme intenção de gozar todos os espetáculos, verifica, de súbito, que se esqueceu de alguma coisa. Imediatamente perde o seu ar despreocupado e adquire o mais estúpido que há no mundo; trata, em vão, de se lembrar do que pode ter deixado ficar em casa... O seu lenço? O seu porta-moedas? Não; estão na algibeira. Não obstante, uma voz misteriosa diz-lhe que falta alguma coisa. Então, só vê a multidão através de uma névoa; os coches, as bandeiras, os capacetes e as espingardas do regimento que desfila. Do mesmo modo, rapidamente se sentiu Tchichikov estranho a tudo quanto em redor se passava. Entretanto, os perfumados lábios das damas afligiam-no com perguntas amáveis e subtis alusões.

— Podem umas humildes mortais perguntar em que pensa o senhor?

— Para que venturosa região voou seu pensamento?

— Pode saber-se o nome da que o mergulhou num sonho tão doce?

Estas amabilidades caíram no ouvido de um surdo. Tchichikov não lhes prestou a menor atenção. Cometeu até a indelicadeza de voltar as costas às senhoras e ir em busca da dona da casa e de sua filha. Mas as formosas interrogadoras, firmemente decididas a pôr em ação todos os seus atrativos, a empregar todas as armas de que

dispõe o sexo frágil para ferir os nossos corações, não se deram por vencidas. Algumas mulheres — não direi todas — têm uma ligeira fraqueza. Quando descobrem o que de melhor nelas há — a testa, os lábios, as mãos — convencem-se de que a sua beleza salta à vista, e de que todos e cada um exclamarão: «Oh, que formosura de testa! Que perfeito nariz grego!» A que possui belos olhos imagina que todos os jovens abrirão caminho à sua passagem, soltando gritos de admiração: «Que divinos olhos!» E só deitarão olhares distraídos para a testa, para o nariz, para o cabelo, para o rosto. Assim raciocinam certas mulheres.

As nossas damas tinham jurado empregar todos os seus encantos durante o baile e fazer valer os seus atrativos particulares. Ao dançar, a mulher do diretor dos correios inclinava a cabeça com tanta languidez que parecia verdadeiramente uma criatura celeste. Outra, pessoa muito amável, a quem uma chaga na perna direita — um *incómodo*, dizia ela — obrigara a calçar botas de terciopelo e que não tinha tenções de dançar, deu, não obstante, algumas voltas, só para bater os grandes ares da senhora diretora.

Trabalho inútil! Tchichikov nem sequer olhava para as figuras das bailarinas: soerguido em as pontas dos pés, procurava ver, por cima das cabeças, onde se encontrava a formosa loura, ou agachava-se para a descobrir por entre os ombros e as costas. Avistou-a, por fim, sentada ao lado da mãe, sobre quem se balanceava majestosamente a pluma de um turbante oriental. Tchichikov pareceu querer tomá-las de assalto. Dir-se-ia que alguém o empurrava pelas costas, com tal impetuosidade abriu caminho, apesar dos obstáculos. Foi preciso tropeçar em o arrendatário do álcool, que, felizmente, manteve o equilíbrio sobre uma das pernas,



aliás a sua queda arrastaria uma fila de espectadores. O diretor dos correios afastou-se, lançando um olhar em que a surpresa se misturava com a ironia. A Tchichikov passou despercebidas uma e outra coisa. Não via mais que a jovem loura, muito atarefada a apertar as luvas e que, sem dúvida, ardia em desejo de bailar. Quatro pares executavam já a mazurca; os tacões batiam no pavimento e um capitão de infantaria dedicava-se com entusiasmo a improvisar passos que até em sonho seriam difíceis.

Ladeando os bailarinos, Tchichikov chegou, finalmente, onde estava a governadora e a filha. Então, abandonou-o o seu famoso aprumo; as suas maneiras de *dandy* cederam o passo a uns modos afetados.

Não se poderia afirmar que o nosso herói estivesse enamorado; é duvidoso até que homens da sua categoria sejam capazes de amar. Não obstante, experimentava uma estranha sensação. Mais tarde confessou ter acreditado, durante alguns minutos, que o baile, o ruído, a agitação, se perdiam na distância; trompas e violinos pareciam tocar de uma colina; uma bruma que recordava o fundo vago de um quadro envolvia todas as coisas. Sobre este campo impreciso, destacavam-se em relevo as feições da sedutora jovem, o seu rosto oval, a sua pequena estatura de colegial recém-chegada dos estudos, o singelo vestido branco que modelava graciosamente as formas de uma harmoniosa pureza. Entre a multidão turva e opaca, dir-se-ia uma aparição luminosa, uma diáfana figurinha de marfim.

Tudo chega neste mundo. Há instantes em que os próprios Tchichikov se tornam poetas. *Poeta*, talvez seja avançar muito; em todo o caso, o nosso herói sentia-se uma alma jovem, quase de

hússar. Apoderando-se de uma cadeira livre, ao lado das senhoras, iniciou a conversa. Primeiro, as palavras não acudiam aos seus lábios; pouco a pouco, porém, desatou-se-lhe a língua, foi-se atrevendo; contudo...

Com profunda mágoa, tenho a dizer que as pessoas da sua posição, que ocupam altos lugares, não sabem conversar com as senhoras; esta arte é exclusiva dos tenentes ou, quando muito, dos capitães. Sabe Deus como se arranjam; as suas palavras são pouco rebuscadas e, apesar disso, a jovem com quem conversam torce-se com riso na cadeira. Um conselheiro de Estado, pelo contrário, perde-se em considerações acerca da imensidade da Rússia; dirige cumprimentos empolados, teatrais, e graças de que só ele se ri. Eis por que a formosa loura se pôs a bocejar ante a conversa de Tchichikov. O nosso herói, por outro lado, não se apercebeu disso e continuou desfiando um rosário de histórias engraçadas, inúmeras vezes repetidas por ele em ocasiões, semelhantes; na província de Simbirsk, em casa de Sofron Ivanovitch Bezpichni, diante de sua filha Adelaide Sofronovna e das três cunhadas desta: Maria Gavrilovna, Alexandra Gavrilovna e Adelaide Gavrilovna; na província de Riazan, em casa de Fiodor Fiodorovich Perekroiev; na de Penza, em casa de Frol Vasilievich Pobiedonosni e em casa de seu irmão Piotr Vasilievich, em presença da sua cunhada Catarina Mijailovna e das priminhas desta: Rosa Fiodorovna e Emília Fiodorovna; na de Viatka, em casa de Piotr Varsonofievich, onde se encontravam a irmã de sua nora. Pelagia Iegorovna, a sobrinha desta, Sofia Rostislavna, e suas duas irmãs, Sofia Alexandrovna e Maclatura Alexandrovna.

O procedimento de Tchichikov surpreendeu todas as senhoras. Com desejos de o melindrar, uma delas passou muito perto dele, de

maneira a roçar o vestido pela jovem loura e a dar-lhe no rosto com a ponta do chale. Ao mesmo tempo, lábios perfumados com violetas deixaram cair, atrás dele, uma reflexão mordacíssima que ele não ouviu ou fingiu não ouvir — no que procedeu mal, pois é preciso não desprezar a opinião das senhoras. Em breve se arrependeu disso, demasiado tarde, desgraçadamente.

Um descontentamento, a todos os títulos justificado, se manifestou em inúmeros semblantes. E verdade que Tchichikov desfrutava de grande crédito; tinham-no por milionário; o seu aspeto era imponente, quase marcial; mas há coisas que as mulheres não sabem perdoar, seja a quem for. Em certos casos, estas criaturas mostram-se mais firmes que os homens e que toda a gente. O vago desdém revelado por Tchichikov restabeleceu a boa harmonia comprometida pelo assalto da cadeira. Acreditou-se ver pérfidas alusões em algumas frases sem importância que lhe haviam escapado. Para cúmulo de infelicidade, um jovem compôs, em estilo provinciano, um improviso acerca dos pares, e esta pasquinada foi atribuída a Tchichikov. A indignação ia aumentando; em todos os cantos o nosso herói foi mordido pelos belos dentinhos e a pobre colegial condenada sem apelação.

Uma surpresa sumamente desagradável esperava ainda Pavel Ivanovitch. Enquanto ele impingia à sua extenuada vizinha centenas de histórias ocorridas em diversas épocas e se dispunha, até, a citar Diógenes, o filósofo, Nozdriov apareceu na sala de baile. Saía do bufete ou da salazinha verde reservada aos viciados em jogos mais arriscados que o *whist*? Saía espontaneamente ou tinham-no expulsado? Em todo o caso, saía muito corado, agarrando, já há algum tempo, sem dúvida, o governador pelo braço, pois o

desgraçado franzia as suas espessas sobrancelhas e procurava visivelmente um meio de safar-se daquela amistosa mas insuportável companhia. Nozdriov, que ficara semiembriagado com dois copos de chá fortemente regados com rum, dizia-as boas e bonitas. Tchichikov, descobriu-o ao longe, augurando mal do encontro, e dispôs-se ao sacrifício, isto é, a uma pronta retirada. Por desgraça, tropeçou com o governador, que se declarou maravilhado por encontrar Pavel Ivanovitch, rogando-lhe que fosse árbitro numa discussão que ele sustentava com duas senhoras acerca da perseverança do amor feminino. Nozdriov aproveitou esta circunstância para se precipitar sobre Tchichikov.

— Ah, aqui temos o grande proprietário de Quersoneso! — exclamou, enquanto uma gargalhada formidável lhe sacudia as faces, frescas como rosas de primavera. — Então, compraste muitos mortos? Imagine, Excelência — trombeteou voltando-se para o governador — que este senhor negocia com almas mortas. Palavra de honra! Ouve, Tchichikov, digo-te como amigo e diante de sua Excelência (estamos entre amigos, não é assim?), merecias ser enforcado!

Tchichikov não sabia onde meter-se.

— Acredita, Excelência — continuou o outro — que quando me pediu que lhe vendesse almas mortas, estive quase a morrer de riso? E agora, que soube eu? Que este senhor adquiriu camponeses (chamemos-lhes colonos) no valor de três milhões. Belos colonos, não há dúvida! Mas estavam mortos os que me quis comprar! Ouve, Tchichikov, és um canalha! Digo-te diante de Sua Excelência. Não é verdade, procurador?

O procurador, Tchichikov e até o governador ficaram sem poder articular palavra. Nozdriov, imperturbável, prosseguiu com os seus dichotes de bêbado:

— Não, velho irmão: não te deixarei enquanto não me disseres para que querias comprar almas mortas. Escuta, Tchichikov: isto não te fica bem. Tu não tens melhor amigo que eu; digo-te diante de Sua Excelência... Não é verdade, procurador? Não poderia acreditar, Excelência, quanto simpatizamos um com o outro. Tão certo como eu estar aqui, se me perguntasse: «Nozdriov, com a mão na consciência, a quem preferes, a Tchichikov ou a teu pai?» responderia sem vacilar: «A Tchichikov!...» Espera, meu coração; quero dar-te um beijo. Permita-me que o beije, Excelência. Não sejas mau, Tchichikov, deixa-me depor um ósculo sobre a tua nívea cútis!

Beijo e beijador, porém, foram tão bem recebidos que o compadre esteve quase a rolar no chão. Toda a gente se afastou dele; ninguém mais o escutou. Todavia, a sua história das almas mortas tinha sido pronunciada em tão alta voz e acompanhada de uma gargalhada tão sonora que chamou a atenção das pessoas mais afastadas. Ante esta revelação, todos os semblantes adquiriram um ar beatificamente interrogador. Muitas senhoras trocaram entre si olhares zombeteiros que Tchichikov surpreendeu com angústia. Ficou ainda mais perturbado, vendo aparecer em certos rostos uma expressão ambígua. É verdade que toda a gente considerava Nozdriov um rematado charlatão e tinha-o ouvido soltar muitas outras extravagâncias; mas os mortais são feitos de um modo especial. Um deles ouviu qualquer absurdo mexerico; em seguida, comunicou-o a outro, ainda que mais não seja, para lhe dizer: «Veja

o senhor o que por aí se mente». O outro apura o ouvido, e concorda: «Sim; o senhor tem razão; é uma refinada mentira!...» E este não tem coisa mais urgente a fazer que transmiti-la a um terceiro, a fim de poder exclamar como ele, num impulso de nobre indignação: «Oh, que abominável mentira!...» O absurdo boato dá assim volta à cidade; e todos os seus habitantes, depois de se terem enfastiado dele, proclamam-no indigno de crédito.

Este incidente, fútil na aparência, atingiu dolorosamente o nosso herói. Por absurdas que sejam as palavras de um néscio, podem, às vezes, desconcertar um homem de espírito. Não estava satisfeito; parecia-lhe ter sujado com lama os sapatos engraxados. Fez por esquecer, distrair-se; sentou-se a uma mesa de *whist*, mas cometeu erros sobre erros. Jogou duas vezes na cor do seu adversário e, como o parceiro havia jogado três vezes na mesma cor, partiu as cartas, gentilmente, em vez de descartar-se.

O presidente, que o tinha por bom jogador, não compreendia como Pavel Ivanovitch se resolvera a partir as cartas, apanhando com um rei de cara, o que, aliás, era o lance de esperar. Por isso, logo o diretor dos correios, o presidente do Tribunal e o próprio chefe da polícia atiraram ao nosso herói as chalaças do costume: «Pavel Ivanovitch tem o coração sequestrado e sabemos por quem». Por muito que o desejasse, estas brincadeiras não lhe desenrugaram a fronte. Durante a ceia, chegou a perder a fala, se bem que a sociedade se mostrasse das mais agradáveis e embora Nozdriov tivesse sido posto no olho da rua, há muito tempo, pois as senhoras acharam que o seu procedimento fora demasiado escandaloso. Pois não se lhe metera na cabeça, durante o *cotillon*, sentar-se no soalho

e puxar pelas calças e vestidos dos que dançavam! «Não há ideia de coisa semelhante!» diziam as damas.

A ceia foi muito alegre. Através dos candelabros de três braços, dos vasos com flores, das filas de garrafas, das compoteiras com gulodices, os rostos exprimiam o mais franco contentamento. Senhoras, oficiais e civis mostravam-se amáveis até enfastiar. Os cavalheiros deixavam o seu lugar para tirar aos criados os pratos, que apresentavam, com muita solicitude, às suas damas. Um coronel oferecera à vizinha um prato de comida na ponta da sua espada. Enquanto comiam peixe e carne em abundância — exageradamente impregnados de mostarda — os homens idosos, entre os quais se encontrava Tchichikov, discutiam acerca de questões que, de ordinário, lhe interessariam; mas naquela noite parecia um caminheiro extenuado, incapaz de ligar as suas ideias nem de prestar, fosse ao que fosse, uma especial atenção.

Esperou pelo fim da ceia e regressou a casa mais cedo que de costume.

Nos aposentos já conhecidos do leitor, naquela habitação com uma porta condenada por uma cómoda e com os recantos cheios de baratas, o estado de espírito de Tchichikov revelou-se tão pouco seguro como a poltrona em que se deixou cair. Experimentava um vago mal-estar, uma penosa sensação de vazio.

— Que leve o diabo os bailes e os inventores dessa estúpida diversão! — resmungou. — Realmente as coisas vão para divertimentos! As colheitas, más; a vida, cara; e, no entanto, esta gente não pensa senão em dar ao rabo e em fazer gala dos seus atavios. Uma dessas gralhas levava aos ombros mil rublos. Bom negócio! Quem paga tudo isso? Os ordenados ou, melhor, o

marido... com prejuízo da sua consciência. Pois, para que aceitamos gratificações, senão para darmos às mulheres chales, fraldas e outros supérfluos ornamentos, cujo nome ignoro? Para que uma presumida qualquer não possa dizer que a diretora dos correios ia mais bem vestida que a nossa cara esposa, gastamos logo um milhar de rublos. Elogiam-se os bailes e a sua alegria. Que estupidez! Esta absurda invenção não está de acordo com o espírito nem com o temperamento russos. Pois quê? Um homem adulto não se envergonha de se ver vestido de preto, teso como um pau, a correr como um ganso? Alguns, enquanto saltam como cabras montesas, nem ao menos desdenham de falar em assuntos graves. Uma maçada é o que é tudo isso. Porque os franceses são aos quarenta anos tão crianças como aos quinze, é preciso que os imitemos? Francamente, depois de cada baile, parece-me ter cometido um pecado e faço esforços por esquecê-lo. Saio de lá com a cabeça vazia, como em seguida a uma conversa com um homem de sociedade. A eloquente personagem desfia todas as questões, cita obras, deslumbra-vos com a sua facúndia; mas não tirais o menor proveito das suas frases ocas, e em breve vos convencereis de que a mais insignificante conversa com um homem de negócios, que não conheça mais que o seu, mas que o conheça a fundo, vale cem vezes mais que todas aquelas petas. Francamente: que proveito se pode tirar de um baile? Se um escritor se dispusesse a descrevê-lo, não conseguiria justificar o espetáculo. É moral? É imoral? Incapaz de o saber, o livro seria posto de parte, com enfado.

Com estas diatribes, Tchichikov extravasava o seu despeito. Realmente, mais que aos bailes, dirigia-se a si próprio, à situação em que se encontrava, ao equívoco papel que tinha desempenhado.



Examinando os acontecimentos com sangue-frio, via que a chinfrineira não teria consequências; não poderiam prejudicá-lo aqueles disparates, especialmente agora que o negócio estava fechado de maneira satisfatória. O homem, porém, é um animal estranho. A animosidade das pessoas, que ele desdenhava e de cuja frivolidade dizia mal, indispunha, contudo, Tchichikov. Tinha de confessar que, em parte, ele próprio a provocara, e esta ideia exacerbava ainda mais a sua bília. Todavia, não se culpou muito, pelo que o autor não saberia censurá-lo. Todos temos a fraqueza de nos desculpar e de atirar com o nosso mau humor para cima do próximo: mulher, subordinado, criado, e até contra a porta. Também Tchichikov encontrou depressa sobre quem descarregar a sua cólera. Nozdriov foi reduzido à condição de um trapo. É possível que jamais o canalha de um morgado ou um postilhão recebesse tal saraivada de injúrias por parte de um capitão veterano ou, até, de um general, que acrescenta às obscuridades da ordem algumas pitorescas expressões da sua lavra. Toda a parentela do mal-aventurado fidalgote levou a sua conta e vários dos seus ascendentes ficaram, também, com as orelhas a escorrer sangue.

Enquanto, sentado na sua pérfida cadeira, diante de uma vela, cujo pavio moribundo tinha a cobri-lo, há muito tempo, um escuro capacete, Tchichikov, preso dos seus negros pensamentos e de insónias, invetivava copiosamente Nozdriov e sua família; enquanto a noite, empalidecendo com a aproximação do arrebol, olhava para ele, através da janela; enquanto a voz estridente do galo se ouvia ao longe, e pelas adormecidas ruas deambulava certamente algum Zé Ninguém de duvidosa condição, conhecendo unicamente os caminhos mais frequentados — ai! — pelos desordeiros russos, um

acontecimento capaz de agravar a delicada situação do nosso herói ocorria no outro extremo da cidade. Pelas distantes ruelas seguia, chiando, um veículo cujo nome seria difícil precisar. Mais que um trenó, uma caleche, ou uma carroça, parecia uma melancia posta sobre rodas. Os lados desta melancia, quer dizer, as portinholas, fechavam muito mal, a julgar pelo mau estado dos puxadores e fechos, presos por cordas. A melancia estava cheia de almofadões, almofadas, travesseiros de algodão, e atulhada de sacos que continham toda a espécie de pães, biscoitos e alfenins. Uma empada de carne e outra de peixe cercavam o promontório. Um moço com jaquetão de cotim, de barba esbranquiçada e revolta, ia colado às traseiras do coche. O chiar dos gonzos e dos eixos oxidados acordaram no outro extremo da cidade o guarda noturno, que, apontando o bacamarte, gritou com toda a força dos pulmões: «Quem vem lá?» Mas, não vendo ninguém nem ouvindo mais que um ruído surdo, ao longe, o soldado da paz apanhou não sei que inseto na gola do capote e esmagou-o com a unha à luz de um candeeiro. Realizada esta façanha, pousou a arma e voltou a dormir imediatamente, segundo manda o regulamento.

Os cavalos atrelados à carripana escorregavam a cada instante. Há muito tempo que não tinham sido ferrados e ignoravam, sem dúvida, o suave pavimento das cidades. Depois de percorrerem várias ruas, penetraram, finalmente, numa betesga escura que seguia ao lado da igreja paroquial de S. Nicolau e pararam em frente da casa do reitor. Uma rapariga com chale e colete saltou do carro e pôs-se a bater ao portão, com punhadas dignas de um homem. (O moço com jaquetão de cotim dormia como um morto; foi preciso arrancá-lo do seu lugar, puxando-lhe pelas pernas). Grandes ladridos

se levantaram no interior e, abrindo-se, por fim, o portão, entrou, depois de muito trabalho, a informe carripana. No pátio, atestado de pilhas de madeira, de galinheiros e outras instalações, desceu do coche uma dama. Era a nossa antiga conhecida, senhora Koroboshka, proprietária e secretária de ministério. Pouco depois da partida do nosso herói, esta boa velha pôs-se de um humor endiabrado, com a ideia de ter sido por ele iludida. Ao cabo de três noites de insónias, decidiu-se, apesar de não ter os seus cavalos ferrados, a ir até à cidade.

Queria conhecer exatamente os preços correntes das almas mortas e convencer-se de que não vendera as suas por metade do que valiam.

A chegada da senhora Koroboshka teve consequências que uma conversa entre duas damas da corte fará conhecer ao autor. Esta conversa... Mas será melhor que a reservemos para o capítulo seguinte.

## 9

Uma manhã, muito antes da hora permitida em N... para as visitas, a porta de uma casa de madeira, de cor de laranja, com sobreloja e colunas azuis, deu passagem a uma senhora com uma elegante capa aos quadrinhos, acompanhada por um laçao a pé, com *carrick* e chapéu redondo envernizado, de galão de ouro. Com precipitação febril, a dama subiu para uma caleche que a esperava junto da escada. O laçao fechou em seguida a portinhola, empurrou o estribo e trepou para as traseiras, agarrando-se às correias e gritando ao cocheiro: «Vamos embora!».

A dama ardia em desejos de propalar uma notícia, cujas primícias acabava de obter. Assomava constantemente à portinhola, sentindo não estar ainda a mais que meio caminho. As casas pareciam-lhe mais compridas que de costume; o hospício, construído de pedra branca com janelas estreitas, fatigou tanto tempo o seu olhar, que exclamou impaciente: «Maldito casarão, que nunca mais acaba!». Duas vezes o cocheiro ouviu que se lhe ordenava: «Mais depressa! Mais depressa, Andriushka! Vais a morrer, hoje?»

Por fim, o coche deteve-se ante um edifício baixo, cinzento-escuro, com janelas coroadas por molduras brancas. A alta paliçada que o protegia apenas deixava espaço para um estreito jardimzinho, cujas árvores raquíticas eram cobertas por uma perpétua camada de pó. Entreviam-se pelas janelas vasos com flores; um papagaio balouçava-se, preso pelo bico ao aro da sua gaiola, e dois cachorros dormiam ao sol.

Esta mansão albergava uma excelente amiga da visitante. O autor vê-se coibido a outorgar às duas damas apelidos que não provoquem velhas cóleras. Não se atreve a dar-lhes nomes supostos. Forjar um nome de família é coisa perigosa. Por jocoso que o considereis, sempre haverá num recanto do nosso imenso país alguém que o ostente. E esse alguém ofender-se-á, odiar-vos-á de morte, pretenderá que tendes feito a viagem expressamente para o espionar, para saber quem é, que roupas usa, que manjares prefere e a casa de que comadre frequenta.

Citar as pessoas pelo seu atual grau é ainda mais perigoso. Deus me livre disso! Nos tempos que correm, todos estes senhores são irritáveis até o ponto de ver uma alusão pessoal em cada frase impressa. Escrevei que tal cidade conta um idiota entre os seus habitantes; imediatamente uma personagem de aspeto respeitável deduzirá: «Eu vivo também aqui; sou eu, portanto, o idiota».

Para evitar estes inconvenientes, chamemos, pois, à dona da casa, *a dama sempre encantadora*. Quase toda a cidade lhe dava este sobrenome, adquirido muito legitimamente, por isso que não tinha descurado coisa alguma para merecê-lo. Uma malícia muito feminina feria, no entanto, através da sua afabilidade; as suas amáveis palavras disfarçavam com frequência agudas alfinetadas. E aí da amiga que lhe disputasse o primeiro lugar! Mas tudo isto se ocultava debaixo de disfarçadas gentilezas, muito apreciadas na província. Ela sabia polvilhar de graça todos os seus gestos; gostava de versos; sabia adotar ares sonhadores, e toda a gente a achava *sempre encantadora*.

A visitante não possuía qualidades tão variadas. Chamar-lhe-emos, pois, simplesmente, *uma mulher encantadora*. A sua chegada

acordou os dois cachorritos que dormiam ao sol: *Adela*, de pelo comprido, metida no seu velo, e *Potpourri*, de patas curtas. Os dois, com a cauda enrolada, precipitaram-se, ladrando, para a antessala, onde a visitante, despojada da sua capa, apareceu em traje de brocado e de cor da moda, com um comprida *boa* ao pescoço. Por toda a sala se propagou um perfume de jasmim. Prevenida imediatamente da chegada da *dama* simplesmente *encantadora*, a *dama sempre encantadora* precipitou-se ao seu encontro. As duas deram-se as mãos, beijaram-se, soltaram exclamações de alegria como duas amigas de colégio a quem suas mããs não explicaram ainda que o pai de uma delas é inferior, em posição, ao da outra. Depois de um beijo sonoro que provocou um novo ladrido e valeu aos cães um safanão dado com o lenço, as nossas damas passaram ao salão azul, mobilado com um canapé, uma mesa de forma oval e até um biombo guarnecido de renda. *Adela*, a de pelos compridos, e *Potpourri*, o das patas curtas, seguiram-nas, rosnando.

— Aqui, aqui, para este cantinho! — disse a dona da casa, designando à sua amiga um ângulo do canapé. — Assim! Tome lá este almofadão.

E, dizendo isto, fez-lhe deslizar pelas costas um almofadão bordado, que representava um cavalheiro com o nariz às escadinhas e a boca quadrada, como é de uso em trabalhos deste género.

— Como sou feliz em a ver! Quando ouvi o ruído do carro perguntei a mim próprio quem poderia chegar tão cedo. «A senhora subgovernadora», afirmou Parasha. «Outra vez essa pécora!», exclamei. «Que aborrecimento!» E já queria mandar dizer-lhe que tinha saído...

A visitante abriu a boca para anunciar a grande novidade, quando uma exclamação da *dama sempre encantadora* deu outro rumo à conversa.

— Que deliciosa indiana! — disse, examinando o vestido da *dama simplesmente encantadora*.

— Deliciosa, não é verdade? E, não obstante, Praskovia Fiodorovna acha os quadrados demasiado grandes; e, a estes pontos em castanho, preferiria outros em azul-claro. Acabo de enviar a minha irmã um amor de tecido, uma verdadeira maravilha. Imagine, querida, sobre um fundo azul-celeste, umas riscas finas, finas, tão finas quanto possa conceber a sua imaginação e, alternando com elas, olhos e patas, patas e olhos... Um amor! Nunca se viu nada tão gracioso no mundo!

— É muito garrido, querida!

— Não é!

— É!

Esclareçamos que a *dama sempre encantadora* se inclinava para o materialismo, para a dúvida, para a negação, e recusava-se a admitir muitas coisas. Depois de lhe ter explicado perentoriamente que o tecido não era nada berrante, a *dama simplesmente encantadora* exclamou:

— A propósito: receba os meus parabéns. Já não se usam os volantes!

— Impossível!

— Não, a moda são os festões.

— Os festões não são nada bonitos!

— Sim, os festões; só festões; festões na pelerina; festões nas mangas; ombreiras afestoadas; borlas afestoadas; festões por toda

a parte!

— Festões por toda a parte é muito feito, Sofia Ivanovna!

— É simplesmente adorável, Ana Grigorievna. Fazem-se a dois rebordos com uma trancinha por cima. Mas o que mais a surpreenderá... espere... nem vai acreditar no que vou dizer-lhe... Agora usam-se os espartilhos muito mais compridos; à frente, em ponta; as barbas de baleia descem muito mais; na parte inferior há uns franzidos, como no tempo das saias de balão e, por trás, almofadas, para arredondar mais o vestido.

— Isso, confesso, é demasiado forte! — disse a *dama sempre encantadora*, movendo a cabeça, com ares cheios de dignidade.

— Sim, concordo. É demasiado! — respondeu a *dama simplesmente encantadora*.

— Não ponho em dúvida a sua palavra, mas é uma moda que nunca seguirei.

— Nem eu, tão pouco! Com franqueza, não se sabe até onde chegará a moda. Por desfastio, pedi a minha irmã que me mandasse um figurino; a minha Melania já lançou mãos à obra.

— O quê? Tem um figurino? — exclamou, visivelmente impressionada, a *dama sempre encantadora*.

— Sim, a minha irmã enviou-me um.

— Querida amiga! Peço-lhe que mo empreste!

— O pior é que já o emprestei a Praskovia Fiodorovna. Se o quiser depois...

— Muito obrigada!... Aproveitar as sobras de Praskovia Fiodorovna! Também a senhora dar preferência a estranhos!...

— Mas somos primas.



— Primas! Por parte do marido da senhora... Não, Sofia Ivanovna, não quero ouvir mais. Isso ofende-me. A minha amizade é-lhe desagradável e, com certeza, deseja acabar com ela.

Metida entre dois fogos, a pobre Sofia Ivanovna não sabia por quem decidir-se. Maldizia a sua frivolidade, o seu temperamento de bisbilhoteira, e de boa vontade teria prendido a língua com alfinetes.

— E que foi feito do nosso cupido? — continuou a *dama sempre encantadora*.

— Ai, meu Deus! Em que estava eu a pensar? Pois se eu só cá vim por causa disso! Se soubesse, Ana Grigorievna, a novidade que lhe trago!

A visitante esteve a pontos de perder o fôlego, com a fluência das palavras que se perseguiam como um bando de gerifaltes. Só uma pessoa tão cruel como a sua amiga sincera podia decidir-se a interrompê-la.

— Faça-lhe os elogios que quiser — disse, com a sua vivacidade habitual. — Isso não me impedirá de o apreciar no seu justo valor. É um pobre diabo, e digo-lhe na cara! Sim, sim: um pobre diabo!

— Mas deixe-me que lhe conte...

— E é a esse cavalheiro que queriam fazer passar por um esbelto mancebo? Mas se ele é simplesmente feio! Tem um nariz que é uma vergonha.

— Dê-me licença, dê-me licença, querida amiga; deixe-me contar-lhe... É toda uma história; e já sabe o que quer dizer por *toda uma história* — exclamou a visitante num tom de súplica.

Digamos de passagem que estas senhoras esmaltavam a conversa com numerosas locuções estrangeiras ou, melhor,

francesas. Se bem que o autor esteja persuadido dos benefícios do francês na Rússia, apesar de todo o seu respeito pelo patriótico costume que tem a nossa alta sociedade de se exprimir nesta língua a toda a hora, não pode conformar-se em introduzir neste poema russo uma só frase estrangeira. Continuemos, pois, em russo.

— Que história?

— Ah, minha boa amiga! Não pode calcular a situação em que me tenho encontrado! Imagine que acabo de receber a visita da arcipreste; conhece-a, a esposa do Padre Cirilo... Pois bem, querida, é uma boa peça o mosquinha morta do nosso viajante.

— Não é possível! Também fez a corte à arcipreste?

— Ai, minha amiga! Isto ainda não é nada: ouça o que me contou a arcipreste. Uma proprietária dos arredores, a senhora Koroboshka veio procurá-la, assustada, pálida como uma defunta... Ouça o que ela disse. Uma verdadeira novela, querida. Era meia-noite; toda a casa dormia; batem ao portão com pancadas vigorosas. «Abram, abram ou vai a porta abaixo!» Então! Que lhe parece? Lindo, o petimetre!

— Mas... quem é essa Koroboshka? Nova? Bonita?

— Não! Uma velha!

— Encantador! Também se atira às velhas! As nossas damas têm bom gosto, decididamente! Encontraram por quem se apaixonar!

— Não, não; não é nada disso, Ana Grigorievna. Calcule que ele se lhe apresentou, armado dos pés à cabeça, à Rinaldo Rinaldini, e exigindo: «Venda-me todas as suas almas mortas!». «Impossível», respondeu muito assisadamente a velha senhora, «uma vez que estão mortas». «Não», exclamou ele, «não estão. Isso é comigo,

saber se estão ou não estão mortas. Afianço-lhe que não, que não e que não!». Em resumo: um escândalo medonho. Acodem os aldeões, berram as crianças, todo o mundo grita; ninguém se entende. Imagine o meu espanto quando ouvi contar esta cena atroz. «Boa e querida senhora», disse-me Masha, «veja ao espelho como está pálida!» «Bem me importa a mim o espelho! O que eu preciso é ir depressa contar tudo a Ana Grigorievna». Mando engatar; o cocheiro pergunta-me onde vamos e eu olho para ele, espantada; julga-me, com certeza, louca! Ai, querida, se soubesse como fiquei transtornada!

— De toda a maneira, é extraordinário — disse a *dama sempre encantadora*. — Que significa essa história das almas mortas? Não percebo uma palavra. É esta a segunda vez que ouço falar nele. Embora meu marido pretenda que Nozdriov é doido, alguma coisa se deve passar por trás de tudo isto.

— Calcule, minha querida, como estaria eu ao ouvir todos estes horrores! «Verdadeiramente, não sei o que hei de fazer», disse a Koroboshka. «O bandido obrigou-me a assinar um papel; atirou-me com quinze rublos por cabeça; sou uma pobre viúva sem experiência nem amparo; não entendo nada de nada». Que aventura! Não pode fazer ideia da minha comoção!

— Será tudo o que quiser, mas isso das almas mortas esconde alguma coisa.

— Também é essa a minha opinião — emitiu, não sem alguma surpresa, a *dama simplesmente encantadora*. Ansiosa por conhecer a chave do mistério, perguntou imediatamente, com ar intrigado: — E que lhe parece que escondem?

— E do que desconfia a senhora?

— Eu? Eu estou completamente desorientada!

— Tem alguma suspeita?

A *dama simplesmente encantadora* não encontrou nada que dizer. Sendo muito impressionável, era, porém, incapaz de formar a menor conjectura sensata e tinha, mais que ninguém, necessidade de amigas e conselhos.

— Bem — declarou a *dama sempre encantadora* — vou dizer-lhe o que são essas almas mortas...

Em face destas palavras, a visitante, toda olhos, toda ouvidos, alteou o busto, permaneceu como que suspensa sobre o canapé e, ainda que um pouco pesada, parecia uma pluma leve, pronta a voar ao primeiro sopro.

Assim, à entrada de uma floresta, onde os seus batedores acabam de levantar uma lebre, o gentil-homem russo, grande apaixonado de cães e de caça, fica imóvel, de látego ao alto, sobre o seu cavalo. Monte de pólvora prestes a inflamar-se, perfura com os olhos o ar agitado; sabe que perseguirá e abaterá o animal, mesmo que a nevada planura — que cobre de prateadas estrelas os seus lábios, o bigode, os olhos, as sobrancelhas e a gorra de pele de castor — esgote contra ele todas as suas iras.

— As almas mortas... — continuou a *dama sempre encantadora*.

— Que são? Que são? — interrompeu a outra, agitadíssima.

— As almas mortas...

— Fale, por Deus!

— ...não são mais que um subterfúgio. Na realidade, o que ele pretende é raptar a filha do governador.

Conclusão verdadeiramente inesperada e singular, a todos os títulos. Ante uma novidade destas, a *dama simplesmente encantadora* empalideceu, tornou-se lívida, pareceu petrificada.

— Ai, meu Deus! — exclamou, no auge da comoção. — Eis uma coisa em que eu nunca tinha pensado!

— E eu — rematou a *dama sempre encantadora* — logo adivinhei do que se tratava mal a senhora começou a falar.

— Que pensar, depois disto, dos nossos colégios? Boa educação, com efeito! Veja a inocente!

— Linda inocente, na verdade! Tenho-a ouvido sustentar conversas que eu me envergonharia de repetir.

— Que horror. Ana Grigorievna! É espantoso pensar até onde pode chegar a imoralidade!

— Vira a cabeça para todos os homens. Eu pergunto a mim própria por que é ela tão afetada.

— Não, querida; é uma verdadeira estátua! Uma cara de mármore!

— Afetada e bem afetada, lho digo eu! Quem lhe teria ensinado esses ademanos ridículos? Eu nunca vi ninguém fazer tais esgares.

— Uma estátua, querida! E pálida como a morte!

— Que diz a senhora, Sofia Ivanovna? Pinta-se indecentemente!

— Não, não, Ana Grigorievna! Uma brancura de cal.

— Minha querida! Se a visse perto! Na cara tem um palmo de vermelhão que se descascaria como gesso. A mãe é uma vaidosa e a filha não desmente a raça.

— Pode jurar pelo que quiser. Consinto em perder marido, filhos, riqueza se ela puser a mais leve pintura.

— Que diz, Sofia Ivanovna? — exclamou, levantando os braços ao céu, a *dama sempre encantadora*.

— A senhora é tremenda, Ana Grigorievna! Ouço e não acredito! — exclamou por sua vez a *dama simplesmente encantadora*, levantando também os braços.

Não se admire o leitor, verificando que as nossas damas diferem de opinião acerca de alguma coisa que viram de perto e quase ao mesmo tempo. Certas caras neste mundo têm a propriedade de parecer de um branco formoso a uma dama e de uma cor de groselha a outra.

— Mais uma prova da sua palidez — continuou a *dama simplesmente encantadora*. — Lembro-me de ter dito a Manilov, que estava sentado ao pé de mim: «Olhe para ela, está lívida! E estes imbecis extasiam-se diante de uma garota!» E quanto ao nosso pinga-amor, não calcula a senhora até que ponto ele me repugna!

— Pois, não obstante, algumas pessoas quase o comiam com os olhos.

— Isso entende-se comigo, Ana Grigorievna?

— Não me refiro a si, querida; a senhora não está só no mundo...

— Não, nunca, nunca, Ana Grigorievna! Conheço-me muito bem, permita que lho diga. Guarde as suas reprimendas para as outras, que se fazem mosquinhas mortas.

— Dê-me licença, dê-me licença, Sofia Ivanovna! Até hoje não dei nenhum escândalo. Isso deixo-o ao cuidado de outras...

— Porque há de incomodar-se? A senhora não estava só no baile. Para se sentar perto dele, não viu certa dama apoderar-se da cadeira mais próxima da porta?

Estas últimas palavras deviam provocar uma tempestade; porém, contra o que se esperava, nada se passou. A *dama sempre encantadora* não possuía ainda o figurino do vestido da moda; e a *dama simplesmente encantadora* ignorava os pormenores do segredo revelado pela sua sincera amiga. Estas salutares reflexões estabeleceram logo a paz. Por outro lado, as nossas damas, no fundo, não eram más; sem sentirem a necessidade de prejudicar-se, não resistiam, porém, ao inconveniente prazer de permutar alfinetadas: «Toma, esta é para ti! Apanha-a, enfia-a na cabeça, encaixa-a...» O coração humano experimenta toda a casta de necessidades.

— Em todo este assunto — continuou a *dama simplesmente encantadora* — apenas um ponto me interessa. Tchichikov está aqui só de passagem. Como se atreveu a semelhante golpe de mão? Deve ter cúmplices...

— E ainda o duvida?

— Mas quem?

— Quem? Em primeiro lugar, Nozdriov!

— Nozdriov? Impossível!

— É muito capaz disso. Bem sabe que quis vender o próprio pai... ou, o que é pior, jogá-lo às cartas.

— Meu Deus! Que novidades tão interessantes me dá! Nunca desconfiei que Nozdriov estivesse metido nessa história.

— Em compensação, eu não duvidei um só instante.

— Sempre há coisas, neste mundo! Alguma vez pensámos que a chegada de Tchichikov revolvesse de tal maneira a cidade? Se a senhora soubesse, Ana Grigorievna, como isto me tem incomodado! Sem a sua amizade, sem a sua benevolência, estava perdida! Vendo a minha palidez, Masha disse-me: «Querida e boa senhora, ficou como morta!». «Não se trata agora disso, Masha!...» Mas, realmente, que aventura! E Nozdriov metido nela! Calcule a senhora...

A *dama simplesmente encantadora* pretendeu em vão obter pormenores sobre a hora e as circunstâncias do rapto. A *dama sempre encantadora* confessou a sua ignorância. Ela não sabia mentir; suposições, sim; isso era outra coisa. E até estas devem ser baseadas numa convicção íntima. Neste caso, ela não abria a boca; e o advogado mais esperto na arte de convencer teria perdido o seu tempo com ela.

No espírito das nossas damas, a hipótese rapidamente se converteu em certeza. Que há de estranho nisso? O sexo que se intitula inteligente apenas varia um pouco de método. Vejamos, por exemplo, as dissertações dos sábios. O exórdio é sempre modesto, circunspecto. O homem de ciência tem muito receio de começar. Timidamente, pergunta a si próprio: «Encontramos aqui a origem? Não foi este pedaço de terra que deu o seu nome à região?» Ou, melhor: «Não pertencia o documento a uma época mais recente?» Ou, também: «O nome atribuído a esta povoação não deverá ser atribuído a outra?». E o nosso homem cita depois todos os escritores da antiguidade. Quando, porém, descobre, ou pensa ter descoberto, em algum deles a menor alusão à sua teoria, enche-se de coragem, trata os antigos como de igual para igual; dirige-lhe perguntas,



responde por eles e desaparece completamente a modéstia do seu exórdio. Tudo lhe parece claro, evidente, irrefutável. «Sim» termina, «eis o que acontece; este é o verdadeiro nome das povoações; é assim que a questão deve ser focada». E do alto da sua tribuna proclama a nova verdade, que em breve dá a volta ao mundo, recrutando entusiásticos adeptos.

No momento em que as nossas formosas damas revolviam com tanto engenho um problema tão complicado, apareceram no salão a torva catadura, as franzidas sobranceiras e os olhos vivos do procurador. As senhoras apressaram-se a pô-lo ao corrente de tudo; contaram-lhe a compra das almas mortas, o projeto de rapto; atordoaram-no de tal maneira, que ficou plantado sobre as pernas, piscando o olho esquerdo, sacudindo com o lenço o rapé espalhado pela barba e não conseguindo perceber uma palavra só do que lhe diziam. Nesta situação o abandonaram as duas amigas e, cada uma por seu lado, foram revolucionar a cidade. Correu isto às mil maravilhas. Ao cabo de hora e meia, os espíritos fermentavam, sem compreender nada do assunto. A sua nebulosa narração espantou toda a gente, a começar pelos funcionários. A princípio o seu aturdimento lembrava o de um colegial a quem os camaradas, acordados primeiro que ele, meteram no nariz um canudinho de tabaco (um hússar, como eles dizem). Com toda a energia dos adormecidos, o menino aspira a dose, acorda em sobressalto, abre os olhos desorientados, sem poder compreender onde se encontram o que lhe sucede. Em breve distingue as paredes, iluminadas por um raio oblíquo, o riso dos seus camaradas escondidos pelos cantos; adivinha pela janela a manhã que se aproxima, o bosque inundado dos gorjeios dos passarinhos, o arroio que descreve por

entre os canaviais os seus argênteos meandros, no qual se reúnem as delícias do banho com os jogos dos rapazes e, por fim, dá conta de que lhe meteram um hússar no nariz.

Tal foi, exatamente, o primeiro assombro dos funcionários e dos outros habitantes de N... Ficaram de boca aberta, com olhos de carneiro, dilatados. As almas mortas, Tchichikov e a filha do governador formavam nas suas cabeças um estranho revoluteio. Passado o primeiro momento, começaram a separar os assuntos. Que significavam as almas mortas? Comprar almas mortas! Não é uma coisa contrária a toda a lógica? Só uma ideia de visionário! Com que moeda cabalística as compraria Tchichikov? Que utilidade tiraria disso? E que queria dizer aquele negócio da filha do governador? Se tinha intenção de a raptar, para que comprava almas mortas? E, se pretendia adquirir almas mortas, para quê o rapto? Teria intenção de as oferecer? As balelas que corriam pela cidade! Por que diabo não se podia pôr o nariz fora da porta sem se ver oprimido por histórias abracadabrantes? No entanto, se tais rumores corriam não seria sem razão. Sem razão? Que razão pode haver no caso das almas mortas? Nenhuma. Tudo isso não passava de pataratas, balelas, contos de soalheiro.

Com a velocidade do comboio, não tardou que toda a gente falasse das almas mortas e da filha do governador, de Tchichikov e daa suas almas, da filha do governador e de Tchichikov. Sobre a amodorrada cidade, passou um furacão. Viram-se sair dos seus buracos aquelas espécies de arganazes, de marmotas, que, durante anos, não tiravam a bata de andar por casa, livrando-se com a sua indolência do sapateiro, do alfaiate, do bêbado do cocheiro; todos quantos já não visitavam senão os senhores de Rupillon e de

Ronflefert — expressão empregada entre nós para designar os profundos sonos de lado, de costas, em todas as posições, acompanhados de roncos, de assobios de nariz e mais acessórios — todos aqueles a quem nenhum convite podia arrancar de sua casa, ainda que se tratasse de saborear uma famosa sopa de peixe preparada com gigantescos esturjões e acompanhada de *Kulebiakis* (torta de peixe e ovos) que se derretem na boca. Em resumo: a cidade parecia importante e populosa. Nos salões foram-se apresentando pessoas desconhecidas; um tal Sysoi Pafnutievich; um tal Macdonald Karlovich, e um gatuno, ferido num braço, e tão alto, tão alto, que nunca se tinha visto outro semelhante. Toda a sorte de veículos antediluvianos, berlindas, tartanas, caleches, arrastaram-se, grunhindo e chiando, pelas ruas. E as línguas não descansavam um momento. Noutra ocasião, semelhantes mexericos não despertariam a atenção. Mas a cidade de N... estava, desde há muito tempo, sedenta de novidades. Durante dois ou três meses não se tinha dado à luz nenhuma bisbilhotice. E sabe-se que os mexericos são tão indispensáveis aos habitantes das pequenas cidades como a própria alimentação. Duas opiniões diametralmente opostas se formaram; a cidade dividiu-se em dois partidos: o dos homens e o das mulheres. O partido masculino, o menos desperto do sono, só se ocupou das almas mortas. O feminino consagrou toda a sua atenção ao rapto da filha do governador. Seja dito em honra das damas que o destino parece votar decididamente pelas donas de casa: este último partido mostrou mais engenho e mais golpe de vista. Rapidamente se desemaranhou o assunto, para o explicar, precisá-lo, transformá-lo num quadro de harmoniosos contornos.

Tchichikov, enamorado desde há muito tempo, encontrava a sua beldade no parque, à luz da lua; rico como um judeu, teria sido um genro muito apresentável. Desgraçadamente, já era casado. (Como souberam elas este pormenor? Mistério!). Sua mulher, abandonada e sempre enamorada, tinha escrito ao governador uma carta o mais comovedora possível. Então, em face da negativa certa dos pais, ele decidiu-se pelo rapto.

Também circulava uma versão diferente. Tchichikov não estava casado; querendo, porém, jogar pelo seguro, o mosquinha morta havia entabulado relações íntimas com a mãe, para, bruscamente, pedir-lhe a mão da filha. Cheia de remorsos, presa de escrúpulos religiosos, a dama recusara de um modo terminante e Tchichikov tomara a resolução de lhe roubar a filha.

Penetrando até o fundo dos circunlóquios mais remotos, esta novela apresentava muitas variantes. Como na Rússia a arraia miúda se interessava muito pelas mexeriquices da alta sociedade, discutiu-se, comentou-se, retocou-se a aventura, em casas aonde a existência de Tchichikov era até então ignorada. A narração tomava corpo de hora a hora; tornava-se precisa de dia para dia. Quando adquiriu a sua forma definitiva, então, naturalmente, chegou aos ouvidos da senhora governadora. Incapaz de suspeitar tamanha infâmia, a venerável senhora deu largas a uma indignação perfeitamente justificada. A jovem loura teve que suportar o mais desagradável interrogatório que uma menina de dezasseis anos jamais pôde sofrer. Esmagada de alto a baixo com perguntas, reprimendas, ameaças, admoestações, a infeliz desfez-se em lágrimas, sem compreender uma palavra do que lhe diziam. O

porteiro recebeu ordem de não deixar entrar Tchichikov, sob nenhum pretexto.

Terminada a sua obra por este lado, as damas uniram-se ao partido masculino, esforçando-se por atraí-lo para o seu ponto de vista: as almas mortas não eram mais que um subterfúgio para afastar suspeitas. Elas lograram convencer alguns dos seus adversários; mas os trânsfugas foram apodados, por seus irmãos de armas, de mulherengos e de gorros de dormir, expressões, como é sabido, muito injuriosas para o sexo forte.

Além disso, embora os homens protestassem, não apresentaram uma tão cerrada frente como o exército feminino; a inércia e a lentidão predominavam nas suas fileiras; o caos, a desordem, nos espíritos. Resumindo: eles manifestaram a sua natureza grosseira, preguiçosa, frívola, sempre temerosa, sempre suspicaz, ignorando a arte da coordenação e bem assim o entusiasmo das convicções. Classificaram de absurda a bela história arquitetada pelas damas; o cérebro feminino parece-se muito com um saco que admite tudo quanto nele se quer meter. Um paisano como Tchichikov não era capaz, de se atrever a uma aventura de hússar.

O único ponto digno de consideração era a compra das almas mortas. Que podia haver por detrás disto? Só o diabo o sabia! De toda a maneira, era preciso desconfiar.

E esta desconfiança justificava-se. Um novo governador geral ia tomar a direção da província e, como é natural, os nossos funcionários tremiam ante a ideia de admoestações, reprimendas e outras frioleiras cora que os grandes chefes obsequiem muito gostosamente os seus subordinados. «Se alguma vez», pensavam,

«chegam aos seus ouvidos os estúpidos rumores que correm pela cidade, passaremos um mau bocado».

O inspetor dos serviços de saúde empalideceu subitamente: as *almas mortas* não significariam as muito numerosas vítimas de uma epidemia de febres malignas contra a qual se não adotara qualquer providência? Não estaria Tchichikov encarregado de alguma informação secreta? O inspetor comunicou os seus temores ao presidente, que os qualificou de quimeras; mas empalideceu, por seu turno, pensando no que sucederia se as almas compradas por Tchichikov fossem realmente mortas. Não intervieram ele nas escrituras de venda e não representara em pessoa os interesses de Pliushkin? Que suspeitaria o governador? Bastaria ouvir meia palavra sobre isso, para que eles fossem logo castigados. Mais contagioso que a peste, o medo comunicou-se num abrir e fechar de olhos. Todos se reconheceram culpados de faltas que não tinham cometido. A expressão *almas mortas* adquiriu toda a espécie de significados. Até se chegou a perguntar se não seria aquilo uma alusão a corpos rapidamente enterrados em consequência de dois acontecimentos recentes.

Durante a feira, uns negociantes de Solvytchegodsk haviam oferecido aos seus colegas de Ustsyssolsk um banquete à russa, acrescido de suplementos à moda estrangeira: orchata, ponche e licores diversos. Logo de princípio, a orgia degenerou em desordem. Os de Ustsyssolsk sucumbiram, não sem deixar nos corpos dos seus adversários o incrível peso dos seus punhos. Um destes até na refrega ficou sem nariz. Os vencedores reconheceram ter ido um pouco longe, e até, diz-se, acompanharam com quatro notas de cem rublos o seu generoso arrependimento. Depois, o caso tornou-se

muito escuro. As averiguações demonstraram que os homens de Ustysolsk morreram asfixiados e foram enterrados como tais.

Além disto, os camponeses de Vanité-Miteuse, povoação foreira da coroa, unidos aos de Borovki, aliás, Buscapleitos, tinham, recentemente, ofendido a polícia rural, matando o seu assessor, Drobiajkin, demasiado propenso a aplicar-lhe os seus serviços. Esta espécie de visitas causam às vezes mais estragos que uma epidemia de febres malignas. O assessor, afirmavam os mujiques, votava-lhes rancor, especialmente a suas mulheres e a seus filhos. Com segurança, nada se sabia, por mais que eles pretendessem, nas suas declarações, ter dirigido ao tratante mais que uma advertência e tê-lo até expulsado uma vez, em traje de Adão, de uma casa onde aquela raposa matreira se tinha escondido. Se a falta de coração de um polícia merecia todo o rigor da justiça, os aldeãos tinham culpa também por tê-la exercido eles próprios, admitindo a sua participação no assassinato. O caso, porém, estava muito confuso: o cadáver fora encontrado na estrada, com a roupa às tiras e as feições irreconhecíveis. Por vezes, o assunto foi levado à barra do tribunal da comarca, que adiou a sua deliberação. O grande número de camponeses não permitia discernir os culpados. Aliás, estas boas pessoas, ainda vivas, tinham interesse em ganhar a causa, cuja solução, pelo contrário, já pouco importava ao defunto Drobiajkin. O tribunal entendeu, pois, que o assessor Drobiajkin, culpado do abuso de autoridade para com os aldeãos de Buscapleitos e Vanité-Miteuse, tinha sucumbido no seu trenó, vítima de um ataque de apoplexia.

Estas sentenças, não obstante serem muito sábias e muito regulares, perturbavam agora os espíritos. As almas mortas não se

referiam a estes cadáveres, tão prontamente sepultados?

A chegada de duas cartas para o governador fez com que a desorientação atingisse o auge. Um destes documentos assinalava na província a presença de um fabricante de notas falsas, de múltiplos sobrenomes, e ordenava a mais ativa vigilância. O outro, proveniente do governador da vizinha província, participava a evasão de um bandido, e rogava a detenção de todos os indivíduos suspeitos e indocumentados. Estas notícias reduziram a pó as suspeitas anteriores. Toda a gente endoideceu. Claro está que não podia existir relação alguma entre aqueles malfeitores e Tchichikov; não obstante, todos se puseram a refletir. De concreto, ninguém sabia realmente quem fosse este personagem. Ele mesmo tinha-se exprimido em termos muito vagos e por sua conta própria, falando somente de infelicidades causadas por amor da Justiça, de inimigos encarniçados que o perseguiram, desejosos de atentar contra a sua vida. Ante esta recordação, a perplexidade redobrou. Se tais perigos o haviam ameaçado, com certeza não tinha a consciência tranquila. Mas, então, quem era ele, de facto? A julgar pelas aparências, nem bandido nem moedeiro falso. Quem podia ser? Os nossos funcionários fizeram uns aos outros, por fim, a pergunta que desde o princípio os devia ter preocupado, isto é, desde o primeiro capítulo do nosso poema.

Ao cabo, decidiram colher informações junto das pessoas a quem Tchichikov tinha comprado almas mortas. Qual era o objeto dessas compras? Que significava esta expressão? Não deixara Tchichikov escapar algumas palavras referentes às suas intenções e à sua pessoa?



Dirigiram-se primeiro à senhora Koroboshka, de quem não souberam grande coisa. Tchichikov, efetivamente, tinha-lhe comprado almas mortas no valor de quinze rublos e prometera-lhe comprar penas para almofadas e manteiga fresca, de que fornecia o governo. O tal devia ser um mariola, pois, já doutra vez, um comprador de penas e negociante de manteiga pregara o calote a numerosas pessoas e vigarizara o arcipreste em mais de cem rublos. Estas palavras e outras semelhantes revelaram unicamente, aos que se informavam, o desarranjo mental da velha caduca.

Manilov comprometeu-se a responder por Tchichikov como se fosse ele próprio. Espontaneamente sacrificaria toda a sua fortuna para possuir a centésima parte das qualidades de Pavel Ivanovitch. Com os olhos meio fechados, acompanhou este adulator conceito de alguns aforismos acerca da amizade que, embora demonstrassem a ternura do seu coração, nada adiantavam aos investigadores sobre o assunto em causa. Sobakevich declarou que tinha Tchichikov por um cavalheiro; vendera-lhe camponeses escolhidos e perfeitamente vivos naquela altura; quanto ao futuro, nada podia garantir. Os marotos podiam sucumbir às fadigas da viagem; todos estamos nas mãos do Senhor; as febres e outras enfermidades mortais são coisa corrente, neste mundo; às vezes, levam aldeias inteiras.

Os senhores funcionários recorreram então a uma procedimento que, embora seja feio, não deixa de empregar-se; por intermédio de amizades de antecâmara, tentaram obter dos criados de Tchichikov informes acerca do seu amo, do seu passado, da sua atual condição. Também nisto foi escassa a colheita. Petrushka revelou somente o cheiro a curral, que o caracterizava; Selifan

grunhiu que o patrão tinha servido o Estado e feito a sua carreira nas Alfândegas.

As pessoas desta categoria são muito engraçadas. Dirigi-lhes uma pergunta, e a memória falha-lhes; exprimem-se com dificuldade; declaram, até, não saber nada. Passai a outra ordem de ideias e então o caso muda de figura: fornecem-vos um amontoado de pormenores de que vós não sabeis que fazer.

Destas infrutuosas pesquisas, os funcionários adquiriram uma convicção: ignoravam decididamente quem era Tchichikov; e, no entanto, este devia ser alguém. Já desesperados, quiseram, pelo menos, acordar nas medidas que deviam ser tomadas. Era preciso considerar Pavel Ivanovitch um indivíduo suspeito e apontá-lo como tal? Ou, pelo contrário, um importante personagem que os podia meter na cadeia pelo mesmo motivo? Com este fim, decidiram celebrar uma reunião extraordinária em casa do chefe da polícia, pai e benfeitor da cidade, como o leitor não ignora.

## 10

Ao reunirem-se em casa do chefe da polícia, já conhecido do leitor, pai e benfeitor da cidade, os senhores funcionários mostraram que tinham emagrecido. Sobre este assunto fizeram várias observações. Realmente, a nomeação de um novo governador geral, os dois documentos inquietantes, os estapafúrdios rumores, todos estes cuidados deixaram na sua cara marcas evidentes, e muitos andavam a dançar dentro das suas roupas. Toda a gente emagrecera: o presidente, o inspetor de saúde, o procurador — e até um tal Semião Ivanovitch, cujo nome de família ninguém conhecia e que gostava de mostrar às senhoras o anel que adornava o seu dedo indicador. Como é natural, quatro valentes de pelo na venta tinham conservado o seu sangue frio; mas podiam-se apontar a dedo. Só o diretor dos correios mantinha a sua boa disposição. Em casos idênticos, permanecia sempre imperturbável e contentava-se em repetir: «Com efeito, é um assunto de arromba, esse de um governador geral! Em trinta anos que estou aqui, senhores, julgo não terem passado por cá mais de três ou quatro».

Ao que os seus amigos objetavam: «Tu falas muito bem, *sprechen Sie deutsch*, Ivan Andreivich. O teu papel limita-se a despachar o correio! Na tua repartição, apenas se podem cometer ligeiríssimas faltas: aceitar, mediante fiança, um pacote suspeito, ou fechar o *guichet* antes da hora regulamentar, para, em seguida, fazer caro o favor aos homens de negócios. Nesse cargo, depressa se angariam simpatias! Mas, se o diabo te tentasse todos os dias, verias se se pode resistir às suas acometidas! Não tendo mais que

um filho, tens o suficiente para viver; mas, quando Prascóvia Ivanovna te presentear com um filho ou uma filha em cada ano, então, irmão, a cantiga já será outra».

Isto, pelo menos, era o que afirmavam os funcionários; quanto a saber se se pode resistir ao diabo, já não incumbe ao autor dizê-lo.

À assembleia faltava uma qualidade primordial: o bom senso. Em geral, esta espécie de reuniões parece repugnar ao nosso feitio. A não ser que uma cabeça ponderada assuma a direção, todas as nossas assembleias, desde os comícios populares até os congressos científicos e outras, parecem-se muito com a corte do rei *Petaud*. Por desconhecidas razões — questão de temperamento, sem dúvida — as únicas reuniões que nos agradam: clubes, e outros poisos idênticos, à moda estrangeira, têm por objeto a roda do cavaco. Apesar disso, não duvidamos de nada; estamos sempre dispostos a fundar, conforme sopram os ventos, sociedades de beneficência, centros políticos... Sabe Deus que mais ainda! Poderá ser a obra mais bela do mundo: jamais a levaremos a bom termo. Isto provém, com certeza, de que, tomada a iniciativa, cremos estar já cumprida a nossa tarefa. Se, por exemplo, promovemos uma subscrição para socorrer os pobres, em seguida, orgulhosos deste rasgo, oferecemos às autoridades um banquete que absorve metade da receita. A outra metade gasta-se na instalação de uma magnífica sede, com aquecimento e contínuos, em que se aposenta a comissão. Esta não tem mais que cinco rublos e meio para distribuir pelos indigentes e, por outro lado, não consegue pôr-se de acordo quanto à forma de os repartir, pois cada um dos membros pede para o seu protegido.

A reunião de que nos ocupamos oferecia, a dizer a verdade, outro caráter: tinha-a inspirado a necessidade. Não se tratava já de

filantropia; os pormenores interessavam pessoalmente a cada um dos funcionários, a quem ameaçava o mesmo perigo. Impunha-se, portanto, um mais perfeito entendimento. E, não obstante, tudo sucedeu ao contrário.

Sem falar das divergências inerentes a todos os conselhos, os membros de conciliábulo demonstravam uma falta absoluta de firmeza nas suas opiniões. Um pretendia que Tchichikov era, sem dúvida, um moedeiro falso; mas logo acrescentava: «E também pode ser que não». Outro via nele um emissário do governador geral, para retificar em seguida: «Que, afinal, isto não o tem ele escrito na cara». Não obstante, chegou-se a acordo de que não podia ser um bandido disfarçado. Nem a sua apresentação nem a sua maneira de falar denunciavam o gatuno.

Entretanto, o diretor dos correios permanecia mergulhado num profundo sonho. Obedecendo certamente a alguma inspiração, exclamou de súbito:

— Sabem os senhores quem ele é?

E pronunciou estas palavras de um modo tão categórico, que todos replicaram ao mesmo tempo:

— Quem?

— O capitão Kopeikin, meu bom senhor!

A isto, todos perguntaram em coro:

— Mas quem é o capitão Kopeikin?

— Como? Os senhores não conhecem o capitão Kopeikin?

Todos declararam ignorar absolutamente quem fosse esta personagem.

— O capitão Kopeikin — repetiu o diretor dos correios, abrindo a tabaqueira ou, melhor dizendo, entreabrindo-a, pois temia sempre

que um vizinho introduzisse nela os seus dedos, de duvidosa limpeza, e tinha o costume de dizer: «Deus sabe, compadre, onde o senhor meteu os dedos; o tabaco requiere limpeza!». — O capitão Kopeikin — continuou, aspirando um pitada... — Mas isto é assunto muito interessante que pode proporcionar a um autor matéria para um largo poema.

Todos os assistentes quiseram conhecer esta interessante história, que poderia proporcionar a um escritor matéria para um largo poema. O diretor dos correios começou nestes termos:

— Depois da campanha de 1912, meu caro senhor — assim começou o diretor dos correios, embora se dirigisse a seis auditores —, depois da campanha de 1912, o capitão Kopeikin fazia parte de um comboio de feridos repatriados para suas casas. Era ele um estoura-vergas, um leviano que, desde as detenções no quartel até os calabouços, conheceu todos os encantos da vida militar. Calcule que o mocetão tinha ficado sem um braço e uma perna em Krasnoie ou em Leipzig, não me lembro ao certo. Naquele tempo (sabe o senhor?) não se havia adotado ainda qualquer disposição acerca dos feridos; a pensão aos inválidos foi decretada, de certo modo, bastante mais tarde; em presença do que, o capitão Kopeikin pensava: «De momento, há que trabalhar». Por desgraça, apenas lhe ficara o braço esquerdo. Tratou de comover o simplório do seu pai; o velho, porém, declarou-lhe perentoriamente: «Não tenho com que sustentar-te; apenas, com grandes sacrifícios (imagine o senhor!) posso prover às minhas necessidades». Então, meu caro senhor, o capitão Kopeikin resolveu ir a Petersburgo implorar um subsídio do imperador, pois, enfim, e de certa maneira, tinha derramado o seu sangue e arriscado a sua vida... Arranjou processo

de se fazer conduzir nos vagões da Intendência... Resultado: eis o nosso homem em Petersburgo. Daqui se está a ver o parasita Kopeikin desembarcar numa capital que, por assim dizer, não tem igual no mundo. A vida, compreende o senhor?, apresentava-se-lhe agora debaixo de um novo aspeto. Julgava-se transportado a um conto de Sheherazada. Calcule o seu assombro diante da avenida do Neva ou, com seiscentos, diabos, no meio da rua das Ervilhas ou da Fundação. Aqui, uma aguçada torre que se perde no espaço; acolá pontes pênseis sem um ponto de apoio, digamos assim. Enfim, meu querido senhor, uma verdadeira cidade de Semíramis. Imediatamente pensou em mobilar para si um aposento; porém, lá, cortinados, panos, tapetes da Pérsia e toda a farrapada, custam os olhos da cara. Quando alguém se aproxima para lhes tocar, corre já o risco de queimar os dedos. Em Petersburgo, como que se vareja o dinheiro: sente-se no ar uma espécie de perfume de notas de mil rublos. E o nosso Kopeikin não possuía, ao todo, mais que uma dezena de notas azuis e uma ou outra solta. Torna-se impossível, não é assim?, comprar umas terras com semelhante pecúlio, a menos que se lhes juntem quarenta mil rublos emprestados pelo rei da França. O capitão alojou-se no hotel de Revel, pagando um rublo por dia, comendo uma sopa de hortaliça e carne ainda com pelos. No dia seguinte, meu caro senhor, resolveu apresentar-se ao Ministro. É preciso notar que o imperador estava ausente; o exército não tinha regressado ainda de Paris. Levantando-se, pois, muito cedo, escanhou a barba com a mão esquerda, para cortar despesas no barbeiro, encafou-se no uniforme e, coxeando com a sua perna de pau, foi *in continenti* ter com o Ministro. O gabinete indicou-lho um polícia. «É aqui» disse-lhe, apontando um compartimento no

casarão do palácio. Uma choçazinha, percebe o senhor? Em lugar de vidraças, espelhos de cinco metros, que permitiam ver cá de fora os jarrões e todo o mobiliário; parecia que não era preciso senão estender a mão para o agarrar; e por toda a parte mármore preciosos, lacas, numa palavra, coisas de a gente entontecer, meu caro senhor; a última palavra, quanto a conforto. Olhando para os puxadores das portas, tão limpos, tão reluzentes, dava ganas de ir comprar dez cêntimos de sabão e lavar as mãos duas largas horas antes de lhes tocar. O porteiro parecia um generalíssimo: bastão com punho de ouro, aspeto principesco, camisa de cambraia... um animal bem tratado. O nosso Kopeikin, coxeando sempre, subiu, conforme pôde, até a sala das audiências, onde se acorou a um canto, tendo o máximo cuidado de não tropeçar em alguma Índia ou alguma América, de porcelana dourada, é claro. Não é preciso dizer que ali permaneceu largo tempo, porque o Ministro acabava de se levantar e o criado levara-lhe, sem dúvida, uma bacia de prata para as suas abluções. O nosso Kopeikin esperou, deste modo, quatro estiradas horas. Finalmente, um ajudante ou qualquer outro funcionário de serviço foi anunciar a chegada do Ministro. Nesse momento, o senhor compreende, as pessoas acumulavam-se na sala como favas num prato. E peço ao senhor que não suponha que eram pobres diabos como nós; nada menos que dignitários de quarta classe, coronéis, até, se o senhor quere, generais, aqui e além, a julgar pelas charlateiras. Repentinamente, toda a gente se pôs em movimento; os schiu! schiu! ouviram-se na sala; e, por fim, reinou um silêncio de morte. Entra o Ministro... Um homem de Estado, não? Tem as feições de harmonia com o alto posto que ocupa. Toda a gente, de súbito, retifica a sua compostura. Cada qual



espera, de certa maneira, que se decida a sua sorte. O Ministro aproxima-se, agora dum, em seguida de outro... «Que pretende o senhor? Que o traz por cá?». Finalmente, chega diante de Kopeikin. «Veja Vossa Excelência», diz o nosso homem, «derramei o meu sangue, perdi, por assim dizer, braços e pernas; e, não podendo já trabalhar, imploro o auxílio de Sua Majestade». Vendo ante si aquele mocetão com uma perna de pau e uma das mangas vazia, pendente do uniforme: «Está bem» disse-lhe o Ministro. «Volte por cá, daqui a alguns dias». Três ou quatro dias depois, meu caro senhor, tornou a procurar o Ministro. «Eu vinha saber», disse. «Dadas as minhas desventuras, as feridas que recebi, tendo, por assim dizer, derramado o meu sangue...» e o resto como é natural, na forma do costume. «Ah!», disse o Ministro. «Ainda não posso dizer-lhe nada. Aguarde o regresso do Imperador. Não deixarão de ser tomadas providências acerca dos feridos. Pela minha parte, nada posso fazer sem ordem de Sua Majestade». Saudou-o e passou a outro. O nosso Kopeikin estava, como se compreende, numa situação desgraçada, pois, ao fim e ao cabo, nem lhe havia dito que sim nem que não. Entretanto, como o senhor bem calcula, a vida na capital tornava-se dia a dia mais cara. «Eia!» pensou o nosso homem. «Vamos procurar outra vez o Ministro. «Que resolveu Vossa Excelência?», perguntar-lhe-ei. «Estou a gastar os últimos recursos. Se Vossa Excelência me não acode, terei, salvo o devido respeito, de morrer à fome». Dito e feito: ei-lo de novo em frente da casa do Ministro. «O senhor Ministro não recebe hoje» objetam-lhe; «volte amanhã». Na manhã seguinte, nem sequer olhou para ele. O pobre diabo só tinha no bolso uma nota azul. Adeus, sopa e carne! Já se sustentava com um arenque, salada de pepino e cinco cêntimos de pão. E o bom do

homem tinha um apetite canino. Imagine o senhor o nosso Kopeikin a passar em frente de um restaurante: o cozinheiro, um simpático francês, com mantelete da Holanda e avental branco como a neve, prepara uma torta *aux fines herbes*, costeletas com trufas e outros bons petiscos, aos quais o nosso homem tem que renunciar. Suponha-o no mercado de Miliutin; nas prateleiras exibem-se salmões; cerejas a cinco rublos; uma gigantesca melancia, grande como uma diligência, que parece esperar pela chegada do imbecil que dê por ela cem rublos. Tudo isto lhe faz vir a água à boca; a cada passo, uma tentação. O senhor ponha-se no seu lugar! Por um lado, salmão e melancia; por outro, o manjar cheio de amargura que tem por nome *amanhã*. Finalmente, o pobre diabo não resiste mais. Resolve avistar-se com o Ministro, custe o que custar. Espera à porta a chegada de outro pretendente, e consegue (percebe o senhor?) esgueirar-se, na companhia de um general, até a sala de audiência. O Ministro entra, na forma do costume. «Que deseja o senhor? E o senhor? Bah!», disse ao ver Kopeikin. «O senhor outra vez? Não lhe disse já que havia de ter paciência?» «Desculpe-me, Excelência; mas é que já não tenho nada que comer.» «Não está nas minhas mãos remediá-lo. Trate o senhor, enquanto espera, de procurar algum modo de vida.» «Como poderei fazê-lo, Excelência, se já não tenho, por assim dizer, nem braços nem pernas?» Esteve a ponto de acrescentar: «Quanto ao meu nariz, só pode servir para me assoar e, mesmo para isso, teria que comprar um lenço». O Ministro, porém, ou fosse porque estivesse já farto, ou fosse porque, efetivamente, o preocupavam graves assuntos do Estado, começou a enfadar-se. «Queira retirar-se!», disse-lhe. «Não é só o senhor que se encontra nessas condições.» Então, o nosso Kopeikin, a quem

(sabe o senhor?) a fome aguilhoava, exclamou: «Como queira, Excelência!». No mesmo instante, o Ministro (calcule o senhor) perdeu a tramontana. Realmente, desde que o mundo é mundo, nunca se vira um Kopeikin atrever-se a falar naquele tom a um Ministro. Imagine o senhor, por um momento, o que deve ser a cólera de um Ministro, de um homem de Estado, por assim dizer. «Insolente!», exclamou. «Vou proporcionar-lhe uma residência. Olá! Um contínuo que leve este engraçado.» E o contínuo (compreende o senhor?) encontrava-se atrás da porta: um homenzarrão de seis pés de altura (calcule o senhor!) de enormes patolas e bochechas de dentista. Já o nosso homem se encontra instalado numa carreta, com o contínuo ao lado. «Ao menos» disse ele «não terei que pagar a hospedaria; isto parece-me que já ganhei». E, enquanto rodava com a sentinela à vista, ia resmungando à parte: «Ah, ah! Queres que eu procure um modo de vida? Está bem! Está bem!» Ninguém sabe exatamente onde foi levado Kopeikin. O homem caiu por completo no rio do esquecimento, no Letes, como lhe chamam os poetas. Eis aqui, precisamente, senhores, onde, por assim dizer, começa o principal da minha história. Tinha-se perdido o rastro de Kopeikin; mas não haviam decorrido dois meses, quando, nos bosques de Riazan, apareceu uma quadrilha de ladrões cujo chefe (imagine, meu caro senhor!) não era outro senão o... nosso capitão Kopeikin. Agrupara à sua volta um bando de desertores. Isto foi (compreende o senhor?) logo depois da guerra. Toda a gente estava habituada a não se preocupar; dava-se tanta importância à vida como a um caracol. Em resumo, meu caro senhor: chegou a reunir quase um batalhão. Era impossível aventurar-se aos caminhos, pelo menos os oficiais do exército, pois, quanto aos particulares,

deixavam-nos em paz depois de se haverem informado do objeto da sua viagem. Mas às caravanas do Estado tinham-lhes declarado uma guerra sem quartel: forragens, dinheiro, provisões, tudo pilhavam. O fisco ficava a perder no negócio. O nosso Kopeikin, quando se inteirava de que uma aldeia estava prestes a pagar as suas contribuições, apresentava-se ali de improviso. «Olá, amigo!», dizia ao chefe da comunidade, «entregue-me sem demora a importância dos impostos e dos soldos.» Vendo diante de si aquele diabo coxo, o campónio (compreende o senhor?) começava a notar que o ar cheirava a chamusco. «Diabo!», refletia. «Deve ser algum capitão da polícia, ou quem sabe se coisa pior ainda!» E imediatamente, para ficar em paz, entregava-lhe o pecúlio. E o outro, meu caro senhor, passava-lhe recibo, em boa e devida forma, certificando que os impostos foram integralmente depositados nas mãos do capitão Kopeikin, que, para maior garantia, apunha o seu selo no papel... Resultado: roubava quanto queria. Vários destacamentos foram enviados para capturar o bando; aquelas almas danadas, porém, tanto se importavam com isso como com o ano quarenta. Ao fim e ao cabo, o nosso Kopeikin, compreendendo, sem dúvida, que o seu negócio ia por mau caminho e achando-se, então, de posse de um bonito capital, descobriu meio de atravessar a fronteira e de chegar aos Estados Unidos, de onde, meu caro Senhor, enviou a Sua Majestade uma carta que pode ser considerada, imagine o senhor!, um modelo de eloquência. Que são, ao lado de Kopeikin, um Platão, um Demóstenes e outros grandes homens da antiguidade? Menos que nada, meu caro senhor! «Não vades supor, Sire», dizia na sua epístola, «que eu seja este, e aquele, e aqueloutro (estas coisas ditas em períodos rotundos). Atuei sob o imperativo da necessidade.

Depois de haver derramado o meu sangue, por assim dizer, cheguei a não ter um bocado de pão. Não castigueis os meus camaradas; esses inocentes foram arrastados por mim. Antes dignai-vos velar por que os mutilados, suplicando proteção, não sejam abandonados à sua triste sorte...» E, imagine o senhor, esta eloquência sublime comoveu o imperador. Evidentemente, o nosso homem era um criminoso, até certo ponto, digno da pena de morte. Mas, por outro lado, a grave lacuna referente à assistência dos mutilados... Lacuna, de algum modo, bem compreensível em tempos tão turbulentos. Ninguém, exceto Deus, poderia pensar em tudo. Resumindo, meu caro senhor: Sua Majestade dignou-se dar provas de uma inaudita magnanimidade, indultando os perseguidos e instituindo uma comissão encarregada exclusivamente de melhorar a sorte dos inválidos. E, por iniciativa desta comissão, foi criada, meu caro senhor, a Caixa dos Inválidos, instituição que assegura a existência destes desgraçados e que, pode dizer-se, não tem igual nem na Inglaterra nem noutros países civilizados. Agora já o senhor sabe quem é o capitão Kopeikin. Pela minha parte, é isto o que eu suponho: provavelmente terá malbaratado o seu dinheiro nos Estados Unidos, e ei-lo de regresso entre nós com o fim de tentar, por assim dizer, uma nova empresa...

— Mil perdões, Ivan Andreievich — interrompeu, de súbito, o chefe da polícia. — Acabas de nos dizer que o capitão Kopeikin tinha perdido um braço e uma perna, todavia Tchichikov...

O diretor soltou um grito e deu na testa uma forte pancada com a palma da mão, cognominando-se publicamente de jerico. Não podendo compreender como não lhe tinha ocorrido este pormenor logo ao princípio da sua narrativa, reconheceu a justiça do

provérbio: *o russo não tem engenho senão depois da pancada*. Mas prontamente retomou o seu aprumo e tratou de emendar a asneira, alegando que os ingleses levaram a mecânica a um grau de perfeição extraordinária. A acreditar no que dizem os diários, um deles tinha inventado umas pernas de madeira verdadeiramente admiráveis: ao simples contacto de uma impercetível mola, deixam-nos andar de tal modo que é impossível descobrir o embuste.

Não convenceu ninguém. Os ouvintes declararam, à uma, que se havia deixado arrastar longe demais e que Tchichikov não podia ser o capitão Kopeikin... Não obstante, instigados pela sua genial conjectura e não querendo ficar-lhe atrás, emitiram, por sua vez, suposições, pelo menos igualmente disparatadas. Por estranho que pareça, chegaram a pensar se Tchichikov não seria, por acaso, Napoleão disfarçado. Desde há muito tempo, os ingleses invejavam a grandeza e a imensidade da Rússia. Até chegaram a publicar caricaturas, em que um russo conversava com um inglês; este mostrava um cão preso a um cadeado, que representava Napoleão: «Tem cuidado», dizia, «se não andas direito, açulo-o». Podiam muito bem tê-lo deixado fugir de Santa Helena, e Napoleão percorreria a Rússia disfarçado com o nome de Tchichikov.

Desde logo, esta explicação tão pouco satisfiz os funcionários. Apesar disso, depois de maduras reflexões, tiveram de confessar que, de perfil, Tchichikov se parecia com Napoleão. O chefe da polícia, que havia feito a campanha de 1812 e vira o imperador em pessoa, reconheceu que Napoleão tinha a mesma estatura de Tchichikov e que, como ele, nem era gordo nem magro. Certos leitores acharão, com certeza, estas conversas inverosímeis. Para comprazer com eles, o autor é também dessa opinião. Por desgraça,

as coisas passaram-se exatamente como as relatamos. E isto é tanto mais assombroso, quanto é certo não estar a cidade em questão longe das duas capitais. Não esqueçamos que esta aventura ocorreu depois da gloriosa expulsão dos franceses. Nesta época, todos os nossos proprietários, funcionários, comerciantes e outros indivíduos letrados ou iletrados, foram absorvidos, durante oito largos anos, por uma bela paixão pela política. A *Gazeta de Moscovo* e *O Filho da Pátria* passavam de mão em mão até ficarem convertidos em farrapos. Em vez das habituais perguntas: «Compadre, a como é que vendeu a aveia?» ou «Atingiu-o a nevada de ontem?», perguntava-se: «Que dizem os jornais? Napoleão escapou-se outra vez da ilha?». Os nossos comerciantes receavam muito este acontecimento, pois davam crédito aos vaticínios de um profeta, preso havia três anos. Este iluminado, que chegou sabe Deus de onde, usava sandálias de cortiça; a sua peliça de carneiro exalava um fedor abominável a peixe podre. Dizia que Napoleão era o Anticristo. Mais de um funcionário, mais de um cavalheiro, começaram a sonhar com ele. Subjugados pelo misticismo que, como ninguém ignora, estava então muito em voga, atribuíram um sentido especial a cada uma das letras que formam a palavra *Napoleão*; muitos até chegaram a descobrir neste nome a cifra do Apocalipse. Não é, pois, de admirar que os nossos funcionários por um momento se inclinassem para esta suposição; em breve, porém, verificaram que tais hipóteses eram destituídas de fundamento.

Depois de muito pensar, refletir e discutir, afigurou-se-lhes prudente sujeitar mais uma vez Nozdriov a um sério interrogatório. Fora ele o primeiro a divulgar a história das almas mortas. Em estreitas relações com Tchichikov, com toda a certeza conhecia

pormenores da sua vida. Era, pois, necessário arrancar-lhe alguma coisa do que sabia.

Extraordinárias pessoas, estes funcionários — como a maioria da humanidade! Nozdriov era tido por mentiroso, sabiam perfeitamente que não se podia acreditar numa palavra daquele palrador e, não obstante, foi a ele que recorreram. Entenda quem puder estes homens! Este nega a existência de Deus; mas, se sente umas cócegas no nariz, já pensa ter chegado à sua última hora. Desdenhando de tal obra poética, em que à harmonia se junta uma divina simplicidade, aquele lança-se sobre uma produção forçada, em que um hábil compositor atraiçoa a natureza, a desfigura, a violenta. Deleita-se com ela e exclama: «Eis aqui um verdadeiro conhecedor do coração humano!» Outro, durante a sua vida teve horror aos médicos e acaba por dirigir-se a uma esperta feiticeira, prática em encantamentos e artes mágicas; ou, melhor ainda, por inventar qualquer horrível mixórdia que lhe pareça eficaz — sabe Deus por quê — para combater os seus achaques. Aliás, a situação difícil em que se encontravam podia, em parte, servir de desculpa aos nossos funcionários. Um homem que se afoga trata de agarrar-se à mais leve palheira. Uma mosca não se atreveria a pousar-se nela e o desgraçado pesa cinco ou seis arrobas. Em tão crítico momento, porém, não nos podemos deter a pensar nisso. De igual modo, os nossos homens agarraram-se a Nozdriov.

O chefe da polícia escreveu logo uma cartinha de convite, que uma ordenança de botas altas, cuja farda garrida muito o favorecia, se apressou a levar, com a espada cingida às costas, a fim de correr mais depressa.



Havia quatro dias que Nozdriov, metido no quarto por causa de um importante negócio, não recebia ninguém; serviam-lhe a comida por uma janela; emagrecia e empalidecia, entre aquele complicado trabalho. Tratava-se de formar, por meio de algumas centenas de cartas, um jogo em que, mercê de impercetíveis marcas, ele pudesse confiar como no mais certo dos amigos. Este trabalho devia ocupá-lo ainda durante uma larga quinzena e, entretanto, Porfírio tinha ordem de friccionar, com a ajuda de uma escova especial, o umbigo do mastim e ensaboá-lo três vezes por dia.

Indignado por se atreverem a perturbar o seu isolamento, Nozdriov, primeiramente, devolveu a carta ao portador, e que fosse com todos os diabos; mas, tendo lido que, naquela noite, apareceria um novato fácil de depenar, acalmou-se logo, vestiu-se de qualquer maneira, fechou o quarto à chave, com duas voltas, e dirigiu-se a casa do chefe da polícia.

As declarações e as conjeturas de Nozdriov ofereciam tal contraste com as dos senhores funcionários, que estes ficaram definitivamente derrotados. Esse homem desconhecia a dúvida: quanto eram tímidas as suposições dos outros, tanto eram rotundas as dele. Respondeu resolutamente a todas as perguntas. Tchichikov tinha comprado almas mortas, no montante de alguns milhares de rublos. Ele próprio lhe vendera algumas, não vendo razão nenhuma para o não fazer.

À pergunta: «Será Tchichikov um espia que ande a proceder a alguma investigação secreta?», Nozdriov respondeu afirmativamente. Tinham sido companheiros de escola; já nessa altura Tchichikov era considerado um mexeriqueiro. Um dia, os camaradas, incluindo Nozdriov, deram-lhe por esse motivo uma sova

tal, que foi necessário aplicar-lhe, só nas fontes, duzentas e quarenta sanguessugas. O nosso homem queria dizer quarenta; as duzentas acrescentaram-se por si próprias.

Será Tchichikov moedeiro falso? «Sim», afirmou Nozdriov que, em seguida, fez referência a uma anedota sobre a extraordinária habilidade de Pavel Ivanovitch. Sabendo que ele escondia em sua casa títulos falsos no valor de dois milhões, a polícia selou-lhe as portas e pôs lá duas sentinelas. Durante a noite, porém, o figurão trocou os papéis, que, ao levantar os selos, foram reconhecidos como autênticos.

Teria Tchichikov intenção de raptar a filha do governador, e ele, Nozdriov, havia oferecido ao raptor o seu concurso?

O charlatão apercebeu-se de que esta mentira poderia acarretar-lhe desgostos; mas conteve a língua demasiado tarde. Além disso, a sua imaginação apresentava-lhe o assunto com pormenores tão interessantes, que não pôde resistir ao desejo de se lhes referir. Indicou a paróquia em que deveria efetuar-se o casamento secreto; era a aldeia de Trujmatchevka; disse o nome do pope — o padre Sidor — que, por setenta e cinco rublos e sob a ameaça de revelar que ele tinha casado a sua comadre com o comerciante de farinhas Mijail, consentiu em abençoar aquela união. Nozdriov pretendeu ter posto o seu carro à disposição dos noivos e ter-se encarregado de arranjar as dispensas; chegou, até, a indicar o nome dos postilhões.

Os interrogadores fizeram, então, referência à personalidade de Napoleão; péssima ideia, pois Nozdriov impingiu tais petas que todos lhe viraram as costas. Só o chefe da polícia o escutou ainda algum tempo, esperando ver surgir talvez um raio de

verosimilhança; também este, porém, teve que abandonar a partida, exclamando: «O diabo entenda aquelas que arma!». Toda a gente reconheceu a exatidão do ditado: *Ordenhai, como quiserdes, um boi; não lhe tirareis nem uma gota de leite.*

E, convencidos já da impossibilidade de identificar Tchichikov, os funcionários separaram-se, sabendo menos que antes.

Com isto, pode comprovar-se que espécie de animal é o homem. Sempre sensato, prudente, perspicaz nos negócios alheios, mas não nos seus próprios, sabe dardos judiciosos conselhos nos momentos críticos da existência. «Que inteligência privilegiada!» exclama a multidão. «Que indomável caráter!». Uma desgraça, porém, atinge esta inteligência privilegiada; que se encontre entalada nas dificuldades da vida, e vereis ao que ficará reduzido o caráter indomável. O homem inflexível passará imediatamente a ser um criançaola, um desprezível poltrão, um Zé Ninguém, como disse Nozdriov.

Todos estes rumores e discussões tiveram, não se sabe por quê, uma influência particularmente nefasta sobre o pobre procurador. De regresso a sua casa, pôs-se a meditar, e tanto meditou, que morreu. Um ataque de apoplexia? Sucumbiu a outra doença? O certo é que, sem sentidos, deixou-se cair numa cadeira. Acudiram-lhe, levantaram-lhe os braços, como é natural, exclamando: «Ai, meu Deus!» e mandaram chamar o médico para lhe fazer uma sangria. Em breve, porém, se verificou que o procurador não era mais que um cadáver. Pela primeira vez, então, se deu conta de que o procurador tinha uma alma; por modéstia, sem dúvida, não a havia mostrado nunca. Além disso, ao aniquilar esta ínfima personagem, a morte apareceu tão pavorosa, como se

se tivesse precipitado sobre um homem notável. Este desgraçado que, pouco tempo antes, ia e vinha, jogava o *whist*, assinava documentos, distinguia-se dos restantes funcionários pelo piscar do seu olho e pelas espessas sobancelhas, jazia agora sobre uma mesa, com o olho sempre imóvel, mas com a sobancelha levantada ainda, num gesto interrogador. Que desejaria saber? Por que tinha vivido, ou por que acabava de morrer? Este é o segredo de Deus.

Mas, dirão muitos leitores, isso é absurdo, inepto, inverosímil! Como podem uns funcionários ter medo até o ponto de perder a noção da realidade, e embaralhar-se por gosto num assunto tão claro, que uma criança o desenredaria imediatamente?

Ou censurarão ao autor as suas inocências ou classificarão de *imbecis* as suas personagens. Pródigo deste epíteto, o homem está disposto a explicá-lo ao seu semelhante vinte vezes por dia. Tende um ponto fraco, contra dez, e este único defeito bastará para vos incluir entre os imbecis. Do seu alto e sossegado retiro, os leitores abarcam o conjunto das coisas que se passam era baixo, lá onde o observador só dispõe de um restrito horizonte. Nos anais da humanidade existem muitos séculos que se quereriam apagar e fazer desaparecer como inúteis. Tantos erros se cometeram durante eles que, parece-nos, uma criança evitaria hoje! Que estreitos, tortuosos, revoltos, impraticáveis caminhos tem escolhido a humanidade, em procura da verdade eterna, quando, diante dela, se abre uma estrada, larga e retilínea como as que se dirigem às moradias senhoriais! Cheia de sol durante o dia, iluminada de noite, esta via ofusca todas as trevas sem o notar. Se, às vezes, obedecendo a uma inspiração do alto, se encaminham por ela, depressa se extraviam de novo, lançando-se em pleno dia por

inextricáveis espessuras; comprazendo-se em cegar-se mutuamente, guiando-se por fogos-fátuos, chegando à borda do abismo, para perguntarem uns aos outros: «Por onde é a saída? Qual é o bom caminho?»

A geração atual compreende já tudo isto, admira-se, ri-se da estupidez dos seus antepassados; não vê, porém, que a história está escrita com o fogo do céu, que são claras cada uma das suas letras, que, em qualquer lugar, um dedo misterioso a aponta, precisamente a ela, à geração atual. Ela compraz-se na sua troça, e comete orgulhosamente novos erros, dos quais, por sua vez, mofará a posteridade.

Tchichikov, entretanto, ignorava todos estes acontecimentos. Como arranjados de encomenda, sofria de um resfriamento, acompanhado de um defluxo e de uma ligeira inflamação da garganta, regalias de que é pródigo o clima de muitas das nossas cidades da província. Receando terminar a sua existência sem deixar descendentes, resolveu-se a ficar em casa durante três ou quatro dias, sem tirar uma cataplasma de maçã e de cânfora, nem deixar de gargarejar com um cozimento de figos e leite. Depois comia fruta. Para entreter os seus ócios forçados, redigiu novas listas pormenorizadas de todos os camponeses que acabava de comprar, deitou a mão à *Duquesa de la Vallière*, de que descobriu um velho tomo na sua maleta; pôs em ordem o seu escritório e releu vários bilhetes que aí se encontravam. Muito depressa, porém, o assaltou o fastio. Não chegava a compreender por que nenhum funcionário procurava saber da sua saúde, tanto mais que, antes, havia sempre algum coche estacionado em frente da sua pousada: o do diretor

dos correios, o do procurador, o do presidente. Encolhendo os ombros, passeava pelo quarto.

Finalmente, experimentou sensíveis melhoras, e a sua alegria foi grande ao ver que poderia tomar ar sem inconveniente. Sem mais demoras, tratou de se arranjar. Abriu o seu estojo de *toilette*, tirou uma escova e sabão, deitou água quente num copo, e dispôs-se a fazer a barba, operação até certo ponto muito oportuna, pois, levando a mão ao queixo e vendo-se ao espelho, exclamou: «Isto é um bosque!». Talvez fosse excessiva a palavra; «matagal» quadraria melhor. Uma vez barbeado, vestiu-se tão apressadamente que por pouco não caiu ao enfiar as calças. Enfim, bem agasalhado, perfumado com água de colónia e levando um lenço à volta do pescoço, saiu rapidamente para a rua. Como acontece aos convalescentes, este passeio foi para ele uma festa: tudo tomava a seus olhos um aspeto sorridente, desde as casas até os camponeses, embora estes apresentassem má catadura e alguns deles, sem dúvida, tivessem tido tempo de andar à pancada.

Primeiro que tudo, tencionava visitar o governador. Enquanto caminhava, diversos pensamentos lhe acudiram ao cérebro. A imagem da jovem loura bailava diante dele; a sua imaginação expandia-se livremente. Acabou por trocar de si-próprio. Nesta feliz disposição de espírito, penetrou no vestíbulo; já tirava o seu agasalho, quando, com grande surpresa sua, o porteiro lhe disse secamente:

— Tenho ordem de não o deixar entrar.

— Hein? O quê? Não me conheces? Olha bem para a minha cara — gritou Tchichikov.

— Sim, conheço; não é esta a primeira vez que o vejo. Precisamente ao senhor, e só ao senhor, é que eu devo proibir a entrada.

— Que quer isto dizer? Porquê?

— São as ordens que tenho; e deve haver razões para isso, com certeza.

A seguir, o porteiro tomou seus ares de importância, muito diferentes dos modos obsequiosos com que, não havia muito, se apressava a tirar o casaco a Pavel Ivanovitch. «Hum!» parecia dizer para si, ao fitá-lo: «os patrões que te fecharam a porta é porque não és boa prenda, com toda a certeza!»

«Não compreendo!», pensou Tchichikov que, neste momento, se encaminhava para casa do presidente do Tribunal; este, porém, riu-se de tal maneira na sua cara, que Tchichikov não pôde articular uma frase; dirigiu-lhe algumas palavras sem ilação, de que ambos se envergonharam. Ao sair da casa do presidente, Tchichikov tratou em vão de adivinhar o que seria que ele lhe teria querido dizer e a que desejaria fazer alusão. Foi em seguida a casa do chefe da polícia, à do vice-governador, à do diretor dos correios, e ainda a outras; mas uns não o receberam, outros dispensaram-lhe um acolhimento tão estranho, dirigiram-lhe palavras tão contrafeitas, tão estúpidas, que começou a duvidar do bom estado da sua cabeça. Ainda bateu a uma outra porta, desejoso de conhecer, ao menos, o motivo daquele insólito tratamento: trabalho perdido. Então, desorientado, vagueou durante muito tempo pela cidade, incapaz de saber quem, de entre eles, havia perdido a razão: se os funcionários, se ele; e se aquela absurda história seria um sonho ou uma realidade.

Já anoitecia quando regressou à hospedaria, de onde tinha saído com tão boa disposição. Para iludir o seu aborrecimento, mandou que lhe servissem chá. Estava a tomar uma chávena, quando se abriu bruscamente a porta do quarto, para dar passagem a Nozdriov, visita inesperada.

— O provérbio tem razão: *por um amigo, sete léguas não são desculpa* — declarou este, tirando o gorro. — Passo, vejo luz em tua casa... «Bem, digo eu, não dorme; subo». Ah, tens chá? Perfeitamente. Com todo o gosto tomarei uma chávena. Comi à ceia sabe Deus que horrores; o meu estômago não suporta mais. Manda encher-me um cachimbo. Onde está o teu cachimbo?

— Eu não fumo — respondeu Tchichikov.

— Que grande mentira! Sei que és um fumador incorrigível. Olá, amigo! Como diabo se chama o teu criado? Ah, sim, Vajramei!

— Não, Petrushka.

— Como pode ser isso? Então, que fizeste do Vajramei?

— Eu não tive ao meu serviço nenhum Vajramei.

— Ah, sim; tens razão. É o criado do Dieriebin que se chama Vajramei! Que sorte, a do Dieriebin! Imagina que a tia dele pegou-se com o filho por ter casado com uma criada, e deixou toda a sua fortuna a Dieriebin! Uma tia como essa não me desagradaria. Mas, amigo, por que te afastas de nós? Não apareces em parte alguma. Bem sei que gostas de ler, que, às vezes, te dedicas a trabalhos científicos. (Ignoramos de onde tiraria Nozdriov estas conclusões. Não o poderíamos dizer, e Tchichikov menos ainda que nós). Ah, querido, se tu visses!... Que oportunidade para o teu espírito satírico! (Nunca imaginámos que Tchichikov tivesse espírito satírico). Calcula, velho irmão, que fomos jogar uma partida de *gorka* a casa



do comerciante Lijatchev, entregando-nos a ela com todo o entusiasmo. Perependiev, que me acompanhava, estava sempre a dizer-me: «Que pena Tchichikov não ter vindo!» Encontrava-se nas suas sete quintas! (Tchichikov nunca na sua vida conhecera um Perependiev)... A propósito, querido, confesso que te portaste ignobilmente comigo, o outro dia, a jogar as damas. Eu tinha ganho, e muito bem, e tu roubaste-me, simplesmente. Mas já me conheces; não sou rancoroso. Assim, há pouco, quando o presidente... Ah, sim, a propósito! Esquecia-me dizer-te que na cidade toda a gente está contra ti... Dizem que tu fabricas títulos falsos. Quiseram-me puxar pela língua; defendi-te, porém, com unhas e dentes. Disse que tínhamos feito juntos os nossos estudos e até que tinha conhecido o teu pai. Já estás a ver tudo. Conteí-lhas de todos os feitios...

— Que eu fabrico títulos falsos? — exclamou Tchichikov, dando um salto na cadeira.

— Para que os assustaste daquela maneira? Todos perderam a cabeça e tomam-te por um bandido, um espia... O procurador morreu de medo; enterram-no amanhã. Não vais ao enterro?... Falando francamente, receiam muito o novo governador geral. Em minha opinião, porém, se esse senhor arma em pessoa importante, não arranja simpatias entre a nobreza. A nobreza gosta de sinceridade, não é assim? Evidentemente, pode encerrar-se no seu gabinete e não dar bailes; mas, que ganhará com isso?... Sabes, Tchichikov, que te meteste num negócio muito arriscado?

— Que negócio? — perguntou Tchichikov, inquieto.

— Esse de raptares a filha do governador! Confesso que eu já o esperava. Palavra! A primeira vez que vos vi juntos no baile: «Ai!», disse para mim, «o rapaz anda com ideias...». Mas vistas bem as

coisas, sabes?, não aprovo a tua escolha. A rapariga não me agrada. Se visses a sobrinha de Bikusov! Essa, sim, que é coisa rica!...

— Mas que trapalhadas são essas? Eu pretenda roubar a filha do governador? — exclamou Tchichikov, desorbitando os olhos.

— Deixa-te de asneiras, velho irmão. Confesso que vim oferecer-te os meus serviços. Servir-te-ei de testemunha, proporcionar-te-ei a carruagem e até cavalos e dinheiro; com uma condição, porém: hás de emprestar-me três mil rublos. É para mim uma questão de vida ou de morte.

Enquanto Nozdriov disparatava deste modo, Tchichikov esfregou os olhos duas ou três vezes para se convencer de que não sonhava: era moedeiro falso; propunha-se raptar a filha do governador; tinha causado a morte do procurador; chegava um novo governador geral!... Todas estas notícias não deixaram de o assustar. «Bem», concluiu, «desde que as coisas chegaram a este extremo, não tenho remédio senão ir-me embora, e quanto mais depressa melhor».

Conseguiu desembaraçar-se de Nozdriov; chamou ato contínuo Selifan e ordenou-lhe que se levantasse no dia seguinte ao amanhecer e tivesse tudo preparado para sair às seis em ponto. A caleche deveria estar cuidadosamente vistoriada, engraxada, limpa, etc.. Tchichikov insistiu nisto muito particularmente.

— Está bem, Pavel Ivanovitch — respondeu Selifan, o qual, não obstante, continuou abstrato, junto do umbral.

Tchichikov quis então que Petrushka lhe trouxesse a sua maleta; este tirou-a de debaixo da cama, onde já estava coberta de uma espessa camada de pó. Os dois foram amontoando nela, à trouxe-mouxe, meias, camisas, roupa suja, roupa lavada, polainas, o

almanaque... — tudo o que lhes vinha à mão. O nosso herói queria estar preparado de véspera, a fim de que nada o pudesse atrasar no dia seguinte.

Ao cabo de alguns minutos, Selifan decidiu, por fim, retirar-se e desceu a escada. Fê-lo o mais pausadamente que se pode imaginar, deixando nos carcomidos degraus as marcas das suas botas molhadas e não cessando de coçar a nuca. Que significaria esta operação? Aborrecimento, por ter de renunciar a ir no dia seguinte para a taberna com um camarada, de samarra e faixa vistosa? Ou melhor, interessado já numa aventura amorosa, recordava as frases galantes que se cruzam pela noite, estreitando entre as suas duas brancas mãos, à hora em que, envolta a cidade nas trevas, um rapagão, de blusa vermelha, dedilha a *balalaika*, para deleite dos lacaios, operários e outras pessoas de pouco mais ou menos, que descansam dos trabalhos do dia, entre animadas conversas? Custava-lhe, sinceramente, abandonar o momo cantinho que tinha sabido arranjar perto da chaminé, a substanciosa sopa de couves e as saborosas empadas, e ter de rodar de novo por caminhos, debaixo de chuva, entre a lama e as intempéries? Avisado será quem o averigue. Na Rússia, quando um homem do povo coça a nuca, isso significa tantas coisas!

## 11

Todavia, nada se passou conforme as previsões de Tchichikov. Primeira contrariedade — despertou mais tarde do que pensava; levantou-se logo, mandou perguntar se já estava atrelada a caleche; responderam-lhe, porém — segunda contrariedade — que não se fizera o menor preparativo. De muito mau humor, dispunha-se a dar um forte safanão ao nosso amigo Selifan, impaciente por conhecer o motivo que este alegaria para se justificar. Imediatamente se apresentou Selifan; e o seu patrão experimentou a alegria de ouvir as palavras que geralmente dizem os criados, quando se tem pressa de seguir.

— Mas, Pavel Ivanovitch, é preciso primeiro ferrar os cavalos...

— Ah, patife! Por que não o disseste antes? Com certeza, não tiveste tempo!

— Certamente, tive tempo... E, além disso, é preciso cuidar das rodas, Pavel Ivanovitch; há que substituir os aros, pois os caminhos estão agora escalavrados. Outra observação, com licença: a dianteira do coche já não se aguenta; quando muito, resistirá um par de etapas.

— És um refinadíssimo malandro! — exclamou Tchichikov, cerrando os punhos. E aproximou-se tanto de Selifan, que este, com medo de receber uma carícia, retrocedeu dois passos.

— O que tu desejas é a minha morte, hein? Queres ver-me aniquilado? Pensas assassinar-me na estrada real, bandido, monstro, desavergonhado! Há três semanas que estamos aqui, e não me disseste uma palavra, miserável! Esperaste até o último momento,

quando eu pensava não ter senão que subir para o coche! Isto é uma vilania das tuas! Não o sabias já? Responde! Não sabias?

— Sim, sabia! — confessou Selifan, baixando a cabeça.

— Então por que não mo disseste?

Selifan deixou sem resposta esta pergunta. Inclinando a cabeça, parecia dizer a si próprio: «Que engraçado isto é! Sabia e não disse nada!»

— Vai chamar um ferreiro, e que tudo fique pronto em duas horas. Ouves? Em duas horas, sem falta! Se não, terás de haver-te comigo. Amarro-te como uma salsicha.

Selifan, que se dirigia para a porta, a fim de executar a ordem, deteve-se e disse:

— O senhor devia vender o *Picaço*. Esse cavalo é uma verdadeira miséria! Não serve para nada e só nos causará arrelias pelo caminho.

— Está bem! Eu vou já vendê-lo ao mercado!

— Palavra, Pavel Ivanovitch, que só tem apresentação. Afirmo ao senhor que é manhoso como nenhum outro.

— Imbecil! hei de vendê-lo, quando muito bem entender. Ainda te permites discutir! Espera aí um pouco. Se não me trazes já dois ferreiros e se isto não está pronto dentro de duas horas, ferro-te uma sova, que nem ficas a conhecer a tua casa. Vamos! Rua! Já és aqui demais!

Tchichikov, muito irritado, atirou para o chão a espada que trazia, para inspirar um medo salutar a quem o visse. Discutiu mais de um quarto de hora, antes de chegar a acordo com os ferreiros, autênticos larápios, como de costume. Percebendo que o trabalho exigia a maior urgência, pediram o sêxtuplo do que era razoável. Por

mais que se esforçasse e os acoimasse de gatunos, bandidos que saqueiam os viajantes, e lhes falasse do dia de Juízo, os ferreiros fizeram ouvidos de mercador e mostraram-se inflexíveis. Não só mantiveram as suas condições, mas até gastaram cinco horas e meia num trabalho que requeria duas.

Durante este tempo, o nosso herói teve a satisfação de saborear os minutos bem conhecidos dos viajantes, quando tudo está empacotado, só há nos compartimentos trapos e papéis e, sem ter partido ainda, já nenhuma pessoa está em sua casa. Pela janela, veem-se passar os transeuntes que falam dos seus pequenos negócios, que levantam os olhos e seguem o seu caminho, depois de nos examinarem com estúpida curiosidade, o que aumenta a arrelia do infeliz viajante. Tudo quanto este consegue ver — a tenda da frente, a cabeça de uma velha que mora na casa vizinha e que se aproxima da janela, de pequenas cortinas — tudo lhe aborrece; e, no entanto, continua ali. Ou sonhando ou prestando uma vaga atenção a quanto se move ou ergue diante dos seus olhos, esmaga, por despeito, uma mosca que zumbe e que esbarra contra os vidros, ao alcance da sua mão.

Mas tudo tem fim, e chega o minuto tão esperado. Estava tudo pronto; havia-se reparado a dianteira da carruagem, substituído os aros das rodas, dado de beber aos cavalos, e os bandidos dos ferreiros tinham-se já retirado, depois de contarem e recontarem os rublos recebidos e de desejarem boa viagem. Atrelado o coche, puseram-se nele dois pães frescos (Selifan ocultara já, para ele, algumas petisqueiras na caixa da boleia) e, entre os costumados incidentes, próprios de casos tais, instalou-se o patrão na caleche, sob o olhar do criado, sempre com o seu capote, que agitava o gorro

no meio de um grupo de lacaios e cocheiros, chegados para presenciar a partida. Então, o coche do celibatário, tanto tempo metido na cidade, que talvez já aborreça o leitor, franqueou, por fim, o portão da hospedaria!

«Louvado seja Deus!», pensou Tchichikov, benzendo-se. Selifan fez estalar o chicote. Petrushka, saltando logo para o estribo, tomou assento a seu lado. O nosso herói, refestelado sobre o tapete de Geórgia que cobria as provisões, pôs atrás dos rins uma almofada de couro, amachucando os pães, e novamente se viram todos aos saltos e aos tombos de que a estrada se mostrava pródiga. Distraidamente, ia contemplando as casas, as paredes, os valados que se afastavam lentamente, parecendo saltar também, e que, talvez, não tornasse mais a ver em toda a sua vida. Ao voltar para uma rua, obstruída em toda a sua extensão por um enterro, debruçando-se, ordenou a Petrushka que fosse saber quem tinha morrido e soube que se tratava do procurador. Desagradavelmente impressionado, encolheu-se a um canto, embrulhando-se no cobertor de couro, e cerrou as cortinas.

Enquanto o veículo esteve parado, Selifan e Petrushka, piedosamente descobertos, examinaram o desfile, as indumentárias das pessoas que nele seguiam, calculando o número dos que iam a pé ou de carro. O patrão recomendou-lhes que se não mostrassem nem saudassem os lacaios conhecidos e pôs-se a olhar timidamente, através das vidraças providas de cortinados de couro. Todos os funcionários, de cabeça descoberta, seguiam atrás do féretro. Um momento, receou ser reconhecido; aqueles senhores, porém, tinham muitas outras preocupações. Não trocavam entre si nem ao menos as frases de familiaridade que é costume trocarem os que

acompanham um enterro. Todos os seus pensamentos estavam concentrados neles próprios. Perguntavam-se que espécie de homem seria o nosso governador geral e que acolhimento ele lhes dispensaria. Depois, iam os coches com as senhoras vestidas de luto. Pelo movimento dos seus lábios e dos seus braços, via-se que falavam com animação; talvez bisbilhotassem também sobre a chegada do novo governador, fazendo cálculos acerca dos bailes que daria e ocupando-se dos seus adornos e laçarotes. Alguns carros vazios, em fila, fechavam o cortejo.

Novamente desocupada a rua, o nosso herói pôde continuar a sua marcha. Descerrou as cortinas, suspirou, e disse, compungido: «Chegou a hora do procurador. Este foi o caminho por onde ele passou a última vez. Nos jornais há de anunciar-se a morte de um honrado cidadão, pranteado pelos seus subordinados e pela humanidade inteira, modelo de maridos e pais, etc., etc. ... Acrescentar-se-á que o acompanhavam as lágrimas da viúva e dos órfãos. Examinando, porém, as coisas de perto, o seu único mérito consistia em ter as sobrancelhas muito espessas».

Então, ordenou a Selifan que estugasse o passo, sem deixar de pensar: «Bom. Não me desagrada ter passado por um enterro. Dizem que dá boa sorte».

A caleche, entretanto, penetrava já nas ruas mais desertas. Viam-se, apenas, compridas paliçadas que anunciavam o termo da cidade. Deixou-se o empedrado para rodar de novo pela estrada. E outra vez apareceram os postes quilométricos, tabernas, poços, estrebarias. Humildes lugarejos com os seus samovares, as suas bondosas mulheres, hospedeiros espiões e barbudos que acudiam com uma provisão de aveia. Caminhos cujas oitocentas *verstas*



tinham rompido botas cardadas; povoações construídas à pressa e a correr, com as suas tendazinhas de madeira, tonéis de farinha, calçado de cortiça, pão fresco e outras miudezas; grades pintalgadas, pontes reconstruídas, campos a perder de vista, fidalgotes e carroças velhas; um soldado a cavalo, levando uma caixa verde, cheia de alimpaduras, com o dístico: *Nova bateria de artilharia*; faixas verdes e amarelas sobressaindo na planície sobre o negro das lavouras; pinheiros, nos cumes perdidos entre as brumas; o eco de uma canção ou de uma coleira de guizos, bandos de corvos e o horizonte sem limites...

Oh, Rússia, Rússia! Das paragens maravilhosas em que resido, vejo-te, pobre terra, inóspita e rude, em que nenhuma maravilha artística se junta às da natureza para alegrar ou fazer pasmar os olhos. Em vão se procuram em ti essas mansões com palácios suspensos sobre precipícios; esses prédios tapetados de hera, onde, entre o ruído de espessas cascatas, crescem árvores pitorescas. Não há que voltar a cabeça para contemplar blocos de pedra amontoados a uma altura vertiginosa; não se veem, através de uma fileira de arcos tismados em que se entrelaçam pâmpanos, heras e roseiras bravas, resplandecer ao longe as linhas imutáveis das montanhas que se recortam no céu prateado. A solidão na uniformidade; é isto o que ofereces em qualquer parte; pontos impercetíveis, as tuas casas acaçapadas confundem-se com a planura. Mas que secreta força me arrasta para ti? Por que ressoa continuamente nos meus ouvidos a lastimosa canção que, de um mar ao outro, vibra por toda a parte sobre a vasta imensidade? Que quer dizer este soluçante apelo que nos rouba a alma? Que sussurros penetram, como uma carícia dolorosa, no meu coração e o

empolgam incessantemente? Rússia, que pretendes de mim? Que laço incompreensível nos liga um ao outro? Que tens, para me olhar dessa maneira? Por que é que tudo quanto encerras se volta para mim com os olhos cheios de esperança?... Quando, cheio de hesitação, permaneço imóvel, um negrume ameaçador, prestes a desfazer-se em chuva, escurece sobre mim o céu, e o meu pensamento fica mudo em presença da sua imensidade. Que pressagia esta incomensurável extensão? Sendo ilimitada, por que não darás à luz um génio tão vasto como tu? Não estás predestinada a engendrar heróis, tu que lhes ofereces tanto espaço para correr? A tua potente enormidade enche-me de entusiasmo, perturba-rae até o mais profundo do meu ser, uma força sobrenatural abre os meus olhos... Oh, Rússia! País dos deslumbramentos e sublimes horizontes, desconhecidos do resto da humanidade...

— Cuidado! Cuidado, imbecil! — gritou Tchichikov a Selifan.

— Queres levar uma espadeirada? — ululou um correio de compridos bigodes, galopando ao encontro dos nossos viajantes. — Que os lobos te comam! Não podes afastar-te para um lado, para deixar passar quem vai em serviço oficial?

E entre pó e com estrépito, passou uma carruagem, que se desvaneceu como uma visão.

Que estranho feitiço, que fascinação exerce a palavra viagem! E que magra, a da própria viagem! Tempo ameno, folhas de outono, ar lavado... Envolve-se uma pessoa, friorenta, no seu agasalho; enterra o gorro até as orelhas; agacha-se a um canto do carro. O calafrio que há momentos percorria os nossos membros transformou-se num calor suave. Galopam os cavalos... Uma agradável sonolência nos invade, as pálpebras cerram-se; ouve-se,

como entre sonhos, a cantiga do postilhão, o barulho das rodas, o arquejar dos cavalos — e já ressonamos, encostados ao ombro do vizinho.

Percorridos cinco acidentes de terreno, despertamos à luz da lua numa cidade desconhecida. Avistam-se igrejas de cúpulas antigas e agulhas enegrecidas; casas de madeira, completamente negras; casas de pedra, absolutamente brancas. Um raio da lua como que desenha lenços, nas paredes e no empedrado; em alguns pontos, cortam-nos sombras retilíneas. Iluminados obliquamente, os tetos de madeira brilham com cintilações metálicas; nem viva alma; tudo dorme. Apenas uma solitária claridade brilha numa ou noutra janela; talvez um sapateiro, atarefado, cosendo um par de botas, ou um padeiro entregue à sua fornada. Que importa? E que noite, potências divinas, que noite serena no firmamento! E o ar, o céu longínquo, que se estende na sua profundidade inacessível, na sua imensidão sonora e clara!... Mas o hálito glacial da noite sopra -nos o rosto, embala-nos, e nós adormecemos e começamos a rressonar — e o infornatuno vizinho, impelido para o canto, agita-se, mal disposto, sentindo um fardo sobre si.

Ao despertar, campos e estepes novamente, uma região deserta em que não existe nada. Um poste quilométrico ergue-se diante dos nossos olhos; desponta a manhã; uma faixa de ouro pálido surge no horizonte esbranquiçado; torna-se mais áspero o vento; aconchegamo-nos bem ao nosso agasalho!... Que delicioso frio!... Entrou-se no reino dos sonhos. Uma sacudidela volta a despertar-nos. O sol já vai alto. «Devagar! devagar!» grita uma voz. O coche desce uma rápida ladeira; lá em baixo, um potente dique e um tanque extenso que brilha ao sol como um açafate de cobre; os

casebres de uma aldeia espalham-se pelo outeiro; a cruz de uma igreja cintila como uma estrela; conversam os camponeses; sente-se um apetite feroz. Deus meu! Como é bom, às vezes, empreender uma larga viagem! Quantas vezes, ó caminho!, me serviste, como a um homem que se afoga, de tábua de salvação. Que formosos pensamentos, que sonhos poéticos me tens inspirado! Que divinas impressões experimentei, percorrendo-te!...

O nosso Tchichikov também debulhava sonhos, não de todo prosaicos. Vejamos algo do que ele sentia. A princípio, nada, limitando-se a olhar para trás, a fim de convencer-se de que tinha abandonado a cidade; quando, porém, verificou que ela já desaparecera, assim como as oficinas de ferreiro, os moinhos e outros *ornamentos dos aldeões*, e que nem sequer se via agora qualquer das torres das igrejas, pôs-se a contemplar a paisagem. A cidade de N... parecia então apagar-se na sua memória, como se lá não tivesse posto os pés, desde a sua infância. Por fim, o caminho deixou de interessá-lo; fechou os olhos e reclinou-se sobre o almofadão. O autor felicita-se por esta circunstância, e confessa-o, pois isto lhe dará ocasião para falar do seu herói. Até agora, como viu o leitor, foi-lhe impossível fazê-lo, por o ter impedido, já Nozdriov, já os bailes, já as senhoras, já as murmurações, já, enfim, os mil e um pormenores que parecem insignificantes, uma vez consignados num livro, mas aos quais se dá no mundo uma enorme importância. E agora, deixando todos os outros, falemos do nosso homem.

É muito duvidoso que o herói por nós escolhido agrade a toda a gente. Desagradará às senhoras, pode afirmar-se, pois elas exigem que o herói seja a perfeição absoluta; e, se tem a menor

tara física ou moral, acabou-se! Por mais que o autor lhe sonde a alma e faça refletir a sua imagem tão fielmente como um espelho, negar-se-lhe-á todo o mérito. A obesidade incipiente e a meia idade de Tchichikov prejudicaram-no muito. Não se perdoa nunca a um herói ser gordo, e numerosas damas voltarão a cabeça, dizendo: «Ih, que feio!» Tudo isto sabe-o muito bem o autor; e, não obstante, não pode escolher para herói um homem virtuoso. Todavia... é possível que, mesmo nesta história, se sintam vibrar cordas até aqui desconhecidas; que se veja aparecer a potência do espírito russo, um homem de alto valor ou uma admirável jovem russa, cujo par não se encontrasse no mundo, com a alma cintilante de uma beleza divina, plena de nobres aspirações e ardendo por manifestar-se. E, ao lado deles, todos os virtuosos das restantes nações parecerão mortos, como está morto um livro ao lado da palavra falada. A riqueza moral da natureza russa manifestar-se-á... e ver-se-á quão arreigada está na alma eslava, quando não fez mais que resvalar pela de outros povos... Mas, para que falar do que está em perspectiva? Não convém ao autor, homem maduro, educado por uma rude vida interior e bloqueado pela solidão, entregar-se como um rapaz. Cada coisa a seu tempo e no seu lugar.

Não, o homem virtuoso não foi escolhido para herói. Até se pode indicar a razão disso. Porque já é tempo, enfim, de dar descanso a este desventurado; porque, venha ou não venha a propósito, não caem dos lábios estas palavras: *um homem virtuoso*; porque delas se fez uma montada em que todo o escritor cavalga; porque se extenuou o homem virtuoso até o ponto de já não ter sombra de virtude, não lhe restando mais que a pele e os ossos; porque se invoca hipocritamente o homem virtuoso, sem ter por ele

a menor consideração. Não, já são horas de tomarmos por assunto um maroto. Tomemos, pois, por assunto um maroto.

A origem do nosso herói é obscura e modesta. Os seus pais pertenciam à nobreza — hereditária ou pessoal, só Deus o sabe! Não se parecia com eles, fisicamente; pelo menos, uma parenta que assistia à sua entrada no mundo, uma dessas anãs populares na Rússia, tomando o menino nos braços, exclamou: «Não é precisamente o que eu esperava! Deveria ter alguns traços da avó materna; isso valeria mais que parecer-se com o primeiro recém-chegado; em todo o caso não se parece com os pais!».

A vida, a princípio, encarou-o com um gesto avinagrado, como através de uma turva claraboia, velada pela neve. Um pequeno quarto com janelinhas que permaneciam fechadas, tanto de inverno como de verão; um pai de compleição enfermiça, com largo capote forrado de astracã e calçado com escarpins, que suspirava sem cessar, percorrendo a casa, e que expetorava num vaso cheio de areia, posto a um canto. Largas permanências num banco, com a pena na mão e tinta nos dedos e até nos lábios. Via sempre diante dos olhos a inscrição: «Não mintas. Reverencia as altas personagens e leva no teu coração a virtude». Não parava o chinelar dos sapatos no soalho, e uma voz familiar, mas invariavelmente resmungona, dizia: «Sempre tunanteadas!» quando o menino, enfasiado pela monotonia do seu trabalho, tinha acrescentado algum floreio às letras, a que se seguia a muito dolorosa e bem conhecida sensação no relevo da orelha, mordiscado pelas unhas de compridos dedos aduncos. Este é o triste quadro da sua primeira infância, da qual não conservava mais que uma pálida recordação.

Tudo, porém, muda rapidamente na vida.

No primeiro dia bonito da primavera, depois do degelo, o pai levou o menino numa carripana puxada por um garrano; um desses cavalos baios, com testa branca, a que os nossos negociantes de gado chamam *pegas*; o cocheiro era um marreca, chefe da única família de servos que pertencia ao pai de Tchichikov e que na casa servia para tudo. A viagem foi longa. Dormiram pelo caminho, atravessaram o rio, alimentaram-se com um empadão frio e um pedaço de carneiro, e só dois dias depois, pela manhã, chegaram à cidade. O pequeno ficou surpreendido com a beleza das ruas e permaneceu algum tempo com a boca aberta. Meteram em seguida o cavalo, mais o coche, por um despenhadeiro, onde começava uma estreita viela, íngreme, cheia de lama; por ali pateou largo tempo, estimulado pelo corcunda e pelo próprio amo, conduzindo-os por fim a um curralzinho, a meio da calçada. Duas macieiras floresciam diante de uma velha casa; por detrás, um jardimzinho, constituído somente por sorvas de sabugueiros, ocultava uma cabana coberta com velhas tábuas e com uma claraboia de vidro esmerilado. Ali vivia a sua parenta, uma velha magrizela que ainda ia ao mercado todas as manhãs e secava depois as meias no samovar. Deu ao menino algumas palmadinhas na cara e admirou a sua gordura. Era ali que ele tinha de viver, para frequentar todos os dias a escola municipal. O pai, depois de lá ter passado a noite, foi-se embora de manhã. Não chorou ao despedir-se do filho, mas deu-lhe cinquenta copeques de cobre para as despesas miúdas, e o que ainda valia mais sábios conselhos.

— Escuta, Pavluska; aprende; nada de asneiras nem de rapaziadas; especialmente, esforça-te por agradares aos teus mestres e aos teus superiores. Assim, mesmo que te faltem

qualidades, mesmo que Deus não te tenha dado talento, hás de triunfar na vida e atirarás os outros para um canto. Não convivas com os camaradas; nada te ensinarão que seja útil; mas, se, apesar de tudo, isso acontecer, liga-te aos mais ricos, a fim de que te possam ser úteis, quando deles precisares. Não obsequeies ninguém nem ofereças nada; pelo contrário: orienta sempre as coisas de modo que te deem a ti. Sobretudo, economiza; junta todos os centavos; nada há mais seguro na vida. Um camarada ou um amigo abandonar-te-ão, se te acontecer alguma desgraça; ao passo que o dinheiro não te abandonará, seja qual for a situação em que te encontres. Não há nada que não se possa conseguir com dinheiro.

Aconselhados estes sábios preceitos, o pai empreendeu a viagem de regresso a casa. Não tornaria a ver o filho; as suas palavras, porém, ficaram gravadas na alma do rapaz.

No dia seguinte, Pavluska começou a ir para a escola. Não mostrava predicados especiais, distinguindo-se particularmente pela sua aplicação e limpeza. Em compensação, demonstrou grande inteligência, por outro lado, sob o ponto-de-vista prático. Depressa compreendeu com quem devia acamaradar e portou-se com os colegas de tal maneira, que eram sempre eles a obsequiá-lo; e, longe de retribuir, vendia-lhes, às vezes, as bugigangas deles recebidas, depois de as ter disfarçado. Desde a infância, habituou-se a privar-se de tudo. Em vez de gastar as cinquenta copeques do pai, aumentou-as de ano para ano, demonstrando neste ponto um engenho quase extraordinário. Primeiro, modelou em casa um pássaro, pintou-o e vendeu-o muito bem vendido. Depois, atirou-se a outras especulações. Comprava guloseimas no mercado e sentava-se na classe ao pé de camaradas ricos; quando um destes começava



a ter náuseas — sintomas de fome — passava-lhe, como por acaso, um bocadinho de bolo ou um biscoito e, excitando-lhe assim o apetite, fazia-se pagar em proporção. Passou dois meses sem descansar, adestrando um rato encerrado numa gaiola de madeira, e conseguiu, ao cabo, fazê-lo pôr-se de pé, sobre as patas traseiras, e deixar-se cair e levantar-se quando ele mandava, depois do que também o vendeu por bom preço. Quando juntou cinco rublos, coseu-os numa bolsinha e começou a arranjar lugar para outros.

A respeito dos seus mestres, ainda se mostrou mais avisado. É preciso declarar que o professor, apreciando muito o silêncio e o bom comportamento, não podia suportar os colegas vivos e inteligentes: julgava-os sempre dispostos a trocar dele. Quando um rapaz se salientava pelo seu intelecto, bastava-lhe mover-se, pestanejar por descuido, para provocar a sua cólera; e repreendia-o e castigava-o desapiedadamente.

— Eu castigarei já a tua insolência e a tua insubordinação — dizia. — Conheço-te a fundo, melhor do que tu-próprio te conheces. Ficarás de joelhos e a pão seco, para que aprendas.

E a pobre criança esfolava os joelhos e jejuava dias inteiros, sem saber por quê.

— Talentos! Capacidades! Pataratices, tudo pataratices! — repetia. — Para mim, só vale o comportamento. Considero o melhor todo aquele que se porte bem, ainda que não saiba nada; àquele, porém, que eu reconheça como um irrequieto, um carácter zombeteiro, dou-lhe um zero, dou-lhe um zero, ainda que seja superior ao próprio Sólon.

Assim falava o professor, que detestava Krylov por ter dito: *Bebe, se queres; mas conhece o teu negócio*, e perorava sempre,

com ar superior, que, na escola onde ele ensinava dantes, o silêncio era tal que se ouvia zumbir uma mosca; que, durante todo o ano, nenhum discípulo tossia nem se assoava; e que, até a campainha tocar, não se podia saber se havia alguém na aula.

Tchichikov compreendeu logo o caráter do seu mestre e como havia de portar-se com ele. Podiam até beliscá-lo nas costas; não se mexia durante a lição. Ao primeiro toque da campainha, precipitava-se para dar ao professor, antes dos outros, o gorro de badanas que o fantoche costumava trazer; depois do que, era o primeiro a sair da classe e esforçava-se por encontrar-se três vezes, de gorro em punho, com o mestre. Este procedimento teve um êxito rotundo. Enquanto frequentou a escola, conseguiu sempre boas notas e, ao sair dela, recebeu uma certidão e um livro no qual estava gravado em letras de ouro: *A Pavel Tchichikov, em recompensa da sua assiduidade exemplar e do seu comportamento irrepreensível.*

Era então um jovem de apresentação agradável, com um queixo que pedia já navalha. Naquela época morreu-lhe o pai. Na herança figuravam quatro jalecos coçados até o fio, dois velhos capotes forrados de astracã e uma soma irrisória. O defunto, como se vê, não tinha praticado muito os seus conselhos sobre economia. Tchichikov vendeu em seguida, por mil rublos, a casa arruinada, com a pouca terra que lhe pertencia, e transferiu para a cidade a família de servos, propondo-se estabelecer-se ali e empregar-se como funcionário -do Estado. Naquele tempo, o pobre pedagogo, que amava o silêncio e o bom comportamento, foi demitido pela sua estupidez ou por qualquer falta. Com o desgosto, deu em beber; finalmente, ficou sem um centavo. Enfermo, sem pão e sem auxílio, agonizava num desabrigado tugúrio. Inteirados da sua miséria, os

antigos discípulos, aqueles desalmados rapazes em quem ele encontrara sempre a insubordinação e a insolência, promoveram uma subscrição em seu benefício e até venderam, com o mesmo fim, objetos que lhes eram necessários; só Pavluska Tchichikov pretextou falta de recursos e deu cinco copeques de prata, que os seus camaradas lhe devolveram ato contínuo, acoimando-o de miserável. Quando soube do procedimento dos seus antigos alunos, o pobre mestre-escola escondeu o rosto entre as mãos e as lágrimas resvalaram pelas suas faces macilentas, como uma débil criatura:

— Deus quis que eu chorasse no meu leito de morte — disse com voz sumida.

O procedimento de Tchichikov arrancou-lhe um profundo suspiro.

— Ai, Pavluska! Como os homens mudam! Um rapaz tão sério, tão sossegado! Um santinho! Enganei-me ao julgá-lo.

Todavia, não se pode dizer que o natural do nosso herói fosse duro e sêco, nem que os seus sentimentos estivessem embotados até o ponto de ignorar a piedade e a compaixão. Nada desejava mais que socorrer o próximo; mas, com uma quantia pequena, para não mexer no dinheiro que tinha resolvido conservar intacto. Numa palavra, o conselho paterno: «Põe o teu dinheiro a um lado» foi-lhe proveitoso. Ele, porém, não amava o dinheiro pelo dinheiro; a mesquinhez, a avareza, eram-lhe estranhas. Sonhava com uma vida de nababo, em que nada lhe faltasse. Uma casa bem posta, excelente comida, luxuosas carruagens: era isto o que lhe formigava na cabeça. E, a fim de poder saborear um dia tudo isto, economizava brutalmente, tanto consigo como com os outros.

Quando via um rico numa boa caleche, com cavalos magnificamente ajaezados, parava como que fascinado, e logo, voltando a si, dizia:

— E noutros tempos era empregado de uma tenda; usava o cabelo cortado em redondo, à volta da nuca!

Tudo quanto respirava opulência e bem estar o impressionava extraordinariamente.

Ao sair da escola, nem ao menos quis descansar, tão vivo era o seu desejo de lançar imediatamente mãos à obra. Todavia, apesar dos seus brilhantes diplomas, foi-lhe muito difícil entrar para o funcionalismo público. Até para uma terreola da província são precisas recomendações. O lugar que lhe deram era insignificante: trinta ou quarenta rublos de ordenado por ano! Resolveu, porém, consagrar-se às suas funções com entusiasmo e vencer todos os obstáculos. Deu provas de uma abnegação, de uma constância e de uma sobriedade invulgares. Desde a manhã até a noite, infatigável de corpo e alma, escrevia, metido entre a papelada; não voltava a casa, dormia na repartição, em cima de uma mesa, almoçava, às vezes, com os contínuos, sabendo conservar-se sempre asseado, bem posto, dando uma expressão insinuante à fisionomia e até uma certa nobreza aos movimentos. É preciso dizer que os seus colegas se distinguiam por uma apresentação desagradável. O rosto de alguns deles fazia recordar um pão mal cozido; a cara inchada num dos lados, o queixo torto, o lábio superior erguido como uma ampola e, além disso, rachado. Em suma: um horror. Todos falavam com voz áspera, como se se preparassem para esmagar alguém. Frequentemente prestavam culto a Baco, demonstrando assim que a natureza eslava ainda conservava muito do seu caráter pagão. Às vezes, até, chegavam à repartição um pouco tocados do vinho,

ofendendo os olfatos delicados. Pela sua boa apresentação, sua voz bem timbrada, e pela completa abstinência de bebidas alcoólicas, Tchichikov oferecia, um surpreendente contraste com os outros mangas de alpaca: era impossível não o distinguir. No entanto a sua vida estava cheia de dificuldades. Tinha como chefe um velho inacessível a toda a emoção; nunca um sorriso iluminava o seu rosto impassível; nunca dirigia a qualquer pessoa uma palavra amável, nem que fosse para se informar da sua saúde. Ninguém o tinha visto abandonar aquela frieza, nem mesmo na rua ou em sua casa. Se, ao menos, tivesse manifestado alguma vez um interesse qualquer; se se tivesse embriagado e desenrugado a cara ao mesmo tempo; se até se entregasse à alegria selvagem que se apodera do bandido em horas de embriaguez! Mas não, tudo isto lhe era estranho. Não o animava nenhum sentimento; e nesta completa apatia havia alguma coisa de sinistro. O seu rosto de mármore, sem irregularidades pronunciadas, não evocava nenhuma parencença; as suas feições tinham uma rígida harmonia. Unicamente as numerosas marcas de bexigas o colocavam na categoria das caras por cima das quais, segundo a expressão popular, o diabo anda de noite a moer *ervilhas*.

Angariar a simpatia de um homem destes parecia tarefa sobre-humana. Não obstante, Tchichikov tentou.

Primeiro, procurou maneira de lhe agradar nos mais insignificantes pormenores. Examinava atentamente a talho das pernas que usava o bonifrates e fez algumas do mesmo tipo, que lhe ia pondo ao alcance; limpava-lhe cuidadosamente a mesa, do pó e do tabaco; arranjou, panos para lhe cobrir a secretária e não se esquecia de lhe levar o chapéu, mais velho que ele próprio; um minuto antes da saída da repartição, escovava-lhe as costas, se, por

acaso, estavam sujas de cal. Mas tudo isto lhe passava despercebido. Finalmente, meteu o nariz na vida da família; soube que o velho tinha uma filha casadoira, com uma cara sobre a qual se podiam também moer ervilhas, de noite. Para este alvo dirigiu os seus tiros. Averiguou a que templo ia ao domingo e punha-se na frente dela, sempre que podia, bem vestido, com o seu peitilho engomado. A manobra deu resultado. O rígido chefe da repartição fez-se amável e convidou-o a tomar chá.

Num abrir e fechar de olhos mudaram as coisas, de forma que Tchichikov passou a morar em casa deles, tornando-se indispensável. Ele comprava a farinha e o açúcar; tratava como noiva a filha da casa; chamava papá ao velho e beijava-lhe a mão. Na repartição, toda a gente pensava que o casamento se efetuariaria em fins de fevereiro, antes da quarentena. O conspícuo funcionário começou a recomendar Tchichikov aos seus superiores, o que lhe valeu, ao fim de algum tempo, ser nomeado chefe de outra repartição. Ao que parece, era este o principal objetivo das suas relações com o velho funcionário, pois mandou retirar secretamente a sua mala e mudou de domicílio no dia seguinte. Deixou de chamar papá ao velho e de lhe beijar a mão; quanto ao casamento, não se falou mais nele. Contudo, quando encontrava o chefe, não deixava de o cumprimentar cordialmente e de o convidar a tomar chá, por mais que o velhote, couraçado na sua indiferença, abanasse a cabeça murmurando: «Bem me comeu a cabeça, o grande patife!»

Vencida assim a maior dificuldade, a carreira do» nosso herói já se tornou mais cómoda. Em breve se transformou num homem importante, possuindo todas as qualidades requeridas na sua profissão: modos afetuosos e decisão nos assuntos. Com tais

recursos, obteve em pouco tempo um lugar chorudo de que tirou excelente partido. É preciso dizer que, naquela época, começaram a perseguir rigorosamente as gratificações de toda a espécie. Longe de assustar-se com a proibição, Pavel Ivanovitch aproveitou-se dela imediatamente, dando assim uma prova do engenho russo, que só se manifesta nos momentos difíceis. Quando se apresentava um pretendente que metia a mão à algibeira para tirar dela, como dizemos na Rússia, *cartas de recomendação assinadas pelo príncipe Jovanski*:

— Não, não! — dizia Tchichikov, segurando-lhe no braço e sorrindo. — O senhor pensa que eu?... Não, não!! Nós cumprimos o nosso dever sem retribuição alguma. Vá o senhor tranquilo; amanhã o caso ficará arrumado. Faça o favor de me deixar a sua direção e não se preocupe. Lá chegará ao seu domicílio.

O interessado, contentíssimo, regressava a casa, entusiasmado quase, pensando: «Ora aqui está um homem como devia haver muitos. É uma pérola!». Mas passa um dia; depois dois, e ele espera em vão; o terceiro, da mesma forma. O homem volta à repartição — nem sequer mexeram no assunto — e dirige-se à pérola fina:

— Ah! O senhor desculpe! — dizia Tchichikov, muito cortesmente, apertando-lhe as mãos. — Estamos sobrecarregados com serviço. Mas amanhã isso estará pronto; amanhã sem falta! Realmente, estou até comprometido...

E estas palavras eram acompanhadas de um gesto afável. Se, ao falar, se afastava uma banda do seu casaco, esforçava-se por a ajeitar e pô-la imediatamente no sítio próprio.

Contudo, nem amanhã nem nos dias seguintes os documentos chegavam ao seu domicílio. O interessado punha-se a matutar: «Não

haverá aqui qualquer coisa!». Informa-se e dizem-lhe:

— É necessário gratificar os empregados.

— Pois seja; estou disposto a dar-lhes um ou dois rublos.

— Nem um nem dois rublos, será precisa uma nota de banco.

— Uma nota aos empregados? — exclama o pretendente.

— Por que se irrita o senhor? — respondem-lhe. — É absolutamente justo: um rublo para os escriturários; o resto para os chefes.

O interessado, pouco perspicaz, bate na testa e maldiz o nosso estado de coisas, a proibição das gorjetas e os modos corteses dos empregados. «Antigamente, ao menos, sabia-se o que se tinha a fazer; passavam-se dez rublos para as mãos do chefe e o negócio estava pronto; agora são precisos vinte e passa-se uma semana sem que o possamos adivinhar. Que vão para o diabo o desinteresse e a nobreza dos funcionários!». O pretendente tinha razão, é certo; em compensação, agora já não há gorjetas, todos os chefes são de uma honradez e de uma lealdade perfeitas; só os subordinados são uns ladrões.

Em breve se ofereceu a Tchichikov um mais vasto campo de atividade. Constituiu-se uma comissão para a construção de um edifício público de certa importância. Ele fez parte dela, mostrando-se um dos seus mais ativos elementos. A comissão lançou imediatamente mãos à obra. Durou seis anos; porém, ou porque o clima lhe fosse prejudicial ou porque os materiais deixassem a desejar, o edifício não passou além dos alicerces. Entretanto, cada um dos membros da comissão achou-se, noutros pontos da cidade, dono de uma linda casa, de arquitetura burguesa; evidentemente, o terreno era melhor ali. Estes senhores começavam a prosperar e a



constituir família. Só então Tchichikov deixou relaxar, a pouco e pouco, a abstinência feroz e a abnegação inexorável que se havia imposto. Suavizou, por fim, o seu regime austero, e dir-se-ia ter pendido sempre para os diversos prazeres de que tinha sabido abster-se nos fogosos anos da juventude, em que, ordinariamente, ninguém se domina por completo. Entregou-se ao supérfluo: contratou um ótimo cozinheiro e comprou camisas de cambraia fina. Já tinha adquirido roupas como ninguém usava na província, afeiçoando-se, então, ao amaranto mosqueado; já comprara uma fogaosa parelha de cavalos e, abandonando uma das rédeas ao cocheiro, conservava outra nas mãos, para obrigar o de sela a descrever uma curva; já tinha apanhado o costume de friccionar-se com água de colônia; já adquirira um sabonete muito caro para amaciar a pele; já...

Mas o antigo chefe, um boneco de trapo, foi substituído por outro, novo, militar, aprumado inimigo declarado de abusos e de tudo quanto se chame iniquidade. Desde o primeiro dia, pôs toda a gente a trabalhar, exigiu contas, averiguou irregularidades e as importâncias que faltavam em cada uma das rubricas. E cada qual apanhou conforme os seus atos. Os funcionários culpados foram destituídos, as casas de arquitetura burguesa foram confiscadas em benefício do Estado e transformadas em estabelecimentos de caridade e em escolas para os filhos de militares. Todos foram repreendidos severamente e Tchichikov mais que os outros. A sua casa, embora agradável, não agradou ao chefe — Deus sabe por quê! Em casos semelhantes, às vezes, não há motivos para isso. Tomou-o à sua conta. Este homem implacável era terrível para todos os seus subordinados; porém, como era militar, ignorando, por

consequência, todas as arteirices dos civis, ao cabo de algum tempo, graças ao seu ar de retidão e à sua esperteza de em tudo lhe fazerem a vontade, outros funcionários lhe captavam a simpatia, e o general bem depressa se deixou enrodilhar por velhacos ainda piores, que ele estava muito longe de considerar como tais. Até se felicitava por ter escolhido, finalmente, pessoas capazes, e envaidecia-se a valer por ter dedo para a escolha das competências. Os empregados compreenderam logo o seu espírito e o seu caráter. Todos quantos estavam sob as suas ordens converteram-se em inimigos ferozes da iniquidade; perseguiram-na de qualquer maneira, como o pescador persegue com o arpão um esturjão de grande corpulência; e isto com tal êxito, que bem depressa cada um deles se encontrou na posse de alguns milhares de rublos. Ao mesmo tempo, muitos dos antigos funcionários entraram no bom caminho e foram reintegrados. Em relação a Tchichikov, porém, foi trabalho perdido. O primeiro secretário do general, a quem havia untado as mãos e que sabia intrujar à maravilha o seu chefe, por mais que intercedesse a favor dele, nada conseguiu, pois o general, embora lhe desse ouvidos (e sabendo-o, por outro lado), era por tal forma obcecado que nada podia desfazer-lhe uma ideia, quando esta lhe havia entrado como um cravo na cabeça. Tudo o que o hábil secretário pôde obter foi a suspensão das notas de serviço que o comprometiam, e até para isto foi preciso apiedar o chefe, pintando-lhe com vivas cores a comovedora sorte da desventurada família de Tchichikov, família, felizmente, imaginária.

«Tanto pior!», disse para si Tchichikov. «Não me saí bem deste negócio; são inúteis as lamentações. As lágrimas não remedeiam uma desgraça; é necessário trabalhar!»

E resolveu encetar uma nova carreira, couraçar-se novamente de paciência, moderar os seus apetites, apesar do prazer que tinha experimentado dando-lhes livre curso. Impunha-se uma mudança de ares, dar-se a conhecer noutra parte. Isto, porém, não era fácil. Em pouco tempo, teve que mudar de emprego duas ou três vezes. Os empregos eram enfadonhos, inferiores. É preciso dizer que Tchichikov era o homem mais correto que até hoje tem existido. Embora obrigado, nos seus princípios, a frequentar um meio corrompido, permanecera sempre limpo, sobretudo no fundo da alma. Gostava que, nas repartições, as mesas fossem de madeira envernizada e a instalação fosse decente. Jamais se permitia uma palavra malsoante e surpreendia-se ao ver que os outros faltavam ao respeito devido à posição ou à qualidade das pessoas. Agradará ao leitor, com certeza, saber que mudava de roupa interior de dois em dois dias, e diariamente no verão, durante o calor. Todo o mau cheiro, por pouco desagradável que fosse, repugnava ao seu nariz. Assim, sempre que Petrushka ia despi-lo e tirar-lhe as botas, aspirava um cravo. Em muitos casos, tinha os nervos tão delicados como uma senhora. Por isso lhe custava tanto viver num meio em que se respirava o cheiro de aguardente e onde os modos eram grosseiros. Apesar da sua constância, tinha emagrecido e até ficara verde, durante estes reveses. Já começava a engordar e a adquirir as formas arredondadas e respeitáveis com que se apresentou ao leitor. Várias vezes, ao olhar para o espelho, lhe surgiram agradáveis ideias — uma esposa jovem, filhos — e um sorriso as acompanhava. Agora, porém, ao mirar-se de novo, por casualidade, não pôde deixar de exclamar: «Santa Mãe de Deus, que feio me tornei!». E durante muito tempo não quis tornar a ver-se ao espelho.

Todavia, o nosso herói tudo suportava com paciência evangélica e terminou por entrar para a Alfândega. É preciso dizer que, havia muito tempo, sonhava em segredo com esta carreira. Ele tinha visto as lindas coisas que possuíam os empregados da Alfândega; as porcelanas e as fazendas que enviavam a suas tias, a suas primas e às suas amiguinhas. Mais de uma vez dissera suspirando: «Para aqui é que eu gostava de entrar! A fronteira está próxima; as pessoas são educadas; e que esplêndidas camisas de cambraia fina se podem arranjar!». Acrescentemos que pensava num sabonete francês, o qual tornava as faces macias e a pele extraordinariamente branca. Ele desconhecia-lhe o nome; contudo, estava persuadido de que o encontraria na fronteira. Por isso, a Alfândega o atraía há muito; mas as diversas restituições que lhe ordenara a comissão do edifício haviam-se oposto à realização dos seus desejos. Agora tinha jurado para lá entrar, custasse o que custasse, e soube manter a sua palavra.

Desenvolveu nas suas funções um tão extraordinário zelo, que dir-se-ia predestinado para empregado aduaneiro. Ninguém conhecia melhor o seu ofício, nunca se vira tal penetração nem tal perspicácia, ou se tinha ouvido, sequer, falar de coisa parecida. Ao cabo de três, de quatro semanas, era já tão desembaraçado na sua nova profissão, que nada o atrapalhava; sem pesar nem medir, sabia pela fatura quantos metros havia numa peça de pano; bastava-lhe pegar num pacote, para deduzir o seu peso. Enquanto a buscas, tinha para elas, segundo a expressão dos seus camaradas, olfato de perdigueiro. Não podia deixar de assombrar uma pessoa a paciência de que dava provas, verificando botão por botão, e tudo com um sangue-frio esmagador e uma cortesia fora do vulgar. Enquanto as

pessoas examinadas se exasperavam, rogavam pragas e experimentavam um furioso desejo de lhe quebrar a cara, Tchichikov, sem alterar as feições e sempre com a maior delicadeza, limitava-se a dizer:

— Não poderia o senhor ser tão amável, que tivesse o incômodo de se levantar? — Ou então: — Quereria V. Ex.<sup>a</sup>, minha senhora, passar para este compartimento? A mulher de um colega nosso lhe dará explicações... — Ou também: — Permita-me o senhor que lhe descosa a dobra do seu capote. — E, sem deixar de falar, ia tirando chales e lenços, com sangue-frio, como se os tirasse de uma sua mala.

Até os seus chefes diziam que ele era o próprio diabo em figura de homem; descobria contrabando nas rodas, nos varais, nas orelhas dos cavalos, lugares onde mais ninguém se teria lembrado de afuroar, e onde só um empregado da Alfândega pode permitir-se fazê-lo. Uma vez atravessada a fronteira, o pobre viajante permanecia vários minutos a refazer-se, e benzia-se, murmurando: «Oh! Oh!». Era uma situação muito parecida com a do colegial, enviado ao diretor sob o pretexto de receber uma reprimenda e que, de improviso, se vê fustigado.

Em pouco tempo, Tchichikov tornou insuportável a vida dos contrabandistas. Era o pesadelo, a sombra negra de todos os judeus polacos. De uma honradez e de uma incorruptibilidade inatacáveis, quase sobrenaturais, nem sequer tinha juntado um pequeno capital com as bagatelas apreendidas que, para evitar papeladas, não iam parar ao fisco. Este zelo e este desinteresse deviam ser objeto de surpresa geral e chegar facilmente ao conhecimento dos chefes. Obteve uma promoção e apresentou, depois, um projeto para

prender todos os contrabandistas, pedindo só os meios para o executar ele-próprio. Em breve foi posto à sua disposição um destacamento, com o direito ilimitado de proceder a todas as pesquisas. Era isso precisamente o que ele queria. Naquele tempo, havia-se constituído uma poderosa quadrilha de contrabandistas, organizada com todas as regras. Esta atrevida empresa prometia milhões de benefícios. Tchichikov, ao corrente de tudo, havia tempos, teria respondido secamente aos emissários enviados para o subornar: «Ainda é cedo.»

Quando teve plenos poderes, avisou imediatamente a sociedade de que chegara a altura de agir. O negócio era seguro. Num ano, teve a sorte de ganhar o que economizaria em vinte anos de leis serviços. Primeiro, não queria relacionar-se com eles, pois, na qualidade de comparsa, não receberia grande coisa; mas agora, agora já não era assim: podia impor as condições que quisesse. Para evitar dificuldades, peitou um colega que, apesar dos seus cabelos grisalhos, não pôde resistir à tentação. Chegou-se a um acordo, e a sociedade lançou mãos à obra. As operações começaram brilhantemente. O leitor, sem dúvida, conhece a história, frequentemente contada, da divertida viagem dos carneiros que atravessaram a fronteira com o velo em duplicado, introduzindo fraudulentamente rendas de Malines no valor de um milhão. Isto passou-se exatamente nos tempos de Tchichikov. Se ele não tomasse parte na empresa, nenhum judeu do mundo conseguiria levá-la a cabo. Depois de os carneiros terem passado três ou quatro vezes a fronteira, os dois trapaceiros encontraram-se em frente de um capital de quatrocentos mil rublos; até se dizia que Tchichikov tinha ultrapassado o meio milhão, por ser mais atrevido. Deus sabe

que cifra enorme alcançariam estas fabulosas quantias, se a discórdia não se tivesse metido entre eles O diabo pregou uma boa partida aos dois cúmplices; subiu-lhes o fumo à cabeça e contenderam por uma ninharia. No decorrer de um animada conversa, Tchichikov, um pouco embriagado, talvez, chamou ao sócio *filho de padre*. O outro — embora isso fosse verdade — ofendeu-se seriamente, não se sabe por quê, e replicou azedamente:

— Mentos! Sou conselheiro de Estado, e não filho de padre. Tu, sim, que o és!

Embora com isto já tivesse tapado a boca ao seu interlocutor, devolvendo-lhe o insulto, não ficou satisfeito e denunciou-o em carta anónima. Outros dizem que, entre os dois, houvera disputa por causa de uma mocetona «boa e fresca como um formoso nabo», como dizem os empregados da Alfândega; que até foram comprados alguns indivíduos para agredir o nosso herói, ao cair da noite, numa viela escura; mas os dois rivais foram enganados e a sociedade elegeu um certo Chamshariov, capitão suplente. Ignora-se o que realmente se passou; deixamos ao leitor o cuidado de o averiguar, se quiser. O essencial é que as revelações secretas aos contrabandistas foram descobertas. Ao perder-se, o conselheiro de Estado deitou a perder o seu camarada. Os nossos funcionários foram processados, e apreendidos e confiscados todos os seus haveres. Aquilo foi um raio que lhes caiu em cima da cabeça. Como ao despertar de uma borracheira, quando recobriram os sentidos, viram, com espanto, o que tinham feito. O conselheiro de Estado não pôde suportar o golpe e sucumbiu num canto ignorado; o conselheiro do Ministério, porém, manteve-se firme. Apesar das

buscas das autoridades que lhe andavam na pista, conseguiu esconder uma parte do seu pecúlio e pôr em ação todos os recursos do seu engenho e da sua grande experiência. Utilizando, já a sedução dos seus modos, já a adulação, que não falha nunca; empregando, por outro lado, argumentos constantes e sonantes, arranjou-se de maneira a não ser destituído de forma tão ignominiosa como o seu colega e livrou-se do procedimento judicial. Mas foi-lhe preciso dizer adeus ao seu capital e às bagatelas importadas do estrangeiro; tudo isto encontrara dono. Conservou dez mil rublos, postos a bom recato para os momentos de adversidade, duas dezenas de camisas finas, a caleche para uso dos solteirões e dois criados; o cocheiro Selifan e o laçao Petrushka; enfim, a benevolência dos empregados aduaneiros deixou-lhe, ainda, cinco ou seis pedaços de sabão para conservar a frescura da cútis.

Tal era a situação em que de novo se encontrava o nosso herói. Eis o alude de desgraças que tinham caído sobre ele. Era ao que ele chamava «haver sofrido na sua carreira por amor à Justiça». Poderia supor-se que, depois de tempestades assim, provas, vicissitudes e desgostos, se retiraria com o seu pé-de-meia para a solidão aprazível de uma pequena povoação do distrito, em que se refestelaria para sempre, com o seu roupão à janela de uma casita, apaziguando, ao domingo, uma disputa entre camponeses, suscitada debaixo da sua janela, a fim de desentorpecer as pernas, indo à capoeira apalpar pessoalmente a galinha destinada para a sopa; que, deste modo, desfrutaria uma vida sem ruído, mas não sem utilidade. Porém, não aconteceu assim. Há que prestar justiça à força indomável do seu caráter. Depois de tudo o que bastaria,



senão para matar um homem, ao menos para esmagá-lo e feri-lo, um ardor incompreensível ainda o animava. Dorido, exasperado, murmurando contra o mundo inteiro, irritando-se contra a sua mofina sorte e contra a injustiça dos homens, não podia, no entanto, renunciar a outras tentativas. Demonstrou uma paciência ao lado da qual a paciência inerte do alemão, baseada na circulação lenta, preguiçosa, do sangue, parecia uma insignificância. O sangue de Tchichikov, pelo contrário, fervia e necessitava de uma grande coragem para refrear todos os impulsos do seu temperamento. Eis como raciocinava, e vejamos se o seu raciocínio estava dentro da lógica:

— Por que fui atingido por esta desgraça? Quem é que perde agora o seu tempo, seja lá onde for? Todos enriquecem; eu não prejudiquei ninguém; não espoliei uma viúva nem atirei para a miséria qualquer pessoa. Apropriei-me do supérfluo. Se o não fizesse eu, outros se aproveitariam. Por que prosperam os outros, enquanto eu tenho que arrastar-me como um gusano? Que vai ser de mim agora? Para que sirvo eu? Como poderei olhar, cara a cara, para um respeitável chefe de família? Como não sentir remorsos, sabendo que peso inutilmente sobre a terra? Que dirão mais tarde os meus filhos? «O estúpido do nosso pai não nos deixou nada!»

Sabe-se já que Tchichikov se preocupava muito com a sua descendência. Era uma ideia que lhe arrebatava o coração. Tal personagem teria, porventura, roubado menos, sem a pergunta que, não se sabe como, se apresenta por si-própria: «Que dirão os meus filhos?». E o futuro chefe de família — como um prudente gatarrão que lança uma olhadela oblíqua para verificar se o dono o não observa, e se apressa a agarrar quanto lhe está ao alcance, seja

toucinho, velas ou um canário que lhe cai debaixo da pata — não deixava escapar nada.

Assim se lamentava e gemia o nosso herói. Não obstante, o seu espírito, mais ativo que nunca, só esperava um plano para deitar mãos à obra. De novo se reconcentrou, tornou a levar uma vida metódica e difícil, a privar-se de tudo e, de uma posição desafogada, caiu numa outra, baixa e aviltante. Esperando melhores tempos, fez-se homem de negócios, modo-de-vida que não tinha ainda adquirido entre nós direitos de cidadania, tratado em toda a parte sem respeito, pouco considerado pela chusma burocrática e até pelos que com ele tinham relações, condenado a arrastar-se pelas antessalas, exposto a afrontas, etc., etc. Mas a necessidade obrigava-o a aceitar tudo.

Entre outras comissões, foi encarregado de empenhar ao Conselho de Tutela algumas centenas de camponeses. A propriedade achava-se num estado desastroso, em consequência de epizootias, de roubalheiras dos feitores, de colheitas más, de epidemias que lhe tinham levado os melhores trabalhadores e, finalmente, por causa da estupidez do proprietário, que tinha construído e mobilado, em Moscovo, uma casa à última moda, dissipando nela toda a sua fortuna, de tal modo que já não lhe restava com que se pudesse sustentar. Por isso, fora preciso hipotecar a última propriedade. A fiança ao Estado era então coisa nova, a que ninguém se arriscava sem apreensões. Tchichikov, depois de predispor favoravelmente tudo e todos (é sabido que sem esta operação preliminar torna-se impossível obter os menores elementos, a menor retificação; em cada garganta é preciso entornar, pelo menos, uma garrafa do Madeira), Tchichikov,

portanto, depois de fazer o que era necessário, explicou, a fim de evitar complicações futuras, que tinham morrido metade dos camponeses.

— Mas figuram na lista do recenseamento? — perguntou o secretário.

— Certamente — respondeu Tchichikov.

— Então porque se preocupa? Os óbitos são compensados pelos nascimentos, e dá sempre certo.

Foi então que ocorreu ao nosso herói a ideia mais feliz que jamais tivera.

— Que burro eu sou! — disse. — Ando a procurar os meus óculos e tenho-os em cima do nariz. Se eu comprar todos os que morreram antes que sejam enviadas as novas listas de recenseamento, e se, por exemplo, adquirir um milhar, o Conselho de Tutela dar-me-á, à vontade, mil rublos por cada alma. Isto já são duzentos mil rublos. É este o momento próprio. Uma epidemia levou, graças a Deus, muita gente. Os proprietários deram cabo do seu dinheiro, no jogo e nas pândegas; muitos tomaram criados em Petersburgo; os domínios estão abandonados, ao Deus dará; cada ano se torna mais difícil pagar as contribuições, de modo que todos e cada um deles me cederão, de bom grado, almas mortas, ainda que seja só para não pagarem os impostos. Talvez com isto arranje algum dinheiro. O negócio, está claro, é delicado, pouco seguro; sujeito-me a entalar os dedos, a sofrer desgostos. Mas ao homem foi-lhe dada inteligência para a utilizar. Felizmente, a operação parecia inverosímil; nenhuma pessoa acreditaria nela. Para dizer a verdade, sem terras ninguém pode comprar camponeses nem hipotecá-los; eu, porém, comprá-los-ei para colonização. Atualmente

em Taurida e Quersoneso podem obter-se terras por uma tuta-e-meia, com a condição de as experimentar. Para ali os levarei a todos. Que vão imediatamente para Quersoneso! A transferência pode efetivar-se pelas vias legais. Se se exige um atestado acerca dos camponeses, arranja-se sem dificuldade; não vejo nisso impedimento algum. Conseguirei uma certidão passada pelo comandante da polícia. A colónia poderá chamar-se *Chichikovmen* ou *Pavlovskoe*, atendendo ao meu nome de batismo.

Aqui têm como germinou no cérebro do nosso herói a luminosa ideia que lhe valeu, senão o reconhecimento do leitor, a profunda gratidão do autor; pois, se tal ideia não houvesse ocorrido a Tchichikov, este poema não teria visto a luz do dia.

Depois de se benzer, segundo o costume russo, lançou mãos à obra. Sob diversos pretextos, como, por exemplo, procurar uma residência, começou a percorrer diversas regiões do nosso país, sobretudo aquelas que tinham sofrido maiores calamidades — péssimas colheitas, mortandades — em resumo: onde pudesse comprar mais facilmente e ao melhor preço os servos de que necessitava. Não se dirigiu ao acaso a qualquer proprietário, escolheu pessoas a seu gosto ou aquelas com quem, sem grandes dificuldades, pudesse fazer semelhantes contratos, esforçando-se por conseguir amizades prévias, predispondo-as a seu favor, a fim de adquirir, se fosse possível, os camponeses mais por amizade que por meios financeiros. Não se deve perturbar o leitor, se lhe desagradam as personagens até aqui apresentadas; a culpa é de Tchichikov; a este respeito, ele é dono e senhor, e nós temos que segui-lo para onde ele quiser. Pois se nos censuraram a insignificância e a má catadura das personagens e dos caracteres, diremos somente que

nunca, desde o princípio de uma obra, ela pode ser julgada em toda a sua extensão. A chegada a uma cidade, mesmo que esta seja uma capital, é sempre uma desagradável surpresa; a princípio, tudo parece taciturno e monótono; oficinas e fábricas fumegantes estendem-se até perder de vista; a seguir, entre o brilho, o ruído e o estrépito, aparecem as casas de seis andares, os armazéns, as tabuletas, a imensa perspectiva das ruas, os seus campanários, colunas, estátuas, torres, tudo o que a mão e o gênio do homem hão produzido para maravilha dos olhos. O leitor assistiu às primeiras compras; o que sucedeu depois, os êxitos e os fracassos do herói, os obstáculos mais difíceis que teve de vencer, as figuras grandiosas que surgiram, o mecanismo das peças secretas do drama, o alargamento do seu horizonte, o lirismo majestoso que atinja — tudo isto chegará a seu tempo. Falta ainda um largo trajeto para percorrer, à *equipagem* formada por um cavalheiro de meia idade, uma caleche para uso de solteirões, o laçao Petrushka, o cocheiro Selifan e três cavalos já conhecidos pelo seu nome, desde o Assessor até o patife do *Picaço*.

Eis, pois, o nosso herói pintado ao natural. Talvez, porém, seja conveniente, para o retoque final, fixar um traço: quem é ele sob o ponto de vista moral? Vê-se logo que não é um herói cheio de virtudes e perfeições. É, portanto, um canalha. Um canalha, porquê? Porquê, mostrar-nos tão severos a respeito de uma pessoa? Em nossos dias já não há canalhas; há gente bem intencionada, simpática. Quanto àqueles que se expõem à vergonha de ser esbofeteados em público, encontrar-se-ão, ao todo, dois ou três; e mesmo estes falam agora de virtude. A denominação mais ajustada é a de *adquiridor*. A sede de adquirir é a causa de tudo; é ela que dá

o impulso às ações de toda a gente, ações qualificadas de *não muito limpas*. Para falar com franqueza, um caráter deste género tem já alguma coisa de repugnante; e certo leitor, que na vida real se relaciona com semelhante indivíduo, oferece-lhe a casa e passa momentos agradáveis na sua companhia, olhará para ele de soslaio se se converte em herói de um drama ou de um poema. Discreto, porém, é aquele que, longe de desdenhar de um caráter, o examina com penetrante olhar e o sonda desde o princípio. Tudo muda rapidamente no homem; em menos de nada, um terrível gusano se desenvolve dentro do nosso ser e se apropria de toda a substância vital. E mais de uma vez a paixão — grande ou mesquinha — medrou num indivíduo nascido para melhor sorte, fazendo-o esquecer enormes e sagradas obrigações, para as substituir por ínfimas bagatelas. As paixões são inumeráveis, como as areias do mar, e todas diferem entre si, todas, vergonhosas e nobres, começam por ser dominadas pelo homem; em breve se convertem em tiranos. Bem-aventurado aquele que escolheu a mais nobre! A sua felicidade cresce e aumenta continuamente, e ele penetra cada vez mais no paraíso moral. Mas há paixões cuja escolha não depende do homem; que vieram ao mundo ao mesmo tempo que ele, e faltam-lhe forças para delas se desembaraçar. Um plano superior as dirige; há nelas uma solicitação contínua que dura toda a vida. Estão destinadas a desempenhar cá em baixo um papel importante. Ou sob uma forma obscura ou como luminosas aparições, têm por objeto um fim completamente desconhecido do homem. E, talvez, no próprio Tchichikov, a paixão que o arrasta não proceda dele; talvez a sua existência melancólica encerre alguma coisa com que confundir mais tarde os homens e fazê-los ajoelhar

ante a divina sabedoria. A aparição desta figura no presente poema é em si mesma um mistério.

O lastimável, porém, não é que o herói desagrade; é a certeza absoluta de que este próprio herói, o próprio Tchichikov tenha podido desagradar aos leitores. Se o autor não lhe sondasse os recessos da alma, não revolvesse, no fundo, o que escapa e se oculta da luz, não revelasse os pensamentos mais secretos que o homem não confia a ninguém, e o tivesse mostrado, tal como o julgava Manilov e toda a cidade, os leitores ficariam enfeitiçados e tê-lo-iam achado interessante. Seria um manequim desprovido de vida? É possível; mas também, finda a leitura, poderiam voltar com a maior tranquilidade à mesa do jogo, tão querida à Rússia inteira. Não, amados leitores; vós não desejais contemplar sem disfarce a miséria humana. «Para quê? — dizeis. — Não sabemos já que na vida existem coisas desprezíveis e absurdas? Não faltam ocasiões de presenciar cenas dolorosas. Apresentem-nos, antes, quadros atraentes. Mais vale aturdirmo-nos...»

— Para que me dizes, amigo, que os negócios correm mal, na herdade? — perguntava um proprietário ao seu feitor. — Bem o sei. Não tens outras notícias a transmitir-me? Deixa-me esquecer, ignorar, e serei feliz.

E o dinheiro, que porventura melhoraria a situação, é empregado em distrações de diversas espécies. Um espírito que talvez improvisasse férteis recursos — dormita. E nisto a herdade é vendida em hasta pública e o proprietário recorre aos divertimentos para aturdir-se, com a alma ulcerada, e presta-se a baixezas que, noutros tempos, lhe causariam horror.

O autor será ainda alvo das acusações dos pretensos patriotas. Essa gente permanece tranquila no seu rincão; junta capitais, faz o seu negócio à custa de outros; todavia, quando sobrevêm um incidente que julga ofensivo da pátria, quando aparece uma obra onde se dizem verdades, às vezes amargas, acode prontamente como a aranha que vê uma mosca na sua teia. Então, exclama: «Tudo quanto aí está escrito refere-se a nós. Há razões para o expor à luz do dia? Que dirá o estrangeiro? É agradável ouvir exprimir uma opinião má a nosso respeito? Não causa pena isto? Não somos patriotas?».

A tão prudentes observações, sobretudo quanto à opinião estrangeira, confesso que não há nada a responder, salvo isto, quiçá: «Dois homens bons residiam num ignorado ponto da Rússia. Um deles, chamado Kifa Mokievich, levava uma desmazelada existência sem cuidar da família; a sua vida estava melhor orientada para a especulação e preocupada com a questão seguinte, que ele, gravemente, denominava uma questão filosófica.

— Tomemos, para exemplo, as feras — dizia, dando passadas pelo quarto. — Todas nascem nuas. Por que é isto? Por que não saem de um ovo como as aves? Na verdade, quanto mais se perscruta a natureza, menos a compreendemos!

Assim pensava Kifa Mokievich. Isto, porém, não é o essencial. O outro homem bom era Mokii Kifovich, seu filho. Era um moço de natureza hercúlea e, enquanto o pai se ocupava com o nascimento das feras, a sua exuberante natureza de vinte anos ardia por desabrochar. Não sabia empreender nada lentamente; ficava sempre, por este ou aquele motivo, com um braço deslocado ou o nariz contuso. Em sua casa e na vizinhança, tudo fugia diante dele,



desde a criada até o cão de guarda. Até havia feito em pedaços a sua própria cama. Tal era Mokii Kifovich, sem deixar de ser o melhor filho do mundo. Mas também ainda não é isto o essencial, Ei-lo:

— Por favor, nosso amo Kifa Mokievich — diziam ao pai os criados e os vizinhos; — que filho te destinou Deus em Mokii Kifovich! Faz rabiá-lo toda a gente! Tem o diabo no corpo!

— Sim, é petulante — respondia ordinariamente o pai — mas que lhe hei de fazer? É demasiado tarde para o castigar e todo o mundo me chamaria cruel. Além disso, ele tem amor-próprio; se o repreendo diante de alguém, com certeza acalma-se; mas, por desgraça, fica-se a saber; sabê-lo-á a cidade inteira, e tratá-lo-á como a um cão. Acreditais que, efetivamente, isto não me seja doloroso? Não sou eu pai? Porque, embora me dedique à filosofia e, às vezes, me falte o tempo, nem por isso deixo de ser pai, que diabo! É aqui, aqui, no meu coração, que trago Mokii Kifovich!

E Kifa Mokievich, enfurecido, batia no peito.

— Sim, o meu filho é um cão, e deve continuar a sê-lo, mas, ao menos, que não seja por mim que se saiba; que não seja eu quem o denuncie!

Manifestados assim os seus sentimentos paternos, deixou que Mokii Kifovich prosseguisse nas suas proezas e, voltando ao seu tema favorito, fazia para si observações deste género:

— Se o elefante nascesse de um ovo, a casca havia de ser de uma espessura extraordinária; não se poderia quebrar nem com um canhão; seria preciso inventar uma nova arma de fogo.

Assim viviam estes dois habitantes de um pacífico rincão, aparecidos repentinamente, como assomando a uma janela, no final do nosso poema, para responder com modéstia à acusação dos

afervorados patriotas, entretidos sossegadamente, até agora, a filosofar e a enriquecer à custa da sua querida pátria e para quem o importante não é fazer o mal: é que se não saiba que o fazem. Mas não; nem o patriotismo nem a filosofia justificam estas acusações; elas escondem outras coisas. Para que calar-se? Quem, pois, senão o autor, deve proclamar a santa verdade? Receais um olhar penetrante; tendes medo, vós próprios, de perscrutar profundamente as coisas; gostais de deslizar por cima de tudo, com olhares vazios de pensamento. Até vos rides sinceramente de Tchichikov; talvez, até, louveis o autor, dizendo: «Contudo, observou bem certos tipos! Deve ser um belo camarada!»

Depois do que, com um redobramento de ferocidade, um sorriso presunçoso aparece nos vossos lábios, e continuais:

«Temos de confessar que em certas províncias há pessoas muito divertidas, muito cómicas; e perfeitos bandidos, também!»

Agora, vejamos: Quem, de entre nós, cheio de humildade cristã, na calma e solidão dos rebates da consciência, aprofundará esta dolorosa pergunta: «Não há em mim também alguma coisa de Tchichikov?». Ninguém, estou certo disso! Todavia, que passe, neste momento, a seu lado, algum conhecido de mediana posição, e logo tocará com o cotovelo no vizinho e lhe dirá em voz baixa: «Olha! Aí vai Tchichikov!»

E depois, como um garotelho, esquecendo a consideração devida à sua posição e à sua idade, correrá atrás dele, repetindo como uma campainha:

— Tchichikov! Tchichikov! Tchichikov!...

Mas temo-nos posto a falar demasiado alto, sem pensar que o nosso herói, que dormia enquanto se contava a sua história, já

despertou e pode ouvir o seu nome repetido com tanta frequência. É muito suspicaz e aborrece-se quando lhe faltam ao respeito. Pouco importa ao leitor que Tchichikov se enfade com ele; o autor, porém, não deve, em caso algum, contender com o seu herói; ambos têm ainda muito caminho a percorrer, de braço dado: dois grandes cometimentos em perspectiva, e isto não é nenhuma bagatela.

— Olha lá, em que pensas? — disse Tchichikov a Selifan.

— Quê? — respondeu ele com voz arrastada.

— Como quê? Imbecil! Que passo é este? Vamos, acorda os cavalos!

A verdade é que, há muito tempo, Selifan ia com os olhos fechados, sacudindo, a largos intervalos, a sonolência, com as rédeas sobre os lombos dos animais, também adormecidos. Quanto a Petrushka, o vento tinha-lhe levado o gorro; e ele próprio, debruçado, apoiava a cabeça no joelho de Tchichikov, de sorte que este teve de lhe dar um piparote. Selifan recobrou energias e, depois de ter fustigado várias vezes o lombo do *Picaço*, que fez trotar, e brandindo o chicote sobre os cavalos, proferiu com voz aflautada, cantante: «Olá! Eh! Não tenhais medo!».

Os cavalos galoparam e arrastaram como uma pena a ligeira caleche. Selifan contentava-se com gesticular e gritar: «Eh! Eh! Eh!» escorregando pelo assento conforme o coche subia ou descia as ladeiras de que estava cheia a estrada, que resvalava agora em leve declive. Tchichikov sorria, saltando ligeiramente sobre o seu almofadão de couro, pois gostava da carreira rápida.

E qual é o russo que não gosta? Poderia ser de outro modo, quando a sua alma aspirava a aturdir-se, a revoltar, a dizer por vezes: «Que vá tudo para o diabo!». Poderia não gostar desta

carreira, quando nela se experimenta um maravilhoso entusiasmo? Parece que uma força desconhecida nos transporta nas suas asas. Voa-se, e tudo voa ao mesmo tempo: os postes, os comerciantes que se encontram no caminho, sentados na borda da sua carroça, a floresta de ambos os lados, as suas escuras filas de pinheiros e de áceres; o estrépito dos machados e o crocitar dos corvos. A estrada voa toda e perde-se na distância. Algo de espantoso há nestas breves aparições, em que os objetos não dão tempo a ser identificados. O céu, as ligeiras nuvens e a lua que passa através delas, são os únicos que parecem imóveis. Oh, *troika*, coche-passarinho, *troika!* Quem te inventou? Tu não poderias nascer senão de um povo ousado, nesta terra que nunca fez as coisas a meio termo e que se estendeu como uma mancha de azeite por metade do globo, na qual se cansariam os olhos antes de ter contado exatamente o seu número de *verstas!* O veículo é pouco complicado, dir-se-á; não foi construído com parafusos de ferro, mas montado e afinado ao deus-dará com o machado e a enxó, pelo habilidoso mujique de Yaroslav. O cocheiro não traz botas fortes, à estrangeira; com a sua barba e as suas luvas, senta-se, sabe Deus como; sem embargo, quando se levanta e gesticula, trauteando uma canção, os cavalos atiram-se impetuosamente, as rodas não formam senão uma superfície contínua; a terra treme; o peão, assustado, solta uma exclamação — e a *troika* foge, devorando o espaço... E já, ao longe, se divisa algo que perfura e que fende o ar.

E tu, Rússia, não voas como uma *troika* relampejante, que não se poderia alcançar? Passas com estrépito entre uma nuvem de pó, deixando tudo atrás de ti. O espectador detém-se, confundido com este prodígio divino. Não será um raio caído do céu? Que significa

esta desenfreada carreira que provoca espanto? Que força desconhecida encobrem estes cavalos, que o mundo jamais viu? Oh corredores, corredores sublimes! Que torvelinhos agitam as vossas crinas! Dir-se-ia que o vosso corpo estremeado é todo orelhas. Ao cair sobre eles a canção familiar, soam em uníssono as suas correias de latão e, aflorando apenas a terra com os seus cascos, não formam mais que uma linda reta fendendo o espaço. Assim voa a Rússia debaixo da inspiração divina... «Para onde corres? Responde!». Não há resposta. Os guizos tilintam melodiosamente; revolto, o ar agita-se e converte-se em vento; tudo quanto se encontra sobre a terra é ultrapassado e, com, um olhar de inveja, as restantes nações afastam-se para lhe dar livre passagem.

## **SEGUNDA PARTE**

# 1

Para quê descrever a pobreza, sempre a pobreza e a imperfeição da nossa vida, exumando as suas personagens dos ignorados recantos, das mais distantes regiões? Que fazer, se é esse o propósito do autor e se a consciência enfermiça da sua imperfeição o impele a não pintar senão os aspetos dolorosos da existência, e indivíduos que vivem num lugarejo provinciano? E, quanto a nós, eis-nos outra vez num recanto ignorado, numa distante região! Mas, também, que recanto e que região!

Como a gigantesca muralha de uma fortaleza imensa, com reentrâncias e miradouros, uma cadeia de outeiros estendia-se sinuosamente numa extensão de mais de mil *verstas*. Erguia-se, majestosa, sobre vastas planícies, ora como uma parede abrupta de argila calcária, sulcada por brechas e escavações; ora, sob a forma de um seio encantador coberto de relva e de matas, como uma pele de carneiro; ora, debaixo do aspeto de bosques espessos, escapados ao machado como por milagre. Um rio lambia às vezes as suas margens, descrevendo com elas curvas e contracurvas, ou, melhor, afastava-se lançando-se pelos campos, para, depois de haver serpenteado, desaparecer em seguida entre maciços de choupos, de álamos e de ulmeiros, e escapar, triunfante, escoltado por pontes, por moinhos, por diques, que pareciam fugir com ele a cada volta.

Em certo lugar, o escarpado flanco das alturas cobria-se ainda mais com o verde enfeite das árvores. Graças a plantações artificiais e como consequência da diferença de altitude, o reino vegetal do Norte e do Sul tinham-se reunido no mesmo ponto. O carvalho, o

pinheiro, a pereira brava, o ácer, a cerejeira, a ameixeira e a sorveira revestida de lúpulo, ou se amparavam mutuamente conforme se iam desenvolvendo, ou se afogavam uns aos outros escalando toda a encosta. No alto, apareciam, por entre as suas ramagens verdes, as sobrepostas construções de um solar; os tetos vermelhos das dependências, os telhados das *isbas*, dissimuladas nas traseiras, o andar superior adornado com uma varanda esculpida e uma grande janela bojuda. Esta massa de árvores e de telhados era dominada por uma velha igreja rústica, cujas cinco douradas cúpulas cintilavam. Todas ostentavam cruces de ouro rendilhadas, presas por cadeias do mesmo metal, de sorte que, de longe, pareciam ver-se, suspensos no espaço, ducados de ouro deslumbrantes. Todo este conjunto, invertido — árvores, cruces, telhados — se refletia precisamente no rio; salgueiros ocos e disformes, alguns dos quais se alçavam nas margens, enquanto outros misturavam os ramos a viscosas esponjas flutuantes entre nenúfares amarelos, pareciam contemplar o mágico panorama.

A vista que se desfrutava da varanda era ainda mais fascinadora e não deixava ninguém indiferente. O assombro cortava a respiração dos visitantes; não podiam eximir-se a exclamar: «Meu Deus, que lindo quadro!». Dali se descortinavam horizontes sem limites: para além dos campos salpicados de bosquezinhos e de moinhos, verdejavam várias zonas da floresta; depois, através da atmosfera já vaporosa, amareleciam as areias; a seguir, vinham ainda novas florestas, azuladas estas, como o mar ou como uma névoa distante, e de novo areias de um rubro pálido. No extremo horizonte, levantava-se a crista das colinas argilosas, deslumbrantes de brancura, até com o mau tempo; dir-se-ia iluminá-las um sol



perpétuo. Sobre a sua cor ofuscante, notavam-se manchas fumacentas de um azul ferrete. Eram aldeias longínquas; mas a vista não podia já distingui-las claramente. Só o vértice dourado da igreja, que cintilava ao sol, indicava uma povoação importante. Sobre tudo isto peneirava-se uma calma profunda, que nem os cantos, apenas perceptíveis, dos pássaros, quase perdidos no espaço, conseguiam perturbar. Em resumo: depois de duas horas de contemplação, os visitantes não podiam deixar de murmurar: «Meu Deus, que lindo quadro!».

Quem residia naquele solar que, como uma fortaleza inexpugnável, só se podia alcançar pelo lado oposto àquele que acabamos de descrever? Ali, as copadas azinheiras acolhiam amigavelmente o visitante, estendendo, como para um abraço, os seus ramos frondosos; elas acompanhavam-no até à mansão cuja parte alta divisamos pelas traseiras. Esta erguia-se então, de frente, flanqueada, por um lado, por uma fila de *isbas*, mostrando as suas coberturas e seus remates esculpidos e, por outro, pela igreja de cruces e de rendilhados de ouro cintilantes. A que feliz mortal pertencia aquele refúgio? A um proprietário rural do distrito de Tremalajan, André Ivanovitch Tentietnikov, solteiro, de trinta anos. Quem era esta personagem? Que carácter era o seu? Convém, leitores, interrogar os seus vizinhos.

Um deles, um desses brigões, oficiais superiores afastados, cuja esperta raça tende a desaparecer, exprimia-se assim, por sua conta e risco: «É uma perfeita besta!».

Um general, habitante a dez *verstas* dali, dizia: «Esse jovem não é parvo; mas tem demasiadas coisas na cabeça. Eu poderia ser-

lhe útil, pois não me faltam relações em Petersburgo e até em...» O general não acabou a frase.

O comandante da polícia formulou a sua resposta deste modo: «O seu grau é muito modesto; amanhã irei reclamar dele uns impostos em atraso».

E o camponês, interrogado a respeito do seu amo, não respondia nada. Por consequência, a opinião mostrava-se-lhe desfavorável.

Falando imparcialmente, não era mau homem, mas apenas um visionário. Como no mundo não faltam pessoas que vegetem assim, por que não havia Tentietnikov de fazer o mesmo? Por outro lado, eis como ele ocupava um dos seus dias; o leitor poderá assim apreciar o seu caráter e julgar se a sua vida correspondia às belezas que o rodeavam.

Pela manhã, acordava muito tarde, sentava-se na cama e começava a esfregar os olhos. Como, por desgraça, os tinha pequenos, a operação prolongava-se. Durante este tempo, o criado Mijailo ficava à porta com um jarro de água e uma toalha. Este pobre Mijailo esperava uma hora, de plantão; depois, duas; ia dar uma volta pela cozinha e, quando regressava, ainda estava o amo sentado na cama a esfregar os olhos. Por fim, Tentietnikov lavava-se, penteava-se e passava à sala, de roupão, para tomar chá, café, cacau e até leite fresco, ainda quente. Provava um pouco de tudo, esmigalhando o pão sem piedade e espalhando por toda a parte a cinza do seu cachimbo. Duas horas se passavam assim. Não contente com isto, servia-se ainda de uma xícara de chá frio e ia bebê-lo para a janela que dava sobre o pátio. Todos os dias presenciava a seguinte cena:

Gregório, criado que desempenhava as funções de despenseiro, apostrofava a governanta Perfilievna, nestes termos, pouco mais ou menos:

— Não te calarás, velhaca, feia do diabo?

— Toma! — gritou a feia do diabo, aliás Perfilievna, mulher de modos rudes, apesar do seu *fraco* pelas passas, pelos pastéis de fruta e outras guloseimas que guardava debaixo de chave. — Toma, para ti! — E fez-lhe uma figa.

— Também questionas com o intendente, minha porca! — regougava Gregório.

— O intendente é tão ladrão como tu! Pensas que o patrão vos não conhece? Aí está ele, ouvindo tudo.

— Onde?

— Olha, na janela; não lhe escapa nada.

Com efeito, o amo estava na janela e via tudo.

Para aumentar o alvoroço, um rapaz, espancado pela mãe, gritava a plenos pulmões; um lebréu, enrodilhado no chão, uivava, porque o cozinheiro o tinha escaldado. Em suma: um bulício intolerável. O amo via e ouvia tudo. E só quando a bulha o importunava, até o ponto de perturbar a sua doce folgança, mandava dizer que procurassem fazer ruído mais caladamente.

Duas horas antes do jantar, retirava-se para o seu gabinete, para trabalhar seriamente numa obra que deveria abarcar a Rússia inteira, debaixo de todos os pontos de vista — civil, político, religioso, filosófico — determinar o seu grande futuro, resolver os difíceis problemas da hora presente... Tudo de modo e na forma preferidos pelos nossos contemporâneos. Por outro lado, esta empresa colossal estava ainda em projeto: Tentietnikov aparava a

sua pena e fazia desenhos no papel, depois do que se inclinava todo, de lado, para alcançar um livro que não abandonava nem durante a refeição. Lia enquanto lhe era servida a sopa, a entrada, o assado, e ainda o restante, de maneira que certos pratos arrefeciam e outros eram devolvidos intactos. Depois, vinha o café, o cachimbo e o jogo das damas, só para uma pessoa. Que fazia depois, até a ceia? Não saberia dizê-lo; parece-me, porém, que não fazia nada.

Assim empregava o seu tempo um homem de trinta e três anos, numa solidão profunda, sem arredar pé de sua casa, sem querer, ao menos, subir ao primeiro andar, abrir as janelas para ventilar o quarto. E o magnífico panorama, que não deixava indiferente nenhum visitante, parecia não existir para o dono daquelas paragens. Como se vê, André Ivanovitch Tentietnikov pertencia a uma classe de pessoas que não está prestes a desaparecer da Rússia. Antigamente, chamavam-lhes poltrões e pachorrentos; mas eu não sei já como qualificá-las hoje. São naturais estes caracteres, ou antes engendrados pelas circunstâncias que modelam tão rudemente o homem? Mais que responder a esta pergunta, valeria a pena referir a história da sua infância e da sua educação.

Tudo parecia concorrer para fazer dele alguma coisa de importante. Na idade de doze anos, rapazote de vivo engenho, de natureza semissonhadora, semienfermiça, ingressou num colégio dirigido por um homem que se destacava do comum. Ídolo da juventude, modelo de educadores, o incomparável Alexandre Petrovitch tinha o dom de discernir a natureza humana. Como conhecia o caráter rebelde das crianças! Como sabia estimulá-las! Não havia um só diabinho que, depois de ter cometido uma

travessura, não fosse ele próprio confessá-la. E o rapaz saía de frente erguida e ardendo em desejos de reparar a sua falta. As próprias reprimendas de Alexandre Petrovitch tinham algo de animador; chamava à ambição a força motriz das faculdades e, por consequência, esforçava-se por excitá-la. Não se importava com o bom comportamento e costumava dizer:

— O que exijo é inteligência e não outra coisa. Quem aspira a ser inteligente, não tem tempo de fazer asneiras; as asneiras devem desaparecer por si próprias.

Efetivamente, era assim. Aquele que não se esforçava por corrigir-se incorria no desprezo dos seus camaradas. Os indolentes e os imbecis tinham que suportar, da parte dos mais novos, os remoques mais ofensivos, sem atrever-se a tocar-lhes com um dedo.

— O senhor vai demasiado longe — objetavam-lhe numerosas pessoas. — Os indivíduos bem tratados tornar-se-ão arrogantes.

— Não — replicava ele — eu não conservo ao pé de mim, durante muito tempo, os incapazes; chega-lhes uma instrução rudimentar; mas para os bons alunos organizo um curso mais completo.

Com efeito, todos os que tinham talento seguiam este curso. O menor movimento dos seus pensamentos era-lhe conhecido. Ele aparentava não ver nada; porém, à semelhança de um mago escondido no seu retiro misterioso, observava as suas aptidões e tendências. Não reprimia muitas vivacidades, vendo nelas o gérmen do desenvolvimento das qualidades morais, até, que lhe eram necessárias, como uma erupção ao médico, para conhecer com segurança o interior do homem.

Como lhe queriam todos os discípulos! Não, jamais criança alguma teve tão grande atração pelos seus pais. Não; nem nos anos de louca dissipação existe um tão ardente afeto como o que ele inspirava. Até os seus últimos dias, o discípulo reconhecido erguia a sua taça no aniversário do mestre incomparável, já há largo tempo na tumba... cerrava os olhos e chorava a sua memória. O menor estímulo da sua parte inspirava uma alegre emoção e suscitava o desejo de ultrapassar os outros.

Para ele, uma multidão de conhecimentos eram inúteis, e suscetíveis de entravar o desenvolvimento intrínseco da inteligência. Pelo contrário, dedicava muito tempo aos trabalhos manuais ao ar livre, que fortificam o corpo.

Os alunos com pouca força de vontade não permaneciam muito tempo na sua casa; estes seguiam um curso rudimentar; aos outros, porém, obrigava-os a um programa duplamente sobrecarregado. E a última classe, reservada aos escolhidos, não se parecia em nada com a das instituições similares. Só nela exigia aos discípulos tudo quanto alguns exigem às crianças: o ânimo forte que, longe de ridicularizar, sabe suportar a troça, mostrar-se indulgente com os imbecis, não se aborrecer, nunca se vingar, mas manter a serena calma de uma alma impassível. Punha em ação tudo quanto era capaz de dar virilidade aos seus pupilos, e fazia com eles contínuas experiências. Oh, como conhecia a ciência da vida!

Tinha na sua escola poucos professores e ele próprio explicava a maior parte das matérias. Sem termos pretensiosos nem considerações grandiloquas, sabia transmitir a alma de uma ciência e fazer compreender a sua utilidade, até aos mais jovens colegiais. Por outro lado, não ensinava mais ciência que a necessária para formar

bons cidadãos. Uma grande parte das lições consistia em referir aos rapazes o que os esperava ao saírem do colégio; pintava-lhes tão bem a sua futura carreira, que eles viviam-na já com o pensamento. Não ocultava nada; apresentava os deveres, em toda a sua nudez, os obstáculos, as tentações, as armadilhas que lhes preparariam. Conhecia tudo e parecia ter passado ele próprio por todas as situações e todos os cargos. Era a consequência de uma ambição precoce, ou porque os próprios olhos deste educador incomparável pareciam dizer aos seus ouvintes: *Adiante!*, palavra familiar ao russo e que opera prodígios na sua natureza sensível? O caso é que, desde os princípios da sua carreira, os discípulos buscavam exclusivamente as dificuldades, ardendo em desejos de trabalhar onde ferviam os obstáculos, onde era preciso demonstrar uma grande força de ânimo. Não habilitava muitos alunos; mas, em compensação, estes eram caracteres a toda a prova, que se mantinham nos seus postos mais precários, enquanto outros, melhor dotados, perdiam a paciência, abandonando tudo por mesquinhas contrariedades, ou, melhor, dominados pela apatia ou indolência, deixavam-se enredar pelos libertinos e pelos caçadores de gorjetas. Aqueles, porém, não respiravam e, preparados para as dificuldades, exerciam até nas naturezas protervas uma poderosa influência.

Que poder adquiriu este mestre eminente sobre André Ivanovitch! Palpitava o ardente coração do ambicioso moço, só ante a ideia de tomar parte no curso superior; assim, quando, aos dezasseis anos, Tentietnikov, passando à frente de todos os condiscípulos, foi julgado apto para nele ser admitido, não acreditava em tanta felicidade. Que melhor educador poderia encontrar-se para o nosso jovem? Mas eis que, no próprio momento

em que este via realizar-se o mais vivo dos seus desejos, o incomparável pedagogo, de quem uma palavra de aprovação bastaria para o emocionar docemente, caiu enfermo e morreu dentro em pouco. Que profundo golpe para André Ivanovitch! Que terrível perda, a primeira da sua vida!

Tudo mudou na escola. A Alexandre Petrovitch sucedeu um tal Fédor Ivanovitch, homem bondoso e cheio de zelo, mas imbuído de ideias completamente diferentes. Começou por instituir um regulamento externo; exigiu que os alunos observassem um absoluto silêncio e caminhassem sempre dois a dois, medindo até a distância entre os pares. À mesa, colocava-os por ordem de estaturas e não de inteligências; de modo que os melhores bocados eram para os cábulas e os ossos para os bons alunos. Tudo isto provocou comentários desagradáveis, especialmente quando o novo diretor declarou, para menosprezar o seu antecessor, que, para ele, a inteligência e o aproveitamento não significavam nada. O que ele tomava unicamente em consideração era o bom comportamento; que, se um aluno aprendia mal mas era bem comportado, o preferia a outro brilhantemente esclarecido. Fédor Ivanovitch, porém, não conseguiu o bom comportamento. Durante o dia, ainda as coisas corriam bem, mas, pela noite, havia comezainas.

Igualmente foi prejudicado o curso superior. Com as melhores intenções do mundo, introduziu-lhe uma série de malfadadas inovações. Contratou professores de ideias e concepções novas. Estes sobrecarregavam os seus ouvintes com uma aluvião de termos desconhecidos; mostravam-se ao corrente das teorias mais modernas, expunham-nas com grande lógica e entusiasmo; mas, ai!, a sua ciência carecia de vida e era letra morta. Em resumo: tudo



andava às avessas. Perdeu-se o respeito, chegou-se a meter a ridículo os professores e a tratar o diretor por *pé de boi*. A depravação invadia o campo da inocência, houve escândalos que fizeram expulsar grande número de alunos. Em dois anos, a escola estava irreconhecível.

André Ivanovitch era de costumes pacíficos. Não se deixou arrastar, nem pelas orgias noturnas dos seus camaradas, que chegaram a levar uma mulher para debaixo das janelas do próprio diretor, nem pelas zombarias irreverentes, em resultado do esmoer não ser muito inteligente. Não, a sua alma, embora adormecida, sentia a sua origem divina. Unicamente perdeu valor. A sua ambição, excitada já, não encontrou campo para voar; melhor fora não ter sido despertada. Escutava os professores, que se exaltavam na cátedra, e lembrava-se do seu antigo mestre, que sabia, sem perder a fleuma, falar de um modo inteligível. As matérias que teve de digerir! Medicina, química, filosofia, direito e história universal, com uma tal amplitude, que, em três anos, o professor chegou apenas a percorrer a introdução e a expor o desenvolvimento dos municípios de certas cidades alemãs... Deus sabe o que teve de papaguear! Mas tudo isso ficou na sua cabeça em estado de fragmentos informes. Graças ao seu talento inato, compreendeu que se não devia ensinar assim, sem chegar a compreender qual fosse o bom método. Com frequência, recordava-se de Alexandre Petrovitch, e uma tal tristeza o assaltava, que não sabia onde refugiar-se. A certeza, porém, de que o futuro lhe pertencia, bastava para lhe tornar venturosa a juventude. À medida que se aproximava o termo dos seus estudos, aceleravam-se as palpitações do seu coração. «Isto não é ainda a vida — dizia para si; — não é mais que um ato

preparatório. A verdadeira vida começará quando eu servir o Estado e possa, então, distinguir-me».

Não teve, sequer, um olhar para a magnífica paisagem que provocava a admiração de todo o visitante; nem ao menos se inclinou ante o sepulcro dos seus pais. Como todos os ambiciosos, partiu logo para S. Petersburgo, onde, como se sabe, aflui a nossa fogosa juventude, vinda de todos os pontos da Rússia, para servir, para brilhar, para medrar ou, simplesmente, para adquirir um verniz desse conhecimento do mundo, tão turvo, tão falaz, tão glacial. Todavia, desde o princípio, o ardor ambicioso de André Ivanovitch foi refreado por seu tio Onofre Ivanovitch, ao tempo conselheiro de Estado. Este declarou que o essencial era escrever bem, sem o que não se poderia chegar a ser um ministro nem um homem de Estado. Com grande trabalho, graças à proteção do tio, o jovem acabou por ingressar num ministério. Foi introduzido numa magnífica sala assobradada, com mesas de laca, onde, sem dúvida, deviam deliberar as primeiras dignidades do Estado; em seguida, porém, viu uma legião de elegantes personagens que escreviam com a cabeça inclinada, fazendo rugir as penas. E quando o instalaram em frente de uma mesa, convidando-o a copiar — como se fosse de propósito — um papel de mínima importância (uma correspondência a respeito de três rublos, que durava já havia seis meses), uma estranha sensação se apoderou do jovem burocrata. Julgou encontrar-se numa escola, disposto a começar de novo os seus estudos; por uma falta qualquer, tinham-no feito retrogradar um ano. As personagens que o rodeavam pareciam-lhe estudantes. Para completar a semelhança, alguns deles liam a tradução de uma estúpida novela que faziam deslizar entre as folhas da sua pasta, como se

estivessem entregues à sua tarefa, sobressaltando-se a cada entrada do chefe. Tudo isto lhe produziu uma estranha impressão; as suas antigas ocupações pareciam-lhe mais sérias que estas, e a preparação para o serviço — preferível ao próprio serviço. Começou a recordar o colégio. Alexandre Petrovitch surgia agora diante dele como se estivesse vivo, e tinha dificuldade em conter as lágrimas. A sala, os empregados, o mobiliário, tudo começava a girar à sua volta. Pouco lhe faltou para desmaiar. «Não — pensou, voltando a si. — hei de trabalhar, por mesquinho que o trabalho seja a princípio!». E, fazendo boa cara ao mau tempo, resolveu servir como os outros.

Que lugar está desprovido de encantos? Tem-nos até Petersburgo, apesar do seu aspeto rude e nebuloso. Gela até partir as pedras; a tempestade de neve, verdadeira filha do Norte, desencadeia-se, varrendo as ruas, cegando os olhos, polvilhando as golas de peles, os bigodes dos homens, os peludos focinhos dos animais. Porém, através dos flocos que giram em torvelinhos, uma claridade acolhedora brilha nalgum terceiro andar, num confortável quatinho, filha de modestas velas de estearina. Enquanto o samovar ronrona, desfia-se uma conversa que reconforta a alma e o coração; lê-se alguma bela página de um desses inspirados poetas com que Deus tem favorecido a Rússia; e o juvenil coração do adolescente vibra com tanto entusiasmo como debaixo do sorridente sol do Meio-dia.

Depressa se acostumou Tentietnikov às suas funções que, não obstante, não foram para ele, como a princípio receava, o objeto essencial da sua vida. Serviram-lhe para repartir o seu tempo, fazendo-o apreciar mais os seus ócios. O conselheiro de Estado pensava, que tinha já carrilado o sobrinho, quando este cometeu

uma imprudência. Entre o número dos amigos — bastante numerosos — de André Ivanovitch, figuravam dois indivíduos que eram o que costuma chamar-se espíritos rebeldes. O seu caráter, raramente inquieto, não podia suportar com sangue frio, não já as injustiças, mas tudo quanto a seus olhos revestia aparências de injustiça. Bons, intimamente, mas desordenados em suas ações, exigiam para eles uma indulgência que recusavam às restantes pessoas. A veemência das suas palavras e a sua nobre indignação contra a sociedade, influíram seriamente em Tientnikov; tornaram-no irascível, nervoso, fizeram-lhe notar todos os pormenores acerca daqueles a quem dantes não pensava prestar atenção. Fiódor Fiodorovich Lenitsin, chefe de uma das repartições instaladas nas magníficas salas, desagradou-lhe subitamente. Pôs-se a descobrir nele uma multidão de defeitos; pareceu-lhe que Lenitsin, todo açúcar, todo mel nas suas conversas com os superiores, se mostrava azedo como vinagre quando um subordinado se lhe dirigia; que, à imitação das pessoas mesquinhas, recriminava quem não ia apresentar-lhe cumprimentos nos dias de festa e guardava rancor àqueles cujos nomes não figuravam nas listas do porteiro. Finalmente, esta personagem inspirou-lhe uma invencível repulsão. Um espírito mau impelia-o a fazer alguma coisa que fosse desagradável a Fiódor Fiodorovich. Esperava com uma espécie de voluptuosidade a ocasião que, por fim, se apresentou. Um dia, o chefe falou-lhe com um modo tão acerbo, que o colocou na disjuntiva de pedir desculpa ou demitir-se. E demitiu-se. Seu tio acudiu, transtornado, suplicando:

— Pelo amor de Deus, André Ivanovitch! Que queres fazer? Abandonar uma carreira tão bem começada, unicamente porque um

chefe não é da nossa simpatia! Misericórdia! Em que estás a pensar? Por este caminho, ninguém conservaria o seu emprego. Volta ao teu juízo. Põe de parte o teu orgulho e o teu amor-próprio. Vai dar-lhe uma explicação!

— Não se trata disso, tio — replicou o sobrinho. — Facilmente posso apresentar-lhe as minhas desculpas; a razão não está do meu lado; é meu chefe e eu não deveria falar-lhe assim. Espera-me, porém, outro serviço: trezentos camponeses, uma herdade que se arruína, um feitor imbecil. Que rabisque nos papéis outro empregado em meu lugar; o Estado nada perderá com isso; mas, se trezentos constituintes não pagam os seus impostos, sofrerá um grande prejuízo. Eu sou proprietário, não é assim? Se me consagro, para lhes melhorar a situação, às pessoas que me estão confiadas; se ofereço ao Estado trezentos súbditos modelares, sóbrios, trabalhadores, em que será inferior o meu serviço ao de um chefe de repartição como Lenitsin?

O conselheiro de Estado ficou de boca aberta. Não esperava um tal afluxo de palavras. Após um instante de reflexão, exprimiu-se pouco mais ou menos da seguinte forma:

— Porém, não obstante... Como pode uma pessoa exilar-se no campo? Que sociedade pode ali haver? Aqui, ao menos, encontram-se na rua generais, príncipes... Passa-se ao lado de alguém... Enfim, há a iluminação a gás, a indústria à europeia, enquanto lá uma pessoa só convive com aldeãos. Para que acanalharmo-nos no resto da vida?

Todavia, o sobrinho continuou surdo às observações do tio. Estava já farto da repartição e da capital. A herdade começava a parecer-lhe um seguro asilo, favorável à meditação, e o único campo

de atividade útil. Já tinha adquirido os mais recentes tratados sobre a agricultura. Resumindo: quinze dias depois desta conversa, encontrava-se já nos arredores dos sítios em que tinha decorrido a sua infância, não longe daquele rincão encantador que nenhum visitante deixava de admirar. Um novo sentimento o agitava. Em sua alma acordavam impressões de antanho, há largo tempo desvanecidas. Tinham-lhe esquecido muitos lugares e, como um recém-chegado, olhava com curiosidade para diversos recantos aldeãos. Repentinamente, sem saber porquê, o seu coração começou a latejar. O caminho seguia por um túnel estreito, no mais espesso de uma floresta imensa. Por cima da sua cabeça e debaixo dos seus pés, viu azinheiras seculares que três homens não poderiam abraçar, alternando com pinheiros, olmos e plátanos. «A quem pertence este bosque?». «Ao senhor Tentiétnikov» disseram-lhe. Depois, o caminho avançava por campos bordados de álamos, vimeiros e salgueiros, em frente das alturas que se estendem ao longe, e atravessava em dois pontos diferentes o mesmo rio, deixando-as primeiro à direita e em seguida à esquerda. André Ivanovitch informou-se acerca do feliz proprietário daqueles campos e soube que lhe pertenciam, a ele, Tentiétnikov. O caminho subia então por «ma ladeira e dominava uma planura que, por um lado, mostrava searas ondulantes, trigo, centeio, cevada; e, por outro, todos os lugares anteriormente percorridos, que apareciam de repente, em conjunto. Depois, obscurecia gradualmente, estendia-se à sombra das copadas árvores disseminadas pelo verde tapete, até a aldeia. Quando se lhe depararam as *isbas* negruscas dos mujiques e os vermelhos telhados do solar, e cintilou a cúpula dourada da igreja, quando o coração palpitante de Tentiétnikov adivinhou onde

tinha chegado, todas as sensações acumuladas se manifestaram em alta voz:

— Não era eu um parvo? A sorte fez-me dono deste paraíso terrestre e eu sujeitava-me a garatujar em papéis. Ter recebido uma boa instrução, ter-me habilitado com os conhecimentos necessários para a difusão do bem entre os meus subordinados, aos melhoramentos de toda uma região, ao cumprimento das numerosas obrigações de proprietário, ao mesmo tempo juiz» mandatário e mantenedor da ordem, e confiar este encargo a um feitor ignaro! Preferir servir de intermediário a pessoas que nunca tinha visto, cujo caráter e cujas qualidades ignoro; numa palavra: a uma administração efetiva, preferir uma administração sobre o papel, de províncias situadas a mil *verstas*, onde não pus jamais os pés e onde não posso fazer senão asneiras.

Entretanto, outro espetáculo o esperava. Quando lhes chegou a notícia da chegada do senhor, os camponeses reuniram-se ao pé da escadaria. Blusas, gorros, toucas, cafetãs e barbas pitorescas formaram círculo em torno dele. Quando ouviu dizer: «Chegou o nosso benfeitor!»; quando os velhos e as velhas desataram a chorar recordando o seu avô, ele próprio não pôde conter as lágrimas. «Como me querem!» — pensava. — «E, todavia, eu nunca os tinha visto! Nunca me preocupei com eles!». Então, fez voto de compartilhar, dali em diante, dos seus trabalhos, para se tornar verdadeiramente digno de ser amado e de ser chamado seu benfeitor.

Pôs-se a dirigir a exploração. Reduziu as tarefas para dar mais tempo aos camponeses. O estúpido feitor foi despedido. Quis imiscuir-se em tudo, apresentando-se nos campos, nas eiras, nos

moinhos, assistindo ao carregamento e expedição das barcaças. «Caramba!» — diziam os camponeses. — «Não lhe escapa nada». E até os preguiçosos começaram a coçar a nuca.

Mas isto não durou muito tempo. O mujique é perspicaz e depressa compreendeu que o amo, embora estivesse alerta e fosse empreendedor, não sabia ainda por onde andava e falava demais, como um livro. Isto deu em resultado que, sem chegarem à incompreensão total, servos e senhor não conseguiram pôr-se de acordo.

Tentietnikov pôde compreender que, nas suas terras, tudo corria com mais dificuldade do que nas dos camponeses. Semeava-se mais cedo e fazia-se a colheita mais tarde; e, não obstante, parecia trabalhar-se conscienciosamente. Além disso, ele assistia aos trabalhos e recompensava, com distribuição de *vodka*, o zelo da sua gente. Há muito já que o centeio, a aveia e o milho dos mujiques espigavam; entretanto, os seus cereais começavam apenas a apontar o caule, sem que tivesse aflorado a espiga. Conclusão: o senhor pôde verificar que, mau grado todos os favores concedidos, os seus camponeses o enganavam. Tratou de os repreender; recebeu, porém, esta resposta:

— Como é que não tomamos a peito os seus interesses, nosso amo? O senhor tem sido testemunha do nosso zelo, a lavar e a semear, e até nos mandou dar uma ração de *vodka*.

Que responder a isto?

— Mas por que é que o trigo medra tão pouco? — perguntava Tchichikov.

— Como podemos saber? Talvez os gusanos lhe tenham atacado as raízes. E, depois, não é para estranhar, com um verão



destes. Não tem chovido nada.

André Ivanovitch, porém, via que no trigo dos seus camponeses os gusanos não mordiam as raízes; e, quanto à chuva, não caía, com certeza, só ali e aqui, favorecendo o mujique em detrimento do senhor.

As mulheres ainda lhe davam mais que fazer. Pediam dispensa dos trabalhos, queixando-se do rigor das tarefas. Coisa estranha! Havia suprimido todos os tributos em teia, fruta, seda, avelãs, e restringido em metade os restantes trabalhos, com a ideia de que as mulheres consagrassem este tempo aos cuidados domésticos, a coser as roupas do marido, a amanhar a horta. Não adiantou nada. A ociosidade, as contendas, os falatórios, as disputas de todos os géneros, desenvolveram-se entre o belo sexo, a tal ponto que os maridos pediam continuamente auxílio:

— Por favor, nosso amo: é preciso meter na ordem o diabo da minha mulher! Já se não pode viver com ela!

Contra sua vontade, queria mostrar-se severo; mas, como empregar a sua severidade? Chegava uma camponesa, gemendo, mal podendo segurar-se de pé, doente, envolta em nojentos andrajos, apanhados sabe Deus aonde.

— Vai-te! Vai-te embora! Que eu não te ponha mais a vista em cima! Que Deus te acuda! — dizia o pobre Tentietnikov, que, a seguir, via a doente, uma vez franqueado o portão, atirar-se a uma vizinha, por causa de um nabo, e zurzir-lhe as costas melhor que um moço valente.

Tinha pensado em fundar uma espécie de escola; mas isto provocou uma tal confusão, que depressa teve de renunciar a essa ideia. Nos conflitos e em assuntos contenciosos, os raciocínios

jurídicos inculcados pelos seus professores de filosofia para nada serviam. As duas partes mentiam; era impossível reconciliarem-se. Viu, então, que só o conhecimento do homem valia mais que todas as subtilezas das obras de direito e de filosofia; viu que lhe faltava alguma coisa, sem saber ao certo o quê. E sucedeu o que com tanta frequência acontece: servos e senhores desconheceram-se reciprocamente, apresentando-se cada qual pelo seu lado mau. Tudo isto esfriou notavelmente o zelo do proprietário.

Desde então, assistiu aos trabalhos sem lhes prestar a menor atenção. Quer se tratasse de segar, enfeixar, ou de arrecadar, os seus olhares erravam por longe. Se o trabalho se executava a distância, distraidamente procurava os objetos mais próximos ou contemplava um cotovelo do rio, onde um pica-peixe, de bico e patas vermelhas, percorria as margens. Observava com curiosidade o pássaro, com um peixe atravessado no bico, parecia perguntar a si próprio se o comeria ou não, olhando ao mesmo tempo para outro mergulhador que não tinha pescado ainda nenhuma peça e que também fixava o seu mais afortunado congénere. Ou ainda, com os olhos cerrados e a cabeça levantada para os espaços celestes, aspirava o perfume dos campos, escutava os rumores do mundo alado, quando por toda a parte, no céu e na terra, se uniam num coro harmonioso. A codorniz deixava ouvir o seu alvoroço entre o centeio; a perdiz gemia entre a erva; por cima delas piava e gorjeava um bando de pardais; a galinhola trinava ao levantar o voo; a calhandra embriagava-se, perdida na claridade, enquanto o grito dos groux, que voavam em triângulo no alto do céu, ressoava como o toque de um clarim. Os arredores eram um puro concerto. Criador! Como são magníficas as tuas obras em plena natureza, longe dos

grandes caminhos e das grandes urbes! Todavia, até este espetáculo acabou por fatigar André Ivanovitch. Deixou de ir ao campo, fechou-se em casa, recusou, até, ouvir os relatos do seu feitor.

Não havia muito tempo que alguns vizinhos acudiam a visitá-lo: um tenente de hussardos, de reserva, que tresandava a cachimbo; um estudante falhado, de ideias avançadas, que tinha por oráculo os folhetos e os diários contemporâneos. Mas também isto lhe aborreceu. As suas conversas começaram a parecer-lhes superficiais; a sua afabilidade à europeia — pancadinhas nos joelhos e outros modos ordinários — pareceu-lhe livre demais. Resolveu cortar relações com todos, e fê-lo demasiado bruscamente. Um dia, com efeito, Varvar Nicolaievich Vichnepokromov, o mais encantador dos conversadores superficiais, tipo desses coronéis brigões que tendem a desaparecer, e adeptos, ao mesmo tempo, das ideias novas, foi visitá-lo para discutir a seu gosto filosofia, literatura, moral e até o estado das finanças inglesas; Tentietnikov, porém, mandou-lhe dizer que não estava em casa, tendo ainda cometido a imprudência de assomar à janela. Cruzaram-se os olhares de ambos. Um deles, imediatamente grunhiu: «Que animal!» enquanto o outro, despeitado, lhe dirigiu um epíteto igualmente malsoante. As relações continuaram assim. Desde então, ninguém acudiu a visitá-lo!

Alegrou-se com isso, e dedicou-se à meditação de uma grande obra sobre a Rússia. O leitor já viu como procedia. Estabeleceu-se na propriedade uma desordem sistemática. Não obstante, às vezes, parecia sair da sua modorra. Quando o correio lhe levava diários ou revistas; quando via citado na imprensa o nome de algum dos seus antigos camaradas, que fazia uma carreira brilhante ao serviço do Estado ou se tinha distinguido já nas ciências e na causa do

progresso — uma surda melancolia se apoderava dele; uma queixa amarga e muda, a respeito da sua inação, escapava-lhe involuntariamente. Com extraordinária intensidade, revivia o tempo passado no colégio. Alexandre Petrovitch surgia, vivo, e as suas lágrimas corriam em caudal.

Que significavam aqueles soluços? Revelava assim a sua alma torturada, o triste mistério da sua doença? Seria porque a alta personalidade que nele se abrigava não tivera tempo de formar-se e fortalecer-se? Porque, não tendo sabido, desde a tenra idade, lutar contra os reveses, não alcançara esse estado superior em que os próprios obstáculos e dificuldades elevam e fortificam? Porque, passado pelo crisol, à semelhança de um metal em fusão, não recebera a última têmpera? Porque o seu incomparável mestre havia morrido demasiado cedo para ele e porque já não havia agora no mundo uma pessoa capaz de estimular as suas vacilantes forças e a sua débil vontade, privada de elastério; ninguém que dissesse à sua alma, com voz enérgica, a reconfortante palavra: «Adiante!», palavra que espera em qualquer parte, nos diferentes graus da escala social, os russos de todas as condições?

Onde está aquele que poderia dizer-nos esta palavra onnipotente «Adiante?». Onde está aquele que, conhecendo todas as forças, todas as qualidades, toda a profundidade da nossa natureza, poderia com um sinal mágico orientar-nos para uma vida superior? Com que lágrimas, com que amor lhe demonstraria o russo o seu reconhecimento! Mas os séculos sucedem-se, a Rússia é presa de uma vergonhosa preguiça ou da atividade insensata de uma juventude sem experiência, e Deus não faz surgir o homem que poderia pronunciar a almejada palavra!

Uma circunstância quase que despertava Tentietnikov; uma transformação esteve prestes a dar-se no seu caráter. Alguma coisa que se parecia com o amor adejou à sua volta. Mas até nisto ele não foi constante. A dez *verstas* do seu solar, residia o general que, como já vimos, se exprimia a respeito dele com pouca benevolência. O general vivia a seu modo; gostava que os seus vizinhos lhe rendessem homenagem; não retribuía as visitas; falava com voz retumbante; dedicava-se à leitura e tinha uma filha, Ulineka, estranha criatura. Às vezes, acontece vermos em sonhos alguma coisa semelhante; desde então, passamos a vida a pensar naquela aparição; não se faz caso da realidade. Tendo perdido a mãe ainda muito nova, a jovem recebeu uma educação muito especial. A sua professora, uma inglesa, não conhecia uma palavra russa. O pai não tivera tempo de se dedicar a ela. Por outro lado, amando a filha com loucura, não tinha podido fazer mais que amimá-la. Como uma criança que se desenvolveu em liberdade, tudo nela era fantástico. Era a encarnação da vida. Se alguém tivesse visto contraírem-se as suas formosas feições sob o império de uma cólera violenta e o ardor que punha nas discussões com seu pai, tê-la-ia tomado pela mais caprichosa de todas as criaturas. A sua cólera, porém, só estalava quando ouvia falar de uma injustiça ou de um mau procedimento. Jamais discutia para se defender ou para se justificar. Esta cólera apaziguar-se-ia imediatamente, se visse que era um desgraçado o objeto dela. À primeira petição de quem quer, estava disposta a entregar-lhe a sua bolsa com todo o conteúdo, sem refletir nos inconvenientes desse gesto. Havia em si qualquer coisa de impetuoso. Quando falava, tudo nela parecia refletir a ideia exprimida; a fisionomia, a entoação, os gestos, as próprias pregas

do seu vestido, como que se adaptavam a ela; parecia que ia voar, em resultado das suas palavras. Não tinha segredos; não receava exprimir os seus pensamentos diante de ninguém. Quando queria falar, não havia força capaz de a obrigar a calar-se. Os seus passos graciosos e pessoalíssimos eram tão firmes, que toda a gente, involuntariamente, lhe teria dado passagem. Na sua presença, os maus perturbavam-se e não pronunciavam palavra; o mais desenvolto, o mais ousado em palavras, não sabia que dizer-lhe e perdia a serenidade, enquanto o tímido podia falar com ela, como o não tinha feito com ninguém. Desde os primeiros minutos da conversa, parecia-lhe que já a conheceria antes, nos tempos da primeira infância, numa casa familiar, durante um aprazível serão, entre alegres transportes da turba infantil e, largo tempo depois, dir-se-ia aborrecido da idade da razão.

Foi isto o que experimentou André Ivanovitch. Um sentimento inexplicável se apoderou dele. A sua taciturna existência iluminou-se de súbito.

O general, a princípio, recebeu muito cordialmente Tentietnikov; não chegaram, porém, a entender-se. As suas conversas terminavam em discussão, com um sentimento de recíproco mal-estar, pois o general não gostava nem de contradições nem de objeções. Tentietnikov, por seu lado, era sensível. Está claro que perdoava muitas coisas ao pai, em atenção à filha, e a paz reinou entre eles até a chegada de uns parentes do general. A condessa Bordyriov e a princesa Iuzakin, damas de honor da antiga corte, que conservavam relações em Petersburgo. O general mostrava-se de bom grado obsequioso com elas. Desde a sua chegada, André Ivanovitch teve a impressão de que o dono da casa

se tornara mais frio, não fazendo grande caso dele, e tratando-o com um ser estúpido. Desdenhosamente, dizia-lhe: *bom rapaz; escute, amigo*; e até o tratava por tu.

Isto acabou por exasperar Tentiétnikov. Contendo-se, apertando os dentes, teve, não obstante, a serenidade suficiente para proferir em tom muito cortês, enquanto o rubor lhe subia ao rosto e ele fervia interiormente:

— Muito lhe agradeço, general, a sua benevolência. Ao tratar-me por tu, incita-me a uma estreita amizade que me obriga a tratá-lo da mesma maneira; mas a diferença de idades opõe-se a relações tão familiares entre nós.

O general perturbou-se. Reunindo muito a custo as suas ideias, declarou não ter empregado aquele tratamento em tal sentido: um velho podia, em certas ocasiões, tratar um jovem por tu (Não fez qualquer alusão ao seu posto).

A partir daquele momento, as suas relações acabaram e o amor morreu ao nascer. A luz que, por um instante, brilhava diante de Tentiétnikov, apagou-se, tornando mais sombrio ainda o subsequente crepúsculo. Esta foi, desde então, a existência descrita no princípio deste capítulo: as horas passava-as sem fazer nada, reclinado no divã. A porcaria e a desordem introduziram-se-lhe em casa. A vassoura permanecia um dia inteiro no meio dos compartimentos cheios de lixo. Umas calças andavam aos pontapés pelo salão; engordurados tirantes repousavam numa elegante mesa, perto do sofá, como uma oferta aos visitantes. André Ivanovitch foi-se desmazelando até um ponto, que não só a sua gente deixou de o respeitar, mas até as galinhas chegavam a picá-lo. Com a pena na mão desenhava maquinalmente, durante horas inteiras, árvores

retorcidas, casitas, isbas, trenós, *troikas*... Às vezes, porém, a pena tracejava por si só, por impulsos do seu dono, uma cabecita de finos traços, de olhar vivo, de boquinha provocadora, e o desenhador, surpreendido, via surgir o retrato daquela a quem nenhum artista teria sabido pintar. Então, persuadido de que a felicidade não existe na terra, tornava-se ainda mais taciturno, mais apático.

Tal era o estado de alma de André Ivanovitch Tentietnikov.

Um dia em que, segundo o seu costume, se tinha sentado perto da janela para distrair-se, surpreendeu-se por não ouvir o Gregório nem a Perfilievna; pelo contrário, no pátio reinava certa agitação. O moço da cozinha e a mulher da esfrega correram a abrir o portão, que deu passagem a uns cavalos exatamente parecidos com os que apresentam os arcos de triunfo: três cabeças à frente, uma à direita, outra à esquerda e outra ao centro. Na boleia, o cocheiro e um lacaios com amplo sobretudo, cingido com um lenço de algibeira. Atrás sentava-se um cavalheiro com gorro e capote, envolto o pescoço num abafo de cores garridas. Quando a carruagem deslizou em frente da escadaria, pôde ver-se que era uma caleche ligeira, de molas. O cavalheiro, de aparência muito distinta, saltou em terra, com presteza e agilidade quase militares.

André Ivanovitch quase teve medo; julgou-se em presença de um funcionário. É preciso dizer que, na sua mocidade, se tinha visto embrulhado num caso extraordinário. Dois hussardos filósofos, atochados de leituras, um estafeta falido e um jogador inveterado, fundaram uma sociedade filantrópica sob a direção suprema de um patifório maçã, também jogador, mas muito eloquente. A sociedade visava a um fim grandioso: assegurar a felicidade do género humano, desde Tamis a Kamchatka. Tomavam-se necessárias somas



consideráveis; os oferecimentos de membros generosos eram abundantes. Para onde ia todo aquele dinheiro? Só o diretor supremo o sabia. Tentietnikov fora levado para aquela sociedade por dois amigos seus, que pertenciam à classe dos espíritos rebeldes, bons rapazes, cujos brindes demasiado frequentes pela ciência, pela instrução e pelo progresso, os converteram em perfeitos borrachos. Depressa reagiu e rompeu com aquele meio. A sociedade, porém, tinha-se comprometido já por certos atos pouco dignos de cavalheiros, de tal modo que, até depois de ter acabado todas as relações com aqueles indivíduos, Tentietnikov não se considerava muito seguro.

Não obstante, o seu temor desvaneceu-se quando o visitante, de cabeça ligeiramente inclinada, o saudou com perfeita desenvoltura e, conservando uma atitude de deferência, explicou em breves mas precisos termos que percorria há tempos a Rússia, tanto para tratar de assuntos particulares como para se instruir. No nosso país abundavam objetos curiosos, sem falar das numerosas indústrias e da diversidade do solo. A pitoresca situação do solar tinha-o seduzido; em todo o caso, não se atreveria a importunar o seu feliz possuidor se, em consequência das chuvas primaveris e do mau estado dos caminhos, o seu coche não tivesse sofrido uma avaria, que exigia o auxílio de ferreiros e de outros artistas. Por outro lado, ainda que a sua caleche não sofresse dano algum, não teria podido renunciar ao prazer de testemunhar a sua consideração pelo dono da casa.

Terminado o seu discurso, o visitante, que calçava elegantes botinas lustrosas com botões de nácar, inclinou-se com galantaria e,

apesar da sua corpulência, recuou um pouco, com a ligeireza de uma bola de borracha.

Tranquilizado, André Ivanovitch tomou a personagem por um sábio professor que, sem dúvida, percorria a Rússia com o fim de recolher plantas ou fósseis. Imediatamente lhe demonstrou o seu desejo de o auxiliar em tudo; pôs à sua disposição ferreiros e carreiros, pediu-lhe que se instalasse como em sua casa, fez com que se sentasse num poltrona e dispôs-se a ouvi-lo discursar sobre ciências naturais.

Mas o visitante espraizou-se mais sobre acontecimentos de natureza íntima. Comparou a sua existência à de um esquife açoitado por pérfidos ventos; mencionou que mudara várias vezes de emprego; que sofrera muitas injustiças; que, até, várias vezes os seus inimigos tinham atentado contra a sua vida. Referiu, ainda, uma multidão de coisas que o retratavam como homem prático em negócios. A modos de conclusão, assoou-se ao lenço com tal somido de trompeta, que André Ivanovitch nunca tinha ouvido outro semelhante. Sucede, às vezes, que um velhaco instrumento produz, quando funciona, a impressão de ressoar, não na orquestra, mas no nosso ouvido. Um ruído semelhante percorreu os compartimentos da casa adormecida, seguido imediatamente por um perfume de água de colônia, espargido pelo lenço de cambraia, agilmente desdobrado.

O leitor, sem dúvida, terá adivinhado já que o visitante não era outro senão o respeitável Pavel Ivanovitch Tchichikov, por nós abandonado no caminho. Tinha envelhecido um pouco; via-se que o tempo decorrido não carecera para ele de tormentas nem de alarmes. O seu próprio fraque parecia um pouco amarfanhado, e a

caleche, o cocheiro, o criado, os cavalos, os arneses, pareciam deteriorados, gastos. Os seus negócios também não deviam ter sido prósperos. A fisionomia, porém, os modos, o exterior, não tinham mudado. Até se mostrava ainda mais desembaraçado nos seus passos e na apresentação, e cruzava as pernas, ao sentar-se, com mais naturalidade. A sua entoação era mais suave, as palavras mais circunspectas. Dava prova em tudo do maior tato e da maior urbanidade. O seu colarinho e peitilho eram de uma candura imaculada e, embora chegasse de viagem, nem um grão de pó lhe sujava o fraque. Poder-se-ia tê-lo convidado, ato contínuo, para um jantar de gala. As faces e o queixo estavam tão bem barbeados, que era preciso ser cego para não admirar o agradável saliente que formavam os seus contornos arredondados.

A casa sofreu em seguida uma transformação. Metade, até então condenada à escuridão, com todas as contrajanelas fechadas, foi restituída a luz. Nos compartimentos, já cheios de claridade, tudo começou a ordenar-se e em breve tomou o seguinte aspeto: no quarto de dormir havia os objetos necessários para o penteado de noite; o que devia servir de gabinete... Mas, primeiro, é necessário saber que este compartimento tinha três mesas: uma secretária diante do canapé; uma mesa de jogo entre as janelas, em frente do espelho; uma cómoda a um canto, entre a porta da alcova e uma sala de espera, em que, havia um ano, não entrava ninguém e que servia agora de sala de visitas. Sobre a cómoda foram depositas as roupas que saíam da mala, a saber: as calças do fraque; outras novas; outras cinzentas; dois coletes de terciopelo, dois de seda, e a sobrecasaca. Tudo isto foi coberto com um lenço de seda. No outro ângulo, entre a porta e a janela, ficou alinhado o calçado; algum,

com certo uso, outro, flamante, os sapatos de verniz e as chinelas. Também isto foi pudicamente velado por um lenço de seda. Na secretária foram colocados em perfeita ordem: o tinteiro e as penas, um frasco de água de colónia, um almanaque e dois segundos tomos de novelas. A roupa branca foi metida na cómoda; fez-se um embrulho com o que tinha de ir para a lavadeira, para o meter debaixo da cama, bem como a maleta, uma vez vazia. A espada, que servia para meter medo aos salteadores de estrada, pendurou-se num prego, não longe da cama. Tudo adquiriu uma desusada aparência de ordem e limpeza. Nem um bocado de papel nem uma pena nem a menor imundície no soalho. Até o ar parecia purificado, e impregnou-se do agradável cheiro a um homem saudável e asseado, que muda com frequência de roupa interior, que toma banho e que se fricciona aos domingos com uma esponja molhada. Durante algum tempo, ficou na sala de espera o fedor do lacaio Petrushka; este, porém, foi depressa mandado para a cozinha, como era justo.

Nos primeiros dias, André Ivanovitch, temendo pela sua independência, conjeturou acerca dos incómodos que lhe ocasionaria o hóspede. Não teria de alterar os seus costumes e transtornar o emprego do seu tempo, tão sensatamente distribuído? Estes temores foram vãos. Pavel Ivanovitch amoldou-se a tudo com uma rapidez extraordinária. Aprovou a filosófica placidez do dono da casa, dizendo que era o melhor processo de morrer centenário. Exaltou com lindas palavras a solidão, inspiradora dos grandes pensamentos. Deitou uma olhadela para a biblioteca e fez o elogio dos livros, que arrancam o homem à ociosidade. Falou pouco, mas sentenciosamente. Demonstrou ainda maior tato no seu proceder.

Chegava no momento oportuno; retirava-se ele próprio, sem fatigar o hospedeiro com as suas palavras, quando não estava disposto a conversar; de bom grado jogava as damas com ele, e de bom grado, também, guardava silêncio. Enquanto um lançava do seu cachimbo baforadas que se espanejavam em azuladas espirais, o outro, que não fumava, imaginava um passatempo adequado; tirava, por exemplo, do bolso uma tabaqueira de prata cinzelada e, apertando-a entre os dedos da mão esquerda, fazia-a girar rapidamente com um dedo da direita, do mesmo modo que uma esfera se move em redor do eixo, ou então passava os dedos por cima dela, fazendo-a sibilar. Em conclusão: não molestava o seu hospedeiro.

— Vejo, pela primeira vez, um homem com o qual se pode viver — dizia Tentiétnikov. — É uma arte que se pratica pouco entre nós. Não carecemos de boas pessoas, inteligentes, instruídas; mas de pessoas de caráter sempre igual; com quem se possa viver largo tempo sem questionar, duvido que se encontrem muitas entre nós. É a primeira que encontro.

Tal era a opinião de Tentiétnikov acerca do seu hóspede. Tchichikov, por seu lado, felicitava-se por ter escolhido para residir a casa de um homem tão sossegado, tão pacífico. Já estava cansado da vida nómada. Repousar, embora fosse apenas um mês, era excelente, até sob o ponto de vista higiénico.

Com efeito, dificilmente se teria achado melhor lugar para repouso. A primavera, largo tempo demorada pelos frios, começava em toda a sua beleza, e a vida renascia por toda a parte. Já azulavam as clareiras do bosque; já sobre a fresca esmeralda da eiva tenra florescia o dente de leão, e a anémoma inclinava a sua delicada corola, cor de lilás rosado. Enxames de moscardos, legiões de

insetos, invadiam os pântanos; a aranha-de-água perseguia-os e, com ela, pássaros de toda a espécie, chegados de todos os lados, reunidos nos canais secos. Os lagos, os rios desbordantes, enchiam-se de patos e de outras aves aquáticas.

Em breve a terra se animou, as selvas despertaram, as campinas começaram a reflorir. Não faltava o espaço para retouçar. Que vivos tons na verdura! Que frescura no ar! E que trilos e gorjeios nos jardins! Um verdadeiro paraíso, pleno de alegria. Os campos cantavam e vibravam como para o himeneu.

Tchichikov saía muitas vezes. Abundavam os sítios para passeios. Tão depressa explorava o plaino que coroava as alturas e contemplava o panorama dos vales, inundados em muitos pontos, de onde imergiam, como ilhas escuras, os bosques despojados ainda de folhas, como se internava no intrincado da floresta e nos seus precipícios, nos quais os maciços das árvores carregadas de ninhos davam abrigo aos corvos, cujos bandos, ao voar, obscureciam o céu. Podia, a pé enxuto, ir até o cais, de onde saíam as primeiras barcaças carregadas de ervilhas, de cevada, de trigo, enquanto a água afluía com estrépito às rodas do moinho, que principiava a funcionar. Ia ver os primeiros trabalhos primaveris; admirava a zona escura que os recentes labores agrícolas traçavam na mancha de verdura, enquanto o hábil sementeiro, batendo com as mãos no canudo colocado ao peito, repartia o grão aos punhados» esparzindo-o igualmente à direita e à esquerda.

Tchichikov via tudo. Conversava com o feitor, com o moleiro, com os camponeses. Tudo era para ele objeto de perguntas: a marcha dos trabalhos, a quantidade de trigo vendido, a que se destinava na primavera e no outono para a moenga, o nome de

cada agricultor, suas relações de parentesco, a compra de uma vaca, a criação de um cevado. Informava-se, também, do número de camponeses mortos: era pouco elevado. Homem perspicaz, observou rapidamente que a propriedade de André Ivanovitch era explorada de um modo deplorável: por toda a parte a inércia, a incúria, o roubo, a embriaguez. Tchichikov pensava: «Que besta é este Tentietnikov! Deixar arruinar uma herdade que podia dar-lhe cinquenta mil rublos de rendimento!».

Várias vezes, durante estes passeios, ocorreu-lhe a ideia de chegar a ser — não imediatamente, claro está, mas mais tarde, quando chegasse a bom termo a sua principal empresa e dispusesse de recursos — de chegar a ser o pacífico dono de uma propriedade assim. Naturalmente, via-se já casado com uma jovem de faces mimosas, pertencente a uma família de negociantes ou a outra classe rica, e que até soubesse música. Imaginava também uma descendência que perpetuasse a raça dos Tchichikov: um rapaz turbulento e uma linda menina; ou, melhor, dois rapazes e até três raparigas, para que todo o mundo soubesse que, realmente, ele tinha vivido e existido e não passado pela terra como uma sombra. Então, dizia para si que também não seria mau subir de posição e chegar, por exemplo, a conselheiro de Estado, título respeitável e honroso... Quem sabe o que pode ocorrer a um homem que passeia, os sonhos que o fazem esquecer por um instante a triste realidade, que o solicitam, que o serrazinam, que lhe excitam a imaginação e que lhe são queridos, ainda que esteja persuadido de que não hão de realizar-se jamais?

O campo agradou ao pessoal de Pavel Ivanovitch, que, como o seu amo, se encontrava ali como o peixe na água. Petrushka em

breve travou amizade com o despenseiro Gregório, embora, a princípio, afetassem mútua aversão. Petrushka quis deslumbrar Gregório, enumerando os lugares que tinha visitado; este, porém, tapou-lhe a boca com Petersburgo, que o outro não conhecia. Petruska, para desquitar-se, argumentou com a distância dos sítios em que estivera; mas Gregório citou alguns nomes que não estavam no mapa, localizados a mais de trinta mil *verstas*, com tal segurança, que o criado de Pavel Ivanovitch ficou de boca aberta e teve que suportar a troça da criadagem. O caso arrumou-se, apesar disso, com uma estreita amizade. No extremo da povoação, Pimen, o *calvo*, aparentado com todos os camponeses, tinha uma taberna com o nome de *Akulka*; os dois compadres converteram-se em dois fregueses assíduos; ali se viam a todas as horas do dia.

Selifan experimentou uma atração diferente. Na aldeia, todas as noites se cantavam toadilhas e se bailava em honra da primavera. Esplêndidas moçoilas, robustas como dificilmente hoje se encontram nas grandes povoações, faziam-lhe arregalar os olhos durante horas inteiras. O que lhe teria custado era indicar a mais formosa. Todas tinham o peito e o pescoço brancos, grandes olhos sensuais, um andar arrogante e umas tranças que lhes chegavam à cintura.

Quando, com as brancas mãos entre as suas, rodava lentamente com elas; quando avançava com outros moços para as raparigas de voz sonora, que cantavam sorrindo: *Boiardos, ensinai a noiva*, enquanto a noite, em redor, tombava docemente e, ressoando para além do rio, o eco das cantigas repercutia melancólico — não sabia o que se passava. Tanto acordado como desperto, tanto de manhã como ao fim da tarde, parecia-lhe estar sempre tomando parte na roda e ter mãos brancas entre as suas.



A nova morada agradou também aos cavalos de Tchichikov. O da sela, o Assessor e até o *Picaço*, acharam a estância muito agradável, a aveia excelente e a disposição das cavalariças particularmente cómoda. Cada um deles tinha a sua manjedoura, em separado, é verdade, mas, através do tabique, viam-se os outros cavalos, de maneira que, se um deles, embora o mais afastado, tinha ganas de relinchar, podia responder-se-lhe imediatamente.

Resumindo: todos se sentiam como em sua casa. Quanto à operação pela qual Pavel Ivanovitch percorria a vasta Rússia, quer dizer, as almas mortas, este tornara-se muito reservado, até quando tratava com autênticos imbecis. Tentietnikov lia, filosofava, esforçava-se por explicar a si próprio a causa e a razão das coisas. «Mais vale tentar apanhá-lo por outro processo» dizia o nosso homem.

Palestrando frequentemente com os criados, soube, entre outras coisas, que o senhor visitava dantes o seu vizinho general; este tinha uma filha; o senhor e a menina gostavam um do outro; em consequência, porém, de um desaguizado, já se não encontravam. Ele próprio tinha observado que André Ivanovitch desenhava muitas vezes, a lápis e à pena, cabeças sempre idênticas.

Uma vez, depois de almoçar, fazendo girar, como de costume, a sua tabaqueira de prata, Tchichikov disse:

— O senhor tem tudo, André Ivanovitch. Só lhe falta uma coisa.

— O quê? — perguntou o outro, lançando uma baforada do seu cachimbo.

— Uma companheira — disse Tchichikov.

André Ivanovitch ficou silencioso. A conversa terminou assim.

Tchichikov não se desconcertou; escolheu outro momento, desta vez antes de cear e, falando de umas coisas e doutras, disse de repente:

— Com efeito, André Ivanovitch, o senhor faria bem em casar-se.

Tentietnikov não respondeu palavra. Este assunto, sem dúvida, era-lhe desagradável.

Tchichikov não se deu por vencido. Pela terceira vez, voltou à carga, depois de cear.

— Não obstante, examinando a sua situação em todos os seus aspetos, entendo que deveria casar-se. De outra maneira, espreita-o a hipocondria.

Ou porque, desta vez, as palavras de Tchichikov fossem persuasivas ou porque a disposição de Tentietnikov o arrastasse particularmente para as confidências, suspirou e disse, depois de ter lançado uma baforada de fumo.

— Para tudo é preciso nascer com sorte, Pavel Ivanovitch!

E referiu com todos os pormenores a história do seu rompimento com o general

Depois de ter escutado a narração do princípio ao fim e comprovado que só o tratamento por tu havia dado origem ao incidente, Tchichikov ficou surpreso. Durante um minuto, olhou Tentietnikov nos olhos, não sabendo que pensar dele. Era um perfeito imbecil ou, simplesmente, um trocista?

— André Ivanovitch! — disse, por fim, tomando-lhe as mãos. — Por favor! Isso é um insulto? Que há de injurioso na palavra *tu*?

— A palavra, em si, nada tem de injurioso — disse Tentietnikov — mas o sentido que se lhe atribuiu, o tom com que foi

pronunciada, constituem um insulto. *Tu* significa: «Lembra-te de que não és grande coisa; recebo-te unicamente porque não há aqui outra pessoa melhor; quando chegar, porém, uma princesa Iuzakin, coloca-te a distância; não passes além do umbral». Eis o que significa!

Dizendo estas palavras, os olhos do bom Tentiétnikov cintilavam; notava-se-lhe na voz a irritação do amor-próprio ferido.

— Contudo, ainda nessa aceção, que importa isso? — disse Tchichikov.

— Como! Queria o senhor que, depois de semelhante procedimento, continuasse a visitá-lo?

— É que isso não é procedimento — respondeu, fleumático, Tchichikov.

— Como não é? — perguntou Tentiétnikov, surpreendido.

— Não é procedimento; é, simplesmente, um hábito do general. Os generais tratam toda a gente por tu. Por outro lado, por que não permitir isso a um homem respeitável, que bem mereceu da pátria?

— Não é a mesma coisa — disse Tentiétnikov. — Se, em lugar de um arrogante general, se tratasse de um pobre velho, ter-lhe-ia permitido que me tratasse por tu, e até o teria aceitado com respeito.

«Que imbecil!», pensou Tchichikov. «Deixar-se tratar assim por um miserável e não por um general!»

— Bem — replicou em alta voz. — Admitindo que o tenha insultado, o senhor desafiou-se, pagando-lhe na mesma moeda. Mas zangar-se, cortar relações por uma futilidade, desprezando os seus próprios interesses, perdoe-me o senhor, mas é... Quando se

marca um objetivo, é preciso alcançá-lo; contra o vento e contra a maré. Para quê, mostrar que está ofendido? Isto acontece sempre; o homem é feito assim. O senhor não encontrará no mundo um ser que não ofenda outro.

«Que original é este Tchichikov!», pensava Tientietnikov, perplexo, reprimido pelas suas palavras.

«Que original é este Tientietnikov!», dizia para si Tchichikov.

— André Ivanovitch, vou falar ao senhor como a um irmão. O senhor carece de experiência; deixe-me tratar-lhe deste assunto. Amanhã irei visitar Sua Excelência e explicar-lhe-ei que a atitude do senhor provém de um erro, da sua ignorância do mundo e da vida.

— Não tenciono rojar-me diante dele — disse Tientietnikov, ofendido — e não poderia dar-lhe licença para isso.

— Eu sou incapaz de me rojar — replicou Tchichikov, ofendido por sua vez. — Posso cometer uma falta, como é próprio do homem; mas uma baixeza, jamais! Perdoe o senhor as minhas boas intenções, André Ivanovitch; nunca esperei que as minhas palavras fossem tomadas num sentido que tanto o mortificou.

Tudo isto foi dito com um sentimento de dignidade.

— Perdão! — apressou-se a dizer Tientietnikov, pegando-lhe nas mãos. — Não o quis ofender. As suas intenções comoveram-me, juro-lhe. Deixemos, porém, esta questão. Nunca mais tornemos a falar nisto.

— Nesse caso, irei, apesar de tudo, ver o general.

— Para quê? — perguntou, perplexo, Tientietnikov, olhando-o nos olhos.

— Para lhe apresentar os meus cumprimentos.

«Que original é este Tchichikov!», pensou Tientietnikov.

«Que original é este Tentiétnikov!», pensou Tchichikov.

— Irei a sua casa amanhã, às dez, André Ivanovitch. Em meu entender, quanto mais depressa lhe apresentar cumprimentos, melhor. Como a minha caleche ainda não está reparada, permita-me o senhor que tome de empréstimo a sua.

— Para quê esse pedido? O senhor, aqui, manda. Tudo quanto há nesta casa, incluindo as carruagens, está à sua disposição.

Depois desta conversa, deram-se as boas noites e foram deitar-se, não sem meditar cada um deles nas madurezas do outro.

Não obstante, coisa estranha!, na manhã seguinte, depois de se ter engatado e de Tchichikov, com agilidade quase militar, de sobrecasaca a gravata branca, ter subido para a caleche, a fim de apresentar cumprimentos ao general, Tentiétnikov sentiu-se dominado por uma agitação que não conhecia já há muito tempo. As suas ideias, de curso sonolento, deram lugar a uma atividade inquieta. Uma turbacão febril se apoderou rapidamente dos sentimentos daquele ser, até então indolente e apático. Estendeu-se num canapé; aproximou-se da janela, pegou num livro e deixou-o para pensar. Trabalho perdido. Não podia coordenar as ideias. Esforçava-se por não pensar em nada. Vã tentativa. Fragmentos de ideias, reminiscências vagas, surgiam de qualquer lado e insinuavam-se no seu espírito.

— É estranho o que sinto! — disse, aproximando-se da janela, para ver a caleche que atravessava o azinhal. Uma nuvem de pó, que não tinha tido tempo de se dissipar, flutuava ainda a distância.

Mas deixemos Tentiétnikov para seguir Tchichikov.



## 2

Os cavalos eram excelentes. Em pouco mais de meia hora, percorreram as dez *verstas* que separavam os dois solares. Depois de atravessar o azinhal e, a seguir, terrenos lavrados em que o trigo começava a verdejar, a carruagem empreendeu um caminho em ziguezague, de onde se avistavam a cada instante novos horizontes e, por uma larga alameda de tílias, já com pouca folhagem, chegou ao coração da propriedade do general. Às tílias sucederam os plátanos, protegidos na parte inferior do tronco por grades de junco entrançado. A alameda torcia à direita para conduzir a um portão de ferro forjado, através do qual se divisava, repousando sobre oito colunas coríntias, o brasão ricamente esculpido da casa senhorial. Um olor a pintura revelava que ali não se deixava envelhecer nada. Pela sua limpeza, o pátio parecia um soalho. Tchichikov desceu do coche com deferência, fez-se anunciar e foi introduzido no gabinete do general, cujo aspeto majestoso o surpreendeu. Betrishev vestia um roupão de seda lavrada, de uma magnífica cor de púrpura. O olhar franco, o rosto viril, bigode e grandes patilhas, a nuca barbeada sob os cabelos cortados à escovinha, o cachaço gordo, um dos tais cachaços chamados de três andares, com uma prega ao meio. Em suma: era um desses generais de que foi tão rico o famoso ano de 1812.

Como muitos de nós, o general Betrishev juntava a uma multidão de boas qualidades uma grande quantidade de defeitos. Umas e outros abundavam nele, numa desordem pitoresca. Nos momentos decisivos, magnanimidade, bravura, generosidade sem

limites e uma inteligência penetrante. Ao lado disto, caprichos, amor-próprio e suspicácias, às quais não escapa nenhum russo, quando não tem que fazer. Não gostava de nenhum daqueles que lhe tinham passado para a direita na escala, e exprimia-se a seu respeito de um modo acerbo, com epigramas contundentes. Detestava, sobretudo, um antigo camarada, que julgava inferior a ele em inteligência e capacidade; mas que, não obstante, o tinha ultrapassado e era já governador geral de duas províncias, precisamente aquelas onde estavam situadas as propriedades de Betrishev, o qual se encontrava, por assim dizer, na sua dependência. Desferrava-se atacando-o sem cessar, criticando as suas ordens e vendo em todos os seus atos o cúmulo da sem-razão. Tudo nele era estranho, a começar pela instrução, de que, todavia, era um zeloso defensor. Gostava da adulação, do brilho, de saber tudo o que os outros ignoravam e desdenhava dos que conheciam coisas ignoradas por ele. Resumindo: pavoneava-se sinceramente com a sua inteligência. Tendo recebido uma educação semiestrangeira, queria, ao mesmo tempo, desempenhar o papel de um grande senhor russo. Compreende-se que, com um caráter tão desigual, com tão flagrantes contrastes, experimentasse na sua carreira muitas contrariedades, em consequência das quais se demitiu, tornando responsável dos seus desgostos uma camarilha hostil, sem ter a franqueza de acusar-se a si-próprio, fosse no que fosse. No seu retiro, tinha conservado o mesmo semblante uniformemente majestoso, quer envergasse sobrecasaca, jaquetão ou bata. Desde a voz até o menor gesto, tudo nele era autoritário, imperioso, inspirando aos inferiores, senão deferência, pelo menos timidez.



Tchichikov experimentou ambas as coisas. Com a cabeça respeitosamente inclinada, estendidos os braços como se se dispusesse a levantar uma bandeja carregada de taças, fez uma reverência das de maior êxito, e disse:

— Cheio de respeito pelos bravos que salvaram a pátria nos campos da batalha, é para mim um dever apresentar-me a Vossa Excelência.

Este preâmbulo pareceu não desagradar ao general. Depois de uma inclinação de cabeça, das mais acolhedoras, respondeu:

— Muito gosto em o conhecer. Faça favor de se sentar. Onde serviu o senhor?

— Comecei a minha carreira nas finanças — respondeu Tchichikov, sentando-se numa poltrona, não ao meio, mas ao lado, com o braço apoiado no da cadeira. — Depois continuei-a em diferentes lugares: nos tribunais, nas alfândegas, fazendo parte de uma comissão de construções. A minha vida, Excelência, pode comparar-se a um navio açoitado pelas ondas. Sou, por assim dizer, a encarnação da paciência. Enquanto aos inimigos que atentaram contra a minha vida, nem as palavras nem as cores nem sequer os pincéis poderiam dar uma ideia; de maneira que, no declinar da existência, procuro apenas um cantinho onde passar o que me resta para viver. Atualmente, estou em casa de um próximo vizinho de Vossa Excelência.

— Quem?

— Tentietnikov.

O general tomou um aspeto sombrio.

— Ele lamenta muito não ter demonstrado a deferência devida...

— A quem?

— Aos méritos de Vossa Excelência. Não encontra palavras... Se pudesse, ao menos, de qualquer modo... — disse — pois eu sei apreciar os heróis que salvaram a pátria.

— Por favor! Eu não estou aborrecido — disse, complacente, o general. — No fundo, estimo-o sinceramente, e estou certo de que, com o tempo, chegará a ser um homem útil.

— Tendes razão em absoluto, Excelência: um homem dos mais úteis. Tem o dom da palavra e sabe manejar a pena.

— Escreve, sem dúvida, tolices, versos?

— Não, não. Excelência! Alguma coisa de mais sério... Escreve... história.

— Que história?

— A história... — Tchichikov deteve-se e, ou fosse porque estava diante de um general ou fosse para dar maior relevo ao assunto, acrescentou: — A história dos generais. Excelência.

— Que generais?

— Os generais em conjunto... Isto é, falando propriamente, a história dos nossos generais.

Tchichikov ficou entalado; pouco faltou para cuspir de raiva, e disse para si: «Estás tonto, meu velho».

— O senhor dê-me licença; não compreendo bem... É a história de uma época, ou biografias separadas? Trata-se de todos os generais russos, ou somente dos que tomaram parte na campanha de 1812?

— Justamente dos de 1812, Excelência. — E, enquanto dizia isto, pensava: «Eu morra se percebo alguma coisa».

— Então, porque não vem até cá? Eu poderia fornecer-lhe documentos muito curiosos.

— Ele não se atreve, Excelência!

— Que tolice! Por uma fútil palavra trocada entre nós... Eu não sou assim. Até estaria disposto a retribuir-lhe a visita.

— Não se deixará ele adiantar — disse Tchichikov, que tinha recobrado o seu aprumo, e pensava: «Caramba! Os generais vieram a propósito! E eu que não cuidava senão em passar o tempo».

Ouviu-se um roçagar no gabinete. Abriu-se a porta de nogueira de um armário esculpido e, com a mão no puxador de cobre, apareceu no quadro uma figura viva. Se no sombrio compartimento tivesse bruscamente surgido um quadro luminoso, a rapidez de tal aparição surpreenderia menos que aquela figura. Adivinhava-se que tinha ido para dizer alguma coisa, mas que a retina a presença de um desconhecido. Um raio de sol pareceu entrar ao mesmo tempo que ela e alegrar o triste gabinete do general. Era impossível determinar o seu país de origem; impossível encontrar em qualquer parte, salvo, talvez, nos antigos camafeus, um perfil tão puro, tão nobre. Direita e ligeira como uma flecha, parecia dominar todo o mundo com a sua estatura; a perfeita harmonia de todas as partes do seu corpo produzia esta ilusão. O seu vestido assentava-lhe como se as melhores costureiras se tivessem concertado para a enfeitarem. Outra ilusão: em dois ou três pontos, a agulha, segundo parece, tinha reunido um retalho de fazenda lisa e colocara-o em volta do seu corpo com uma elegância tal, que, se a pintassem em companhia de outras senhoras vestidas à última moda, estas pareceriam mal ataviadas, ao pé dela. E, se a esculpisses em mármore, com todas as pregas daquele vestido que a modelava, ter-

nos-íamos julgado em presença de uma suprema obra de arte... Um só defeito: era demasiado alta e delgada.

— Apresento-lhe a minha menina mimada — disse o general, dirigindo-se a Tchichikov. — Perdão, ignoro ainda o seu nome.

— Valerá a pena conhecer o nome de um homem que se não distingue pelas suas virtudes? — disse modestamente Tchichikov.

— Não obstante, é preciso sabê-lo.

— Pavel Ivanovitch — disse Tchichikov, inclinando-se com desenvoltura quase militar e recuando com a ligeireza de uma bola de borracha.

— Ulineka — disse o general —, Pavel Ivanovitch acaba de me comunicar uma novidade muito interessante. O nosso vizinho Tentietnikov não é tão parvo como supúnhamos. Prepara uma obra importantíssima: a história dos generais de 1812.

— Quem o julgava parvo? — proferiu ela rapidamente. — Isso e muito mais é Vishnepokromov, esse inútil e vil sujeito em quem tens tanta confiança.

— Inútil será; vil, não! — disse o general.

— Não só inútil, mas até feio e abjeto. Quem desgraçou os irmãos e expulsou a irmã da casa paterna é um miserável.

— Tudo isso não passa de murmurações.

— Acerca destas coisas, não se murmura sem motivo. O que eu não compreendo, pai, é que, tendo tão bom coração e uma alma tão generosa, tu possas receber um homem que é inferior a ti e cuja maldade conheces.

— Vê o senhor? — disse o general, sorrindo, a Tchichikov. — Sempre discutimos assim. — E voltando-se para a filha: — Querida filha, eu não posso pô-lo fora da porta.

— Está bem. Mas para que rodeá-lo de tantas atenções? Para que estimá-lo?

Aqui, Tchichikov julgou oportuno arriscar uma palavra.

— Todos os seres querem ser estimados, minha senhora. Até os próprios animais gostam de carícias. Através das ripas do estábulo, assomam o focinho para que o afaguem.

O general desatou a rir.

— É isso, precisamente! Ah! Ah! Ah! Tem tudo o cavalo, todo o corpo enlambuzado de lodo; mas reclama também, como se diz, uma carícia... Ah! Ah! Ah!

Uma grande gargalhada sacudiu o busto do general; os seus ombros que, noutros tempos, tinham ostentado pesadas charlateiras, agitaram-se como se ainda as suportassem.

Tchichikov teve também um acesso de riso; mas, por deferência para com o general, executou-o sobre a letra *e*: «Eh! Eh! Eh!». O seu busto foi igualmente sacudido pelo riso; os ombros, no entanto, que nunca tinham trazido charlateiras, não se mexeram.

— Ah! Ah! Ah! O animal rouba, saqueia o tesouro a mãos cheias, e por cima reclama uma recompensa! «É preciso que me deem coragem», diz; «todo o trabalho merece retribuição». Ah! Ah! Ah!

— Nunca ouvistes, Excelência, falar do que significa: *Deseja-nos com o queixo barbudo e saberás desejar-nos com a pele escanhoadas?* — disse Tchichikov, dirigindo-se ao general com sorriso matreiro.

— Não, não estou ao corrente.

— É uma saborosa anedota, Excelência. No solar do príncipe Gukzovski, que Vossa Excelência conhecerá sem dúvida...

— Não conheço.

— Imaginai, Excelência, que o diretor, um jovem alemão, devia, por motivo de apresentação dos recrutas e de outros assuntos, dirigir-se à cidade, para falar com pessoas de representação, untar-lhes o bico. — Tchichikov piscou o olho, teve um gesto expressivo. — Eles também, por seu lado, obsequiaram-no; de modo que, uma vez, jantando em companhia deles, disse-lhes: «Bem, meus senhores, é preciso que apareçam um dia em casa do príncipe!». «Está combinado!», responderam eles. Pouco depois, o tribunal teve que proceder a diligências no mesmo lugar, acerca de um caso relacionado com as terras do conde Triojmetiev, que Vossa Excelência conhece certamente.

— Não conheço.

— Em vez de averiguar, dirigiram-se a casa do administrador e, durante três dias e três noites, jogaram às cartas sem descanso. O samovar e o jarro do ponche não saíram de cima da mesa. O velho administrador do conde já estava farto; e, para se ver livre deles, disse-lhes: «Meus senhores, são horas de visitar o diretor do príncipe; vive muito perto daqui e espera-os». «Efetivamente, convidou-nos!». Ato contínuo, os pândegos, mortos de sono e sem se barbearem, subiram para o coche e dirigiram-se a casa do alemão. Este, porém, Excelência, acabava de se casar. Tinha-se casado com uma jovem senhora, recentemente saída do colégio, formosíssima e *subtil*. — Tchichikov acompanhou com um jeito do rosto a *subtileza*. — Encontrando-se, por assim dizer, em plena lua de mel, dispunham-se a tomar o chá como dois cordeirinhos. Subitamente, abre-se a porta e irrompe por ali dentro o bando.

— Deviam ficar com uma linda cara! — disse o general.

— O alemão ficou tão surpreendido, Excelência, que perdeu a cabeça. «Que desejam os senhores?». «Ah, é assim que nos recebe?». Mudança de cenário; outros modos; outras palavras. «Vamos a saber: que quantidade de aguardente se destila na propriedade? Mostre-nos o senhor os livros». O outro quis tergiversar, mas foi prontamente preso, amarrado e levado para a cidade, onde passou dezoito meses na prisão.

— Bah! — disse o general.

Ulineka cruzou as mãos.

— A mulher dele fez diligências, Excelência. Que pode, porém, uma jovem que não foi submetida, por assim dizer, ao crisol da existência? Por sorte, encontrou pessoas de bem que lhe aconselharam um acordo amistoso. O alemão libertou-se com mil rublos e um convite para jantar. Durante a refeição, quando todos, incluindo o anfitrião, estavam já tocados, disseram-lhe eles: «Vês? Fomos desagradáveis para ti. Tu querias ver-nos barbeados. Não; deseja-nos com os queixos barbudos e saberás desejar-nos com a pele escanhoadas».

O general prorrompeu em gargalhadas.

O nobre e encantador rosto da jovem tomou uma expressão dolorosa.

— Ai, papá! Não compreendo como podes rir-te. Esses atos desonrosos só me inspiram tristeza. Quando vejo que uma velhacaria se pratica abertamente diante dos olhos de todos, sem que essas pessoas sejam castigadas com o desprezo público, não sei que sinto; irrito-me e até fico furiosa.

Pouco lhe faltou para chorar.

— Peço-te que te não enfades connosco — disse o general. — Nós não podemos fazer nada para evitar estas, coisas. Não é verdade? — perguntou a Tchichikov. — Dá-me um beijo e vai-te embora. Vou vestir-me para jantar. Espero que comas comigo — disse a Tchichikov, olhando-o fixamente.

— Com efeito, Excelência, eu não sei se...

— Nada de cerimónias. Graças a Deus, ainda posso oferecer a sopa e a carne.

Com os braços afastados, Pavel Ivanovitch inclinou a cabeça, numa atitude de respeitosa gratidão, de tal modo que, por um instante, perdeu de vista todos os objetos da sala, não divisando senão a ponta das suas botinas. Quando passou um momento nesta postura deferente, ergueu-se. Ulineka tinha desaparecido. Em seu lugar, encontrava-se um gigantesco criado de quarto, com o rosto adornado de patilhas e espessos bigodes, que segurava nas mãos uma bacia de prata e um jarro de água.

— Permites que me arranje na tua presença?

— Vossa Excelência pode não só arranjar-se, mas -até fazer diante de mim tudo o que quiser.

Baixando com uma das mãos o roupão e arregalando a camisa sobre os vigorosos braços, o general começou a chapinhar a água, ficando como um pato. A água e o sabão pingavam por todos os lados.

— Como é isso? — disse, esfregando o pescoço. — *Deseja-nos com a pele escanhoadá...*

— *Com o queixo barbudo*, Excelência...

— *Deseja-nos com o queixo barbudo e saberás desejar-nos com a pele escanhoadá*. Perfeitamente! Com efeito, a gente gosta



de ser amimado! Desejam-se as carícias, pois sem elas não se poderia roubar. Ah! Ah! Ah!

Tchichikov achava-se num estado de alma difícil de descrever. Repentinamente, teve uma inspiração. «O general é um simplório. Experimentemo-lo», disse para si; e vendo que o criado de quarto se tinha retirado, exclamou:

— Excelência, já que sois tão benevolente para todos, permiti-me pedir-vos um grande favor.

— O quê?

— Tenho um tio valetudinário, que possui trezentas almas e dois mil hectares. Sou o seu único herdeiro; e embora a sua decrepitude lhe não consinta administrar as propriedades, não mas quer transmitir. Calcule que alega uma engraçada razão. «Eu não conheço o meu sobrinho», diz ele; «talvez seja um estroina. Que me prove a sua honestidade, comprando primeiro, ele próprio, trezentas almas, e eu lhe cederei então as minhas trezentas».

— Mas, sendo assim, é um perfeito imbecil? — perguntou o general.

— Isto ainda não é nada. Há outra coisa. Imagine a minha situação, Excelência: o velho tem uma governanta e esta tem filhos; receio que tudo seja para eles.

— O velho imbecil perdeu a cabeça. O que eu não sei é em que possa ser útil ao senhor — disse o general, dirigindo a Tchichikov um olhar de surpresa.

— Eis no que eu pensei, Excelência. Se Vossa Excelência me cedesse, como se estivessem vivas, todas as almas mortas da sua propriedade, redigindo uma escritura em devidos termos, eu apresentaria essa escritura ao velho e ele faria de mim seu herdeiro.

O general prorrompeu em gargalhadas como talvez, nenhum homem jamais o tivesse feito. Tal como estava, caiu sobre uma cadeira, com a cabeça deitada para, trás, a ponto de sufocar. Toda a casa se alvoroçou. A jovem apareceu, assustada.

— Que foi, papá? — perguntou, espavorida, perplexa, fitando-o nos olhos.

O general permaneceu alguns instantes sem poder articular palavra.

— Não é nada, minha filha. Podes retirar-te. Vamos agora mesmo jantar. Vai descansada. Ah! Ah! Ah!

E o riso do general, várias vezes reprimido, ressoou com nova força, desde a sala de espera até o último compartimento da casa.

Tchichikov estava inquieto.

— Como o tio vai ficar vigarizado! Ah! Ah! Ah! Receberá mortos em lugar de vivos! Ah! Ah! Ah!

«Já reagiu», pensou Tchichikov. «É muito impressionável. Contanto que não lhe rebente alguma coisa!»

O general ria a bom rir.

— Que palerma! Onde é que se viu semelhante exigência? Que comece ele próprio por adquirir, sem dinheiro, trezentas almas e então lhe darei outras trezentas. É um asno!

— Um asno, excelência!

— E a tua manha de apresentar ao velho almas mortas! Ah! Ah! Ah! Daria não sei o quê para lá estar quando tu lhe apresentasses a escritura. É já muito velho?

— Oitenta anos.

— Mas ainda deve estar conservado, para ter uma governanta com ele.

— Não, Excelência. Aquilo está a desfazer-se...

— Mas que idiota! Porque é um idiota, não é?

— Um idiota. Excelência.

— E sai? Frequenta a sociedade? Ainda se aguenta nas pernas?

— Sim, mas com dificuldade.

— Que idiota! Mas é, ao menos, robusto? Tem dentes ainda?

— Só tem dois.

— Grande asno! Não tomes a mal, querido... Embora seja teu tio, é um asno.

— Um asno, Excelência. Como parente, custa-me muito estar de acordo; a verdade, porém, acima de tudo.

Tchichikov mentia. Não lhe custava nada estar de acordo, tanto mais que, sem dúvida, nunca tivera esse tio.

— De maneira que, Excelência, cede-me...

— As almas? Só por esse stratagem dou-tas, com a terra e com as residências. Toma conta de todo o cemitério. Ah! Ah! Ah! O velho! Ah! Ah! Ah! Caramba! Boa partida pregas ao teu tio! Ah! Ah! Ah!

E o riso do general ressoou de novo por todo o solar.

### 3

«Se o coronel Koshkariov está realmente doido, não há nisso nenhum inconveniente», disse consigo Tchichikov, vendo-se de novo em pleno campo. Só se divisavam espaços infinitos que se confundiam com a abóboda celeste, onde flutuavam algumas nuvens.

— Tomaste bem conta, Selifan, no caminho que temos de seguir para irmos a casa do coronel Koshkariov?

— Não tive tempo, Pavel Ivanovitch; estava ocupado com a reparação da caleche; mas Petrushka perguntou ao cocheiro.

— Perdeste o juízo? Quantas vezes te tenho dito que não peças informações a Petrushka? Petrushka é uma besta, uma cavalgadura, e a esta hora, com certeza, está cozendo a bebedeira.

— Isto não é caso de bruxaria — disse Petrushka, voltando-se um pouco e com o olhar errabundo. — Salvo que, ao descer a encosta, teremos de meter pelos campos, não tem nada que saber.

— E tu, salvo a aguardente, não molhaste o gasganete? Valhate o diabo!

Depois disto, Tchichikov acariciou o queixo, pensando: «Que diferença há, com efeito, entre um espírito cultivado e um reles laçao!».

O caminho, entretanto, começava a descer. Outra vez apareceram as campinas e os tufos de álamos.

Brandamente embalada pelas flexíveis molas, a pacífica sege descia com precaução a suave ladeira, para meter, por fim, pelos campos, ao largo dos moinhos, com um surdo rumor quando

transpunha uma ponte, um leve balanceio sobre o chão macio e dando solavancos quando encontrava covas.

Todavia, Tchichikov não sentia a menor sacudidela, como se fosse sentado numa cadeira.

Passavam entre duas filas de salgueiros e prateados álamos, que pareciam afastar-se à sua passagem, fustigando com os ramos Selifan e Petrushka, sentados na boleia. A cada instante, este deixava cair o gorro. O rude serviçal saltava em terra, rogando pragas à árvore idiota e àquele que a tinha plantado. Contudo, sempre com a esperança de que se não repetisse o incidente, não se decidia a enfiar o gorro nem sequer a levá-lo na mão.

Às árvores já referidas vinham agora juntar-se o choupo, o plátano e o pinheiro. O bosque obscurecia-se, como se quisesse fundir-se com a noite. Em breve, porém, entre os ramos e os troncos, cintilavam regueiros de luz, como espelhos refulgentes. As árvores foram rareando, os rastos de luz alargando-se... e os viajantes encontraram-se em presença de um lago, líquida planura de quatro *verstas* de diâmetro. Dominando-a, na margem oposta, estendia uma aldeia as suas choupanas de madeira cinzenta. Ouviram-se gritos. Duas dezenas de homens, com a água até a cintura e até os ombros, arrastavam para a margem uma imensa rede, em que, por uma estranha aventura, se tinha metido, ao mesmo tempo que o peixe, um indivíduo tão alto como largo, rotundo, muito cheio, uma verdadeira melancia, um tonel. Via tudo quanto se passava e gritava em alta voz:

— Dionísio, o *pesado*: passa o teu cabo a Kuzma! Kuzma: pega no cabo de Dionísio! Não puxes com tanta força! Tomaz, o *grande*:

ajuda Tomaz, o *pequeno!* Com menos força, a ver, com menos força; assim rompes a rede!...

O tonel, como se vê, não tinha receio por ele; a sua rotundidade não o deixava afogar-se. Teria querido submergir-se e, apesar de todos os esforços, a água fazia-o flutuar. Ainda que mais duas pessoas o cavalgassem, sobrenadaria como uma bexiga teimosa, gemendo um pouco debaixo do seu peso e lançando bolhas de ar pelo nariz. O que ele temia, porém, era que a rede se rompesse e que o peixe escapasse. Também ele se fez arrastar por meio de cordas, atiradas por vários homens que estavam na margem.

— Esse deve ser o coronel Koshkariov — disse Selifan.

— Porquê?

— Porque tem o corpo mais branco que os outros e uma respeitável obesidade. Vê-se logo que é um senhor.

— Entretanto, já haviam tirado o homem da rede, perto da margem. Quando compreendeu que já tinha pé, ergueu-se e divisou então a caleche que descia para o dique, e Tchichikov dentro dela.

— O senhor jantou? — gritou, aparecendo na margem com o peixe apanhado, o senhor, ainda envolvido no aparelho, como, no estio, a mão de uma dama surge de uma *mitene*. Tinha uma das suas servindo-lhe de umbela sobre os olhos, para o resguardar do sol, e a outra mais abaixo como a *Vénus de Médicis* saindo do banho.

— Não — disse Tchichikov, descobrindo-se e cumprimentando, ainda na caleche.

— Então, graças a Deus!

— Que aconteceu? — perguntou Tchichikov com curiosidade.

— O senhor já vai ver!... Tomaz, o *pequeno*: deixa a rede e mostra-nos o esturjão! Dionísio, o *pesado*, vem ajudar-me!

Dois pescadores tiraram do balde a cabeça de um peixe enorme.

— Que monstro, não?! Vem diretamente do rio — gritou o homem gordo. — Mas entre o senhor! Cocheiro! Vai pelo caminho de baixo, através da horta. Tomaz, o *grande*: corre a abrir a grade. Andai, andai, que ele vos ensinará o caminho. Eu volto já.

*Pés descalços*, em camisa, e Tomaz, o *grande*, foram a correr à frente da caleche, através de toda a aldeia, onde, diante de cada casa, estavam a secar redes, nassas e tarrafas, pois todos os camponeses eram pescadores. Aberta a grade e através da horta, a caleche chegou a um largo, perto de uma igreja de madeira, atrás da qual apareciam os telhados das dependências.

«É original este Koshkariov!», pensou Tchichikov.

E voltou a cara. O homem gordo chegava, vestido com um redingote de *nanquin* esverdeado, umas calças amarelas, o colarinho sem gravata, feito um Cupido. Ia sentado de lado num cochezinho que a sua volumosa pessoa ocupava completamente.

Tchichikov gostaria de lhe ter dito alguma coisa; mas o homem gordo havia desaparecido já. O cochezinho reapareceu no lugar em que se pescara o peixe. De novo ressoaram as vozes:

— Tomaz, o *pequeno*! Tomaz, o *grande*! Kuzma! Dionísio!

Quando Tchichikov chegou à escadaria, ficou profundamente surpreendido ao encontrar ali o gordo senhor, que o recebeu de braços abertos. Tal celeridade era incompreensível. Deram um ao outro três abraços em cruz, segundo o antigo costume russo. O senhor do lugar era um homem de outros tempos.

— Trago ao senhor cumprimentos de Sua Excelência! — disse Tchichikov.

— De que Excelência?

— Do seu parente, o general Alexandre Dmitrievich.

— Quem é essa personagem?

— O general Betrishev — respondeu Tchichikov, um pouco surpreendido.

— Não conheço!

A surpresa de Tchichikov redobrou.

— Como? Suponho que tenho a honra de falar ao coronel Koshkariov.

— Não; está enganado! Graças a Deus, não é a casa dele que o senhor chega, mas à minha, Piotr Pietrovich Piotuj, Piotuj, Piotr Pietrovich!

Tchichikov ficou petrificado.

— Que significa isto? — disse, voltando-se para Selifan e Petrushka, que, com a boca e os olhos muito abertos, estavam, um na boleia, outro à portinhola da carruagem. — Que fizestes, imbecis? Mandei-vos ir a casa do coronel Koshkariov e eis-nos em casa de Piotr Pietrovich Piotuj!...

— Pois fizeram muito bem! Ide, ide à cozinha, e dar-vos-ão um bom copo de aguardente, bons rapazes! — disse Piotr Pietrovich Piotuj. — Desengatai já os cavalos e ide em seguida para a cozinha.

— Francamente, sinto escrúpulos; um equívoco tão inesperado... — disse Tchichikov.

— Qual equívoco! Primeiro, prove o senhor a comida; depois verá se foi realmente um equívoco. Entre, faça favor — disse Piotuj, tomando Tchichikov pelo braço.



Foram recebidos por dois rapazes em traje de verão, altos e delgados como juncos, um palmo mais altos que seu pai.

— Meus filhos; estudantes em férias... Nikolasha, acompanha este senhor; e tu, Alexasha, vem comigo.

O dono da casa desapareceu. Tchichikov conversou com Nikolasha, que demonstrou não prestar para nada. Logo às primeiras palavras, disse a Tchichikov que o colégio da cidade deixava muito a desejar; que seu irmão e ele desejavam ir a S. Petersburgo, pois, na província, a vida não merecia a pena ser vivida.

«Compreendo», pensou Tchichikov; «sonham com cafés e passeios.»

— Diga-me — continuou em voz alta —: em que estado se encontra a propriedade de seu pai?

— Hipotecada! — respondeu o próprio pai, regressando ao salão. — Hipotecada!

«E esta?!», refletiu Tchichikov. «Em breve não ficará uma só propriedade nas mãos do dono. É preciso andar ligeiro.»

— Pois fez mal o senhor hipotecando-a tão depressa — disse com ar compassivo.

— Não — replicou Piotuj —; até há quem diga que é vantajoso. Toda a gente assim procede. Como hei de ficar atrás dos outros? Além disso, tenho sempre assim vivido; agora desejo experimentar a vida de Moscovo; os meus filhos animam-me; querem aproveitar as luzes da capital.

«Que imbecil!», pensou Tchichikov. «Dissipará toda a fortuna e fará dos seus filhos uns estroinas. E, não obstante, é uma esplêndida propriedade! Segundo parece, nem eles nem os camponeses são dignos de pena. Uma vez iniciados estes

franganotes nos restaurantes e teatros, vai tudo pela água abaixo. Este bratinho podia viver tão bem no campo!»

— Já sei o que o senhor está a pensar — disse Piotuj.

— Que é? — perguntou, um tanto preocupado, Tchichikov.

— O senhor está a pensar: «Que imbecil é este Piotuj! Convidou-me para jantar e não está pronta a comida! Em breve estará, querido, em menos tempo do que necessita uma rapariga pelada para fazer a trança.

— Olha! Aí está Platon Mijailovich! — disse Alexasha, que olhava pela janela.

— Traz um cavalo baio — acrescentou Nikolasha.

— Onde? Onde? — inquiriu Piotuj, aproximando-se da janela.

— Quem é Platon Mijailovich? — perguntou Tchichikov a Alexasha.

— É o nosso vizinho, Platon Mijailovich Platonov, um homem encantador — respondeu este.

Nisto, viu-se entrar Platonov em pessoa, um belo mocetão, esbelto, de cabelo crespo, de um louro-claro. Fazendo tilintar a coleira de cobre, apareceu atrás dele um enorme cão, chamado *Iarbas*.

— O senhor jantou? — perguntou o dono da casa.

— Jantei.

— Quer caçar comigo?

— Esteja descansado; não comi nada, não tenho apetite.

— Se visse como correu a pesca! Que grande esturjão nós apanhámos!

— Como me custa ouvi-lo! Por que está sempre alegre?

— Ora essa! Por que havia de estar triste?

— Porque a vida não tem encanto nenhum.

— O senhor não come nada; aí tem a razão. Trate de comer bem. O fastio é uma invenção recente. Dantes, ninguém se aborrecia.

— Basta de palavreado! Como se o senhor nunca se aborrecesse!

— Nunca! Jamais! Ignoro o que seja o aborrecimento; falta-me tempo para isso. Acorda uma pessoa pela manhã; chega o cozinheiro; é preciso dar ordens sobre a comida. Toma-se o chá; apresenta-se o feitor; em seguida, vamos pescar, e eis-nos chegados à hora do almoço. Apenas se cabeceia um pequeno sono, logo se trata dos preparativos para o jantar... Quando quer o senhor que eu me aborreça?

Durante a conversa, Tchichikov observava o recém-chegado, admirando nele, mais que a formosura e a esbelteza, a frescura de uma juventude intacta, a casta pureza de umas feições que não eram desfeadas pela mais insignificante particularidade. Nem as paixões nem a tristeza nem até a aparência da menor perturbação ou inquietude tinham ousado atacar aquele rosto virginal. Mas também a vida estava dele ausente; permanecia inerte, sonolento, apesar do sorriso irónico que, por vezes, o animava.

— Eu também, permita-me o senhor que lho diga — interveio Tchichikov. — Eu não compreendo que, com um aspeto como tem, o senhor possa aborrecer-se. Certamente, quando se necessita de dinheiro ou quando os inimigos ameaçam a nossa vida...

— Asseguro-lhe — interrompeu o visitante — que, às vezes, para variar, desejaria ter um motivo de inquietação... Se, ao menos,

alguém me irritasse! Não é nada disso, porém. Aborreço-me, eis tudo!

— Talvez o senhor não tenha bastantes terras...

— Não é nada disso. Eu e o meu cunhado possuímos dez mil hectares e mais de mil colonos.

— É curioso! Não percebo! Talvez o senhor tivesse uma colheita má; talvez uma epidemia lhe tenha arrebatado muita gente...

— Não, não. As nossas herdades acham-se em estado florescente. O meu cunhado é um proprietário modelo.

— E aborrece-se o senhor! Decididamente, não compreendo — disse Tchichikov encolhendo os ombros.

— Espere um pouco; vamos afugentar-lhe o tédio! — disse Piotuj. — Alexasha: vai à cozinha e dize ao cozinheiro que nos traga já a empada. Que fazem Emílio, o *cabeçudo*, e Antoshka, o *ladrão*? Por que diabo não trazem os aperitivos?

Mas a porta abriu-se. Emílio, o *cabeçudo*, e Antoshka, o *ladrão*, apareceram, de toalha em punho, e puseram a mesa, na qual depositaram uma bandeja com seis garrafas de bebidas multicolores. Em breve as garrafas foram rodeadas por um rosário de pratos, guarnecidos de apetitosas vitualhas. Os criados manifestaram grande agilidade, trazendo sem cessar novos pratos cobertos, através dos quais se sentia crepitar a manteiga... Emílio, o *cabeçudo*, e Antoshka, o *ladrão*, cumpriam maravilhosamente a sua tarefa. Estas alcunhas tinham-lhas posto a título de animação. O bom do seu amo não era de modo algum atreito a ralhar; o russo, porém, não pode passar sem palavras picantes; tem necessidade

delas como de vodka para a digestão. Que querem? E esta sua índole. Não gosta de nada insípido.

Aos aperitivos sucedeu a comida. O amável anfitrião transformou-se em cruel tirano. Mal um convidado ficava só com um bocado no prato, já Piotuj lhe colocava outro, dizendo:

— Sem companhia, nem homem nem pássaro podem viver na terra.

Ao que tinha dois, juntava-lhe um terceiro, alegando: «Não é bom o número dois! Nunca dois sem três!».

Colocava ao convidado as três rações e exclamava: «Onde é que o senhor viu um carro de três rodas? Quem constrói uma casa de três esquinas?».

Para o número quatro, tinha igualmente o seu dito; e para o cinco, também. Houve pratos dos quais Tchichikov teve de repetir uma dezena de vezes. «Uf! — pensava. — Agora vai deixar-me em paz!». Enganou-se. Piotuj, sem dizer nada, punha-lhe no prato uma talhada de vitela. E que vitela! Assada no espeto com toda a sua gordura.

— Foi criada dois anos a leite — dizia o anfitrião. — Cuidei dela como de um filho!

— Impossível! — disse Tchichikov.

— O senhor prove-a. Depois me dirá se é impossível.

— Digo-lhe que é impossível; já não tenho espaço para ela.

— Também não havia espaço na igreja; mas quando entrou o *gorodnitchi* (chefe da polícia), encontrou-o. E, não obstante, havia tanta gente, que uma maçã atirada ao ar não cairia no chão. Prove. Este bocado será como o *gorodnitchi*.

Tchichikov tentou; o bocado parecia-se, efetivamente, com o *gorodnitchi*.

«E o desgraçado quer ir para Petersburgo ou para Moscovo! Pois, hospitaleiro como é, daria cabo de tudo em três anos!», pensava Tchichikov, ignorando que, nesta época, se aperfeiçoou tudo isso, e não há necessidade de hospitalidade para se arruinar uma pessoa, não digo em três anos, mas em três meses.

Os vinhos não foram mais poupados. A abarrotar de dinheiro tomado de empréstimo, Piotr Petrovitch tinha-se abastecido para dez anos. Não fazia mais que encher os copos. O que os convidados não acabavam, dava-o a Alexasha e a Nikolasha, que esvaziavam copos atrás de copos. Via-se já que espécie de conhecimentos humanos atrairiam a sua atenção quando chegasse à Capital.

Os convidados não podiam mais. Com grande dificuldade se arrastaram até a varanda, instalando-se numas cadeiras. Tão depressa ocupou a sua, onde comodamente poderiam sentar-se quatro pessoas, o anfitrião adormeceu. A sua obesa pessoa, transformada em fole de ferreiro, começou a emitir pela boca aberta e pelas fossas nasais tais ruídos, que dificilmente os imaginaria um compositor moderno. Aquilo tinha alguma coisa de flauta, de tambor e de... alarido.

— Parece um órgão! — disse Platonov.

Tchichikov desatou a rir.

— Evidentemente — continuou Platonov — quando se come assim, o sono afugenta o fastio, não é verdade?

— Com certeza. Não obstante, e o senhor desculpe, não compreendo que alguém possa aborrecer-se. Há tantos recursos contra o aborrecimento.

— Quais?

— Não hão de faltar a um jovem... os bailes, a música... até o casamento.

— O casamento? Com quem?

— Como se faltassem por estes sítios raparigas ricas e bonitas.

— Não as há.

— Então é preciso procurá-las por outra parte... Viajar... — Uma feliz ideia acudiu de pronto à mente de Tchichikov. — Eis um excelente meio! — disse, fixando Platonov nos olhos.

— Qual?

— As viagens!

— E ir para onde?

— Se o senhor é livre, venha daí comigo — disse Tchichikov, que, olhando para Platonov, pensava: «Seria uma grande coisa. Poderíamos dividir as despesas e pôr na sua conta as reparações da caleche.

— E para onde vai o senhor?

— Provisoriamente, viajo; menos para tratar dos meus negócios que dos das outras pessoas. O general Betrishev, meu amigo íntimo e, posso dizer, meu benfeitor, pediu-me que visite os seus parentes... Os parentes, é certo, tem a sua importância; mas eu também trabalho por minha conta; pois ver o mundo e as suas ocorrências constitui, como um livro aberto, uma segunda ciência.

A este respeito, pensava Tchichikov: «Realmente, seria uma grande coisa! Até podia pagar todas as despesas e eu aproveitar os seus cavalos, enquanto os meus descansavam em casa».

«É verdade», pensava Platonov, «que eu, em casa, não tenho nada que fazer. O meu cunhado encarrega-se de tudo. A minha

ausência não causaria prejuízo algum. Porque não tentar?»

— Consentiria o senhor — disse em alta voz — em passar dois dias em casa do meu cunhado? De outro modo, não me deixará partir.

— Com muito gosto; e até três, se o senhor quiser.

— Então, está dito! Vamos embora! — disse Platonov, animando-se.

— Está bem; vamos.

— Aonde? Aonde? — exclamou o dono da casa, despertando e abrindo os olhos. — Não, meus ricos senhores. Mandei tirar as rodas da caleche, e o seu cavalo, Platon Mijailovich, foi enviado a quinze *verstas* daqui. Não, o senhor passa a noite em minha casa e amanhã, depois de almoçar, pode seguir.

Como resistir a um Piotuj? Tiveram que ficar, à força. Em compensação, proporcionou-se-lhes uma maravilhosa noite de primavera. O anfitrião organizou um passeio de barco. Remando e cantando, doze rapazes fizeram-lhes cruzar o lago, liso como um espelho. Entraram depois no rio, que se espraiava sem fim entre as margens de suave inclinação. A cada instante, passavam por debaixo de cordas atravessadas para a pesca. Nem uma prega arrepiava a superfície das águas; a paisagem desenrolava-se em silêncio; bosquezinhos de variado aspeto atraíam a cada passo os olhares. Os remadores, manejando em unísono os seus vinte e quatro remos, levantaram-nos em breve. O barco, entregue a si próprio, deslizava como um pássaro sobre a líquida estrada, de uma transparência cristalina. Um moço robusto, o terceiro a contar do timão, entoou com voz límpida e sonora uma canção cujas primeiras palavras dir-se-iam brotar da garganta de um rouxinol. Quatro dos seus



camaradas acompanhavam-no; os outros seis juntaram bem depressa as suas vozes ao coro. E a canção ia assim engrossando, vasta, potente, infinita como a Rússia. Piotuj, vibrando, cantava também, reforçando o coro quando este enfraquecia, e o próprio Tchichikov se sentia russo.

Só Platonov pensava: «A que vem esta lúgubre canção? Não faz mais que redobrar a minha angústia».

Regressaram tarde, pelo crepúsculo. Na obscuridade, os remos batiam cadenciadamente na água, onde já se não refletia o céu. Na margem para a qual se dirigiam havia fogueiras acesas. Em cima de umas trempes, pescadores faziam ferver uma sopa de percas, ainda palpitantes. O gado e a criação haviam-se recolhido aos apriscos; os pastores que os tinham conduzido estacionavam diante da porta, à espera de uma caneca de leite e de um prato de sopa. Ouvia-se na escuridão o rumor das vozes; uivos longínquos vinham das aldeias circunvizinhas. Nasceu a lua e a sombria paisagem começou a iluminar-se. Maravilhoso espetáculo! Mas ninguém reparava nisso. Em vez de lutar em velocidade sobre dois fogosos corcéis, Nikolasha e Alexasha sonham com Moscovo, com cafés, com teatros, de que lhes havia falado um dos seus amigos. O pai pensava no modo de obsequiar os convidados; Platonov bocejava. Tchichikov era o mais entusiasmado de todos. «Ainda um dia hei de comprar uma pequena propriedade», pensava, e já se julgava um venturoso pai de família.

À ceia, empanturraram-se de novo. Quando Pavel Ivanovitch, uma vez recolhido ao seu quarto e estendido na cama, apalpou a pança, disse:

— Está como um tambor! Não há *gorodnitchi* que possa caber dentro dela!

O acaso fez com que o alojassem ao lado do gabinete de Piotuj. O tabique era pouco espesso e percebia-se tudo o que se dizia no outro compartimento, À guisa de almoço, o anfitrião encarregava o cozinheiro de um autêntico festim, capaz de despertar o apetite a um morto. Ouvia-se continuamente:

— A fogo lento, hein? E bem regado, bem tostadinho!

E o falsete do cozinheiro fazia eco:

— Compreendido, senhor: bem tostadinho.

— O empadão, fá-lo quadrado — continuava Piotuj, com deliciado estalido de beiços. — De um lado, pões caras de esturjão e cartilagens de solho; do outro, uma boa massa de manteiga com cebola e cogumelos; depois, ovos, miolos e... e, enfim, já sabes o que te quero, dizer.

— Com certeza, senhor; com certeza.

— Tem cautela: quero que esteja de um lado bem crestadinho e do outro mais descorado. É preciso que a massa adira bem ao recheio, de modo que se não esmigalhe, que não fique a rugir nos dentes, mas que se derreta na boca como a neve na primavera.

Dizendo isto, Piotuj fazia estalar a língua e friccionava a barriga.

«Diabos o levem, que não me deixa descansar!», resmungou para si Tchichikov, tapando a cabeça com a colcha, para não ouvir mais nada. Inútil precaução! A voz de Piotuj atravessava o cobertor:

— A lardear o esturjão, pões rodelas de beterraba cortadas em forma de estrela, sardinhas, cogumelos e, enfim, já sabes: rabanetes, cenouras, vagens, enfim, bem guarnecido. Depois, arranja uma tripa de porco, de recheio. Mete-lhe um pedacinho de gelo para que a pele fique dura...

Piotuj encomendou ainda muitos outros manjares e repetia incessantemente.

— A fogo lento, hein? Bem regado, bem tostadinho?

Finalmente, Tchichikov adormeceu a pensar numa perna de carneiro assada.

Na manhã seguinte, os convidados empanturraram-se de tal maneira que Platonov não pôde montar a cavalo. O seu corcel foi levado por um palafrenero de Piotuj e eles subiram para a caleche. O cão de focinho comprido seguia-os indolentemente; também ele se enfiara.

— É demais! — disse Tchichikov quando já tinham saído do pátio.

— E não se aborrece! Isto é o cúmulo!

«Se eu tivesse, como tu, setenta mil rublos para gastar por ano», pensava Tchichikov, «não saberia o que era a falta de apetite. E dizer que Murazov, o arrendatário do álcool, se vê aflito com dez milhões!»

— Não se importa de que cheguemos a casa de minha irmã e de meu cunhado? Queria despedir-me deles.

— Com muito gosto! — respondeu Tchichikov.

— É o primeiro proprietário da região. Tira, meu querido senhor, duzentos mil rublos de rendimento anual, de uma propriedade que não produzia vinte mil há oito anos.

— Ah! Com certeza é um homem muito respeitável. Tenho grande curiosidade em conhecê-lo. Como se chama?

— Kostanioglo.

— E que apelidos?

— Constantino Fiodorovich.

— Encanta-me a ideia de o conhecer. Estudar um homem assim não pode deixar de ser proveitoso.

Platonov encarregou-se de guiar Selifan, o que era bem preciso, pois este mal se segurava na boleia. Petrushka caiu duas vezes do carro. Houve necessidade de o atar. «Que bruto!», repetia Tchichikov.

— Repare o senhor — disse Platonov. — Aqui principiam as terras do meu cunhado. Tudo tem já outro aspeto.

Efetivamente, através da gleba via-se uma plantação de árvores tenras, direitas como fusos; depois destas, outras, um pouco mais crescidas; a seguir, uma alta espessura. Continuado, atravessaram campos onde os trigos se anunciavam magníficos, após o que novos tratos de floresta, em que as árvores se sucediam pela mesma ordem, desde as mais novas até as mais idosas. Os nossos viajantes transpuseram, como se fossem muralhas, três zonas assim dispostas.

— Veja o senhor. Ele consegue, em oito ou dez anos., um resultado que os outros não alcançam em vinte.

— Como o consegue?

— Pergunte-lhe. É um agrónomo distinto. Não se contenta com estudar a natureza do solo: sabe a vizinhança que lhe convém e quais as árvores convenientes para aí serem cultivadas. Tudo em sua casa serve para vários fins. Além da sua própria riqueza, os bosques proporcionam certa umidade aos campos, emprestam-lhes uma grande beleza e fornecem-lhes adubo das suas folhas. Embora a seca e a escassez reinem à sua volta, ele não sofre nunca tais contratempos. É pena que eu não esteja muito senhor deste assunto

e que não saiba contar-lhe... Há coisas em sua casa... Chamam-lhe feiticeiro. Tudo isto, porém, é muito aborrecido...

«Com efeito, é um homem surpreendente!», pensava Tchichikov. «Por desgracia, este rapaz é um superficial e não sabe informar-me...»

A povoação surgiu, por fim, mostrando os numerosos casebres alcandorados em três outeiros, coroados por três igrejas. Medas enormes de palha erguiam-se por toda a parte. «Bem se vê» — dizia para si Tchichikov — «que estamos em casa de um mestre, em assunto? de agricultura». As *isbas* estavam todas solidamente edificadas; as ruas, amplas; os carros, novos e sólidos: os mujiques, encontrados à passagem, tinham ares de pessoas inteligentes; os animais de chifre eram exemplares selecionados; até os porcos mostravam um aspeto de nobreza. Ali, sem dúvida, viviam aqueles camponeses que, como diz a canção, recolhem o dinheiro com palhas. Nada parecido com um parque inglês; nada de canteiros com toda a espécie de flores; mas, à moda antiga, uma alameda formada por celeiros e armazém, estendia-se até a casa senhorial, a fim de que o dono pudesse ver o que se fazia em redor dele. No alto do telhado, levantava-se um miradouro, destinado não a adorno da casa, mas à vigilância dos trabalhadores nos campos distantes.

Os que chegaram foram recebidos por expeditos criados, muito diferentes do bêbado Petrushka, embora estes, à guisa de fraque, vestissem casacas de pano azul de fabricação doméstica. A senhora da casa acudiu à escadaria. Radiantemente formosa, de uma tez cor de açucena-rósea, parecia-se com Platonov como duas gotas de água, só com a diferença de não ser indolente como ele, mas alegre e comunicativa.

— Bons dias, meu irmão; estou contente por te ver. Constantino não está em casa; mas não tarda a chegar.

— Onde está?

— Foi à vila, onde tem que fazer — disse, fazendo entrar os hóspedes.

Tchichikov examinava com curiosidade a residência daquele homem extraordinário, que arrancava da sua propriedade duzentos mil rublos de rendimento. Das qualidades da casa, julgava inferir as do dono como por uma concha se reconstitue a ostra ou o caracol, que viveu antes nele e aí deixou a forma do seu corpo. Todos os aposentos eram singelos, até vazios; nem frescos nem quadros nem bronzes nem flores nem armários carregados de porcelanas. Nem sequer livros. Numa palavra: tudo demonstrava que a vida do ser que ali residia deslizava melhor nos campos que entre quatro paredes, que não amadurecia as suas ideias antes de as executar, confortavelmente instalado junto da lareira, numa boa poltrona; onde lhe acudiam à mente no teatro da ação e aí mesmo se transformavam em atos. Nos compartimentos, Tchichikov pôde ver apenas vestígios de um trabalho feminino; nas mesas e nas cadeiras apareciam tabuleiros de tília, onde se tinham posto a secar pétalas de flores diversas.

— Que porcarias são estas, minha irmã? — disse Platonov.

— Porcarias, isto? — replicou a dona da casa. — Olha: aqui tens o melhor remédio contra a febre. O ano passado curámos com ele os nossos trabalhadores. Estas ervas darão um excelente licor; aquelas aromatizam as conservas. Ris-te sempre dos doces e das conservas; mas, quando os provas, gostas bem deles.

Platonov aproximou-se do piano e pôs-se a examinar as músicas.

— Meu Deus, que velharias! Não tens vergonha, minha irmã?

— Mil perdões, meu irmão, mas não posso desperdiçar o meu tempo. Tenho uma filha de oito anos e, não te zangues, mas não a confiarei a uma professora estrangeira, só para consagrar à música as minhas horas de ócio.

— Como te tornaste aborrecida, palavra! — disse Platonov, aproximando-se da janela. — Ah, aí o temos! — exclamou.

Tchichikov precipitou-se para a janela e divisou um homem de quarenta anos, vivo, moreno, com gorro de terciopelo e jaqueta de pele de camelo. Via-se que não se preocupava com o arranjo da sua pessoa. Ao seu lado, de gorro na mão, caminhavam dois indivíduos de baixa condição, que lhe falavam. Um deles era um simples camponês; o outro, um negociante de cereais, caloteiro, que por ali se encontrava de passagem, vestindo um capote azul. Os três pararam junto da escadaria. A sua conversa ouvia-se dentro de casa.

— Primeiro, resgatai-vos do vosso senhor; eu empresto-vos o dinheiro e vós pagar-me-eis em trabalho.

— Não, Constantino Fiodorovich, resgatarmo-nos para quê? Tome-nos ao seu serviço. Na sua casa, a gente aprende a ter bom comportamento. Por desgraça, agora é impossível contermo-nos. Os taberneiros servem-nos essas amaldiçoadas beberagens! Depois de um copito, temos desejos de beber um quartilho. Nem chegamos a dar conta de que já não temos um centavo. As tentações abundam. É o espírito do mal que deve dirigir o mundo, palavra! Tudo contribui para desencaminhar o desgraçado povo; o tabaco e o resto. Que

quer o senhor, Constantino Fiodorovich? O homem é fraco e não pode resistir.

— Olha bem para o que te digo. Na minha casa não se é livre. É verdade que, ao entrar nela, se recebe tudo, cavalo e vaca; em contra partida, sou exigente como ninguém. Antes de mais nada, é preciso trabalhar. Eu próprio trabalho como um boi e os meus camponeses também, pois, amigo, a experiência me tem ensinado que é precisamente nas horas da folga que acodem à cabeça de uma pessoa todas as asneiras. Discuti esse caso lá entre vós, antes de tomardes uma resolução.

— Já discutimos, Constantino Fiodorovich. Os velhos têm razão: todos e cada um dos seus trabalhadores são ricos; por alguma coisa há de ser. Além disso, os seus sacerdotes são compassivos. Tiraram-nos os que tínhamos e já não há ninguém para enterrar a gente.

— Contudo, vai falar com os teus companheiros.

— Não há dúvida...

— Vamos, Constantino Fiodorovich, seja razoável: faça-me uma reduçõzinha... — continuou o negociante de capote azul.

— Não gosto de regatear, já te disse. Não sou desses proprietários a cuja porta bateis nas vésperas de apuros. Bem vos conheço, a ti e aos da tua laia. Tendes uma relação de devedores com a data dos vencimentos. É muito simples. Apertados pela necessidade, cedem-te por metade do preço o que desejas. Mas eu, que precisão tenho do teu dinheiro? Posso guardar três anos os meus produtos agrícolas e não devo nada a ninguém.

— Está bem, Constantino Fiodorovich. O que eu dizia era apenas para fazer negócio com o senhor. Aqui tem mil rublos de



sinal.

O negociante tirou do seio um maço de sebatas notas do banco. Kostanioglo pegou neles fleumaticamente e, sem as contar, guardou-as no bolso posterior do capote.

«Hum!», pensou Tchichikov. «Como se fosse um lenço!»

Kostanioglo apareceu à entrada do salão. A sua tez morena, os seus fortes cabelos negros, prematuramente grisalhos nalguns sítios, a vivacidade dos seus olhos e um certo ar atrabiliário, que denotava um sangue feroso e uma origem meridional, surpreenderam ainda mais Tchichikov. Kostanioglo não era verdadeiramente russo; ignorava, porém, a origem dos seus antepassados, coisa, no seu entender, supérflua e sem qualquer valor prático.

Julgava-se russo e não conhecia outra língua além da russa.

Platonov apresentou Tchichikov. Os dois homens deram o abraço ritual.

— Para curar a minha hipocondria, Constantino, tenho ideias de viajar — disse Platonov — e Pavel Ivanovitch prontificou-se a acompanhar-me.

— Muito bem! — disse Kostanioglo. — E onde pensaram ir os senhores? — acrescentou, dirigindo-se com afabilidade a Tchichikov.

— Confesso — disse este, com a cabeça graciosamente inclinada e acariciando um braço da poltrona — que viajo menos por causa dos meus interesses próprios que pelos dos outros. O general Betrischev, meu amigo íntimo e posso dizer que meu protetor, pediu-me que visitasse os seus parentes... Os parentes, é certo, têm sua importância; mas eu também tiro o meu proveito, pois, sem falar do que se ganha higienicamente, ver o mundo e as suas vicissitudes constitui como que um livro aberto, uma ciência experimental.

— Sim, certos lugares merecem ser visitados.

— Tem o senhor razão. Vêm-se coisas que não teriam sido vistas; encontram-se pessoas que não se encontrariam. Uma conversa é, às vezes, um tesouro; por exemplo, a ocasião que neste momento se nos proporciona... Eu recorro ao senhor, respeitável Constantino Fiodorovich: instrua-me; ensine-me; acalme esta minha sede de saber. Espero as suas palavras como se fossem maná.

— Mas que posso eu ensinar-lhe? — disse Constantino, contrariado. — Eu sou muito pouco instruído.

— A cordura, querido senhor, a cordura, a arte de manejar o difícil timão de uma propriedade rural; de conseguir sólidos lucros, de adquirir bens autênticos e não imaginários, cumprindo, assim, o meu dever de cidadão e merecendo a estima dos nossos compatriotas.

— Sabe o que o senhor pode fazer? — disse Kostanioglo, olhando para ele, enquanto refletia. — Passe um dia em minha casa. Eu lhe mostrarei como tudo funciona. Verá, então, o senhor que não há nisto nada de feitiçaria.

— Sim, fique — disse a dona da casa, que, dirigindo-se ao irmão, acrescentou: — Fica connosco, nada to impede.

— É-me indiferente. Que lhe parece, Pavel Ivanovitch?

— Por mim, ficarei, com grande prazer... Apenas um parente do general Betrishev, um tal coronel Koshkariov...

— Está maluco!

— Talvez. Eu não iria vê-lo, mas o general Betrishev, meu amigo íntimo e, posso dizê-lo, meu protetor...

— Nesse caso, é muito simples — disse Constantino. — Vá o senhor vê-lo; não tem que andar mais de dez *verstas*. O meu carro

está engatado. Vá o senhor imediatamente e estará de volta à hora do chá.

— Excelente ideia! — exclamou Tchichikov, pegando no chapéu.

Subiu para a caleche. Dali a meia hora achava-se em casa do coronel. Toda a aldeia estava revolvida de cima a baixo: edifícios em construção, montes de cal, azulejos, vigas, em todas as ruas. Uma fileira de casas pareciam repartições públicas. No frontispício de uma estava escrito, em letras de ouro: *Depósito de máquinas agrícolas*. Noutra: *Comissão dos negócios rurais; Escola de ensino normal para os aldeãos*. Deus sabe que mais ainda.

Tchichikov encontrou o coronel num gabinete do solar, de pé, em frente de uma secretária, com uma pena entre os dentes. Koshkariov, que parecia uma excelente pessoa, das mais afáveis, recebeu-o muito agradavelmente e começou a expor-lhe as dificuldades que tinha vencido para levar a propriedade ao seu atual estado de prosperidade.

Lamentava-se, compungido, de quanto lhe havia custado a fazer compreender aos rústicos a superior satisfação que produzem no homem o luxo delicado, a arte, a pintura. Não conseguira ainda que as aldeãs usassem corpete, quando, na Alemanha, onde acampara com o seu regimento em 1918, a filha de um sapateiro até sabia tocar piano. Não obstante, apesar da teimosia da ignorância, esperava conseguir que o camponês da sua aldeia lesse, enquanto trabalhava, as *Geórgicas*, ou ainda qualquer obra sobre os para-raios de Franklin ou sobre a análise química dos terrenos.

— Que tal! — pensava Tchichikov. — E eu que ainda não tive tempo de acabar *A Duquesa de la Vallière!*

O coronel dissertou ainda largamente acerca dos meios de levar aquela gente à prosperidade. O traje, em seu entender, tinha uma grande importância; jurava pela sua cabeça que bastaria convencer os *mujiques* russos a usar calças à europeia para que as ciências progredissem, para que florescesse o progresso e para que se iniciasse, na Rússia, uma idade de ouro.

Tchichikov escutava pacientemente, fixando Koshkariov nos olhos. Por fim, disse para si: «Com este figurão é impossível a gente zangar-se!». Logo a seguir, declarou ter necessidade de certas almas, mediante escritura em forma legal.

— Pelo que posso ajuizar das suas palavras — disse o coronel, sem se alterar — trata-se de uma requisição, não é verdade?

— Perfeitamente.

— Nesse caso, apresente-a por escrito. O pedido irá à secção de pareceres, que ma enviará com informação, após o que será remetida à *Comissão de negócios rurais*; dali, uma vez informada, irá ao diretor. Este, de acordo com o secretário...

— Por favor! — exclamou Tchichikov. — Isso demoraria sabe Deus quanto tempo! E como tratar por escrito um assunto de tal natureza? As almas são, bem entendido... defuntas.

— Muito bem. Escreva o senhor que as almas são, bem entendido, defuntas.

— É impossível. Embora estejam mortas, é preciso que figurem como vivas.

— Bem. Então, escreva o senhor: *é preciso, exige-se, quer-se, deseja-se* que figurem como vivas. Estes trânsitos são indispensáveis. Servem de testemunhas a Inglaterra e o próprio Napoleão. O encarregado acompanhá-lo-á a todas as partes.

Tocou a campainha e apareceu um sujeito. Era o secretário.

— Secretário! Chame o encarregado.

Apresentou-se o encarregado, meio camponês, meio escrevente.

— Acompanhe este senhor aos lugares que lhe forem necessários.

Por curiosidade, Tchichikov decidiu-se a ir com o encarregado aos lugares necessários. A secção de pareceres só existia na tabuleta; a porta estava fechada; o chefe, Jruliov, tinha sido transferido para a *Comissão de construções*, organismo recentemente instituído. O criado de quarto de Berezovski substituíra-o; mas também este se encontrava em exercício na *Comissão de construções*. Perguntaram pela *Comissão dos negócios rurais*; este departamento estava em vias de sofrer uma reforma. Um bêbado, a quem acordaram, nada pôde informar. «Esta casa é uma verdadeira Torre de Babel», disse, por fim, o encarregado a Tchichikov. «Comem a cabeça ao senhor. A *Comissão de Construções* mete-se em tudo; desvia toda a gente para os seus trabalhos e depois manda-a aonde lhe parece. Só tiram proveito dela os membros da *Comissão*.

O encarregado odiava, como se está a ver, a *Comissão de Construções*. Tchichikov não quis ver mais. Regressando, disse ao coronel que não entendia patavina de toda aquela embrulhada; a secção de pareceres não existia e a *Comissão de Construções* era uma cáfila de bandidos.

O coronel, dominado por uma nobre indignação, estreitou fortemente as mãos de Tchichikov, em sinal de reconhecimento. Pegando em seguida na pena, redigiu oito perguntas imperativas:

Com que direito a *Comissão de Construções* tinha disposto, arbitrariamente, de funcionários que não lhe pertenciam? Como podia tolerar o diretor geral que um chefe de repartição se tivesse ausentado, sem se fazer substituir nas suas funções? Como é que a *Comissão dos negócios rurais* pôde ver com indiferença a inexistência da secção de pareceres?

«Que complicação ele vai armar!», disse para si Tchichikov, que quis despedir-se logo.

— Não. Eu não posso deixá-lo retirar-se assim, sem mais nem menos. Está nisso empenhado o meu amor-próprio. Eu mostrarei ao senhor o que significa uma organização racional da economia agrícola. O seu caso vai ser recomendado a um homem que vale pelos outros todos: procede da Universidade. O senhor já está a ver que servos eu tenho! Para não perdermos um tempo precioso, rogo-lhe que me espere na biblioteca — disse o coronel, abrindo uma porta lateral. — Aí tem o senhor papel, penas e lápis. Aproveite-se deles; está em sua casa. A luz deve ser acessível a toda a gente.

A biblioteca era uma sala imensa, cheia de livros de alto a baixo. Até havia animais dissecados. Os livros referiam-se a todos os ramos da ciência: silvicultura, criação, horticultura: revistas especiais de todos os géneros; daquelas que se assinam, porque sim, mas que ninguém lê. Vendo que nenhuma daquelas obras tinha para ele qualquer interesse, Tchichikov procurou noutra armário. Nova decepção: eram livros de filosofia. Seis enormes volumes se lhe apresentaram com estes títulos: *Introdução preparatória ao domínio do pensamento; Teoria da generalidade, da concomitância e da essência aplicada ao entendimento dos princípios orgânicos da dissociação recíproca da produtividade pública*. Em todas as páginas

para que Tchichikov olhava tratava-se de *fenómeno*, de *evolução*, de *abstração*, de *percepção*, de *idiosincrasia*, Deus sabe de que mais ainda. «Isto é para mim» disse Tchichikov, voltando-se para um terceiro armário. Continha obras acerca das belas-artes. Pavel Ivanovitch alcançou um grosso volume cujas gravuras licenciosas de assuntos mitológicos o atraíam. Este género de gravuras agrada aos solteirões de certa idade e, às vezes, aos velhos, que ficam excitados, contemplando os bailes e outros espetáculos picantes. Terminado o exame deste livro, Tchichikov ia a pegar noutro do mesmo género, quando apareceu o coronel Koshkariov, com um ar radiante e um papel na mão.

— Está tudo feito e muito bem feito! O homem de quem falei ao senhor é um verdadeiro génio. Por isso o coloco acima de todos e fundarei só para ele um ministério. Repare o senhor que espírito luminoso e como ele resolveu tudo em alguns minutos.

«Louvado seja Deus!», pensou Tchichikov, dispondo-se a ouvir. O coronel começou a ler.

Depois de ter meditado acerca da missão de que Vossa Senhoria me encarregou... etc... etc... tenho a honra de declarar:

1.º — O pedido do senhor Conselheiro de Ministério Pavel Ivanovitch Tchichikov contém uma inexatidão de termos, pois, por inadvertência, as almas registadas são nele qualificadas de mortas. Ele, provavelmente, entende por isso almas próximas da morte; mas não mortas. Este apelativo indica, até, certa instrução empírica, limitada,

sem dúvida, a uma escola de ensino primário, pois a alma é imortal...

— Que tratante! — disse complacente Tchichikov, refletindo. — Arranha um bocado, mas temos de confessar que é uma pena hábil!

Em segundo lugar, não existem na propriedade almas registadas, livres de hipoteca, próximas ou não da morte, pois todas, sem exceção, foram não somente empenhadas, mas tornadas a empenhar com um acrescentamento de cento e cinquenta rublos por cabeça, exceto a aldeia de Gurmailovka, que se encontra embargada, em consequência de um pleito com o proprietário Predischev, e sobre o qual há, portanto, contestação, segundo aviso publicado no número 42 da *Gazeta de Moscovo*.

— Por que não me disse logo o senhor tudo isto? Para que perdeu tempo com bagatelas? — exclamou Tchichikov, mal humorado.

— Todavia, era necessário que o senhor expusesse tudo na devida forma. De outra maneira, de nada servia. Qualquer imbecil pode ver as coisas inconscientemente; mas o senhor precisa de inteirar-se delas.

Pavel Ivanovitch, colérico, apoderou-se do chapéu e, desprezando as conveniências, encaminhou-se para a porta. O cocheiro continuava ali ao pé da caleche, pronto a seguir, sabendo que era inútil desengatar, pois teria sido indispensável pedir por escrito a alimentação dos cavalos e a decisão só seria tomada no dia



seguinte. Não obstante, o coronel veio a correr, tomou à força a mão de Tchichikov, estreitou-a contra o coração e apresentou-lhe os seus agradecimentos por lhe ter proporcionado ocasião de ver funcionar a sua engrenagem burocrática. Era preciso estimular as pessoas e repreendê-las, pois tudo pode relaxar-se, e as molas da direção oxidam-se e enfraquecem. Este caso tinha-lhe inspirado uma ideia feliz: instituir uma nova comissão que se chamaria *Comissão de Vigilância da comissão de construções*. De modo que já ninguém se atreveria a roubar.

Tchichikov chegou aborrecido da sua expedição; era tarde; as velas já ardiam há um bocado.

— Por que se demorou o senhor? — perguntou Kostanioglo, quando o viu aparecer à porta.

— Sobre que discutiram os senhores tanto tempo? — informou-se Platonov.

— Nunca na minha vida vi semelhante imbecil — respondeu Tchichikov.

— Pois isso não é nada — observou Kostanioglo. — Koshkariov é um fenómeno consolador. Serve para retratar de forma caricatural os absurdos dos nossos espíritos superiores que, sem compreender o seu papel, se enchem de extravagâncias vindas de fora. Eis ao que chegaram os proprietários da nossa época: fundaram oficinas, escolas, fábricas. Deus sabe que mais ainda! Ninguém se tinha mexido desde o ano 1812 e agora vão ver se escangalham tudo. Uma revolução pior que a dos franceses, pois, atualmente, um Piotr Petrovitch Piotuj pode passar por um bom proprietário.

— Mas se também este hipotecou os bens! — disse Tchichikov.

— Sim, para tudo se recorre ao empréstimo. — E, dizendo isto, Kostanioglo começou a excitar-se. — Montam-se chapelarias e fábricas de velas; mandam-se vir operários de Londres; convertem-se em mercadores. Um fidalgo passa a ser fabricante! Fazem-se musselinas para as meninas da cidade!...

— Mas tu és também dono de fábricas — objetou Platonov.

— E de quem é a culpa? Elas criaram-se por si próprias. A lã acumulava-se; era impossível vendê-la. Resolvi-me a tecer panos, panos encorpados, grosseiros, como os de que necessitam os meus trabalhadores. E compram-nos logo, por baixo preço. Durante seis anos, os pescadores atiraram para a minha margem as escamas do peixe... Que havia eu de fazer? Pus-me a fabricar cola, o que me rendeu quarenta mil rublos. E assim em todas as coisas

«Isto é que é um homem!», pensou Tchichikov, olhando para ele fixamente. «De tudo sabe tirar partido!»

— E se me resolvi a entrar nestas empresas foi porque, de outro modo, numerosos trabalhadores teriam morrido de fome, sendo as colheitas más, graças aos senhores industriais que descurariam as suas sementeiras. Fábricas como esta não faltam em minha casa, cunhado. Cada ano há uma moda, conforme os desperdícios acumulados. Quem seguir atentamente a marcha da sua exploração agrícola pode tirar proveito de qualquer refugo que se atira fora, dizendo: «Não presta!». Mas eu, para não desprezar estes desperdícios, não construo palácios com frontispícios e colunas.

— É surpreendente! E o mais assombroso é que todos os rebotalhos podem aproveitar-se — disse Tchichikov.

— Sim, mas com a condição de encarar o assunto com simplicidade, tal como é. Por desgraça, todos querem ser mecânicos; cada um deseja abrir a caixa por meio de ferramenta, quando ela se pode abrir naturalmente. E fazem-se, de propósito, viagens a Inglaterra! Parvos! Como se não regressassem de uma viagem ao estrangeiro cem vezes mais burros!

E Kostanioglo cuspiu, indignado.

— Vamos, Constantino, já estás outra vez irritado! — disse-lhe, inquieta, a mulher. — Bem sabes que isso te faz mal.

— Como não hão de indignar tais coisas a um coração russo? O caráter russo azeda-se e é deplorável. Está já impregnado de quixotismo, o que nunca havia acontecido. Anima-o a preocupação da sabedoria? Pois torna-se um D. Quixote da instrução e abrem-se escolas de que nenhum imbecil faz uma pequena ideia, e delas saem homens que não servem para nada, nem na cidade nem no campo, embriagados com o sentimento da sua dignidade. Tende para a filantropia? Aí temos um D. Quixote do altruísmo; gasta um milhão na construção de absurdos hospitais, edifícios com colunas, arruína-se e arrasta os outros para a miséria. Boa filantropia, com efeito!

Tchichikov não se interessava pela instrução; quis conhecer, em todos os seus pormenores, a maneira dos detritos produzirem grandes lucros. Kostanioglo, porém, não o deixou meter bedelho, pois não podia conter as frases atrabiliárias que lhe assomavam aos lábios.

— Pergunta-se como ilustrar o camponês. Tornai-o rico, primeiro! Fazei dele um bom agricultor, depois do que ele próprio se instruirá! O senhor não pode calcular como este mando se torna estúpido! Que escrevem agora os nossos plunitivos? Pois, mal se

publica um livro, todos se põem a lê-lo. E eis o que se diz correntemente: «O camponês leva uma vida demasiado simples; é preciso fazer-lhe conhecer os artigos de luxo; inspirar-lhes necessidades superiores à sua condição». Eles próprios, graças ao tal luxo, transformaram-se em frangalhos, portadores de toda a espécie de doenças. Já não há juventude de dezoito anos que não tenha experimentado tudo. Como! O senhor já não tem dentes, está calvo como uma bexiga, e é para que fiquem assim que quer contaminar os nossos camponeses? Graças a Deus, temos ainda uma camada sã, que desconhece todos esses requintes! O lavrador é o que há de mais respeitável entre nós. Compreende o senhor por quê? Prouvera ao céu que todos o imitassem.

— Pelo que vejo, o senhor entende que é mais lucrativo dedicar-se uma pessoa à agricultura — disse Tchichikov.

— Mais legítimo, se não for mais vantajoso. *Regarás a terra com o suor do teu rosto*, eis o que está escrito. E não há que argumentar. A experiência de séculos demonstra que, no estado agrícola, o homem é mais moral, mais puro, mais nobre. Eu não pretendo que não seja necessário fazer outra coisa; creio, unicamente, que a agricultura deve ser a base de tudo. A indústria desenvolver-se-á por si própria, pelo menos a que tenha razão de ser, aquela que corresponda às necessidades imediatas do homem e não às afetações que arrastam para a indolência a gente de hoje. Nada de fábricas que, para sustentar-se e dar saída aos seus produtos, recorrem a meios repugnantes, desmoralizando e corrompendo o pobre povo. Nunca introduzirei em minha casa (diga-se o que se disser em seu favor, e embora eu tivesse que perder um milhão) esses fabricos que provocam necessidades requintadas. Não,

não; nada de açúcar! Nada de tabaco! Se a corrupção invade o mundo, que não seja obra minha! A mim, basta-me ter razão diante de Deus! Há vinte anos que vivo no meio do povo e conheço os resultados desses flagelos.

— O que mais me admira — insinuou Tchichikov — é que, sabendo fazê-lo, se utilizem os sobejos e possam aproveitar-se todos os desperdícios.

— Sim, os economistas! — disse Kostanioglo, sem o escutar e com expressão sarcástica. — Famosos patetas que arrastam outros e que não sabem ver dois palmos adiante do nariz! Asnos que falam de cátedra e usam anteolhos! Corja de idiotas!

E cuspiu de novo, colérico.

— Tens toda a razão; mas não te exaltes, suplico-te — disse-lhe a mulher. — Como se não se pudesse falar nestas coisas sem perder a cabeça!

— Ouvindo o senhor, respeitável Constantino Fiodorovich, penetra-se, por assim dizer, no sentido da vida; chega-se até ao fundo das coisas. Contudo, pondo de lado as questões gerais, permita o senhor que chame a sua atenção para um caso particular. Suponhamos que, tornado proprietário, eu quisesse enriquecer em pouco tempo, para cumprir assim os meus deveres de cidadão. Que deveria fazer?

— Para ficar rico? — repetiu Kostanioglo. — Vou dizer-lhe a maneira.

— Vamos cear — disse a dona da casa, que se levantou e foi até o centro da sala, envolvendo-se, friorenta, num chale.

Tchichikov levantou-se com agilidade quase militar, aproximou-se dela com a galantaria de homem da sociedade, ofereceu-lhe o

braço e conduziu-a cerimoniosamente à sala de jantar, onde já da terrina descoberta se exalava o saboroso perfume dos legumes frescos. Cada um ocupou o seu lugar. Os criados serviram ligeiramente todos os pratos, por sua ordem, em recipientes fechados, e retiraram-se. Kostanioglo não queria que escutassem as conversas e muito menos que o vissem comer.

Depois da sopa, Tchichikov bebeu um cálice de uma excelente bebida parecida com o *tokay* (vinho húngaro) e disse ao anfitrião:

— Permita o senhor que reatemos a nossa conversa interrompida. Perguntava eu como fazer, qual era a melhor maneira...

— Uma propriedade pela qual eu daria sem vacilar quarenta mil rublos, se mos pedissem.

— Hum! — Tchichikov pôs-se a pensar. — E por que não a compra o senhor? — arriscou, com certa timidez.

— É preciso sabermo-nos limitar. Eu já tenho bastantes dores de cabeça. E os nossos fidalgotes murmuram contra mim, pretendendo que me aproveito das suas dificuldades e da sua ruína para adquirir terras por baixo preço. Já estou até a ponta dos cabelos.

— Como esta gente tem má-língua! — disse Tchichikov.

— E nesta província mais que noutra parte qualquer. Só me chamam avaro, miserável, usurário. Estes senhores arranjam desculpas para tudo. «O que é certo é que eu estou arruinado; mas por satisfazer necessidades superiores da vida — diz um deles — por ter dado a mão aos industriais (entenda-se vadios). É claro que se pode viver como um porco, à maneira de Kostanioglo».

— Eu bem quisera ser um porco desse género! — disse Tchichikov.

— Tudo isso é absurdo! Que necessidades superiores? A quem pretendem enganar? Têm livros, mas não leem. Tudo se resume em baralhos de cartas e em champanhe. E tudo isto porque não dou nem empresto o meu dinheiro. Não dou dinheiro, porque me incomodaria; não tenho por costume fazê-lo. Quem quer que venha compartilhar a minha ceia será bem-vindo. Quanto à recusa de emprestar dinheiro, é já um caso diferente. Uma pessoa, de facto em apuros, pode dirigir-se-me; explicar-me-á pormenorizadamente a que destina o meu dinheiro; se, pelo que me diz, vejo que fará bom uso dele e que obterá proveito rol, nunca lho nego e nem sequer lhe imponho juros.

— É bom saber! — pensou Tchichikov.

— Não! Nunca lho nego! — continuou Kostanioglo. — Mas sou incapaz de o gastar mal gasto. Com seiscentos diabos! Lá porque este presenteia a amante, mobila uma casa com espavento ou frequenta os bailes de máscaras com uma mulher feia, comemora jubilosamente uma vida inútil... segue-se que eu havia de emprestar fundos a este cavalheiro?

Neste momento, Kostanioglo cuspiu e pouco lhe faltou para proferir palavras inconvenientes na presença de sua mulher. Uma negra melancolia lhe enublou o rosto. A testa sulcou-se-lhe de rugas que denotavam a sua cólera e a agitação da sua bÍlis.

— Permita-me, meu querido senhor, que reatemos a nossa interrompida conversa — disse Tchichikov, bebendo outro cálice de licor de framboesa, realmente delicioso. — Admitindo que eu me

fizesse proprietário da herdade de que o senhor me fala, em quanto tempo poderia enriquecer até o ponto de...?

— Se o senhor quer enriquecer rapidamente — continuou Kostanioglo, com voz cortante e brusca — jamais fará fortuna. Se não dá importância ao tempo, em breve será rico.

— Ah, realmente! — disse Tchichikov.

— Sim — acrescentou Kostanioglo, bruscamente, como se o enfadasse Tchichikov. — É preciso ter amor ao trabalho; sem isso, nada se consegue. É preciso amar a vida da aldeia; e isso não é de todo aborrecido. Eu, confesso, morreria de tédio se passasse um dia que fosse na cidade, como fazem esses senhores, em luxuosos casinos, nas tabernas, nos teatros. Cambada de palermas! Súcia de idiotas! O lavrador não tem tempo para se neurastenizar. A sua vida está constantemente ocupada, sem interrupção. Repare na variedade dos seus trabalhos. E que trabalhos! Trabalhos que lhe exaltam o moral. Aqui, o homem acompanha a natureza, as estações, colabora em todos os seus atos criadores. Imagine um ano inteiro de labor: primeiro, aguarda a primavera, quando a vida começa a manifestar-se, em toda a sua pujança; a preparação das sementes, a sua escolha, o exame do trigo nos celeiros, a distribuição do pessoal. Tudo se faz com a devida antecipação e se calcula desde o princípio. E, enquanto os rios vão diminuindo o seu caudal e a terra acorda, a enxada trabalha nas hortas e jardins; o arado e a charrua abrem as leivas; planta-se, semeia-se. Semeia-se, o quê? A próxima colheita! A felicidade de toda a terra! A alimentação de milhões de seres! Chega o verão. A ceifa do feno atinge o apogeu. Depois chegam, por seu turno, as messes. Ao centeio sucede o trigo; a seguir a cevada, logo, a aveia... Tudo está



em efervescência; não há um minuto a perder; vinte olhos teriam em que ocupar-se. Terminada a faina, é necessário enceleirar; temos agora as canseiras do outono, a distribuição pelos armazéns, pelos cobertos, pelos estábulos, ao mesmo tempo que os trabalhos das mulheres; faz-se o balanço, vê-se realizada a obra... E o inverno! O malhar do trigo ao ar livre, o carrear dos cereais da eira para os celeiros; o derrubar e a poda das árvores; transporte dos tijolos e das traves para as construções da primavera. Passa-se uma vista de olhos pelo moinho, pelas oficinas. Quanto a mim, se um carpinteiro maneja bem o seu machado, posso passar horas a contemplá-lo, pois o seu trabalho enche-me de regozijo. E, se se vê que tudo isto se efetua com um fim qualquer, que tudo em redor cresce e se multiplica, produzindo gozo e proveito, então não sei explicar o que sinto. E não porque a nossa fortuna aumenta (o dinheiro é um assunto à parte) mas porque tudo é obra nossa, porque uma pessoa se sente o criador de quem tudo depende, o mago que esparge à sua volta a abundância e o bem-estar. Onde encontraria o senhor prazer semelhante? — concluiu Kostanioglo erguendo a fronte, de onde as rugas tinham desaparecido. Como um rei no dia da sua coroação, estava radiante. Do seu rosto pareciam brotar raios de luz. — Sim, no mundo inteiro não achará o senhor alegria semelhante! Aqui é onde o homem imita Deus! Deus reservou-se a criação como prazer supremo e exige que o homem crie também a prosperidade em torno de si! Aqui tem aquilo a que se chama uma coisa fastidiosa!...

Como se fosse o canto de uma ave do paraíso, Tchichikov ouvia estas palavras cheias de ternura. Crescia-lhe água na boca. Os seus

olhos humedeciam-se e exprimiam beatitude. Teria continuado a ouvir, sem cessar.

— Constantino, vamos para o salão? — disse a senhora Kostanioglo, levantando-se.

Toda a gente a imitou. Tchichikov ofereceu-lhe o braço; mas os seus passos já não mostravam a mesma agilidade; os seus pensamentos tinham tomado um rumo sério.

— Diz lá o que quiseres; a vida no campo é, não obstante, aborrecida — declarou Platonov, que os acompanhava.

— O nosso hóspede não é tolo — pensava Kostanioglo —; é atencioso, circunspecto nas suas palavras, pouco falador. E, perante esta ideia, desvaneceu-se, como satisfeito das suas próprias palavras, e felicitava-se por ter encontrado um homem capaz de escutar sábios conselhos.

Sentaram-se todos numa salinha confortável, alumiada por velas, em frente de uma varanda envidraçada que dava para o jardim. Entretanto as estrelas contemplavam-nos por cima do parque adormecido. Em breve Tchichikov experimentou um encanto como não sentia há muito tempo. Parecia-lhe regressar a sua casa, depois de longa peregrinação e, satisfeitos os seus desejos, atirar para um canto o seu bordão, dizendo: «Já chega!». Este bom humor era devido às sensatas palavras do seu hospedeiro.

Para todo o homem existem assuntos que mais o comovem, que lhe são mais gratos que outros. E, frequentemente, de improviso, num recanto ignorado, numa verdadeira Tebaida, encontra-se uma pessoa cuja animadora conversa faz esquecer os caminhos pedregosos, as desconfortáveis pousadas, a vã agitação contemporânea, o logro das ilusões humanas. O serão passado

desta maneira grava-se para sempre na memória, que retém fielmente todos os seus pormenores; os assistentes, o lugar de cada um deles, o que tinham nas mãos, as paredes, os cantos, a menor bagatela.

Por isso Tchichikov, naquela noite, observou todas estas coisas: a bonita sala, mobilada sem pretensões, a confiada expressão que refletia a cara do dono da casa e até a cor dos tapetes...; o cachimbo de boquilha de âmbar dado a Platonov, o fumo que este começava a mandar para o nariz de *Iarbas*, o resfolegar do animal; o riso da gentil senhora, interrompido por estas palavras: «Deixa de o consumir!»: a deslumbrante iluminação das velas, o grilo que cantava num interstício da lareira; a porta envidraçada; a noite primaveril que os contemplava do alto das árvores, salpicada de estrelas, enquanto os rouxinóis deixavam ouvir os seus melodiosos acordes nos bosquezinhos verdejantes.

— Gosto muito de o ouvir, venerável Constantino Fiodorovich — disse Tchichikov. — Posso assegurar-lhe que nunca ouvi, em parte alguma da Rússia, um homem com a sua inteligência.

Kostanioglo sorriu, compreendendo que nestas palavras nada havia de exagerado.

— Não, Pavel Ivanovitch, se o senhor quer conhecer um homem inteligente, há entre nós um, verdadeiramente digno deste nome, a cujos calcanhares eu não chego.

— Quem pode ser? — perguntou Tchichikov, surpreendido.

— Murazov, o nosso arrendatário do álcool.

— É a segunda vez que ouço falar nele — exclamou Tchichikov.

— Esse homem administra não só uma propriedade rural, mas todo um Estado. Se eu fosse rei, faria dele o meu ministro das

finanças.

— Segundo se diz, é homem que ultrapassa os limites do vulgar. Teria juntado dez milhões.

— O senhor está muito longe da verdadeira conta. Tem mais de quarenta. Em breve lhe pertencerá metade da Rússia.

— Que diz o senhor? — exclamou Tchichikov, abrindo os olhos.

— É a pura verdade. E compreende-se. O que possui algumas centenas de milhar de rublos enriquece lentamente; mas aquele que tem milhões o seu campo de ação é imenso. A quem quer que lhe caia nas mãos supera-o duas ou três vezes em cabedais. Ninguém rivaliza com ele; ninguém se lhe pode comparar. O preço que ele faça é a lei; ninguém o pode exceder.

— Santo nome de Deus! — exclamou Tchichikov, benzendo-se e olhando para Kostanioglo fixamente. Custava-lhe a respirar. — É inconcebível! O pensamento gela-se de espanto! Admira-se a divina sabedoria a propósito de um escaravelho; mais me admiro eu de que um simples mortal possa manejar somas tão consideráveis. Permita-me o senhor que me elucide sobre um facto; não se pode dizer que, de começo, essa fortuna fosse adquirida honradamente...

— De um modo irrepreensível e pelos mais honestos meios.

— Não acredito! É impossível! Milhares de rublos, está bem; mas milhões!...

— Pelo contrário. O difícil é ganhar mil rublos honradamente; os milhões amontoam-se sem dificuldade. Um milionário não precisa de meter por vias tortuosas; não tem mais que seguir direito e recolher o que se lhe depara no caminho. Os outros não têm força para fazer o mesmo. Não há concorrentes, portanto. O campo de ação é imenso, digo ao senhor. Tudo o que ele abarca duplica ou

triplica de valor. Porém, que se ganhará com dez rublos? Uns dez ou vinte por cento.

— O mais difícil de compreender é que tenha principiado sem nada.

— Assim é que acontece sempre — disse Kostanioglo. — O que já nasceu com riqueza nada mais adquire; há nele demasiados caprichos inatos. É preciso começar pelo princípio e não pelo meio; pelos copeques e não pelos rublos; por baixo e não por cima. Só deste modo se aprende a conhecer bem as pessoas e o meio em que se desenvolverá o negócio. Depois de ter suportado sobre a própria cabeça uns e outros, depois de aprender que cada copeque se adquire por meio de um trabalho encarniçado; depois de ter passado por todas as atribulações, fica uma pessoa instruída e carrilada, de modo a não fracassar em nenhuma empresa e a não quebrar a cabeça. Acredite: esta é que é a verdade. É preciso começar pelo princípio e não pelo meio. O que diz: «Dai-me cem mil rublos, e eu farei fortuna» não me inspira confiança; aponta ao acaso e não acerta no alvo. É preciso começar pelos copeques.

— Então, eu farei fortuna — disse Tchichikov, pensando, contra a sua vontade, nas almas mortas — pois eu, efetivamente, começo com nada.

— Constantino: são horas de deixar descansar Pavel Ivanovitch — disse a senhora — e tu continuas a palrar.

— Com certeza, o senhor fará fortuna — disse Kostanioglo, sem ouvir a mulher. — O ouro irá ter consigo. Não saberá que fazer das suas receitas.

Como fascinado, Pavel Ivanovitch transportava-se à região encantada dos seus sonhos. As suas ideias giravam em torvelinhos.

Sobre o áureo tecido dos futuros bens, a sua imaginação bordava arabescos e nos seus ouvidos ressoavam estas palavras: *o ouro irá ter consigo...*

— Com franqueza, Constantino, Pavel Ivanovitch tem necessidade de dormir.

— Bem, vai tu dormir, se queres!

Kostanioglo deixou de falar, pois, por toda a sala, ouvia-se o sonoro ressoar de Platonov, ao qual *Iarbas* fazia eco. Vendo que realmente eram horas de se deitar, sacudiu Platonov, dizendo-lhe: «Basta de roncar!» e deu as boas noites a Tchichikov. Separaram-se e, dentro em pouco, todos dormiam.

Só Tchichikov estava acordado. O seu pensamento velava.

Refletia sobre os meios de chegar a ser proprietário de um domínio, não fictício, mas real. Depois daquela conversa, essa possibilidade parecia-lhe tão evidente! O difícil problema da exploração tornava-se fácil e compreensível, e adaptava-se tão bem ao seu temperamento! Só tinha que desfazer-se dos seus mortos, hipotecando-os, e adquirir uma propriedade. Via-se já pondo em prática as lições de Kostanioglo — agindo com rapidez e prudência, não procedendo a qualquer inovação sem conhecer a fundo o antigo estado de coisas, examinando tudo com os seus próprios olhos, informando-se sobre cada um dos trabalhadores, pondo de parte todas as superfluidades, para se dedicar apenas à cultura da terra. Saboreava antecipadamente o prazer que experimentaria ao verificar a existência de uma perfeita ordem e que todas as peças da máquina económica funcionavam com regularidade, impulsionando-se umas às outras. O trabalho seguiria em bom ritmo e, da mesma maneira que num moinho infatigável o grão se transforma

rapidamente em farinha, os detritos e desperdícios de toda a espécie se transformariam em receita. Kostanioglo, o maravilhoso administrador, surgia na sua imaginação a cada instante. Era o primeiro homem da Rússia por quem sentia uma verdadeira estima, pois, até então, havia respeitado as pessoas pela sua posição social ou pela sua grande fortuna; nunca, porém, pela sua inteligência. Compreendia que, com um homem tal, as suas trampolinices do costume não dariam resultado. Outro projeto ainda o preocupava: comprar a herdade, de Jlobuiev. Ele possuía dez mil rublos e queria pedir emprestados quinze mil a Kostanioglo, uma vez que este se declarou disposto a ajudar todo o homem desejoso de enriquecer. Para o resto, havia de se arranjar, ou hipotecando ou, mais simplesmente, pedindo uma moratória. Isto podia fazer-se: o vendedor não teria que recorrer aos tribunais, segundo lhe parecia.

Tchichikov refletiu largo tempo sobre estas coisas. Por fim, o sono, que, como é costume dizer-se, tinha toda a casa nos seus braços, foi também buscá-lo, e Pavel Ivanovitch adormeceu profundamente.

## 4

Na manhã seguinte arranjou-se tudo às mil maravilhas. Kostanioglo emprestou-lhe da melhor vontade dez mil rublos, sem juros, sem garantias, contra um simples recibo: tal era o seu desejo de ajudar qualquer pessoa que quisesse ser proprietário.

Mostrou a Tchichikov toda a sua exploração agrícola. Nem um minuto mal empregado; nenhum obstáculo; a menor negligência dos camponeses era logo descoberta. Quando algum se aproximava a querer conversa, Kostanioglo, Argos vigilante, despachava-o imediatamente a toque de caixa. Em nenhuma parte se via alguém desocupado. A inteligência e a satisfação liam-se em todos os rostos. Graças a uma organização excelente na sua simplicidade, tudo caminhava naturalmente. A alternativa entre as florestas e os campos de lavradio chamou a atenção de Tchichikov. Que de coisas tinha realizado aquele homem, sem ruído, sem fazer projetos nem discorrer sobre os meios de assegurar a prosperidade do género humano! Pelo contrário, que vida tão inútil leva o habitante da capital que passa o seu tempo em propalar ditos insulsos pelos salões, deslizando pelos reluzentes soalhos! Tudo isto encorajava em Tchichikov o desejo de adquirir uma propriedade.

Kostanioglo encarregou-se de acompanhar o seu hóspede a casa de Jlobuiev, para examinarem juntos a herdade. Depois de um copioso almoço, partiram os três no carro de Pavel Ivanovitch, que estava muito bem disposto. A caleche do dono da casa seguia atrás deles, vazia. *Iarbas* corria adiante, assustando os pássaros. Durante quinze *verstas*, sucederam-se os bosques e os campos de



Kostanioglo. Quando terminaram, o aspeto da paisagem era outro. Trigo raro; troncos, em vez de árvores. Apesar da sua pitoresca situação, a pequena propriedade revelava, de longe, grande incúria. Uma casa nova, de pedra, desabitada, apresentava-se em primeiro plano. Via-se que estava por acabar, havia vários anos. Esta ocultava outra, habitada. Encontraram o dono, desgrenhado, de olhos inchados, acordado de há pouco. Aparentava quarenta anos e tinha a gravata fora do seu lugar, um remendo no casacão, os sapatos esburacados.

A chegada dos visitantes regozijou-o como se tornasse a ver seus irmãos depois de longa ausência.

— Constantino Fiodorovich! Platon Mijailovich! Que prazer voltar a ver-vos! Não acredito nos meus olhos! Não esperava a visita de ninguém. Todos fogem de mim como da peste, com receio de que lhes peça dinheiro emprestado. Como a vida é dura, Constantino Fiodorovich! A culpa é minha, também é verdade; tenho vivido como um porco! Os senhores desculpem-me, se os recebo com esta indumentária e com os sapatos cheios de buracos. Que lhes poderei eu oferecer?

— Basta de cerimónias! Viemos propor-lhe um negócio. Trago-lhe um comprador: Pavel Ivanovitch — disse Kostanioglo.

— Muito gosto em o conhecer! Permita-me que lhe aperte a mão.

Tchichikov estendeu-lhe as duas.

— Bem quisera, Pavel Ivanovitch, mostrar-lhe um domínio em bom estado... Mas, perdão, senhores... já almoçaram?

— Sim, sim! — disse Kostanioglo, para atalhar a conversa. — Nós pouco nos demoramos. Vamos já ver isto.

— Nesse caso, vamos lá observar a minha desordem e o meu desmazelo.

Jlobuiev e os seus hóspedes pegaram nos gorros e começaram a inspecionar a propriedade. Primeiro, a aldeia: uma comprida rua em que se erguiam, de um e de outro lado, velhas masmorras com minúsculas janelas tapadas com farrapos.

— Vamos ver a minha desordem e o meu desmazelo — repetia Jlobuiev. — Realmente, fizeram bem em almoçar antes de vir. Calcule o senhor, Constantino Fiodorovich, que nem um frango me resta. Veja ao que eu cheguei!

Suspirou e, compreendendo que Constantino Fiodorovich não manifestava por ele grande simpatia, adiantou-se com Platonov, a quem tinha agarrado pelo braço, apertando-o contra o seu peito. Do mesmo modo, Kostanioglo e Tchichikov seguiam-nos a distância.

— É duro, Platon Mijailovich! — dizia Jlobuiev a Platonov. — Não pode o senhor imaginar como custa. Nem dinheiro nem trigo nem sapatos. O senhor não está acostumado a estas coisas. E eu rir-me-ia disto, se fosse novo; mas, quando a adversidade nos apanha às portas da velhice e se temos a nosso cargo mulher e cinco filhos, bem contra a nossa vontade assaltam-nos ideias negras.

— Mas, se vender a sua propriedade, poderá ainda salvar-se? — perguntou Platonov.

— De maneira nenhuma! — disse Jlobuiev, gesticulando. — Tudo será absorvido pelos meus credores e apenas poderei ficar com mil rublos.

— Então, que tenciona fazer?

— Sei lá!

— Por que não tenta alguma coisa para modificar a sua situação?

— Que posso eu tentar?

— Por amor de Deus! Não tem remédio senão conseguir um emprego.

— Eu sou simples secretário de governo. Que lugar me dariam? Uma insignificância. A que ordenado posso aspirar? A quinhentos rublos!

— Faça-se administrador.

— Quem me confiará a sua propriedade, a mim, que delapidei a que tinha?

— Mas quando se está ameaçado de morrer de fome, é necessário empreender alguma coisa. Eu pedirei a meu irmão que trate de lhe arranjar um emprego, por intermédio de alguém da cidade.

— Não, Platon Mijailovich — disse Jlobuiev, com um suspiro, apertando-lhe um braço com força. — Eu não sirvo para nada. Estou decrépito antes do tempo; tenho lumbago, em consequência de resfriamento, reumático num ombro. Que posso fazer? Arruinar o tesouro, para quê? Não faltam agora empregados, atraídos por lugares chorudos. Não permita Deus que, para me pagarem um soldo, seja sobrecarregada a classe pobre!

«Eis ao que leva a dissipação!», pensava Platonov. «Isto ainda é pior que a minha apatia!»

Enquanto assim falavam, Kostanioglo, que ia atrás com Tchichikov, não podia reprimir a sua cólera.

— Veja o senhor — dizia, indicando com o dedo as choças — a que estado de miséria reduziu os seus camponeses. Nem carros nem

cavalos. Num caso de epizootia, aí o tem incapaz de cuidar do que lhe pertence. Venda-se tudo, mas forneçam-se animais ao camponês para que não esteja um só dia sem trabalhar! Fique sabendo que são precisos agora anos e anos para reparar o mal produzido. Os camponeses adquiriram hábitos de preguiça e de embriaguez. Só o facto de permanecerem um ano sem trabalhar perverteu-os para sempre. Já estão acostumados aos farrapos e à vagabundagem. E a terra! Em que estado se encontra! Repare o senhor na terra! — disse, apontando para os campos que apareciam agora por detrás das *isbas*. — E, apesar disso, tudo está inundado de primavera. Eu cultivaria aqui o linho e só ele me havia de render cinco mil rublos, semearia nabos, de onde havia de tirar quatro mil. Veja esse centeio maninho: são desperdícios do ano anterior, pois, que eu saiba, nada se semeou este ano. E esses barrancos! Neles plantaria tais bosques que um corvo não atingiria os seus pináculos! Desprezar uma terra destas! Um tesouro! Mesmo não tendo com que trabalhar, podia ter-se dedicado à cultura dos pântanos. Pega na enxada, faze trabalhar, a mulher, os filhos, os criados, e morre no trabalho, animal! Ao menos, morrerás cumprindo o teu dever, e não grunhindo à mesa, como um cevado!

Depois disto, Kostanioglo cuspiu e um tom bilioso anuviou-lhe a testa.

Em breve chegaram ao cimo de uma ladeira onde se agarravam pés de ervilha. Um cotovelo do rio brilhava a distância; parte da casa do general Betrishev, oculta pelos bosques, apareceu na perspectiva. Distingua-se atrás dela um tufo de verdura, que a distância recobria de uma poeira azulada. Graças a este pormenor,

Tchichikov reconheceu o ponto onde devia ficar a propriedade de Tentietnikov.

— Se aqui se plantassem árvores — disse — a paisagem poderia aumentar em beleza.

— Ah! O senhor gosta de admirar os panoramas? — disse Kostanioglo, prontamente, olhando para ele com ar severo. — Cuidado! Procurando trechos pitorescos, o senhor ficará sem pão e sem os trechos pitorescos. Tome em consideração a utilidade; a beleza virá pelo seu pé. Por exemplo, as cidades. Até agora, as mais formosas são as que se fizeram por si próprias, aquelas em que cada um construiu segundo as necessidades e os seus gostos. Pelo contrário, as edificadas a cordel parecem quartéis... Procurando a beleza! Cuide o senhor apenas das necessidades!

— É pena que seja preciso esperar muito tempo; eu queria ver tudo rapidamente no estado em que se deseja.

— Será o senhor um rapaz de vinte e cinco anos?... Um funcionário petersburguês... Tenha paciência! Trabalhe seis anos a seguir, plante, semeie, cave a terra sem descanso. É duro. Mas, em compensação, uma vez dado esse impulso à terra, ela própria começará a ajudá-lo, não será como uma máquina qualquer. Não, não, meu caro senhor; além dos setenta braços que poderá ter ao seu dispor, outros setecentos, invisíveis, trabalharão para si. Tudo será decuplicado! Na minha casa, eu não tenho que intervir; tudo caminha agora pela força adquirida. Sim, a natureza ama a paciência; é uma lei que lhe impôs o próprio Deus, que favorece os pacientes.

— Ouvindo-o, ao senhor, sentem-se renascer as forças. Eleva-se o nosso espírito.

— Veja o senhor como está lavrada a terra! — exclamou Kostanioglo, com amargo sentimento, designando uma leira. — Eu não posso estar aqui mais tempo. Aflige-me contemplar esta desordem e este abandono. O senhor pode fechar o negócio sem mim. Apresse-se a arrancar este tesouro a esse imbecil, que profana as dádivas de Deus.

Kostanioglo ficou sombrio; preso de uma agitação fibrilosa, despediu-se de Tchichikov e aproximou-se do proprietário para fazer o mesmo.

— O quê, Constantino Fiodorovich! — disse Jlobuiev, surpreendido. — Mal chegou e já se vai embora?

— Não tenho tempo; um negócio urgente exige a minha presença em casa — disse Kostanioglo.

Despediu-se, saltou para a sua caleche e partiu. Jlobuiev pareceu compreender a causa da sua retirada.

— Constantino Fiodorovich não pôde conter-se — disse. — Não é agradável a um administrador como ele contemplar uma propriedade tão mal cuidada. Imagine o senhor, Pavel Ivanovitch, que nem ao menos semeiei este ano. Palavra de honra! Não tinha sementes nem com que trabalhar. O seu irmão, Platon Mijailovich, sabe, segundo consta, fazer as suas propriedades produzir à maravilha; Constantino Fiodorovich é um Napoleão no seu género. Penso muitas vezes: «Por que é que um só homem tem tanta energia? Se ao menos uma parte dela fosse destinada a um tonto como eu!...». Os senhores tenham cuidado, não vão cair no lamaçal, ao atravessar o passadiço. E, no entanto, eu dei ordem para que arranjassem estas tábuas na primavera... Os meus pobres camponeses causam-me pena; necessitam de um exemplo; mas que

exemplo posso eu dar-lhes? Não posso mostrar-me exigente. Calcule o senhor, Pavel Ivanovitch. Como exigir-lhes ordem, quando eu próprio sou um desordenado? Há muito tempo que deveria tê-los emancipado; isso, porém, não serviria de nada. O que eles têm é necessidade de aprender a viver. É preciso um homem severo e forte que viva muito tempo junto deles e dê provas de uma atividade infatigável. O russo, reconheço-o por mim, deve ser estimulado; quando não, amolece e dorme.

— É estranho! — disse Platonov. — Por que será que o russo é capaz de se relaxar a tal ponto, que, se não é vigiado, um homem do povo pode converter-se num borrachão ou num gatuno?

— Consequências da falta de instrução — observou Tchichikov.

— Deus o sabe! — disse Jlobuiev. — Nós somos instruídos; seguimos os cursos da Universidade e, não obstante, somos bons? Que aprendi eu? A arte de viver? De modo nenhum; mas sim de gastar em toda a espécie de futilidades. Familiarizei-me com uma multidão de coisas caras. Porque fiz os meus estudos de uma forma absurda? Não, porque outros camaradas estão no mesmo caso. Dois ou três obtiveram desses cursos um proveito real, talvez por serem naturalmente inteligentes; os outros só se esforçam por aprender o que lhes arruína a saúde e lhes dá cabo do dinheiro. Assim, pois, tomámos da instrução o que ela tem de mau; contentámo-nos com as aparências, sem ir mais além. Não, Pavel Ivanovitch; se não sabemos viver, é por outra razão que eu não alcanço.

— Razões devem existir para isso — disse Tchichikov.

O pobre Jlobuiev suspirou profundamente e continuou:

— Às vezes, parece-me que o russo está condenado sem apelo. Empreende tudo e não acaba nada. Pensa sempre começar

no dia seguinte uma vida nova: pôr-se a economizar; e naquela mesma noite empanturra-se até o ponto de não poder gesticular, com a língua pastosa; e fica como um mocho, a olhar para a gente.

— Sim — disse Tchichikov, sorrindo — isso acontece.

— Voltemos por aqui — disse Jlobuiev. — Passaremos uma vista de olhos pelas terras dos meus camponeses. Veja o senhor; a razão não é património russo. Eu duvido que algum de nós seja responsável. Ainda quando vejo que alguém leva uma vida regrada, que forra algum dinheiro, apesar disso não me inspira confiança. Quando chegar a velho, o diabo dar-lhe-á volta ao miolo também, e gastá-lo-á todo de uma assentada. Educados ou não, todos somos parecidos, creia. Falta-nos alguma coisa; eu, porém, não posso dizer o quê.

Ao regressar, ofereceram-se-lhes os mesmos espetáculos. Uma nojenta desordem se manifestava por toda a parte. Mesmo a meio da rua, tinha-se formado um novo lodaçal. Entre os camponeses, observava-se o mesmo desmazelo, o mesmo abandono que no seu amo. Uma harpia, de corpete sebento, massacrava com pancadas um garotito, chamando em seu auxílio todos os diabos. Mais adiante, dois aldeãos contemplavam com estoica indiferença a cólera da bêbeda. Um deles coçava-se abaixo das costas; o outro bocejava. As casas e os tetos bocejavam também. A sua aparência fez bocejar Platonov. «Aqui está a minha futura propriedade», disse para si Tchichikov; «buraco sobre buraco, remendo sobre remendo». Com efeito, uma isba estava recoberta com uma porta, à guisa de telhado. Postes arrancados do pátio senhorial amparavam as escavacadas janelas. Como se vê, os aldeãos punham em prática o



sistema do cafetã de Triska: cortavam as fraldas e os adornos para remendar os cotovelos.

— A sua propriedade encontra-se num estado deplorável — disse Tchichikov quando, terminada a inspeção, se aproximavam da casa.

Entraram. Nos compartimentos, uma mistura de luxo e desconforto surpreendia desagradavelmente a vista. Um volume de Shakespeare repousava sobre uma escrivaninha, onde também repousava uma pequena mão de marfim para coçar as costas. A dona da casa, vestida à moda e com fino gosto, falou da cidade e do teatro que se tinha construído. Os filhos, rapazes e raparigas alegres e vivazes, estavam muito bem vestidos: até lhes arranjaram uma precetora. Isto, porém, somente fazia inspirar dó. Mais lhes valera que usassem fatos de algodão, blusas singelas, e que corressem pelas imediações sem se distinguir em nada dos filhos dos camponeses. A senhora recebeu dentro em pouco a visita de uma palradora com quem se dirigiu aos seus aposentos, seguidas dos meninos. Os homens ficaram sós.

— Vejamos, então, que preço lhe atribui? — disse Tchichikov. — E peça o mínimo, porque a propriedade encontra-se em bem pior estado do que eu pensava.

— Num estado deplorável, Pavel Ivanovitch! — respondeu Jlobuiev. — E ainda não é tudo. Não o oculto: das cem almas que figuram no recenseamento, não restam mais que cinquenta em virtude da cólera; os outros escaparam-se sem passaporte; de modo que é preciso considerá-los como mortos. Se apelássemos para os tribunais, levavam-nos tudo. Por isso não peço mais que trinta e cinco mil rublos.

Tchichikov quis, naturalmente, regatear.

— Misericórdia! Trinta e cinco mil rublos por um domínio como este! Contente-se com vinte e cinco mil.

Platonov sentiu escrúpulos.

— Compre-o, Pavel Ivanovitch — disse. — O domínio vale essa importância. Se o senhor lhe não dá os trinta e cinco mil rublos, meu irmão e eu associamo-nos para o comprar.

— Muito bem; estou de acordo — disse Tchichikov, sentindo medo. — Está fechado o negócio; mas com a condição de lhe pagar metade dentro de um ano.

— Não, Pavel Ivanovitch; isso é de todo o ponto impossível! Entregue-me o senhor agora metade e o resto dentro de quinze dias. Um empréstimo dar-me-ia outro tanto, desde que tivesse com que untar as mãos a essas sanguessugas dos funcionários.

— Como hei de arranjar isto? Realmente não sei — disse Tchichikov. — Eu, ao todo, não tenho mais que dez mil rublos.

Mentia. Já tinha vinte mil, contando com o dinheiro emprestado por Kostanioglo; mas custava-lhe pagar de uma só vez tão grande soma.

— Não, Pavel Ivanovitch, rogo-lhe. Asseguro-lhe que preciso de quinze mil rublos.

— Eu empresto-lhe cinco mil — interveio Platonov.

— Então, seja! — disse Tchichikov, enquanto pensava: «Isto corre às mil maravilhas, desde que me emprestem dinheiro!».

Foi-se buscar a caixita ao carro. Pavel Ivanovitch tirou dela dez mil rublos para Jlobuiev, com a promessa de pagar no dia seguinte os cinco mil restantes. Simples promessa, é claro; a intenção de Tchichikov era levar três mil; o resto, dentro de dois ou três dias e,

se fosse possível, alargar ainda esse prazo. Pavel Ivanovitch sentia uma repugnância particular em entregar dinheiro. Quando uma necessidade imperiosa o obrigava a isso, preferia, não obstante, pagar no dia seguinte e não no próprio dia. Todos procedemos de um modo semelhante. Gostamos de fazer esperar um pretendente; que vá para a antessala! Pouco nos importa que cada hora seja preciosa para ele e que os seus interesses estejam a ser prejudicados. Volte amanhã, meu amigo! Hoje, não tenho tempo!

— Onde passará a viver? — perguntou Platonov a Jlobuiev. — O senhor tem outra propriedade?

— Tenho que me instalar na cidade; possuo ali uma casita. De qualquer maneira, era indispensável, por causa das crianças; dentro em pouco, necessitam de professores de música, de dança, de história sagrada... e no campo não se encontra um, por nenhum preço.

«Não têm para comer e quer professor de dança para os filhos!», pensou Tchichikov.

— Entretanto, é preciso comemorar a venda — disse Jlobuiev. — Eh, Kiriushka! traz-nos uma garrafa de champanhe!

«Não tem pão, mas tem champanhe», pensou Tchichikov.

Platonov não sabia que pensar.

Jlobuiev tinha-se prevenido com champanhe, por necessidade. Mandara buscar *kvass* à cidade, mas o tendeiro não lho quis fiar. Como, porém, era preciso beber, e um francês, corretor de vinhos, recentemente chegado de Petersburgo, abria crédito a toda a gente, viu-se obrigado a comprar champanhe.

Chegado o vinho, beberam três taças. Alegraram-se os ânimos. Jlobuiev expandiu-se; tornou-se amável e espirituoso, prodigalizou

boas palavras e contou anedotas. A sua conversa denotava um profundo conhecimento dos homens e do mundo. Tinha observado tão rigorosamente uma multiplicidade de coisas, classificava com tanta precisão, em algumas palavras, os proprietários vizinhos, apontava tão claramente os defeitos e os erros de cada um deles, conhecia tão bem a história dos cavalheiros arruinados, os motivos e as circunstâncias das suas ruínas, sabia exprimir os seus menores hábitos de um modo tão cómico e tão original, que os seus ouvintes acabaram por ver nele um homem de notável inteligência.

— Admira-me — disse Tchichikov — que, com tanto espírito, o senhor não tenha encontrado meios de sair desta situação.

— Meios tenho — disse Jlobuiev.

E, nesta altura, expôs-lhes uma multidão de projetos, todos tão absurdos, tão extravagantes, baseados tão pouco no conhecimento dos homens e do mundo, que o menos que se podia fazer era encolher os ombros e dizer: «Meu Deus! Que distância há entre conhecer o mundo e saber utilizar esse conhecimento!». Tudo se baseava, afinal, na necessidade de obter, subitamente, cem ou duzentos mil rublos. Então, afigurava-se-lhe que os seus negócios se arranjariam; seriam tapados os buracos; poder-se-iam quadruplicar as vendas e pagar todas as dívidas. E concluía:

— Mas que quer o senhor que eu faça? Não há um benfeitor disposto a emprestar-me duzentos ou, pelo menos, cem mil rublos. Vê-se claramente que não é esta a vontade de Deus!

«Seria interessante que Deus enviasse duzentos mil rublos a semelhante imbecil!», pensou Tchichikov.

— Verdade seja que tenho uma tia possuidora de três milhões — disse Jlobuiev. — A piedosa senhora dá à Igreja e aos conventos;

mostra-se inflexível, porém, quando se trata de acudir às necessidades do próximo. Uma tia doutras eras, que merece a pena ser vista. Tem quatrocentos canários, três lacaios, parasitas, criados como já se não usam. O mais novo anda à volta dos sessenta anos, o que não impede minha tia de lhe chamar *pequeno*. Se um deles se porta mal, dá ordem de não lhe servirem este ou aquele prato, e obedecem-lhe.

Platonov sorriu.

— Como se chama e onde vive? — perguntou Tchichikov.

— Vive na cidade e chama-se Alexandra Ivanovna Janasarov.

— Por que não se dirige o senhor a ela? — disse Platonov. — Estou certo de que, se conhecesse a situação da sua família, não poderia negar-se.

— Engana-se. Minha tia está couraçada; é um coração de pedra, Platon Mijailovich. Além disso, tem já adutores que a amimam; um deles quer ser administrador e meteu-se-lhe em casa. Deus o ajude! Pode ser que o consiga!

«Idiota!», pensava Tchichikov. «Se eu tivesse uma tia dessas, cuidaria dela como as amas de leite dos seus bebés.»

— A conversa faz secar a boca — disse Jlobuiev. — Eh, Kiriushka! Traz-nos outra garrafa de champanhe.

— Não, não; eu não bebo mais nada — disse Platonov.

— Nem eu, tão pouco — disse Tchichikov; e ambos recusaram categoricamente.

— Prometam, pelo menos, visitar-me na cidade. No dia oito, darei um jantar a pessoas notáveis.

— Misericórdia! — exclamou Tchichikov. — Um jantar, na sua situação?!

— Que quer o senhor? É um dever imperioso — disse Jlobuiev.  
— Tenho que lhes retribuir um obséquio.

Platonov foi todo ouvidos. Ignorava ainda que existem na Rússia, tanto na província como nas capitais, senhores cuja vida é um enigma inexplicável. Um, parece ter dissipado tudo; está crivado de dívidas, sem recurso algum em perspectiva; e, não obstante, oferece um jantar. Todos os convidados dizem que é o último, que, no dia seguinte, o anfitrião irá parar à cadeia. Dez anos depois, o senhor ainda ali se encontra, mais encravado que nunca, e dá um jantar que os convidados pensam ser o último, e que, no dia seguinte, o seu hospedeiro estará na prisão.

A casa de Jlobuiev, na cidade, oferecia um espetáculo pouco vulgar. Hoje, um sacerdote com casula rezava nela preces; amanhã, atores franceses representavam uma comédia. Tão depressa não se encontrava lá dentro um bocado de pão, como se recebia toda a sorte de artistas, a cada um dos quais se oferecia um presente. A situação de Jlobuiev era, às vezes, tão difícil, que deveria ter-se enforcado ou afogado há muito tempo. Porém, por um estranho contraste daquela vida desregrada, o seu espírito religioso libertava-o do desespero. Naqueles momentos aflitivos, lia a vida dos santos homens que souberam acostumar o seu espírito a dominar o infortúnio. Então, a sua alma enternecia-se, o seu coração trasbordava de comoção e enchiam-se-lhe os olhos de lágrimas. Rezava; e, coisa estranha, quase sempre lhe chegava um socorro inesperado: um dos seus antigos amigos lembrava-se dele e mandava-lhe dinheiro; ou, num impulso de caridade, um estranho, de passagem, conhecedor, por acaso, da sua história, enviava-lhe uma rica oferta; ou, melhor ainda: um antigo pleito, do qual nunca

tinha ouvido falar, resolvia-se a seu favor. Então, reconhecia a misericórdia infinita da Providência, mandava cantar um *Te Deum*, e de novo empreendia uma vida dissipadora.

— Realmente, causa-me dó — segredou Platonov a Tchichikov quando se despediram.

— É um filho pródigo! — disse Tchichikov. — Pessoas assim não merecem compaixão.

Em breve deixaram ambos de pensar nele. Platonov» porque considerava aquela situação com a apatia habitual; os sofrimentos do próximo oprimiam-lhe o coração, mas estas impressões não se gravavam profundamente na sua alma; ao cabo de alguns minutos, já não pensava em Jlobuiev, pela simples razão de que não pensava em si próprio. Tchichikov, porque todos os pensamentos estavam concentrados na compra que acabava de fazer: encontrando-se, de improviso, possuidor real de uma propriedade até então imaginária, ficou pensativo; os seus projetos e as suas ideias tomaram uma diretriz mais grave e, contra o costume, deram ao seu rosto um ar expressivo. «Paciência e trabalho! Isto não há de ser difícil; já estou familiarizado com eles, por assim dizer, desde que nasci. Não são para mim coisas novas. Agora, porém, nesta idade, terei tanta paciência como na juventude?». Sob qualquer aspeto que examinasse a sua aquisição, o negócio parecia-lhe vantajoso. Podia hipotecar o domínio, depois de ter vendido em courelas as melhores terras. Podia ele próprio cultivá-lo, tomando por modelo Kostanioglo e aproveitando os seus conselhos como vizinho e protetor. Até o podia revender, se não sentisse inclinação para a cultura, reservando para si os fugitivos e os mortos. Esta modalidade oferecia-lhe outras vantagens. Nada o impediria de desaparecer daqueles sítios sem

reembolsar Kostanioglo do dinheiro emprestado. Tchichikov não concebeu esta ideia: foi ela que surgiu naturalmente, excitante e sedutora. Quem engendra estes velhacos pensamentos que de súbito nos acodem?

Pavel Ivanovitch experimentava um novo prazer: o de ser proprietário de verdade; possuir terra, dependências, servos de carne e osso. Pouco a pouco se pôs a morder o lábio; a friccionar as mãos, a piscar os olhos, a trautear uma espécie de marcha com o punho, que lhe servia de trombeta, e até a dizer para si em alta voz algumas palavras animadoras e epítetos como: *meu lindo palmito e meu formoso galispo*. Em seguida, porém, lembrava-se de que não estava só, acalmava-se rapidamente, esforçava-se em refrear os seus ímpetos de entusiasmo e, quando Platonov, que havia tomado algumas daquelas palavras como dirigidas a ele, perguntou: «Que dizia?», ele respondeu: «Não é nada».

— Para aí! — gritou Platonov ao cocheiro.

Só então, ao olhar em volta, deu conta Tchichikov de que passavam, havia muito, através de um bosque magnífico, por uma alameda de bétulas cujos troncos brancos, brilhando como uma paliçada coberta de neve, se erguiam, esbeltos e direitos, entre o verdor tenro da sua folhagem nova. Os rouxinóis modulavam acordes sob a ramaria; as túlipas silvestres amareleciam no meio da relva. Não podia explicar-se aquela mudança para uma decoração encantadora, quando, havia momentos ainda, estavam em pleno campo. Por entre as árvores, via-se uma igreja branca e do outro lado verdejava um pomar. No extremo da alameda apareceu um cavalheiro que vinha ao seu encontro, com gorro e um nodoso cajado na mão. Um cão inglês, de patas finas, corria adiante dele.



— Aqui está o meu irmão Basílio — disse Platonov. — Para, cocheiro!

Desceu da caleche e o mesmo fez Tchichikov. Os cães tinham-se já cumprimentado. *Azar*, o das patas finas, passou a sua língua ágil pelo focinho de *Iarbas* e pelas mãos de Platonov; depois, dirigiu-se a Tchichikov e lambeu-lhe a orelha.

Os dois irmãos abraçaram-se.

— Por favor, Platonov! Em que andas a pensar? — disse Basílio.

— Que queres dizer? — respondeu este, com ar indiferente.

— Como! Passam-se três dias sem que dêes sinal de vida! Um palafreireiro de Petukh trouxe o teu cavalo. «Foi», disse, «com um senhor». Se, ao menos, nos mandasses dizer para onde, por quê, e por quanto tempo! Vamos lá a saber, irmão: isto é maneira de proceder? Deus sabe o que eu tenho magicado todos os dias.

— Sim, esqueci-me de te prevenir — disse Platonov. — Fomos a casa de Constantino Fiodorovich, que te manda cumprimentos, assim como a nossa irmã. Pavel Ivanovitch, apresento-lhe o meu irmão Basílio. Basílio, apresento-te Pavel Ivanovitch Tchichikov.

Apresentados desta maneira, os dois homens apertaram-se as mãos e, tirando os gorros, abraçaram-se.

«Quem poderá ser este Tchichikov? Meu irmão Platonov não é muito cuidadoso na escolha das suas relações.»

Examinou Tchichikov, tanto quanto permitiam as conveniências. A apresentação do nosso herói tranquilizou-o.

Por seu lado, Tchichikov examinou também o recém-chegado, tanto quanto permitiam as conveniências. Era mais baixo que o irmão: o cabelo mais escuro e o rosto menos formoso; as suas feições, porém, tinham mais vida e eram mais expressivas; maior

cordialidade. Via-se que dormia menos, ao que, aliás, Pavel Ivanovitch não prestou grande atenção.

— Resolvi, Basílio, percorrer a santa Rússia em companhia de Pavel Ivanovitch. Talvez isto dê cabo da minha hipocondria.

— Como resolveste isso tão rapidamente? — disse Basílio, estupefacto. E esteve, quase, para acrescentar: «E logo com um indivíduo a quem falas pela primeira vez, que talvez não tenha onde cair morto!». Cheio de desconfiança, olhou para Tchichikov dissimuladamente; não pôde, porém, deixar de comprovar a sua extrema correção.

Meteram à direita, a caminho do portal. O muro da cerca era velho; a casa também; uma dessas casas que não se constroem já nos nossos dias, com celeiros por baixo de um teto elevado. Duas enormes tílias cobriam com a sua sombra mais de metade do pátio; numerosos bancos de madeira rodeavam-no. Tílias e cerejeiras bravas, em flor, punham um colar de pérolas no pátio, cujas taipas desapareciam completamente entre a folhagem. A casa senhorial estava verdadeiramente mascarada; só as portas de baixo e as janelas se descortinavam através da ramaria. Via-se por detrás dos troncos, direitos como agulhas, a brancura das cozinhas e das dependências. Não havia senão verdura, entre a qual os rouxinóis cantavam, em agudos trinados. Apesar disso, um meigo sentimento de quietude nos invadia a alma. Tudo recordava os bons tempos em que todos viviam honestamente; em que todas as coisas eram simples e inocentes.

O irmão de Platonov convidou Tchichikov a sentar-se. Instalaram-se nos bancos ao pé das tílias. Um rapaz de dezassete anos, com uma bonita blusa de algodão cor de rosa, trouxe e pôs na

frente deles garrafas de *kvass*, de tons brilhantes, oleosos, uns, como azeite, e ácidos, outros, como limonada gasosa, após o que pegou numa enxada encostada a uma árvore e foi para o jardim. Como seu cunhado Kostanioglo, os irmãos Platonov não tinham criados especiais. Os jardineiros prestavam estes serviços, por escala. Basílio era de opinião de que os criados não deviam formar classes; podendo cada um deles estar sempre ocupado, é dispensável ter gente especializada neste ou naquele serviço. O russo é um homem desempoeirado e trabalhador, enquanto trouxer blusa ou cafetã; porém, uma vez de casaco, torna-se indolente, cabeçudo, deixa de tomar banho e dorme com o sobredito casaco, onde se aninham as pulgas e os percevejos. Os camponeses são presunçosos; as mulheres usam toucas douradas e as mangas das camisas lembram, com os seus bordados, um jaleco turco.

— Quer matar a sede? — perguntou Basílio a Tchichikov. — Estas bebidas constituem há muito tempo o orgulho da nossa casa.

Tchichikov bebeu um copo, da primeira garrafa. Parecia o *lipec* — o hidromel — que se fazia antigamente na Polónia. O mesmo pique do champanhe; o gás fazia cócegas no nariz.

— Um néctar! — disse.

Tirou um copo de outra garrafa. Era ainda melhor.

— A rainha das bebidas! — acrescentou. — Posso dizer que na casa do meu respeitável cunhado, Constantino Fiodorovich, bebi um licor de primeira ordem; e nesta casa um *kvass* que não lhe fica a dever nada.

— O licor é também nosso; minha irmã é que levou a receita.

— Que itinerário tenciona seguir? — perguntou Basílio.

— Eu viajo — disse Tchichikov, balouçando-se ligeiramente no banco e inclinando-se enquanto acariciava o joelho — viajo, menos para tratar dos meus interesses que para tratar dos dos outros. O general Betrishev, meu íntimo amigo e, posso dizer, meu protetor, pediu-me que visitasse os seus parentes. Os parentes, é certo, têm sua importância; mas eu tiro daí também proveito, pois, sem falar da sua utilidade debaixo do ponto de vista higiênico, ver o mundo e as suas transformações constitui, por si só, um livro aberto a uma segunda ciência.

Basílio pôs-se a refletir: «Este homem exprime-se com certa jactância; mas alguma coisa há de verdade nas suas palavras.» Depois de um pequeno silêncio, disse, dirigindo-se a Platonov:

— Começo a acreditar, Platon, que uma viagem pode realmente despertar-te. Tu, além de apatia, nada tens. Adormeces, não por saciedade ou moleza, mas por falta de impressões, de sensações vivas. Eu sou em tudo o contrário. Quisera não sentir as coisas tão vivamente e não tomar tanto a peito tudo o que sucede.

— Tomas tudo tanto a peito, para quê? — disse Platonov. — Procuras motivos para te inquietares e tu mesmo forjas os teus aborrecimentos.

— Forjá-los para quê, se a cada instante sobrevêm as contrariedades? — disse Basílio. — Sabes a patifaria que nos pregou Lenitsin durante a tua ausência? Não. Pois bem: apoderou-se de um terreno baldio, onde a nossa gente realiza as suas festas, todos os anos, segundo o costume antigo, ao chegar a primavera. Em primeiro lugar, eu não cederei esse terreno por nenhum preço. As tradições da aldeia estão ligadas a ele; para mim, um costume é coisa sagrada; estou disposto a sacrificar-lhe tudo.

— Ele não sabia; por isso se apoderou do terreno — disse Platonov. — É um homem novo, recém-chegado de Petersburgo. É preciso explicar-lhe o assunto.

— Sabia perfeitamente. Mande-i-lho dizer, mas só respondeu com grosserias.

— Devias ter ido, tu próprio, dizer-lho. Vai falar-lhe.

— Não, por amor de Deus! Julga-se um homem de grande importância. Não vou ter com ele. Vai tu, se quiseres.

— Iria com muito prazer; como, porém, não entendo nada de negócios, enrolar-me-ia facilmente.

— Se quer — disse Tchichikov — eu encarrego-me do caso. Explique-mo bem.

Basílio olhou para ele e pensou: «Aqui temos um que viaja por gosto!».

— Dê-me apenas uma ideia do homem e do que se trata — continuou Tchichikov.

— Custa-me encarregá-lo de uma missão tão desagradável. Em minha opinião, não se trata de uma pessoa importante. Descendente de uma família de fidalgotes de província, fez a sua carreira em Petersburgo, onde se casou com a filha natural de um nobre. Por isso é que ele se mostra arrogante. Nós, porém, não somos parvos; não tomamos a moda por lei, nem S. Petersburgo por uma igreja.

— Certamente — disse Tchichikov —; mas de que se trata?

— Veja o senhor. Ele tem necessidade de terras. Se não tivesse procedido assim, eu de bom grado lhe teria cedido o terreno de graça. E agora esse maldito fanfarrão julga que eu lhe tenho medo.

— Em meu fraco entender, é melhor falar com ele; talvez assim o caso se resolva. Ninguém se arrependeu, até hoje, de me confiar

as suas questões. O próprio Betrischev...

— Mas custa-me que o senhor vá discutir com esse homem...

\*\*\*

— Esforçando-se particularmente por que tudo isto fique em segredo — disse Tchichikov — pois é menos perigoso o crime que o escândalo.

— Efetivamente, efetivamente — disse Lenitsin, com a cabeça de todo inclinada para um dos lados.

— Que prazer ter as mesmas ideias! — disse Tchichikov. — Eu também tenho, por minha parte, um assunto legal e ilegal ao mesmo tempo: ilegal, na aparência; legal, no fundo. Necessitando de um penhor, não desejo que ninguém corra o risco de pagar dois rublos por cada alma viva. Se chegasse a falir (o que Deus não permita!) seria fatal para o proprietário. Por isso resolvi tirar partido dos fugitivos e dos mortos que figuram ainda no recenseamento, a fim de levar a efeito uma boa ação e livrar, ao mesmo tempo, o pobre proprietário da obrigação de pagar contribuições por causa deles. Somente, por uma simples formalidade, fecharemos entre nós um contrato, como se de vivos se tratasse.

«Contudo, é estranho», pensava Lenitsin, afastando um pouco a cadeira.

— O negócio é de tal natureza... — começou.

— Mas se não haverá nenhum escândalo, se ficará tudo em segredo! — respondeu Tchichikov. — Trata-se, como acabo de lhe dizer, de um negócio entre pessoas sérias, de idade respeitável e, ao que parece, de elevada posição, com a garantia de segredo.

Dizendo isto, olhava-lhe francamente para o rosto. Por astuto e por entendido na prática dos negócios que fosse Lenitsin, este ficou perplexo, tanto mais que se sentia preso nas suas próprias redes. Era incapaz de uma injustiça e não quisera fazer nada de ilícito, nem sequer de secreto. «Que estranha aventura!», pensava. «Ligue-se alguém por uma estreita amizade, mesmo com pessoas honestas!».

Contudo, a sorte parecia favorecer Tchichikov. Como para ajudar a concluir este complicado assunto, apresentou-se a esposa de Lenitsin. Era pálida, baixinha, delgada; vestia à moda de Petersburgo e apreciava muito as pessoas distintas. Em seguida, nos braços da ama, chegou um bebé, fruto do terno amor dos jovens esposos. Pela desenvoltura dos seus modos e pela maneira de inclinar a cabeça, Tchichikov encantou a senhora de Petersburgo e, depois, o menino. Este começou por chorar; porém, dizendo-lhe: «olá, olá, bonitinho!», fazendo estalar os dedos e reluzir a corrente de cornalina do seu relógio, Tchichikov conseguiu atraí-lo para os seus braços. Logo se pôs a erguê-lo muito para o alto e obteve assim um precioso sorriso do boneco, que maravilhou seu pai e sua mãe. De repente, porém, por efeito da alegria ou por outro motivo, o bebé pregou-lhe uma partida.

— Ai, meu Deus! — exclamou a senhora de Lenitsin. — Molhou o fraque do senhor!

Tchichikov, com efeito, verificou que uma das mangas da sua casaca nova estava molhada: «Raios te partam, diabo!», pensou, encolerizado.

Os pais e a ama correram a buscar água de colónia. Todos se puseram a enxugá-lo.

— Não é nada — disse Tchichikov, esforçando-se quanto pôde por mostrar um semblante airoso. — Nesta encantadora época da sua vida, uma criança pode lá estragar alguma coisa! — repetia, enquanto pensava: «Os lobos deviam comer-te! Bem ma pregou, o patife!».

Esta circunstância, parecendo insignificante, dispôs favoravelmente o dono da casa em relação a Tchichikov. Como recusar seja o que for a um hóspede que prodigalizou inocentes carícias a um menino e sacrificou generosamente o seu fraque? A fim de não dar maus exemplos, concordaram em fechar o negócio em segredo, pois não havia coisa tão perigosa como o escândalo.

— Permita-me o senhor que, por minha vez, lhe preste um serviço. Eu quero ser seu intermediário junto dos irmãos Platonov. O senhor precisa de terras, não é verdade?

\*\*\*

Neste mundo, cada qual arranja-se como pode. A exploração dos cofres alheios foi coroado de êxito e uma parte do seu conteúdo passou para a famosa caixinha. Operação das mais judiciosas: Tchichikov lucrou mais que se roubasse. Pois, cada um de nós tira proveito dalguma coisa; este das florestas baldias; aquele de importâncias que lhe confiaram; outro rouba os camponeses «m troca de móveis de Hambs ou de uma parelha de cavalos. Que querem? O mundo fervilha de tentações: restaurantes caros, bailes de máscaras, aventuras amorosas com ciganas. É difícil contermo-nos. Se toda a gente faz o mesmo e a moda o exige, provemos um pouco disso! Portanto Tchichikov, a exemplo das pessoas, cada dia



mais numerosas, que amam o conforto, encaminhou o negócio em seu proveito.

Tchichikov deveria ir-se já embora; os caminhos, porém, estavam intransitáveis. Entretanto, na cidade, ia começar outra feira, destinada a pessoas da sua posição. Na anterior, negociavam-se especialmente em cavalos, gado, produtos agrícolas, adquiridos aos camponeses pelos açambarcadores. Agora, os negociantes de novidades expunham as mercadorias compradas na feira de Nijni-Novgorod. O flagelo dos mealheiros russos foram esses franceses vendedores de perfumes, franceses vendedores de chapéus — essa lagosta do Egito, como lhes chamava Kostanioglo, que, não contente com devorar tudo, deixa os seus ovos ocultos na terra — que vinham arrebanhar o dinheiro economizado à custa de um labor encarniado.

Só a má colheita retinha em suas casas numerosos fidalgotes. Em compensação, os funcionários gastavam à doida, assim como suas mulheres, desgraçadamente. Tendo lido diversas obras publicadas nos últimos tempos com o objetivo de criar novas necessidades à humanidade, ardiam em desejos de saborear novos prazeres. Um francês tinha aberto um *vauxhall* — estabelecimento até então desconhecido na província — com comidas a preços muito baixos, metade das quais a crédito. Isto foi o bastante para que, não só os chefes de repartição, mas os simples subalternos, contando com futuras gratificações dos contribuintes, se entregassem a elas de corpo e alma.

Cada qual desejava fazer ostentação de formosas carruagens. As diversas classes rivalizavam em diversões. Apesar do mau tempo

e da lama, as caleches iam e vinham. Deus sabe de onde elas saíam; todavia, em Petersburgo não deveriam produzir mau efeito.

Comerciantes, escreventes, descobrindo-se com elegância, cumprimentavam as senhoras e falavam-lhes. Simplesmente, não se via nenhum homem barbado e com gorro de peles, à moda antiga. Todos tinham aspeto europeu.

\*\*\*

Estendido num canapé, Tchichikov, embrulhado numa bata persa de *tarmalam* de ouro, discutia com um contrabandista ambulante, de origem judia e sotaque alemão. Já tinha comprado uma nova peça de pano fino da Holanda e duas caixas de sabonetes de primeira qualidade, os mesmos de que se abastecia, não havia muito, na alfândega de Radzivilov, e que tinham a misteriosa propriedade de amaciar a pele e torná-la assombrosamente branca. Quando comprava tudo isto, como bom conhecedor dos produtos indispensáveis a todo o homem de boa família, o estrépito de um coche que chegava fez tremer ligeiramente os vidros, e Sua Excelência Alexei Ivanovitch Lenitsin entrou.

— Que diz Vossa Excelência a este pano, a estes sabonetes e a estas bugigangas que acabo de comprar?

E, dizendo isto, Tchichikov pôs na cabeça um chapéu bordado a ouro e pedras falsas, que lhe imprimia a majestade de um xá da Pérsia.

Porém, sem responder à pergunta, Sua Excelência, num tom preocupado, disse-lhe.

— Preciso de lhe falar.

O respeitável comerciante de sotaque alemão foi logo despedido, e os dois ficaram sós.

— Acaba de surgir uma grande contrariedade! Descobriu-se outro testamento da velha, feito já há cinco anos. Metade do domínio lega-o a um convento; o resto é dividido por duas pupilas. E eis tudo.

Tchichikov perturbou-se.

— Mas esse testamento não serve; não tem valor algum; está anulado pelo segundo — disse.

— Essa anulação não ficou estipulada no posterior.

— Isso cai pela base. Eu conheço bem a vontade da defunta; estava junto dela; o primeiro testamento é nulo. Quem o assinou? Quem são as testemunhas?

— Está redigido em forma legal e assinado por duas testemunhas: Javanov e Burmilov, ex-juiz do Tribunal de Consciência.

«Que maçada!», pensou Tchichikov. «Javanov passa por honrado; Burmilov é um velho santarrão a quem se confia nos dias de festa a leitura da Epístola.»

— É um absurdo! — disse em voz alta, enchendo-se de uma coragem a toda a prova. — Eu estou mais ao corrente do que ninguém; assisti aos últimos momentos da defunta. Estou disposto a testemunhá-lo, debaixo de juramento.

Estadas palavras decididas tranquilizaram por um instante Lenitsin. Arrependia-se de, na sua agitação, ter suspeitado de Tchichikov como autor do testamento. A disposição que manifestava de jurar era uma prova evidente do contrário. Ignoramos se Pavel Ivanovitch haveria tido, realmente, a audácia de jurar sobre os

Evangelhos; em todo o caso, só o facto de o pretender revelava merecimento.

— Esteja o senhor tranquilo. Eu falarei sobre o assunto com vários juristas. Quanto ao senhor, não dê um passo; deve mostrar-se completamente estranho ao negócio. Eu posso ficar na cidade todo o tempo que me parecer.

Tchichikov mandou logo engatar e dirigiu-se a casa de um advogado de grande nomeada nesta especialidade. Processado havia quinze anos, soube arranjar-se tão bem, que não puderam destituí-lo do cargo. Toda a gente sabia que, por suas malas-artes, deveria ter sido deportado seis vezes. Todos suspeitavam dele; mas ninguém podia apresentar quaisquer provas. Verdadeiramente, ali havia um mistério; e, se a nossa narrativa se fizesse em épocas de ignorância, tomariam com certeza o nosso homem por feiticeiro. A fria apresentação do advogado, a imundície da sua toga, contrastavam vivamente com a luxuosa mobília de acaju, com o dourado relógio sob um farol de cristal, com a lâmpada que se distinguia através de um invólucro de musselina e, em geral, com tudo o que o rodeava, que mostrava o selo evidente da cultura europeia.

O contraste surpreendeu Tchichikov; mas, sem detenções, expôs os pontos melindrosos do assunto e expôs em termos sedutores a gratificação com que não deixaria de ser recompensado um bom conselho e o trabalho que desse.

O homem de leis, por sua vez, perorou sobre a instabilidade das coisas terrestres e deu habilmente a entender que um «pega» vale mais que dois «te darei».

De boa ou de má vontade, foi preciso recorrer a argumentos contantes e sonantes. A cética frieza do filósofo desapareceu

instantaneamente. Revelou-se um homem primoroso, conversador brilhante, que, na arte de saber viver, nada ficava a dever a Tchichikov.

— Permita-me que lhe diga, em vez de complicar as coisas, que o senhor, com certeza, não examinou bem o testamento: este deve ter um codicilo. Veja se o leva alguns dias para sua casa. Embora isso seja proibido, solicitando-o convenientemente... Eu, pela minha parte, farei o que puder.

«Compreendo», pensou Tchichikov.

— Efetivamente — disse — não me recordo se há ou não algum codicilo.

Como se o testamento não tivesse sido falsificado por suas próprias mãos!

— É melhor que o senhor o examine. Por outro lado — prosseguiu o advogado, com grande afabilidade — o senhor não se aflija, ainda que suceda alguma coisa de desagradável. Não desespere nunca. Não há nada que não tenha remédio. Olhe para mim. Estou sempre calmo. Por mais obstáculos que me levantem, a minha tranquilidade é absoluta.

O rosto do jurisconsulto refletia, com efeito, uma extraordinária calma, o que serenou muito Tchichikov.

— Realmente, isso é de capital importância — disse. — Suponha, no entanto, que surgem falsas acusações por parte de inimigos, situações difíceis, capazes de nos tirar o sossego...

— Creia o senhor: isso é pusilanimidade — respondeu com grande segurança o homem de leis. — Proceda de maneira que este caso seja instruído completamente por escrito; que não haja nenhuma declaração verbal. E quando o senhor vir que se aproxima

o desenlace, que está iminente uma solução, em vez de justificar-se ou defender-se trate simplesmente de embrulhar as coisas, metendo no assunto elementos estranhos.

— Quer dizer, a fim de...

— De embrulhar e nada mais; de introduzir na questão circunstâncias acessórias que nela enroldariam outras pessoas. Isto é o principal. Que venha depois de Petersburgo um funcionário, a ver se consegue desenredar a meada! — repetia, olhando para a cara de Tchichikov com particular satisfação, como o professor olha para o aluno a quem explica um tema agradável de gramática russa.

— Está muito bem, desde que se encontrem circunstâncias capazes de estabelecer a confusão — disse Tchichikov resumindo, também com a satisfação de um filósofo, como discípulo que percebeu o agradável tema explicado pelo mestre.

— Aparecem sempre, acredite. O frequente exercício torna engenhoso o espírito. Em primeiro lugar, lembre-se de que eu o ajudarei. A própria complicação do assunto tem grande importância. São precisos mais funcionários e há mais custas do processo. Em resumo: trata-se de fazer interessar no caso numerosas pessoas. Pouco importa que algumas delas sejam incomodadas em vão; terão que se justificar por escrito. Isto produz efeito! Podem baralhar-se as cartas de tal maneira, que ninguém ficará a perceber nada. Por que estou eu tranquilo? Porque tracei uma linha de conduta. E, quando os meus negócios se complicarem, meterei neles o governador, o vice-governador, o chefe da polícia, o tesoureiro geral. Fá-los-ei dançar a todos. Conheço todos os seus atos, todos os seus gestos, as suas invejas, os seus aborrecimentos, as suas intrigas. E, mesmo

que eles se libertem do assunto, encontrarei outros. Nas águas turvas é que melhor se pesca.

E o advogado filósofo fixou Tchichikov nos olhos, novamente, e com tanta satisfação como o professor explica ao discípulo um tema ainda mais agradável da gramática russa.

«Com efeito, este homem é um sábio!», disse Tchichikov; e muito bem disposto, despediu-se do jurisconsulto.

Completamente sereno, estendeu-se, numa posição de abandono, nos elásticos estofos da caleche e ordenou a Selifan que descesse a capota. (Tinha ido a casa do jurisconsulto com a capota fechada e as cortinas corridas). Instalou-se como um coronel de hussardos reformado ou como Vishnepokromov em pessoa, com as pernas cruzadas, voltando para os transeuntes um rosto afável, radiante debaixo do seu chapéu alto, novo, um pouco inclinado para a orelha. Selifan recebeu ordem de se dirigir ao bazar. Os comerciantes, estrangeiros ou indígenas, que estavam à porta das suas lojas, descobriram-se respeitosamente; e Tchichikov, muito digno, levantava o seu chapéu, correspondendo. Conhecia já muitos deles; outros, estrangeiros mas encantados com os modos daquele senhor que sabia apresentar-se, cumprimentavam-no também. A feira de Tfuslavl continuava ainda. Depois dos cavalos e dos produtos agrícolas, negociava-se agora em artigos de luxo para as pessoas abastadas. Os feirantes, chegados de coche, tinham prometido a si próprios não regressar senão de trenó.

Portanto, junto da sua tenda, um vendedor de fazendas encafado num capote à moda moscovita, acolheu Tchichikov com uma grande chapelada, não sem acariciar com a outra mão o queixo, há pouco barbeado.

— Dê-me as suas ordens!... — disse, com requintada cortesia.  
Tchichikov entrou na tenda.

— Bem, meu caro, mostre-me fazendas.

O afável comerciante levantou imediatamente uma tábua móvel, perto do balcão. Abrindo assim caminho, ficou de costas para a mercadoria e de cara para o freguês. Descoberto, com o chapéu ainda na mão, cumprimentou uma vez mais Tchichikov. Cobriu-se, por fim e, apoiando ambas as mãos no mostrador, disse:

— Que espécie de tecido deseja o senhor? Manufaturas inglesas ou fabrico nacional?

— Fabrico nacional, mas de primeira qualidade: o que se chama inglês.

— E a cor preferida? — perguntou o comerciante, oscilando graciosamente sobre as mãos arqueadas.

— Azeitona mosqueada ou verde-garrafa, puxando para o amaranço — disse Tchichikov.

— Vou apresentar ao senhor o que há de melhor. Para encontrar coisa superior, seria preciso ir às capitais do mundo civilizado. Rapaz! Tira-me o número 34, além, no alto de tudo. Não é isso, amigo: sempre dás a entender que és um proletário. Ah! É esse! Tira-o! Uma fazenda famosa!

E desdobrando a peça, o comerciante pô-la em frente do nariz de Tchichikov, de modo que este pôde, não somente acariciar o sedoso tecido, mas até cheirá-lo.

— Está bem; mas há melhor — disse. — Eu servi na alfândega. Mostre-me, portanto, o senhor a melhor qualidade que exista, e mais escura, puxando menos para o verde-garrafa que para o amaranço.



— Compreendo. O senhor deseja realmente a cor da moda. Tenho uma fazenda superior. Previno-o, porém, de que o preço é elevado mas a qualidade também.

O europeu encarrapitou-se. A peça caiu. Desdobrou-a com a arte de outros tempos, esquecendo-se por um momento de que pertencia à nova geração. Trouxe-a para a luz; até saiu da loja, mostrou-a cá fora, piscando os olhos por causa da claridade, e disse, por fim:

— Cor excelente: *navarin* fogo e fumo.

Gostou do artigo; chegaram a acordo no preço, embora o comerciante afirmasse que só vendia a preço fixo. A peça foi logo mutilada (um golpe seco das duas mãos serviu de tesoura) e o corte embrulhado à moda russa, com incrível rapidez. Atou-se o pacote com um nó artisticamente feito. Uma tesourada no barbante, e tudo na caleche. O vendedor tirou o chapéu. Tinha razões para isso; o negócio fora lucrativo.

— Mostre-me fazenda preta — disse uma voz.

«Caramba! Aqui temos Jlobuiev», pensou Tchichikov, que voltou as costas para o não ver, julgando imprudente conversar com ele a propósito da herança. O outro, porém, já o tinha visto.

— Não se esconderá o senhor de mim propositadamente, Pavel Ivanovitch? Não há meio de o encontrar em parte alguma; e, apesar disso, temos que falar muito a sério.

— Meu bom amigo! — exclamou Tchichikov, estreitando-lhe as mãos. — Creia que tinha muito gosto em falar consigo; mas agora luto com absoluta falta de tempo.

E, entretanto, pensava: «Vai para o diabo que te carregue!».

Logo a seguir, viu entrar Murazov.

— Ah, meu Deus! Atanásio Vasilievich! Que feliz encontro!

E, atrás dele, Vishnepokromov, que entrava, por sua vez, na loja, repetiu:

— Atanásio Vasilievich!

E o comerciante de finas maneiras, descobrindo-se com um amplo gesto, com o corpo inteiramente inclinado, proferiu:

— Os nossos humildes cumprimentos a Atanásio Vasilievich!

As caras deixaram transparecer essa obsequiosidade servil que os milionários inspiram aos simples mortais.

O ancião saudou-os a todos e dirigiu-se especialmente a Jlobuiev:

— O senhor desculpe. Ao vê-lo, de longe, entrar na loja, resolvi incomodá-lo. Se tem tempo e vem pelo meu caminho, faça-me o favor de entrar um momento. Tenho que lhe falar.

— Perfeitamente, Atanásio Vasilievich — respondeu Jlobuiev.

— Que lindo tempo, Atanásio Vasilievich! — acrescentou Vishnepokromov. — É extraordinário!

— Sim, graças a Deus, está muito lindo! Precisava-se, no entanto, de alguma chuva para as nossas sementeiras.

— Com certeza — disse Vishnepokromov — e até para a caça.

— Sim, uma chuvinha estava a calhar — corroborou Tchichikov, que nenhuma necessidade tinha dela; mas é sempre agradável estar de acordo com as palavras de um milionário. — Até me dá volta o miolo — disse Tchichikov, desde que Murazov saiu — pensar que este homem tem dez milhões! É inacreditável!

— É uma coisa contra a natureza — disse Vishnepokromov. — Os capitais não devem estar concentrados numa só mão. Isto é já objeto de leis em toda a Europa. Quando se tem dinheiro, é preciso

fazer os outros compartilhar dele; dar jantares, bailes, desenvolver o luxo benfeitor, que dá pão aos operários e artistas.

— O que não compreendo — disse Tchichikov — é que, possuindo dez milhões, viva como um camponês. Deus sabe o que podia fazer-se com dez milhões! Se ele quisesse, convivia apenas com generais e com príncipes.

— Sim — acrescentou o dono da loja — apesar dos seus haveres, Atanásio Vasilievich carece de instrução e de outras coisas mais. Quando um comerciante chega a ser homem de peso, converte-se num potentado e deve portar-se como tal; ter um camarote de assinatura e casar a filha com um general. Um simples coronel já não é o bastante; esse despede a cozinheira e vai comer para uma pensão.

— Realmente é assim! — disse Vishnepokromov. — O que poderia fazer com dez milhões! Se eu os apanhasse, os senhores veriam...

«Não», pensou Tchichikov, «tu não farias grande coisa com eles; comigo, porém, já era outro cantar!»

«E não poder eu possuir dez milhões, depois de tão horríveis experiências!», pensava Jobuiev. «Elas ensinaram-me a dar valor a cada copeque. Agora, havia de orientar-me de modo diferente.»

Depois de um minuto de reflexão, perguntou a si próprio: «Gastá-los-ia agora com mais juízo?». E, encolhendo os ombros, acrescentou: «Caramba! Estou firmemente convencido de que havia de os esbanjar como dantes!».

Deixou em seguida a tenda, cheio de curiosidade em saber o que lhe diria Murazov.

— Esperava-o, Simão Semionovich — disse Murazov ao vê-lo entrar. — Passemos para o meu quarto.

Conduziu-o a um aposento que, na sua simplicidade, mais parecia o de um empregado com o vencimento de setecentos rublos anuais.

— Ouça; julgo que a sua situação melhorou. Recebeu alguma herança por morte da sua tia?...

— Para falar com franqueza, Atanásio Vasilievich, ignoro se melhorou. Tocaram-me, por junto, cinquenta camponeses e trinta mil rublos, com que tive de pagar parte das minhas dívidas; e já estou de novo sem um centavo. O senhor sabe que o testamento dela é um caso muito escuro, Atanásio Vasilievich? Eu conto-lhe, e ficará surpreendido com o que se passa. Este Tchichikov...

— Dê-me licença, Simão Semionovich; antes de falar desse Tchichikov, falemos do senhor. Diga-me de quanto necessitaria, em sua opinião, para pagar integralmente as suas dívidas.

— A minha situação é difícil — disse Jlobuiev. — Para me livrar destes apuros, para me desempenhar por completo e ter possibilidades de levar uma existência modesta, necessitava, pelo menos, de cem mil rublos ou ainda mais.

— E se possuísse essa importância, como organizaria a sua vida?

— Então alugaria uma parte de casa e dedicar-me-ia à educação dos meus filhos. É inútil pensar em mim; a minha carreira terminou; já não sirvo para nada.

— Portanto, o senhor ficaria ocioso. Não ignora, porém, que é na ociosidade que nos assaltam as tentações em que jamais pensa um homem trabalhador.

— Que quer o senhor? Eu não sirvo para nada! Estou apático; sofro dos rins.

— E como há de viver sem trabalhar? Como permanecer no mundo sem funções, sem um emprego? Repare o senhor em todas as criaturas de Deus: cada uma delas serve para alguma coisa. Até uma pedra tem o seu emprego, e o homem, o ser mais racional, não saberá tornar-se útil? Isso é justo?

— Mas eu não estarei desocupado. Tratarei da educação dos meus filhos.

— Não, Simão Semionovich; não há nada mais difícil. Pois quê! Aquele que não soube educar-se a si próprio pode educar os filhos? Devemos educar pelo exemplo. Ora diga-me: a sua vida foi um bom exemplo para eles? O mais que lhes pode ensinar é a passar o tempo na ociosidade e a jogar as cartas. Não, Simão Semionovich; confie-me os seus filhos. O senhor pervertê-los-á. Pense nisto seriamente. A ociosidade perdeu-o. É necessário fugir dela. Como é possível viver, sem estar sujeito a qualquer ocupação? Deve-se cumprir um dever qualquer. O próprio jornaleiro serve para alguma coisa; come um pão frugal, é certo, mas ganha com o seu trabalho e sente interesse pela sua tarefa.

— Palavra de honra, Atanásio Vasilievich, que fiz esforços para dominar-me. Trabalho perdido! Envelheci e tornei-me incapaz de tudo. Empregar-me, em quê? Como posso ir, aos quarenta e cinco anos, sentar-me a uma mesa, como os escreventes? Além disso, eu não posso aceitar gorjetas. Comprometer-me-ia e não deixaria os outros bem colocados. Depois, eles formam uma casta à parte. Não, Atanásio Vasilievich; já tenho refletido; sinto-me incapaz de tudo. O que me convém é um asilo.

— O asilo é para os que trabalharam; aos que passaram a juventude divertindo-se, responde-se-lhes como a formiga à cigarra: «Cantaste? Pois dança agora!». E mesmo no asilo se trabalha; não se joga o *whist*. Simão Semionovich — disse Murazov, olhando-o fixamente — o senhor engana-se e quer enganar-me.

Murazov fitou-o, cara a cara; o pobre Jlobuiev, porém, não soube que responder. Causou pena a Murazov.

— Ouça, Simão Semionovich... O senhor reza; vai à igreja; eu sei que não falta às vésperas nem às matinas. Embora não goste de se levantar cedo, o senhor vai para lá às quatro da manhã, quando toda a gente dorme.

— Isso é outra coisa, Atanásio Vasilievich. O que faço não é para o mundo, mas para Aquele que mandou a todos para esta vida. Eu creio que Ele é misericordioso comigo; que, apesar das minhas fraquezas, pode perdoar-me e receber-me, quando todos me repelem com o pé, quando o meu melhor amigo me traiçoa, dizendo, em seguida, que foi com boa intenção.

Um sentimento aflitivo se refletiu no rosto de Jlobuiev. Murazov calou-se um instante, como para deixá-lo voltar a si, e disse:

— Por que não arranja o senhor também um emprego, igualmente sem a intenção de dar satisfação aos homens ou de agradar à sociedade? Sirva Aquele que é tão misericordioso. O trabalho é-lhe tão agradável como a oração. Escolha uma ocupação qualquer; mas tome esse encargo como se o fizesse por Ele e não pelos homens. Tire simplesmente água de um poço, mas pensando que faz esse esforço por amor de Ele. Terá logo a vantagem de não lhe sobrar tempo para o mal; para perder dinheiro ao jogo, para

andar por maus caminhos, para a vida mundana, enfim. Diga-me, Simão Semionovich, conhece Ivan Potapich?

— Conheço-o e respeito-o muito.

— Pois bem: era um opulento comerciante; possuía meio milhão. Colhendo benefícios por todos os lados, quis levar uma vida à rédea solta. Seu filho aprendeu o francês; a filha casou com um general. Já o não viam nos armazéns nem na Bolsa; passava os dias inteiros nos *cabarets*, banqueteadando-se com os amigos; finalmente, abriu falência. Outra desgraça: Deus levou-lhe o filho. Agora está empregado na minha casa. A sua situação melhorou. Restabeleceram-se os seus negócios; poderia, novamente, negociar com quinhentos mil rublos. «Não», disse, «empregado sou, empregado quero morrer. Agora tenho saúde e boa disposição, enquanto, dantes, sofria dos intestinos e a hidropisia ameaçava-me... Nada disso!». Modificou-se por completo. Já não toma chá; nada mais que manteiga fresca e sopa de couves. É forte e piedoso e socorre os pobres como ninguém, pois muito poucos se considerariam felizes acudindo em auxílio de quem desbaratou o seu dinheiro.

O velho pegou-lhe nas mãos. O pobre Jlobuiev meditava.

— Simão Semionovich! Se o senhor calculasse a pena que me dá! Constantemente penso no senhor. Ouça: deve saber que há no mosteiro um anacoreta que se não deixa ver por ninguém. É um homem de notável inteligência. Fala pouco; mas quando dá um conselho... Eu comecei a dizer-lhe que tinha um amigo, sem o nomear... que padecia disto e daquilo. Escutou-me a princípio; depois, interrompeu-me bruscamente. «Há que pensar em Deus antes de pensarmos em nós. Está-se construindo uma igreja e é

preciso dinheiro; é preciso pedir para a igreja»; e, com estas palavras, deu-me com a porta na cara. «Que quer isto dizer?», pensava eu. «Não quer dar-me conselhos?» Fui ter com o abade. Mal eu tinha entrado, disse-me: «O senhor conhece alguém que possa encarregar-se de pedir para a igreja? Necessitava-se de um homem categorizado ou de um homem de negócios, que fosse mais educado que os outros e que visse nesta boa obra um meio de lograr a sua salvação». Fiquei assombrado. — Meu Deus, eis o que me queria dizer o anacoreta! É a Simão Semionovich que convém este emprego. Viajar será excelente para a sua doença. Indo, na sua qualidade de proprietário, de camponês em camponês, de cidade em cidade, conhecerá as condições de existência e as necessidades de cada qual, de modo que, no seu regresso, depois de ter percorrido algumas províncias, conhecerá a região melhor do que todos os nossos mandriões. Há justamente necessidade de homens assim. O príncipe dizia-me que daria qualquer coisa para encontrar um empregado que conhecesse as coisas tais como elas são na realidade, pois nos papéis, disse, não se vê nada e tudo aparece embrulhado.

— O seu oferecimento confunde-me, Atanásio Vasilievich — disse Jlobuiev, olhando para ele, surpreendido. — Custa-me a acreditar em semelhante proposta. Para isso necessita-se de um homem ativo, infatigável. Mas eu, como abandonar minha mulher e os meus filhos, que não têm nada que comer?

— Não se preocupe por causa deles. Eu encarrego-me da sua alimentação; os seus filhos terão professores. Em vez de ir mendigar para si, de saco ao ombro, vale mais pedir para Deus; é mais nobre. Ao senhor dar-lhe-ei um simples carrinho; não receie os solavancos;



é para a sua salvação. Receberá dinheiro para o caminho, a fim de que, ao passar, lhe seja permitido socorrer os mais necessitados. Assim, pode praticar muita benemerência; o senhor não se enganará e aquele a quem favorecer será digno disso. Viajando desta maneira, ficará a saber como vivem as pessoas. Não desconfiarão do senhor, como desconfiariam de um funcionário, de quem todos têm medo; sabendo que pede para a igreja, de bom grado entabularão conversa consigo.

— É uma excelente ideia, e de boa vontade a poria em prática, pelo menos em parte, mas a tarefa parece-me superior às minhas forças.

— Há alguma tarefa que corresponda às nossas forças? — disse Murazov. — Não; todas as ultrapassam; sem a ajuda do alto, nada se pode fazer. Contudo, encontram-se forças na oração. O homem benze-se, implora o auxílio do Senhor, empunha os remos e alcança a margem. É inútil refletir longamente; aceite a minha proposta como uma ordem divina. O coche está quase pronto; vá pedir ao abade a relação e a sua bênção, e a caminho!

— Inclino-me e aceito isto como uma indicação divina. — «Abençoa-me, Senhor!», disse mentalmente. Logo sentiu que o vigor e a energia penetravam nele. O seu espírito foi despertado pela esperança de sair da sua triste situação. Um raio de luz brilhou a distância.

— Agora, permita-me uma pergunta — disse Murazov. — Que espécie de homem é esse Tchichikov?

— A esse respeito vou dizer-lhe coisas inauditas. Pratica atos abomináveis... O senhor sabe, Atanásio Vasilievich, que o

testamento é falso? Encontrou-se um autêntico em virtude do qual a propriedade pertence às pupilas.

— Que diz o senhor? E quem forjou o testamento falso?

— Julga-se que é obra de Tchichikov e que o documento foi assinado depois da morte da defunta. Uma mulher, subornada para esse efeito, encarregou-se disso. Enfim, o assunto é dos mais escandalosos. Por toda a parte surgem uma infinidade de questões. A Maria Ieremeievna aparecem noivos; dois empregados agrediram-se por sua causa. Aqui tem o estado das coisas, Atanásio Vasilievich.

— Não sabia nada; o caso é verdadeiramente condenável. Pavel Ivanovitch, confesso-o, é para mim um ser bastante enigmático.

— Eu também apresentei uma reclamação com o fim de recordar que existe um próximo herdeiro...

«Que se esmurrem uns aos outros!», pensava Jlobuiev ao sair. «Atanásio Vasilievich não é parvo. Com certeza me encarregou desta missão depois de ter pensado bem. Não tenho outra coisa a fazer senão dedicar-me a ela.»

Pôs-se a meditar durante o caminho enquanto Murazov repetia para si, uma vez mais:

— Que homem enigmático é este Pavel Ivanovitch! É pena que não aplique tanta energia e força de vontade na prática do bem!

\*\*\*

Entretanto, foram chegando aos tribunais reclamações sobre reclamações. Apresentaram-se herdeiros de -quem nunca se ouvira falar. Como os corvos se atiram sobre os cadáveres, todos

reivindicaram a grande herança deixada pela velha senhora. Houve denúncias contra Tchichikov, contra a autenticidade do último testamento e contra a do primeiro; indicações de roubo e desvio de fundos. Tchichikov foi também acusado de comprar almas mortas e de ter feito contrabando na época em que serviu nas alfândegas. Dissecou-se toda a sua vida e puseram-se a claro as suas antigas aventuras. Deus sabe como isso foi, mas examinaram-se casos que, além das quatro paredes, Tchichikov julgava ninguém conhecer. Aliás, tudo isto permanecia no segredo da justiça e não tinha chegado aos seus ouvidos, embora um bilhete do advogado lhe fizesse compreender que andava moiro na costa.

O bilhete era lacónico: «Apresso-me a informá-lo de que vai haver celeuma; mas fique certo de que não há motivos para se apoquentar. Calma, calma. Tudo se arranjará». Este bilhete tranquilizou completamente Tchichikov. «É um espertalhão!», disse.

Para cúmulo da sorte, o alfaiate trouxe-lhe naquele momento o seu fato novo. Estava morto por se ver com o fraque à moda, cor da *navarin* fogo e fumo. Vestiu as calças, que lhe assentavam à maravilha. As ancas ficavam perfeitamente modeladas e os músculos também. O pano fazia avultar todos os pormenores, dando-lhes ainda maior elasticidade. Quando apertou a fivela, atrás, a sua barriga parecia um tambor. Bateu-lhe com a escova, exclamando:

— Que aspeto de animal! E, apesar disso, o conjunto não está nada mau!

O fraque ainda parecia mais bem talhado que as calças; nem uma prega; as abas caíam como uma luva. Adaptava-se à cintura, sublinhando-a. A uma observação de Tchichikov, que se queixava de

o sentir um pouco apertado na altura do sovaco direito, o alfaiate limitou-se a sorrir: o corte não podia estar melhor.

— Fique descansado; esteja tranquilo, quanto ao trabalho — repetia, com ar de triunfo não dissimulado. — Salvo em S. Petersburgo, não se trabalha melhor em parte alguma.

O próprio alfaiate era de S. Petersburgo, embora tivesse posto na tabuleta: *Estrangeiro de Londres e Paris*. Não se descuidara e, dizendo-se das duas cidades ao mesmo tempo, queria tapar a boca a todos os seus colegas, que deveriam contentar-se com a procedência de Karlsruhe ou de Copenhaga.

Tchichikov terminou a prova e ficou só, contemplando-se demoradamente ao espelho, com amor, como artista dotado de sentido estético. Todas e cada uma das partes do quadro pareciam ter melhorado: as faces mais coradas; o queixo mais sedutor; o pescoço branco dizia com o rosto; a gravata de cetim azul dizia com o pescoço; as pregas do peitilho à moda, com a gravata; o rico colete de terciopelo, com o peitilho; o fraque *navarin* fogo e fumo, brilhante como a seda, com todo o conjunto. Voltou-se para a direita: uma perfeição! Para a esquerda: melhor ainda! Tinha o aspeto de um camareiro real, de uma pessoa fina, que, mesmo encolerizada, não deixa escapar nenhum palavrão, mas blasfema e pragueja em francês. Em conclusão: o requinte da elegância! Com a cabeça levemente inclinada, adotou a posição de um fátuo que conversa com uma senhora de meia idade e de instrução esmerada. Tinha assunto para um quadro; só faltava o artista e o seu pincel. De pura satisfação, Pavel Ivanovitch deu uma cabriola. Estremeceu a cómoda; um frasco de água de colónia caiu por terra. Sem a menor

perturbação, chamou imbecil ao frasco e pôs-se a pensar: «Por onde devo começar as minhas visitas? O melhor é...»

No mesmo instante, ouviu-se na antecâmara um ruído de esporas.

Um polícia, devidamente fardado, apareceu, como se ele só representasse toda a corporação.

— Tenho ordem de o apresentar imediatamente ao governador geral!

Tchichikov ficou aturdido. Diante dele erguia-se um espantalho com bigodes, uma cauda de cavalo no capacete, uma correia em cada ombro, um grande sabre à cinta. Pareceu-lhe que do outro lado pendia uma espingarda e Deus sabe o que mais. Todo um exército num indivíduo! Pretendeu fazer alguma objeção; o espantalho proferiu grosseiramente: «Ordem de o apresentar imediatamente!».

Tchichikov divisou na sala de espera o vulto de outro espantalho e, espreitando por uma janela, viu um coche. Que fazer? Tal como estava, com o seu lindo fato *navarin* fogo e fumo, teve que subir para o carro e, tremendo, dirigiu-se, escoltado pela polícia, a casa do governador geral. Na antecâmara, nem tempo lhe deram para se refazer.

— Entre! O príncipe está à sua espera — disse o oficial de serviço.

Como através de uma nuvem, viu a antecâmara onde os contínuos recebiam os maços de ofícios e, a seguir, uma sala que atravessou, pensando: «Vão mandar-me para a Sibéria, sem outra forma de processo!». O seu coração bateu com maior violência que o do amante mais zeloso. Por fim, abriu-se a porta fatal; apareceu o

gabinete; surgiram-lhe armários, tapetes, livros e o príncipe, personificação da cólera.

«O monstro!», disse para si Tchichikov. «Vai despedaçar-me como o lobo ao cordeiro!»

— Pois quê! — exclamou o príncipe, cujos lábios tremiam de cólera. — Perdoei-lhe, ao senhor; autorizei-o a permanecer na cidade quando o devia ter mandado para a cadeia; e, para me agradecer tudo isso, teve o atrevimento de cometer a patifaria mais vergonhosa que até hoje cometeu um homem!

— Que vergonhosa patifaria, Excelência? — perguntou Tchichikov, tremendo.

— A mulher — disse o príncipe, aproximando-se e fitando Tchichikov — a mulher que assinou o testamento a instâncias do senhor já está presa e vai ser acareada consigo.

Uma nuvem passou pelos olhos de Tchichikov. Ficou branco como a cal da parede.

— Excelência! Dir-vos-ei toda a verdade. Estou culpado, verdadeiramente culpado; não tanto, porém, como vós supondes. Os meus inimigos caluniaram-me.

— Ninguém seria capaz de o caluniar, pois no senhor há mais crimes do que os que possa inventar o último dos embusteiros. Creio que em toda a sua vida não praticou o senhor uma ação que não fosse vergonhosa. Cada um dos copeques que o senhor ganhou deve ter origem em qualquer patifaria; cada um dos copeques que tem ganho é um roubo e uma infâmia que merecem a Sibéria. A medida trasborda. Vais para um calabouço imediatamente, e ali, em companhia dos mais vis gatunos, esperarás que se tome uma

resolução a teu respeito. E isto ainda é um favor, pois tu és pior que eles; eles usam casaco e samarra, enquanto tu...

Olhou para o fraque *navarin* fogo e fumo e puxou pelo cordão de uma campainha.

— Excelência! — exclamou Tchichikov. — Tende piedade de mim! Sois pai de família... Perdoai, senão a mim, ao menos à minha velha mãe!

— Mentos! — gritou o príncipe, enfurecido. — Dantes pedias-me, invocando o nome de teus filhos e da tua família inexistente, e agora falas da tua mãe.

— Excelência! Sou um bandido, o último dos miseráveis... Menti, realmente; não tinha filhos nem família; mas Deus é testemunha de que sempre desejei ter uma mulher e cumprir os meus deveres de homem e de cidadão, a fim de merecer o conceito público... Mas, que deplorável conjunto de circunstâncias! Excelência: eu tive de ganhar a vida em condições terríveis. Tentações a cada passo... inimigos... a minha vida inteira foi como um torvelinho, como um barco açoitado pelas ondas, à mercê dos vendavais. Sou um homem, Excelência!

Uma torrente de lágrimas brotou subitamente dos seus olhos. Rojou-se aos pés do príncipe, como estava, com o fraque *navarin* fogo e fumo, colete de terciopelo, gravata de cetim, calças irrepreensíveis, exalando o seu penteado um suave perfume de água de colónia, e bateu com a testa no chão.

— Para trás! Levem-no! — gritou o príncipe.

— Excelência! — uivava Tchichikov, apertando com ambas as mãos a bota do príncipe.

O príncipe sentiu-se invadido por um tremor nervoso.

— Para trás, já disse! — gritou, esforçando-se por se libertar da pressão de Tchichikov.

— Excelência: ficarei aqui até ser perdoado! — disse Tchichikov, sem deixar a bota do príncipe, e arrastando-se atrás dele pelo soalho, com o seu elegante fraque *navarin* fogo e fumo.

— Largue-me! — disse aquele, com a vaga repulsa que se experimenta diante de um inseto que não temos coragem de esmagar. Deu tal sacudidela que Tchichikov feriu-se no nariz, nos lábios e no queixo; não quis, porém, deixar a sua presa e agarrou-se com mais força à bota. Dois vigorosos guardas o arrancaram violentamente e, pegando-lhe pelo braço, conduziram-no através de todas as salas. Estava pálido, abatido, nesse terrível estado de inconsciência em que se encontra o homem, frente a frente à morte sinistra e inevitável, com esse espanto que repugna à nossa natureza...

No alto da escadaria encontrou Murazov. Vislumbrou um raio de esperança. Em menos tempo do que levou a pensar, arrancou-se das mãos do guarda e arrojou-se aos pés do assombrado velho.

— Meu Deus, Pavel Ivanovitch! Que sucedeu?

— Salve-me o senhor! Levam-me para o cárcere e para a morte!...

Os guardas agarraram-no e arrastaram-no sem o deixar acabar.

Um reduto infeto e húmido, que fedia às botas e às peúgas dos carcereiros; uma mesa de madeira branca; duas cadeiras desconjuntadas; uma janela gradeada; uma inválida estufa, que fumegava através das gretas, sem dar calor: tal era o asilo em que se instalou o nosso herói, que, um momento antes, julgava saborear os prazeres da existência e chamar a atenção com a sua elegante



fatiota *navarin* fogo e fumo. Não lhe tinham dado tempo de se prevenir com o necessário, nem de pegar no seu gorro... Os documentos, os contratos dos mortos, tudo estava agora nas mãos da justiça. Deixou-se cair e, semelhante a um gusano voraz, uma surda tristeza invadiu-lhe o coração. Com progressiva rapidez, pôs-se a roer aquele coração indefeso. Nunca Tchichikov tivera um dia de tão grande desolação. Porém, uma protetora mão velava por ele. Ao fim de uma hora, abriu-se a porta da prisão e entrou o velho Murazov.

Um peregrino torturado por uma sede ardente, coberto de pó, extenuado, sem forças, em cuja garganta ressequida se deitasse água da fonte, não ficaria tão consolado, tão reanimado, como ficou o infeliz Tchichikov diante daquela aparição.

— Meu salvador! — disse, tomando do chão, em que o seu desespero o tinha deixado cair, a mão de Murazov, que beijou e estreitou contra o peito. — Deus recompensá-lo-á por ter visitado um infeliz.

E desfez-se em lágrimas.

O ancião contemplou-o com piedade e só lhe disse:

— Ai, Pavel Ivanovitch, Pavel Ivanovitch, que fez o senhor?

— Que quer? A minha maldita imprudência deitou-me a perder! Não soube conter-me a tempo. Satanás seduziu-me e fez-me ultrapassar os limites da razão. Pequei, pequei, é verdade. Mas, como se pode proceder deste modo? Atirar um cavalheiro para uma prisão, sem julgamento, sem processo.» Um cavalheiro, Atanásio Vasilievich! Não lhe dão tempo de ir a casa, de arrecadar as suas coisas... Agora fica tudo ao abandono. A minha caixa, Atanásio Vasilievich, a minha caixa! Nela tenho tudo quanto possuo. O que

adquiri com o suor do meu rosto, durante anos de trabalho e privações. A minha caixa, Atanásio Vasilievich! Roubaram-me tudo, saquearam-me! Ai, meu Deus!

Incapaz de resistir ao novo acesso de desespero, soluçou com uma voz que, atravessando as espessas paredes da prisão, ressoava ao longe, surdamente. Agarrou na sua gravata de cetim e, arrancando-a junto do pescoço, rasgou o lindo fraque *navarin* fogo e fumo.

— Ai, Pavel Ivanovitch! Esse dinheiro cegou-o. Ele impedia o senhor de ver a sua terrível situação.

— Salve-me, meu benfeitor, salve-me! — exclamou desesperadamente o pobre Pavel Ivanovitch, lançando-se-lhe aos pés. — O príncipe estima-o e fará tudo, se o senhor lhe pedir.

— Não, Pavel Ivanovitch, é impossível, apesar de todo o meu desejo. O senhor não caiu nas mãos de um homem, mas na alçada de uma lei inflexível.

— Foi Satanás, o verdugo do género humano, que me tentou!

Bateu com a cabeça na parede e descarregou na mesa um murro tão violento, que feriu a mão; não sentiu, porém, nenhuma dor.

— Acalme-se, Pavel Ivanovitch. Pense em reconciliar-se com Deus e não com os homens; pense na sua alma.

— Que destino o meu, Atanásio Vasilievich! Já se viu outro semelhante? A verdade é que, se eu ganhei alguns centavos, foi à custa de um trabalho constante, e não, como muitos outros, roubando as pessoas e saqueando o Tesouro. Para que economizava eu? Para acabar os meus dias num relativo conforto; para deixar

alguma coisa à mulher e aos filhos que me propunha ter, para o bem e o serviço da Pátria. Para isto, queria amearhar. Segui uma vida tortuosa, estou de acordo, mas fi-lo somente quando verifiquei que pouco adiantava indo pelos caminhos direitos e que chegaria mais depressa pelos atalhos. Trabalhei, porém, até me esfalfar. O que roubei, roubei-o aos ricos. Pense o senhor nesses gatunos que se locupletam com milhares de rublos do Tesouro, despojando os humildes, surripiando o dinheiro dos indigentes. Que desgraça! Quando se começa a esperar o êxito, quando, por assim dizer, já se lhe chega com a mão, desencadeia-se uma tempestade e vamos de encontro a um rochedo, a um rochedo onde se desfaz o nosso barco. Eu dispunha de trezentos mil rublos de capital; possuía uma casa de dois andares, tinha já comprado duas propriedades. Atanásio Vasilievich, por que me acontece esta desgraça? Para quê, estes golpes? A minha vida não era já como um esquife sobre as ondas? Onde está a justiça divina? E a recompensa de uma paciência, de uma constância exemplar? Eu recomecei três vezes; depois de tudo perder, voltei a principiar com alguns centavos, quando outro, desesperado, ter-se-ia tornado um ladrão de estrada. De que perseverança eu necessitei para vencer os obstáculos! Admitamos que outros procurem o dinheiro sem trabalho; eu, porém, ganhei-o copeque a copeque, com o suor do meu rosto, e adquiri-o, Deus é testemunha, com uma energia inesgotável.

No auge da sua dor, soluçou ruidosamente, atirou-se para uma cadeira, apanhou uma aba do seu fraque, que, rasgada, ficara suspensa, e atirou-a para longe de si. Agarrando os cabelos às mãos cheias, arrancou-os desapiadadamente. No sofrimento físico experimentava um derivativo para a sua dor moral.

Largo tempo contemplou Murazov aquele espetáculo extraordinário. O desgraçado, que ainda há pouco se pavoneava com a desenvoltura de um homem da sociedade ou de um militar, agitava-se agora sem compostura, rasgado o fraque, as calças desapertadas, a mão cheia de sangue, derramando bÍlis sobre as forças inimigas que atacam o homem.

— Ai, Pavel Ivanovitch, Pavel Ivanovitch! Que homem o senhor poderia ser, empregando a sua energia e a sua paciência em boas obras; se procurasse atingir melhor objetivo! O bem que o senhor poderia ter feito! Se os que amam o bem lhe consagrassem tantos esforços como o senhor empregou para juntar dinheiro; se soubessem sacrificar por ele o seu amor próprio e a sua ambição, meu Deus, que próspera havia de ser a nossa terra! Pavel Ivanovitch, Pavel Ivanovitch! O senhor ainda é mais culpado para consigo próprio que para com o próximo. O senhor vilipendiou os maravilhosos dons que lhe foram outorgados. Destinado a ser um grande homem, apenas soube deitar-se a perder. É isto o que me causa mais pena!

A alma tem seus mistérios. Por distante que esteja do bom caminho um extraviado, por endurecido que esteja, nos sentimentos, um inveterado criminoso, chafurdando-se na ignomÍnia, quando lhe apresentam a sua verdadeira personalidade e os dons que ele prostituiu, vacila e fica transtornado, apesar de tudo.

— Atanásio Vasilievich! — disse o pobre Tchichikov, pegando-lhe nas mãos. — Oh! Se eu pudesse sair daqui e readquirir o que possuo! Juro-lhe que, daí em diante, levaria outra vida! Salve-me, meu benfeitor, salve-me!

— Que posso eu fazer? Teria de lutar contra a lei. Admitamos que eu me decidisse: o príncipe é justo, não cederá por nada nem por ninguém.

— Meu benfeitor! Ao senhor nada é impossível. Não é a lei que me assusta; eu saberei defender-me da lei. O que eu tenho medo é de ser atirado para uma prisão sem motivo; encerraram-me aqui como um cão, enquanto os meus haveres, os meus documentos, a minha caixa... Salve-me o senhor!...

Estreitou os pés do ancião e banhou-os de lágrimas.

— Ai, Pavel Ivanovitch, Pavel Ivanovitch! — disse o velho Murazov, meneando a cabeça. — Como o cegam esses haveres! Eles impedem-no de ouvir a voz da sua alma.

— Também pensarei na minha alma; mas salve-me!

— Pavel Ivanovitch: não me é possível salvá-lo; contudo, farei quanto puder para suavizar a sua sorte e para o tirar daqui. Se, contra tudo o que espero, tal conseguisse, pedir-lhe-ia, como paga do meu trabalho, que renunciasse às suas tentativas de aquisição. Declaro-lhe pela minha honra que, se perdesse todos os meus bens (e tenho mais que o senhor) não me queixaria da sorte. O importante não são os bens que podem confiscar-nos, mas os que ninguém pode roubar-nos nem levar-nos. O senhor já viveu demasiado no mundo. O senhor próprio compara a sua vida a um barco no meio das ondas; o senhor tem com que se sustentar até o fim dos seus dias. Estabeleça-se num lugar tranquilo, na proximidade de uma igreja ou de pessoas humildes, ou, se sente verdadeiro desejo de ter herdeiros do seu sangue, case-se com uma boa rapariga, de condição humilde, habituada a uma vida modesta. Esqueça o mundo e as suas tentações. Que ele também o esqueça,

ao senhor, já que não pode proporcionar-lhe a paz. O senhor bem vê: só se encontra nele sedução ou traição.

— Certamente! Certamente! Eu tinha ideias de levar uma vida simples, razoável; de me dedicar à agricultura. O demónio é tentador; foi Satanás que me seduziu, que me afastou do reto caminho.

Sentia nascerem dentro de si impulsos desconhecidos que haviam afogado nele, em épocas distantes, uma educação austera e sem vida, a segura de uma infância taciturna, a solidão do lar paterno, a pobreza das primeiras impressões, o rígido olhar do destino que, torvo, o contemplava através de um turvo cristal, velado pela neve. Soltou um gemido e, cobrindo a cara com as mãos, proferiu com voz aflita: «É verdade! É verdade!».

— A experiência e o conhecimento dos homens não lhe serviram para nada, por se dedicar a atividades ilícitas. Mas se, da sua parte, houvesse a intenção de praticar o bem!... Vamos, Pavel Ivanovitch, é preciso reagir, ainda está a tempo...

— Não, é demasiado tarde! — gemeu Tchichikov, com uma voz que fez estremecer Murazov. — Começo, é verdade, a aperceber-me de que fui por caminho errado, que me afastei do verdadeiro caminho; mas, que quer o senhor? É mais forte que eu! Não fui educado como devia. Meu pai pregava-me moral, batia-me, fazia-me copiar sentenças; contudo, ele próprio roubava lenha aos vizinhos, diante de mim, e ainda me obrigava a ajudá-lo. Empreendeu à minha vista um processo iníquo e seduziu uma órfã de quem era tutor. O exemplo deu mais resultado que as sentenças. Vejo, sinto, Atanásio Vasilievich, que levo uma existência miserável; que o vício não desperta em mim verdadeira repugnância. A minha natureza

envileceu-me; não sinto o amor do bem, essa maravilhosa inclinação para as obras piedosas, que se converte numa segunda natureza, num hábito... Digo a verdade. Que hei de fazer?

Suspirou profundamente o ancião.

— Pavel Ivanovitch: o senhor tem tanta vontade, tanta paciência!... O remédio é amargo; mas que enfermo recusaria um medicamento sabendo que é o único meio de curar-se?... Se não sente o amor do bem, pratique-o à força, sem querer. Isso ser-lhe-á mais tomado em conta que àquele que faz o bem porque o ama. Esforce-se nesse sentido, experimente; o amor virá depois. *O reino dos céus alcança-se pela violência*, dizem-nos. Só à força se entra nele. Como é que o senhor, Pavel Ivanovitch, tendo essa força que falta aos outros, essa paciência invencível, não há de obter os melhores resultados? Julgo ser com essa massa que se fazem os heróis, tanto mais que, atualmente, todas as pessoas são fracas, sem força de vontade.

Estas palavras pareceram impressionar profundamente Tchichikov e fazer vibrar nele uma corda ambiciosa. Um fogacho de resolução brilhou nos seus olhos.

— Atanásio Vasilievich! — disse com firmeza. — Se o senhor conseguir a minha liberdade e a maneira de eu sair daqui com algum dinheiro, juro-lhe que vou começar uma vida nova. Comprarei uma propriedade e serei lavrador; juntarei dinheiro, não para mim, mas para o empregar no auxílio dos outros, na medida das minhas forças; esquecer-me-ei de mim; esquecer-me-ei das orgias da cidade; terei uma vida simples e modesta.

— Deus permita que se lhe radiquem bem essas intenções! — disse, radiante, o ancião. — Empregarei todos os meus esforços para

obter do príncipe que o senhor seja posto em liberdade. Não sei se o conseguirei. Em todo o caso, a sua sorte vai certamente tornar-se mais suave. Consinta que o beije, pois me proporcionou uma grande alegria. Que Deus o ampare! Vou ter com o príncipe.

Tchichikov ficou só.

Todo o seu ser se havia modificado e suavizado. A própria platina, que é o mais duro dos metais, o mais resistente ao fogo, entra em fusão quando aumenta a chama no crisol. Se entra em ação o maçarico e o calor se torna insuportável, o rijo metal branqueia-se e transforma-se em líquido. O mesmo sucede ao homem de fundo mais teimoso no crisol da desgraça, quando esta redobra e uma chama irresistível ataca o seu endurecido coração.

«Pessoalmente, não sei nada e não sinto nada; contudo, empregarei toda a minha energia em fazer sentir os outros. Eu sou indigno e mau; consagrarei, porém, todas as minhas forças em incitar os outros à prática do bem. Sou um mau cristão, mas tratarei de não dar escândalo. Sofrerei, trabalharei com o suor do meu rosto, ocupar-me-ei honradamente, a fim de exercer uma salutar influência sobre o próximo. Não se dirá com verdade que já não presto para nada. A agricultura interessa-me; possuo qualidades de economia, de atividade, prudência e até de perseverança. É preciso, apenas, decidir-me...».

Assim meditava Tchichikov, cujas faculdades morais pareciam despertar, adquirir consciência de si próprias. Por um obscuro instinto, a sua natureza, segundo parece, começava a compreender a existência de uma obrigação que o homem deve e pode cumprir em qualquer lugar da terra, apesar das circunstâncias, das perturbações, das dificuldades que o rodeiam. E a vida laboriosa,



longe do ruído das cidades e das seduções que se inventaram para divertimento do homem, esquecido do trabalho, esta vida começou a desenhar-se tão vivamente diante dos seus olhos que quase tinha já olvidado a sua desagradável situação.

Talvez estivesse até disposto a dar graças à Providência por aquele rude golpe, desde que o soltassem e lhe restituíssem, pelo menos, uma parte...

Mas abriu-se a porta do seu imundo cárcere e apareceu um funcionário; Samosvistov, um epicurista, um mocetão de largas espáduas e pernas fortes, excelente camarada, famoso valentão, mentiroso e astuto, segundo diziam dele os próprios colegas. Em tempos de guerra, este homem teria realizado prodígios: abrir caminho através de passagens perigosas, arrebatou um canhão nas barbas do inimigo, seriam rasgos dignos dele. Mas se, na carreira militar, se portou, talvez, como um homem honrado, como funcionário civil praticava todas as vilanias possíveis. Tinha princípios muito extravagantes: correto com os seus camaradas, não os atraioava nunca e cumpria sempre a sua palavra; contudo, para os seus chefes, olhava como para uma bateria inimiga, através da qual é preciso abrir passagem, aproveitando qualquer ponto vulnerável, brecha ou negligência.

— Conheço a sua situação, sei tudo — disse, depois de ter visto fechar-se hermeticamente a porta atrás de si. — Não tenha medo; tudo se arranjará. Todos trabalhamos para o senhor e somos seus amigos dedicados. Trinta mil rublos para todos; nem mais um centavo.

— Deveras ? — exclamou Tchichikov. — E ficarei completamente ilibado?

— Totalmente; e receberá ainda uma indenização.

— E pelo trabalho... pede o senhor?

— Trinta mil rublos; toda a gente terá o seu quinhão; os nossos empregados, os do governador geral e o secretário.

— Mas, dê-me licença. Como posso?... Todos os meus haveres, a caixa, tudo isso está atualmente selado e sob a guarda...

— Dentro de uma hora terá isso em seu poder. Está feito o negócio?

Tchichikov aceitou. O seu coração latejava. Não acreditava que aquilo fosse possível.

— Então até logo! Um nosso comum amigo encarregou-me de lhe recomendar calma e serenidade.

«Hum!», pensou Tchichikov. «Compreendo: o meu advogado não dorme!»

Samosvistov retirou-se. Tchichikov ficou só, não querendo dar crédito ao que tinha ouvido. Não obstante, menos de uma hora depois desta conversa, levaram-lhe a caixinha; os documentos, o dinheiro, tudo estava em perfeita ordem. Samosvistov apresentara-se em casa de Tchichikov, repreendera as sentinelas pela sua falta de vigilância e recomendara ao carcereiro que reclamasse mais soldados para reforçar a guarda. Depois, apoderando-se da caixinha e até de documentos capazes de comprometer Tchichikov, fez um pacote com tudo aquilo, pacote que selou, ordenando a um soldado que o levasse imediatamente ao preso como objetos que lhe eram necessários durante a noite. De modo que, com os documentos, este recebeu tudo quanto necessitava para cobrir o seu desprezível corpo. Esta rápida diligência causou uma alegria indescritível a Pavel Ivanovitch. Concebeu uma viva esperança e principiou de novo a

vislumbrar quadros alegres: um espetáculo no teatro; uma bailarina a quem fazia a corte... O campo e o sossego pareceram-lhe tristes, a cidade e o ruído, cintilantes de novo! Oh, a vida!

Entretanto, nas repartições, o caso assumira proporções inauditas. As penas dos escreventes trabalhavam e, enquanto tomavam rapé, aqueles cérebros perspicazes não descansavam, admirando, como artistas, a sua caligrafia.

O jurisconsulto, mago invisível, dirigia todo o mecanismo; antes que se pudesse orientar, enredava toda a gente. O alvoroço aumentava. Samosvistov excedeu-se a si próprio com um inaudito golpe de audácia. Sabedor do lugar onde a mulher estava presa, foi lá direito e apresentou-se com uns ares de tamanha autoridade, que a sentinela fez-lhe continência.

— Há muito tempo que estás aqui?

— Saiba Vossa Senhoria que desde esta manhã.

— Rendem-te em breve?

— Saiba Vossa Senhoria que dentro de três horas.

— Preciso de ti; já digo ao oficial que mande outro para o teu lugar.

— Às ordens de Vossa Senhoria.

Em seguida, foi a sua casa, sem perder um minuto, para não imiscuir outras pessoas no assunto, e disfarçou-se de polícia, com grandes bigodes e patilhas. O próprio diabo não o teria reconhecido. Dirigiu-se com este disfarce a casa de Tchichikov, prendeu a primeira mulher que encontrou a jeito e entregou-a a dois empregados, rapagões da sua laia, após o que se apresentou à sentinela, de espingarda na mão segundo o regulamento.

— Podes ir. O comandante mandou-me fazer guarda em teu lugar.

E ocupou o seu posto.

Era isto exatamente o que se tornava indispensável. Durante este tempo, substituiu-se a primeira mulher por outra que desconhecia totalmente o assunto. A primeira ficou tão bem guardada que não se pôde saber depois o que tinha sido feito dela.

Enquanto Samosvistov se esforçava envergando o uniforme militar, o jurisconsulto fazia maravilhas dentro da sua esfera de ação. Preveniu indiretamente o governador de que o procurador o denunciava; fez o mesmo com um empregado da polícia, metendo no enredo um burocrata que residia secretamente na cidade. Este último foi avisado de que havia outro funcionário ainda mais secreto, que o espiava. E assim os intrigou de tal maneira, que todos recorreram a ele para lhe pedir conselho. A confusão atingiu o cúmulo: as denúncias sucediam-se; chegaram a descobrir-se casos que nunca tinham sido ventilados; outros que nem sequer existiam. Tudo foi posto às escâncaras: este era um bastardo; aquele tinha uma amante; certa mulher casada fazia a corte a certo personagem. Os escândalos, as revelações, enredaram-se tão bem com a história de Tchichikov e das suas almas mortas que foi totalmente impossível compreender qual daqueles assuntos era o mais extraordinário: todos pareciam ter a mesma importância.

Quando o processo chegou, por fim, às mãos do governador geral, o pobre príncipe não lhe pôde dar solução. Um funcionário muito inteligente e hábil, que fora encarregado de estudar o caso, esteve quase a perder o juízo. O príncipe estava então muito preocupado com uma multidão de assuntos diversos. A fome

flagelava uma parte da província. Os delegados que para lá seguiram com o encargo de repartir o trigo não procederam como deviam. Por outro lado, os velhos crentes agitavam-se. Alguém espalhara entre eles o rumor da aparição do Anticristo, que nem os defuntos deixava em paz, e fazia aquisição de almas mortas. Eles arrependiam-se dos seus pecados, sem deixar de cometer outros novos e, sob o pretexto de capturar o Anticristo, assassinavam simples mortais. Noutra região, os camponeses sublevaram-se contra os proprietários e os comandantes da polícia. Uns vagabundos haviam-nos convencido de que era chegado o momento de os mujiques se tornarem proprietários e usarem fraque, enquanto os proprietários usariam cafetãs e passariam a ser mujiques; e todo um cantão, sem refletir que, então, os proprietários e comandantes da polícia seriam demasiado numerosos, recusou-se a pagar os impostos. Houve que recorrer a medidas rigorosas.

O pobre príncipe estava muito inquieto. Neste momento anunciaram-lhe a chegada de Murazov.

— Que entre! — disse.

O ancião entrou.

— Está bem servido com o seu Tchichikov! O senhor toma o partido dele, defende-o e ei-lo agora aqui embrulhado num caso a que não se atreveu o último dos ladrões.

— Permita-me que lhe declare, Excelência, que não sei bem de que se trata.

— A falsificação de um testamento! E em que condições! Merece ser açoitado na praça pública.

— Excelência: não me proponho defender Tchichikov; mas, ao fim e ao cabo, isso não está ainda provado; a instrução do processo

ainda não acabou.

— Aqui tem uma prova. A mulher que substituiu a defunta foi detida. Para o convencer, vou interrogá-la na sua presença.

O príncipe deu ordem para que lhe trouxessem aquela mulher. Murazov estava calado.

— Um caso miserável. E, para sua vergonha, os primeiros funcionários da cidade estão comprometidos no assunto. A *bons patifes e ladrões* se juntou! — disse o príncipe, com energia.

— O governador é herdeiro, tinha pretensões a fazer vingar; quanto aos outros, que por todos os lados se agarram a essa herança, é um fenómeno muito natural, Excelência. Uma pessoa rica morre sem ter tomado disposições equitativas e sensatas; os ambiciosos acodem de toda a parte ao banquete: é próprio da natureza humana.

— Sim, mas para que cometer vilanias?... Gatunos! — disse o príncipe, indignado. — Não tenho, ao menos, um bom funcionário! São todos uns malandros!

— Excelência: quem, de entre nós, é que está isento do pecado? Todos os funcionários desta cidade são homens dignos e capazes, muitos deles competentes, mas facilmente se cai numa falta.

— Diga-me, Atanásio Vasilievich, o senhor que é o único homem honrado que eu conheço: porque tem o senhor essa tendência para defender os patifes?

— Excelência — disse Murazov — seja quem for esse a quem chamais patife é, sem embargo, um homem. Como não defender uma pessoa cujas maiores faltas são devidas, como se sabe, à estupidez e à ignorância? Nós próprios cometemos injustiças a cada

momento e frequentemente causamos a desgraça do próximo, embora sem essa intenção. Até Vossa Excelência praticou uma grande injustiça.

— Quê?!... — exclamou o príncipe, surpreendido com a orientação inesperada que tomava a conversa.

Murazov fez uma pausa para meditar e disse por fim:

— Vejamos, por exemplo, o caso Derpennikov.

— Atanásio Vasilievich! Um crime contra as leis fundamentais do Estado equivale a uma traição contra o seu país.

— Eu não pretendo justificá-lo. Mas é equitativo condenar tão rigorosamente como aos instigadores um jovem inexperiente, seduzido e arrastado por outros? Pois Derpennikov sofreu a mesma pena que Voronov; e, não obstante, os seus crimes não são idênticos.

— Em nome do Céu! — disse o príncipe visivelmente comovido. — Se o senhor sabe alguma coisa a esse respeito, diga-o. Recentemente escrevi para S. Petersburgo, para que lhe comutassem a pena.

— Não, Excelência; não falo como se soubesse coisas que vós ignorais. Existe, contudo, uma circunstância em seu favor; mas ele próprio não desejaria revelá-la, pois comprometeria outra pessoa. Julgo, apenas, que talvez agísseis, na altura, com excessiva precipitação. Perdoai: julgo segundo a minha fraca razão; e vós me tendes ordenado várias vezes que fale com clareza. Tive muita gente às minhas ordens; trabalhadores de toda a espécie, bons e maus. É preciso conhecer sempre os antecedentes de um homem, por isso que, se não se examina tudo com sangue frio e se se grita desde o primeiro momento, apenas se consegue assustar e não obter as

verdadeiras confissões. Porém, se se interroga com simpatia, como a um irmão, ele próprio declarará tudo e não pedirá indulgência; não quererá nada de ninguém, pois há de ver claramente que não são os homens que o castigam, mas sim a lei.

O príncipe meditava. Naquele instante, entrou um jovem empregado que parou respeitosamente, com uma pasta na mão. A preocupação e o trabalho liam-se-lhe no rosto juvenil. Via-se que não era em vão encarregado de missões especiais. Pertencia ao reduzido número dos que estudam os assuntos com amor. Estranho à ambição, à avarizia, ao espírito da imitação, trabalhava somente porque estava convencido de que assim devia ser e não de outro modo, e que a vida lhe fora dada para isso. Estudar um assunto complicado, analisá-lo, desemaranhá-lo, tal era a sua especialidade. Sentia-se amplamente recompensado do seu trabalho, dos seus esforços e das suas noites de vigília, desde que o assunto se esclarecesse, fazendo aparecer as suas causas secretas; desde que fosse capaz de o expor claramente, em poucas palavras, de modo a tomá-lo inteligível a todos. Pode dizer-se que a alegria de um colegial, depois de ter decifrado uma frase difícil e interpretado o verdadeiro pensamento de um grande escritor, era menor que a sua, quando deslindava um caso complicado.

[\*\*\*longo hiato existente no texto original\*\*\*]

— Enviarei trigo para as localidades onde reina a escassez — disse Murazov —; conheço esta parte melhor que os funcionários, verei pessoalmente o que é preciso. E se me dá licença, Excelência, falarei aos velhos crentes. Eles escutam de melhor vontade as



peças simples. Quem sabe? Talvez ajude a arrumar este assunto. Não mande para lá os seus funcionários; isto obrigaria a novos impostos, e estão tão aferrados à papelada, que essa mesma circunstância os impede de ver bem a situação. Eu não lhes pedirei dinheiro, pois seria vergonhoso pensar no proveito próprio, quando há gente que morre de fome. Tenho trigo de reserva e ainda mandei buscar mais à Sibéria, que chegará para o próximo verão.

— Só Deus pode compensá-lo de semelhante serviço, Atanásio Vasilievich. Não lhe direi nada, pois, o senhor bem sabe, em tais casos as palavras são impotentes. Tenho o dever de liquidar este assunto, e será justo e legal, da minha parte, perdoar a uns bandidos?

— Excelência: não se pode exprimir assim, palavra de honra, tanto mais quanto é certo encontrarem-se, entre eles, pessoas de bem. Existem situações muito embaraçosas; um indivíduo parece, às vezes, inteiramente culpado; e, vendo as coisas de perto, verifica-se que não é ele.

— Mas que dirão, se fecho os olhos? No meio deles, há-os que tornarão a levantar a cabeça e até se convencerão de que me meteram medo. Estes serão os primeiros a faltar ao respeito...

— Excelência, permiti que vos diga a minha opinião: reuni-os a todos; informai-os de que sabeis tudo, expõe-lhes a vossa própria situação, tal como acabais de ma pintar, e pedi-lhes um conselho. Que faria cada um deles no vosso lugar?

— Acredita o senhor que não preferirão intrigar e encher os bolsos, a ceder a uma nobre inspiração? Asseguro-lhe que se rirão de mim.

— Não o creio, Excelência. O homem, embora culpado, tem o sentimento da justiça. O russo, pelo menos, ainda que seja judeu! Não, não tendes que ocultar nada. Repeti exatamente o que me haveis dito. Eles apontam-vos como um ambicioso, como um orgulhoso, que não quer saber de nada, muito senhor do seu nariz. Mostrai-lhes o que há a esse respeito. A retidão está com Vossa Excelência. Falai-lhes como se vos confessásseis, não diante deles, mas diante do próprio Deus.

— Atanásio Vasilievich — disse o príncipe, pensativo — refletirei sobre o assunto; em todo o caso, agradeço o vosso conselho.

— Quanto a Tchichikov, Excelência, libertai-o.

— Diga a esse Tchichikov que desapareça daqui, o mais depressa possível, e quanto mais para longe, melhor. Se não fosse a intervenção do senhor, nunca lhe teria perdoado.

Murazov inclinou-se e foi ter com Tchichikov. Encontrou-o bem disposto, sentado sossegadamente à mesa, em frente de um suculento almoço, mandado de um bom restaurante, numa bandeja com pratos e terrinas de porcelana. Logo às primeiras frases, o ancião convenceu-se de que Tchichikov tinha falado com algum dos astutos funcionários. Adivinhou, até, a intervenção oculta do velhaco advogado.

— Escute, Pavel Ivanovitch — disse. — Trago a sua libertação; com a condição, porém, de que saia imediatamente da cidade. Faça as suas malas e — boa viagem! Não perca um minuto, pois as coisas podem modificar-se. Eu sei que anda aqui uma personagem a protegê-lo na sombra. Muito em segredo lhe digo que se vai discutir este caso com tal amplitude, que nada no mundo o poderá salvar; quer deitar a perder os outros e perde-se a si próprio, agindo por

sua conta e risco... Quanto ao senhor, eu tinha-o deixado em boas disposições, bem melhores do que aquelas em que se encontra agora. Falo-lhe com a maior seriedade. Aliás, pouco importam os bens pelos quais os homens brigam e se pervertem, como se se pudesse conseguir o bem-estar da vida terrestre sem pensar na outra vida. Cria-me, Pavel Ivanovitch: enquanto não se puser de parte tudo aquilo por que os homens se exterminam na terra, enquanto uma pessoa não se preocupar com o bem-estar moral, o bem-estar material não se alcançará. Tempos virão de fome e de pobreza, tanto para o povo como para cada um em particular. É evidente. Diga o senhor o que quiser, o corpo depende da alma. Pense, não em almas mortas, mas na sua alma viva. Eu também me vou embora amanhã. Apresse-se! Se não, tenha cuidado durante a minha ausência.

Depois destas palavras, o ancião retirou-se. Tchichikov pôs-se a refletir. A vida parecia-lhe novamente uma coisa séria. «Murazov tem razão», disse para si; «é a altura de enveredar por outro caminho!». Logo a seguir saiu da prisão. Uma sentinela levava a sua caixa.

Selifan e Petrushka regozijaram-se com a libertação do seu amo.

— Bem, meus rapazes! — disse-lhes, gracejando, Tchichikov. — É preciso fazer as malas e partir.

— Às suas ordens, Pavel Ivanovitch! — disse Selifan. — Já se deve poder ir de trenó; tem caído bastante neve. São horas de deixar a cidade. Estou tão farto dela, que já não a posso ver.

— Vai ao carpinteiro para que ponha a caleche nos patins — disse Tchichikov, que se dirigiu à cidade; não quis, porém, fazer nenhuma visita de despedida.

Depois de semelhante aventura, era aborrecido, tanto mais que circulavam acerca dele as histórias mais desagradáveis. Evitou toda a espécie de encontros e só entrou furtivamente em casa do comerciante a quem havia comprado a célebre fazenda *navarin* fogo e fumo. Adquiriu mais quatro varas, que foi levar ao seu alfaiate. Pagando o dobro, este deliberou redobrar de zelo e fez trabalhar o pessoal toda a noite, à luz de velas. O fraque estava pronto de manhã, embora um pouco tarde. Os cavalos achavam-se já engatados. Não obstante, Tchichikov provou-o. Ficou tão bem como o primeiro. Reparou, porém — ai! — que tinha na cabeça uma mancha branca e lisa, e proferiu com tristeza: «Para que me desesperei eu de tal maneira? Não devia ter arrancado os cabelos, nem até por mais poderosas razões!».

Tendo pago ao alfaiate, partiu, finalmente, numa estranha disposição de espírito. Não era já o antigo Tchichikov: era como que a sua ruína. O seu estado de alma podia comparar-se a uma construção desmantelada, cujos materiais devem servir para uma nova, que não está ainda começada, pois o arquiteto não enviou até agora o projeto e os operários não sabem o que hão de fazer.

Uma hora antes, o velho Murazov tinha partido com Potapich num cochezinho de vimes, e uma hora depois o príncipe mandou dizer a todos os funcionários que, antes de seguir para Petersburgo, desejava falar-lhes.

Reunida na grande sala a tribo de empregados, desde o governador até o último conselheiro titular — chefes de repartição, conselheiros, assessores, todos os Kisloiedov, Krasnonosov, Samosvistov; os que recebiam gorjetas e as pessoas íntegras; os que tinham a consciência mais ou menos comprometida, como os

que não tinham nada que se lhes censurasse — esperavam, não sem inquietação, a chegada do governador geral. O seu olhar, como o seu aspeto, eram herméticos.

Depois de um ligeiro cumprimento, o príncipe começou:

— Antes de regressar a Petersburgo, julguei conveniente chamá-los a todos e até, em parte, explicar-lhes a razão. Passou-se aqui um caso dos mais escandalosos. Suponho que muitos dos presentes sabem de que se trata. Este assunto revelou outros igualmente desonestos, em que estão implicados homens a quem eu, até agora, tinha por honrados. Conheço, até, o desígnio secreto de tudo baralhar, de modo que se não possa proceder, pelas vias legais; conheço também o principal autor de tudo isso e sei atrás de quem se oculta... por mais que ele, muito habilmente, procure dissimular a sua participação. Nestas circunstâncias, não tenciono recorrer ao procedimento ordinário, mas à sumária justiça militar, como em tempo de guerra: e espero que Sua Majestade me há de outorgar esse direito, logo que lhe exponha todo o assunto. Quando a justiça civil é impotente, quando ardem os documentos com os armários, quando, por meio de uma aluvião de falsos testemunhos e denúncias caluniosas, se esforçam por obscurecer um caso já de si escuro, creio que a justiça militar é o único processo de acabar com isto. Desejo conhecer a opinião dos senhores sobre o assunto.

O príncipe calou-se, como se esperasse uma resposta. Todos emudeceram, com os olhos baixos; alguns deles estavam lívidos.

— Conheço outro negócio, embora os interessados estejam persuadidos de que ninguém sabe nada dele. Este não será instruído

pela forma ordinária, pois serei eu próprio que me constituirei em queixoso, apresentando as provas necessárias.

Na reunião, alguém estremeceu; os mais medrosos perturbaram-se.

— Não é preciso dizer que os mais culpados serão privados dos seus graus e dos seus bens; os outros serão demitidos. Naturalmente alguns inocentes serão castigados. Mas que lhes hei de fazer? Este caso é daqueles que, por excessivamente desonestos, clamam por justiça. Embora eu saiba que isto não servirá de lição para outros (pois quem os substituir, como os que até então permaneceram honrados, tornar-se-ão indignos, enganarão, vender-se-ão, a despeito da confiança que neles se deposita), apesar de tudo, devo proceder com rigor, uma vez que a justiça reclama os seus direitos. Já sei que me acusarão de crueldade; mas todos os senhores devem considerar-se como o instrumento cego da justiça.

O príncipe estava tranquilo. O seu rosto não manifestava raiva nem indignação.

— Muito bem: o mesmo que tem em suas mãos a sorte de muitos dos senhores, a quem nenhum rogo pode abrandar, esse mesmo perdoa-lhes, a todos. Tudo será esquecido, tudo deixará de existir; eu intercederei por todos os senhores, se os senhores escutarem o meu pedido. Ei-lo. Eu sei que nada (nem o temor nem os castigos) podem acabar com a injustiça. Está profundamente arreigada. O facto desonesto de receber gratificações converteu-se numa necessidade, até para os que não tinham nascido para isso. Sei que para muitos é impossível lutar contra a corrente. Contudo, eu devo agora, como na hora decisiva e sagrada em que se trata de salvar a pátria, em que cada cidadão lhe sacrifica tudo, devo dirigir

um apelo aos senhores, ainda que só àqueles que conservam ainda no peito um coração russo e compreendem, por pouco que seja, a nobreza de alma. Para que perguntar quem, de entre nós, é o culpado? Talvez o seja eu mais que todos; talvez eu, a princípio, tenha sido para os senhores demasiado rude; talvez desconfiasse demais, repelindo, de entre os senhores, os que sinceramente me desejavam ser úteis, embora, por minha parte, também pudesse... Se eles amavam verdadeiramente a justiça e o bem do seu país, não deveriam deixar-se impressionar com a arrogância dos meus modos e deveriam refrear a sua ambição e sacrificar o seu amor próprio. É impossível que eu não tivesse notado a sua abnegação, o seu vivo amor do bem, que não tivesse recebido deles, finalmente, sábios e proveitosos conselhos. Sem embargo, compete mais ao subordinado conformar-se com o caráter do chefe, que ao chefe com o do subordinado. Deixemos de lado, pois, neste momento, o grau de culpabilidade de cada um. O certo é que devemos salvar o nosso país, que sucumbe já, não por virtude de uma invasão de vinte nações, mas por sua própria culpa. A par do governo legal, formou-se outro muito mais potente que a lei. Está tudo tabelado e até os preços são levados ao conhecimento de todos. E nenhum chefe, ainda que fosse mais sábio que todos os legisladores e que todos os governadores, tem forças para remediar o mal, nem sequer para limitar as *malas artes* dos funcionários desonestos, colocando-os debaixo da vigilância dos seus colegas. De nada servirá tudo isto, enquanto cada um de nós não se convencer de que o mesmo que na época da revolução dos povos se havia armado contra... deve, de igual modo, armar-se contra a injustiça. Falo-lhes como russo, unido aos senhores pela fraternidade do sangue. Dirijo-me aos que

compreendem o que é a nobreza das ideias. Convido-os a todos a recordar o dever que o homem deve cumprir, seja qual for o seu caminho. Convido-os a examinar mais de perto o seu dever e as obrigações das suas funções na terra, pois todos temos disso uma ideia confusa e...

[\*\*\*neste ponto, o manuscrito original acaba de forma abrupta\*\*\*]